

Sua missão era matá-lo.  
Seu destino, amá-lo.

# BELEZA CRUEL

ROSAMUND HODGE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

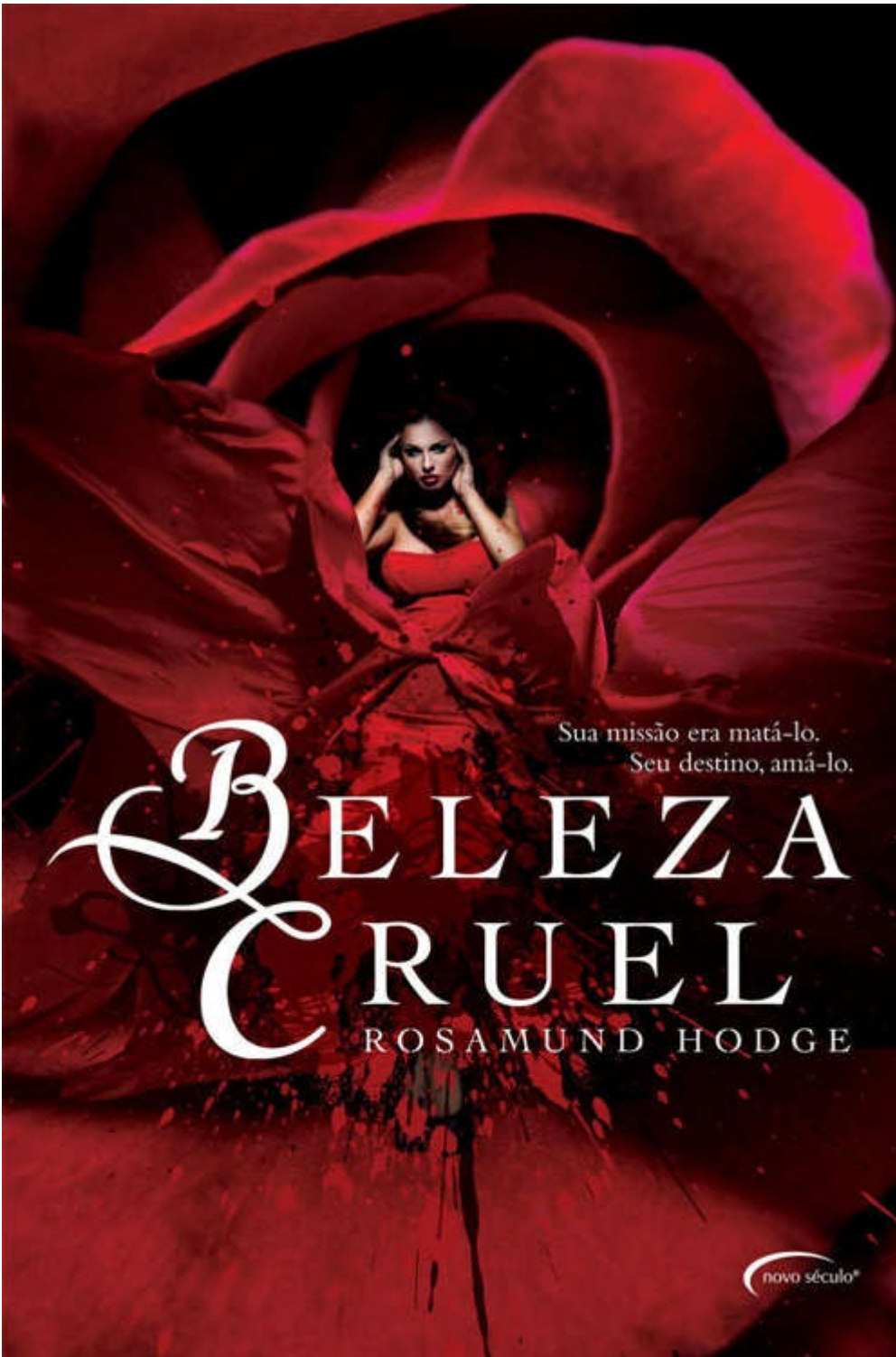
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



Para Megan, Amanda e Kristen,  
que me disseram para escrevê-lo.

## AGRADECIMENTOS

A DIFICULDADE em escrever agradecimentos para um primeiro romance é

que você não está agradecendo a todos que ajudaram a escrever o romance, mas sim a todos que de

algum modo te ajudaram a se tornar um escritor. Este é um projeto fadado ao fracasso, mas como

eu amo tragédias heroicas, vou tentar de qualquer maneira.

Então, primeiro de tudo: obrigado, mamãe e papai, por me ensinarem a amar histórias e

nunca se cansarem de ouvir as minhas. Eu poderia encher uma centena de livros com

agradecimentos e ainda não seria o suficiente.

Em segundo lugar, tenho uma dívida enorme para com Sherwood Smith por anos de

ensinamentos, encorajamento e conselhos (e por ser corajoso o suficiente para ler meus escritos

juvenis).

Agradeço também a meus irmãos: Tim, que brincou de contar histórias comigo quando eu

era pequena, e Brendan, que foi o primeiro a colocar a ideia de escrever na minha cabeça.

Minha agente, Hannah Bowman, fonte de entusiasmo e apoio infalível. Fui totalmente

rejeitada por outros 62 agentes antes de encontrá-la.

Minha editora, Sara Sargent, também tem sido incrível e ajudou a tornar este livro muito

melhor do que jamais imaginei ao terminar o primeiro projeto.

Toda a equipe Balzer + Bray tem sido formidável, mas eu gostaria de agradecer

particularmente a Erin Fitzsimmons pelo maravilhoso design da capa original.

O manuscrito precoce de Beleza cruel foi lido por Marta Bliese, Bethany Powell, Jennifer

Danke e Leah Cypess, os quais ajudaram a lapidá-lo em aspectos importantes.

Tento roubar de todos os melhores autores, mas Beleza cruel tem uma dívida especial de

inspiração para com C.S. Lewis e T.S. Eliot. Foi Till We Have Faces, de Lewis, que me ajudou a

perceber o que eu queria das heroínas e histórias recontadas. A poesia de Eliot tem me inspirado

de várias maneiras ao longo dos anos, mas ele particularmente influenciou o imaginário deste

livro; aqueles que leram Four Quartets vão notar várias alusões (se você ainda não leu, é um dos

mais belos poemas no idioma inglês).

Também preciso agradecer à equipe e aos meus colegas de estudo da Viable Paradise

Workshop 2007, que me ajudaram a dar um salto do mero desejo a escrever de fato; e ao grupo de

crítica Second Breakfast, um importante apoio durante os anos seguintes.

Outras pessoas que merecem meu agradecimento: Tim Powers, que tem sido muito generoso

com o seu encorajamento; Sasha Decker, que verificou meu latim; Laura Haag, por sua ajuda

inestimável em pesquisa; Linnar Teng, que tem me dado anos de orações e apoio; e Tia Corrales,

que nunca falha em entusiasmo.

Finalmente, preciso agradecer a Megan Lorange, Kristen Fadok e Amanda Collyer, que,

depois de me ouvirem tagarelar durante um jantar inteiro sobre a ideia totalmente melodramática

de história que eu nunca deveria escrever, me disseram que eu certamente deveria.

## APÍTULO 1

FUI CRIADA para me casar com um monstro.

Na véspera do grande dia, mal conseguia respirar. O medo e a fúria corroíam meu estômago.

Passei a tarde inteira escondida na biblioteca, deslizando minhas mãos sobre as lombadas de

couro dos livros que jamais voltaria a tocar. Recostei-me nas prateleiras e desejei poder correr,

desejei poder gritar com as pessoas que haviam me preparado tal destino.

Olhei para os cantos sombreados da biblioteca. Quando minha irmã gêmea, Astraia, e eu

éramos pequenas, ouvíamos as mesmas histórias terríveis contadas a todas as outras crianças: Os

demônios são feitos de sombras. Não olhe muito tempo para as sombras, ou um demônio pode te olhar de

volta. Era ainda mais horrível para nós duas porque víamos com regularidade as vítimas dos

ataques do demônio, aos gritos ou mudas de tanta loucura. Suas famílias as arrastavam pelos

corredores e imploravam ao papai que usasse suas habilidades herméticas 1 para curá-las.

Às vezes ele conseguia acalmar sua dor, só um pouquinho. Mas não havia cura para a loucura

inf ligida pelos demônios.

E meu futuro marido – o Lorde Gentil – era o príncipe deles.

Ele não era igual às sombras perversas e negligentes que comandava. Como convinha a um

príncipe, tinha muito mais poderes: podia falar e tomar tal forma que olhos mortais o encarassem

e não enlouquecessem. Mas, de qualquer modo, ainda era um demônio. Após nossa noite de

núpcias, quanto de mim sobraria?

Ouvi uma tosse e me virei. Atrás de mim estava tia Telomache, lábios finos comprimidos,

um tufo de cabelo escapando de seu coque.

– Vamos nos vestir para o jantar – ela disse no mesmo tom de voz calmo e prático com que

dissera na noite passada: Você é a esperança de nossa gente. Na noite passada e milhares de vezes

antes disso.

Sua voz ficou mais aguda.

– Está me ouvindo, Nyx? Seu pai lhe preparou esse jantar de despedida. Não se atrase.

Desejei poder agarrar seus ombros ossudos e sacudi-los. Era papai o culpado pela minha

partida.

– Sim, tia.

Papai usava seu colete de seda vermelho; Astraia, seu vestido azul de babados com cinco

anáguas; tia Telomache, suas pérolas; e eu escolhi meu melhor vestido preto de luto, o que tinha

laços de cetim. A comida era igualmente imponente: amêndoas cristalizadas, azeitonas em

conserva, pardais recheados, tudo isso regado ao melhor vinho que papai possuía. Um dos



empregados até dedilhou um alaúde num canto, como se estivéssemos num banquete digno de

um duque. Eu podia ter fingido que papai estava tentando me mostrar o quanto me amava, ou ao

menos o quanto valorizava meu sacrifício. Mas percebi, assim que vi Astraia com os olhos

vermelhos sentada à mesa, que o jantar era todo para ela.

Então me sentei com as costas retas na minha cadeira, mal conseguindo engolir a comida,

mas com um sorriso fixo no rosto. De vez em quando a conversa falhava e eu podia ouvir o relógio

do meu avô na sala de estar, marcando cada segundo que me levaria para mais perto do meu

marido. Meu estômago ficou ainda mais embrulhado, mas dei um largo sorriso e murmurei

bobagens engraçadas de como meu casamento seria uma aventura, de como estava ansiosa em

combater o Lorde Gentil e, pelo espírito de nossa mãe morta, jurei que ela seria vingada.

Esse último comentário fez com que Astraia se encolhesse de novo, mas eu me virei em sua

direção e lhe perguntei sobre o garoto da vila que vivia aparecendo embaixo de sua janela –

Adamastos ou coisa parecida –, e ela sorriu e acabou caindo na risada. Por que não deveria rir? Ela

podia se casar com um mortal e viver até a velhice em liberdade.

Eu sabia que meu ressentimento era injusto – certamente ela ria por consideração a mim

enquanto eu sorria em consideração a ela –, mas tal sentimento ainda borbulhou no fundo da

minha mente durante todo o jantar, até que cada sorriso, cada olhar que ela me lançava arranhasse

toda minha pele. Apertei a mão esquerda por debaixo da mesa, enterrando as unhas em minhas

palmas, mas dei um jeito de continuar a sorrir de volta e a fingir.

Finalmente, os empregados retiraram os pratos vazios da sobremesa. Papai ajeitou seus

óculos e olhou para mim. Eu sabia que ele estava prestes a dar um suspiro e repetir sua frase

favorita: “O dever é amargo de se comer, mas doce de se beber”. E sabia também que ele estava

pensando mais na metade da herança da esposa que iria sacrificar do que no meu próprio sacrifício

de vida e liberdade.

Levantei-me.

– Papai, pode me dar licença?

Pego de surpresa por um instante, ele acabou respondendo:

– Claro, Nyx.

Balancei minha cabeça.

– Muito obrigada pelo jantar.

Então tentei escapar, mas no momento seguinte tia Telomache estava a meu lado.

– Querida – ela começou, com voz suave.

E Astraia, do outro lado.

– Posso falar com ela um minutinho, não posso? – disse e, sem esperar pela resposta, me

arrastou até seu quarto.

Assim que a porta se fechou atrás de nós, ela se virou para mim. Tentei não me esquivar, mas

não conseguia encará-la. Astraia não merecia o ódio de ninguém, muito menos o meu. Não

merecia. Mas naqueles últimos anos, sempre que olhava para ela, tudo que eu podia ver era o

motivo pelo qual teria de enfrentar o Lorde Gentil.

Uma de nós tinha de morrer. Era o acordo que papai tinha feito e não era culpa dela de que

ele a tivesse escolhido para viver, mas cada vez que ela sorria, eu ainda pensava: Ela sorri porque

está segura. Ela está segura porque vou morrer.

Eu costumava acreditar que, se tentasse bastante, poderia aprender a amá-la sem

ressentimento, mas finalmente acabei aceitando que tal fato era impossível. Então olhei agora

para uma das tapeçarias emolduradas na parede – uma casa de campo quase engolida por rosas – e

me preparei para mentir e sorrir e mentir de novo, até que ela terminasse seja lá que momento de

carinho tivesse em mente e eu pudesse me arrastar para a segurança do meu quarto.

Mas quando ela disse “Nyx”, sua voz estava irregular e fraca. Sem querer, acabei olhando

para ela – e agora não havia nenhum sorriso, nem lágrimas bonitas, apenas um punho

pressionado contra sua boca, como se estivesse tentando manter o controle.

– Eu sinto muito – disse ela. – Sei que deve me odiar.

Então sua voz partiu-se.

De súbito, lembrei-me de uma manhã quando tínhamos dez anos de idade e ela me arrastou

para fora da biblioteca porque nossa velha gata Penélope não estava comendo nem bebendo nada

e papai pode curá-la, não pode? Não pode? Mas ela já sabia qual era a resposta.

– Não. – Segurei seus ombros com força. – Não.

A mentira parecia vidro quebrado na minha garganta, mas qualquer coisa era melhor do que

ouvir aquela mágoa desesperada e saber que eu a causara.

– Mas você vai morrer. – Ela deu um soluço. – Por minha causa...

– Por causa do Lorde Gentil e do acordo do papai. – Tentei encará-la e forcei um sorriso. – E

quem disse que vou morrer? Você não acha que sua própria irmã pode derrotá-lo?

Sua própria irmã estava mentindo: não havia a mínima possibilidade de derrotar meu

marido sem me destruir também. Mas eu vinha lhe contando essa mentira de que poderia matá-lo

e voltar para casa durante muito tempo para parar agora.

– Eu queria poder te ajudar – ela murmurou.

Você podia se oferecer para ficar no meu lugar.

Afastei tal pensamento da cabeça. Papai e tia Telomache tinham mimado e protegido Astraia

durante toda sua vida. Haviam lhe ensinado o tempo todo que seu único propósito era o de ser

amada. Não era culpa dela que nunca aprendera a ser corajosa e que haviam lhe escolhido para

viver, em meu lugar. E, de uma maneira ou de outra, como poderia desejar viver pelo preço da

vida da minha própria irmã?

Astraia podia não ser corajosa, mas queria continuar viva. E ali estava eu, desejando que ela

morresse em meu lugar.

Se uma de nós tivesse de morrer, que fosse aquela que tinha veneno no coração.

– Eu não te odeio – disse, e quase acreditei nisso. – Nunca poderia te odiar – continuei,

lembrando-me de como ela havia se agarrado a mim depois de termos enterrado Penélope

debaixo da macieira. Ela era minha irmã gêmea, nascida apenas alguns minutos depois de mim,

mas, de todas as maneiras possíveis, ela era minha irmãzinha caçula e eu tinha de protegê-la – do

Lorde Gentil e de mim também, da inveja sem fim e do ressentimento que fervilhava debaixo da

minha pele.

Astraia deu um soluço.

– De verdade?

– Eu juro pelo riacho nos fundos de nossa casa – disse, nossa variação dos tempos de criança

do juramento feito sobre o rio Styx. E enquanto dizia tais palavras, estava sendo sincera. Porque

me lembrava das manhãs de primavera quando ela me ajudava a fugir das aulas para correr pelos

bosques, das noites de verão apanhando minhocas que brilhavam, das tardes de outono quando

representávamos a história de Perséfone em cima de uma pilha de folhas e das noites de inverno

sentadas à beira do fogo, quando eu lhe contava tudo que tinha estudado durante o dia e ela caía

no sono umas cinco vezes, mas sem jamais admitir que estava entediada.

Astraia puxou-me e me deu um abraço. Seus braços enlaçaram minhas omoplatas e seu

queixo repousou sobre meus ombros, e por um instante o mundo ficou aconchegante, seguro e

perfeito.

Então tia Telomache bateu na porta.

– Nyx, querida?

– Pode entrar – disse eu, afastando-me de Astraia.

– Até amanhã – disse ela. Sua voz ainda era suave, mas percebi que sua dor estava passando e

senti o primeiro pingo do ressentimento que estava voltando.

Você queria confortá-la, eu lembrei a mim mesma.

– Eu te amo – disse, porque era verdade, não importava o que havia de podre em meu

coração, e saí antes que ela pudesse dizer qualquer coisa.

Tia Telomache estava à minha espera no corredor, os lábios apertados.

– Já acabaram de conversar?

– Ela é minha irmã. Eu devia me despedir.

– Você vai se despedir amanhã – disse ela, me empurrando em direção a meu próprio quarto.

– Essa noite você precisa aprender quais são suas obrigações.

Conheço minha obrigação, quis dizer, mas a acompanhei em silêncio. Tinha aturado os

discursos de tia Telomache durante anos; não tinha como as coisas piorarem.

– Suas obrigações de esposa – ela acrescentou, abrindo a porta do meu quarto, e então percebi

que as coisas poderiam, sim, ficar infinitamente piores.

Sua explicação levou perto de uma hora. Tudo que eu podia fazer era ficar sentada na minha

cama, minha pele formigando e meu rosto queimando. Enquanto ela falava baixinho em seu tom

de voz nasal e monótono, eu olhava para minhas mãos e tentava não escutá-la. As palavras É o que

você faz com papai todas as noites, quando pensa que ninguém está vendo? estavam na ponta da minha

língua, mas as engoli.

– E se ele te beijar... Você está me ouvindo, Nyx?

Levantei a cabeça, esperando que meu rosto continuasse impassível.



– Sim, tia.

– Claro que você não está me ouvindo. – Ela deu um suspiro e  
ajeitou seus óculos. – Só se

lembre do seguinte: faça o que for preciso para que ele confie em  
você. Ou então sua mãe terá

morrido em vão.

Sim, tia.

Ela me deu um beijo no rosto.

– Eu sei que você vai se sair bem. – Então ela se levantou. Parou  
perto da porta fazendo uma

pose de diva abatida. Ela sempre se imaginou uma figura lindamente  
melancólica, mas agora

estava mais parecendo um gato asmático.

– Thisbe teria orgulho de você – ela murmurou.

Olhei para o papel de parede de rosas e laços de fita bem à minha  
frente. Conseguia ver cada

arabesco daquela estampa horrorosa com perfeita clareza, porque  
papai tinha gastado muito

dinheiro a fim de me presentear com uma luminária hermética que  
brilhava com a luz captada do

dia. Ele usava suas habilidades para melhorar meu quarto, mas não  
para me salvar.

– Tenho certeza de que Mamãe também teria orgulho de você –  
disse eu com voz calma. Tia

Telomache não fazia ideia de que eu sabia sobre ela e papai, de modo que era uma farpa segura.

Esperava que fosse doer.

Outro suspiro.

– Boa noite – minha tia disse, e a porta se fechou atrás dela.

Apanhei a luminária hermética que estava em cima da mesinha de cabeceira. A lâmpada era

feita de vidro fosco e tinha o formato de uma rosa. Eu a virei. Na parte de baixo da base de bronze

estavam gravadas as linhas espiraladas de um diagrama hermético. Era algo simples. Apenas

quatro segredos enredados, aqueles desenhos abstratos cujos ângulos e curvas invocavam o poder

dos quatro elementos. Com a luz da luminária direcionada para o meu colo, não conseguia

distinguir todas as linhas – mas podia sentir o zumbido suave e pulsante do trabalho dos quatro

corações elementares invocando a terra, o ar, o fogo e a água em cuidadosa harmonia a fim de

captar a luz do sol durante o dia inteiro e libertá-la novamente quando o interruptor estivesse

ligado à noite.

Tudo no mundo físico tem origem na dança desses quatro elementos, seu acasalamento e

divisão. Esse princípio é um dos primeiros ensinamentos herméticos. Então, para que um

trabalho hermético tenha poder, seu diagrama deve envolver todos os quatro "corações" da energia

elementar. E para que esse poder seja quebrado, todos os quatro corações devem ser anulados.

Toquei a base da luminária com a ponta do dedo e tracei as linhas curvas do segredo

hermético a fim de anular a conexão da luminária com o elemento água. Para esse pequeno

trabalho, não precisei inscrever o segredo com giz ou estilete; o simples gesto já era suficiente. A

luminária piscou, sua luz tornando-se avermelhada enquanto o trabalho do Coração da Água

quebrava-se, deixando-a conectada a apenas três elementos.

Ao começar a trabalhar no segredo seguinte, lembrei-me das inúmeras noites que tinha

praticado com papai, anulando trabalhos herméticos como aquele. Ele escrevia um anagrama atrás

do outro numa placa de cera e me fazia quebrá-los. Enquanto eu praticava, ele lia para mim em

voz alta; dizia que fazia aquilo para que eu pudesse aprender a traçar os segredos apesar da

distração, mas eu sabia que seu propósito era outro. Ele só lia histórias de heróis que morriam no

cumprimento do dever – como se minha mente fosse a placa de cera e as histórias, os segredos; e,

traçando-os dentro de mim com frequência, ele pudesse me moldar numa criatura que só

valorizasse o dever e a vingança.

Sua história favorita era a de Lucrecia, que assassinara o tirano que a estuprara, então se

matara de vergonha. Desse modo, ela ganhara a fama imortal da mulher de virtude perfeita que

libertara Roma. Tia Telomache também adorava essa história e havia sugerido mais de uma vez

que ela deveria me confortar, porque Lucrecia e eu éramos muito parecidas.

Mas o pai de Lucrecia não a havia empurrado para a cama do tirano. A tia dela não a ensinara

a satisfazê-lo.

Tracei o último segredo anulado e a luminária se apagou. Deixei-a cair no meu colo e me

abraçei, as costas retas e tensas, olhando para a escuridão. Enterrei as unhas no meu braço, mas por

dentro sentia apenas um nó frio. Na minha cabeça, as palavras de tia Telomache misturavam-se

com as lições que meu pai me ensinara durante anos.

Tente mover os quadris. Todo trabalho hermético precisa conter os quatro elementos. Se não conseguir

fazer mais nada, fique parada. O que está em cima é como o que está embaixo. Pode doer um pouco, mas

não chore. Tudo é duplo, tudo tem seu oposto. Apenas sorria.

Você é a esperança de nossa gente.

Meus dedos estavam contorcidos, arranhando meus braços em toda sua extensão, até que não

consegui mais aguentar. Agarrei a luminária e joguei-a no chão. O barulho ecoou pela minha

cabeça, deixando-me trêmula e arquejante, como em todas as outras vezes em que perdi o

controle, mas as vozes pararam.

– Nyx? – tia Telomache chamou através da porta.

– Não foi nada. Apenas bati na luminária.

Seus passos ficaram mais próximos e então a porta se abriu, num estalo.

– Você está...

– Eu estou bem. As criadas podem varrer tudo amanhã.

– Você realmente...

– Preciso estar descansada se for usar todos os seus conselhos amanhã – disse com voz gelada,

então ela finalmente fechou a porta. Joguei-me contra os travesseiros. O que aquilo significava

para ela? Eu nem ia mais precisar daquela luminária.

Daquela vez o frio que queimava minhas entranhas era de medo, não de raiva.

Amanhã vou me casar com um monstro.

Durante o resto da noite, não pensei em quase mais nada.

1 Hermetismo é o estudo e prática da filosofia oculta e da magia associados a escritos atribuídos a Hermes Trismegisto, deidade sincrética que combina aspectos do deus grego Hermes e do deus egípcio Thoth. (N.R.)

## APÍTULO 2

DIZEM QUE antigamente o céu era azul, não esse pergaminho que é hoje.

Dizem que antigamente, se os navios partissem de Arcádia rumo ao leste, chegariam a um

continente dez vezes maior – não mergulhariam nas águas do mar rumo ao vazio infinito.

Naqueles dias, fazíamos negócios com outras terras; o que não plantávamos, podíamos comprar,

em vez de tentar produzir com complicados trabalhos herméticos.

Dizem que antigamente não existia nenhum Lorde Gentil habitando o castelo em ruínas em

cima da colina. Antigamente, seus demônios não infestavam cada sombra; nós não lhe pagávamos

tributos para mantê-los (quase todos) a distância. E eles não tentavam os mortais a negociar por

favores mágicos que sempre acabavam se tornando sua desgraça.

O que se diz é o seguinte:

Há muito tempo, a ilha de Arcádia era apenas uma pequena província do Império greco-

romano. Era uma terra semisselvagem habitada apenas por guarnições imperiais e um povo rude

e iletrado que se escondia nas moitas a fim de adorar seus deuses velhos e incivilizados e se

recusava a chamar sua terra de qualquer outra coisa que não fosse Anglia. Mas quando o Império

caiu nas mãos dos bárbaros – quando a estátua de Atena Partenos foi destruída e as sete colinas

queimadas –, apenas Arcádia permaneceu intocada. Porque o príncipe Claudius, o filho caçula do

imperador, fugiu para lá com a sua família. Mobilizou as pessoas e as guarnições, derrotou os

bárbaros e criou um reinado brilhante.

Nenhum imperador antes dele foi tão sábio em seus julgamentos, tão terrível nas batalhas,

tão amado pelos deuses e pelos homens. Dizem que o próprio deus Hermes apareceu para

Claudius e ensinou-lhe as artes herméticas, revelando segredos que os filósofos greco-romanos

nunca descobriram.

Alguns dizem que Hermes até concedeu-lhe o poder de comandar os demônios. Se

aconteceu, então Claudius foi realmente o rei mais poderoso que jamais existiu. Os demônios,

esses horrores malignos gerados nas profundezas do Tártaro, são tão velhos quanto os deuses, e

alguns conseguiram fugir de suas prisões e rastejar através das sombras até entrar em nosso

mundo. Apenas os deuses podem fazê-los parar e absolutamente ninguém consegue lidar com

eles, porque qualquer mortal que os vê enlouquece, e o único desejo deles é o de se banquetear

com o medo dos homens. Ainda assim, dizem que Claudius conseguia prendê-los em jarros com

apenas uma só palavra, de modo que em seu reino ninguém precisava temer a escuridão.

E talvez tivesse sido aí que o problema começara. Arcádia era imensamente abençoada e,

mais cedo ou mais tarde, toda bênção tinha de pagar seu preço.

Durante nove gerações, os herdeiros de Claudius governaram Arcádia com sabedoria e

justiça, defendendo a ilha e mantendo vivo todo o conhecimento antigo. Mas então os deuses

voltaram-se contra os reis, ofendidos por algum pecado secreto. Ou então os demônios que

Claudius prendera finalmente conseguiram se libertar. Ou (mas poucos ousam dizê-lo) os deuses



morreram e deixaram os portões do Tártaro destrancados. Seja lá o motivo, aconteceu o seguinte: o

nono rei morreu durante a noite. Antes que seu filho pudesse ser coroado na manhã seguinte, o

Lorde Gentil, príncipe dos demônios, desceu sobre o castelo. Em uma hora de fogo e de ira, ele

matou o príncipe e se apoderou de tudo. Então, passou a ditar os novos termos de nossa existência.

Poderia ter sido pior. Ele não nos governou como um tirano, nem nos destruiu como os

bárbaros. Apenas nos cobrou tributos em troca de manter os demônios afastados. Somente

oferecia suas negociações mágicas para aqueles que eram tolos o suficiente para pedi-las.

Mas tudo isso já era muito ruim. Porque na noite em que Lorde Gentil destruiu a linhagem

dos reis, também separou Arcádia do resto do mundo. Não podemos mais ver o céu azul que é a

face do deus Urano, nossa terra não é mais ligada aos ossos da Mãe Gaia.

Agora só existe um firmamento de pergaminho acima de nossas cabeças, adornado com uma

pintura imitando um sol verdadeiro. Existe apenas um vazio acima e embaixo de nós. Em cada

sombra, os demônios estão à espreita, cem vezes mais do que antes. E, se os deuses ainda podem

nos ouvir, não criam mais as mulheres para profetizar em seus nomes, nem respondem mais

nossas preces por libertação.

Quando as luzes começaram a brilhar através das bordas rendadas das cortinas, parei de

tentar dormir. Meus olhos estavam inchados e arenosos; cambaleei até a janela, abri as cortinas

com força e, com olhos semicerrados, olhei para o céu. Do lado de fora da minha janela cresciam

duas bétulas e, de vez em quando, em noites de ventania, seus galhos batiam contra a vidraça; mas

entre as folhas eu podia ver as colinas e três raios de sol espreitavam por cima de suas silhuetas

escuras.

Os poemas antigos, escritos antes da Separação, diziam que o sol – o sol verdadeiro, a

carruagem de Hélios – era tão brilhante que cegava quem olhasse diretamente para ele. Falavam

sobre o amanhecer rosado, que pintava o leste com tons de rosa e dourado. Louvavam o azul do

céu infinito.

Mas aquilo não era para nós. Os raios dourados do sol mais lembravam uma fraca

iluminação como num dos velhos manuscritos do papai; eles brilhavam, mas sua luz era mais

fraca do que uma vela. Olhar para o sol que se levantava por sobre as montanhas era como olhar

para uma lâmpada hermética fosca. Porque a maior parte da luz vinha do próprio céu, um

firmamento escuro como pergaminho, através do qual cada luz brilhava como um fogo distante. O

amanhecer nada mais era do que uma zona brilhante do céu levantando-se acima das montanhas,

luz mais fria do que a da tarde, mas de qualquer modo, a mesma luz.

– Estude o céu, mas nunca o ame – disse papai para mim e para Astraia milhares de vezes. –

É a nossa prisão e o símbolo de nosso captor.

Mas era o único céu que jamais conheci e, depois do dia de hoje, nunca mais voltaria a andar

debaixo dele. Eu seria uma prisioneira no castelo do meu marido e, falhando ou tendo sucesso na

minha missão – principalmente se fosse bem-sucedida –, não havia jeito de escapar daquelas

paredes. Então olhei para o céu de pergaminho e para o sol dourado enquanto meus olhos

umedeciam e minha cabeça latejava.

Quando era muito mais jovem, às vezes imaginava que o céu era uma ilustração num livro;

que todos nós estávamos seguramente aninhados debaixo das cobertas e que, se pudesse ao

menos encontrar o livro e abri-lo, poderíamos fugir sem ter de enfrentar o Lorde Gentil. Estava

quase acreditando na minha fantasia quando disse a papai uma noite:

– Suponha que o céu realmente...

E ele me perguntou se eu achava que contos de fadas conseguiriam salvar alguém.

Naquele tempo, uma parte de mim ainda acreditava em contos de fadas. Eu ainda acreditava

– não que pudesse escapar do meu casamento, mas que antes disso conseguiria frequentar o

Lyceum, a grande universidade na capital de Sardis. Tinha ouvido falar sobre o Lyceum durante

minha vida toda, já que era o local do nascimento dos Resurgandis, a organização de estudiosos

oficialmente fundada a fim de aprofundar as pesquisas herméticas. Eu tinha apenas nove anos

quando papai contou a verdade a Astraia e a mim. Depois de receber suas tabelas, na parte mais

escondida da biblioteca do Lyceum, o primeiro Mestre Magno e seus nove seguidores fizeram um

juramento secreto de destruir o Lorde Gentil e desfazer a Separação. Durante 200 anos, todos os

Resurgendis trabalharam em direção a esse objetivo.

Mas não era por isso que eu queria frequentar o Lyceum. Eu era obcecada por ele porque era o

local onde os estudiosos usaram pela primeira vez as técnicas herméticas a fim de solucionar o

problema da escassez causada pela Separação. Há 100 anos, eles haviam aprendido a criar bichos-

da-seda e plantas de café, apesar do clima, e quatro vezes mais rápido do que na natureza. Há 50,

um simples estudante havia descoberto a fórmula da preservação da luz do dia numa lâmpada

hermética. Eu queria ser igual àquele estudante, controlar os princípios herméticos e fazer minhas

próprias descobertas, não apenas decorar as técnicas que papai julgava úteis – enfim, adquirir algo

mais além do destino que ele tinha escolhido para mim. Eu havia calculado que, se completasse

cada ano válido de estudo em nove meses, teria dois anos para o Lyceum antes de enfrentar minha

sina.

Tentei falar com tia Telomache a respeito da minha ideia, e ela me perguntou com voz seca se

eu achava que tinha tempo a perder com bichos-da-seda quando o sangue da minha mãe clamava

por vingança.

– Bom dia, senhorita.

A voz era pouco mais que um sussurro. Virei-me rapidamente e vi a porta aberta, minha

criada Ivy espiando através dela. Então minha outra criada, Elspeth, empurrou-a e apressou-se a

entrar no quarto com a bandeja do café da manhã nas mãos.

Não havia mais tempo para arrependimentos. Era hora de ser forte – se ao menos minha

cabeça parasse de latejar. Aceitei com gratidão a pequena xícara de café e bebi tudo em três goles,

até os grãos do fundo, então a devolvi a Ivy e pedi mais uma. No momento em que terminei

meu desjejum, tinha tomado mais duas xícaras e me sentia pronta para enfrentar os preparativos

do casamento.

Primeiro, fui para o banheiro. Há dois anos, tia Telomache o havia decorado com vasos de

samambaias e cortinas lilás; o papel de parede era uma mistura de mãos entrelaçadas e de violetas.

Era um local estranho para uma cerimônia de purificação, mas tia Telomache e Astraia já me

esperavam, cada uma de um lado da banheira com pés, jarros em suas mãos. No ano passado,

papai tinha instalado um sistema de aquecimento, mas, para esse ritual, eu tinha de ser lavada

com água vinda de uma fonte sagrada, de modo que senti arrepios de frio quando minha tia

despejou água gelada sobre minha cabeça e Astraia começou a cantar o hino das virgens.

No meio dos versos, Astraia lançou-me sorrisos tímidos, como se quisesse verificar se ainda

estava perdoada. Não, ela quer ter certeza de que você está bem, eu disse a mim mesma, então trinquei

meus dentes e sorri de volta. Seja lá qual fosse sua preocupação, lá pelo fim da cerimônia ela já

parecia completamente confortada; cantava os versos em voz tão alta como se quisesse que o

mundo todo ouvisse, então atirou uma toalha em volta do meu corpo e me deu um rápido abraço.

Enquanto me enxugava alegremente com a toalha, parou de olhar para o meu rosto. Finalmente,

pensei, e deixei que meu sorriso dolorido se apagasse.

Assim que eu estava seca e vestida com um roupão, fomos para o santuário da família. Essa

parte da manhã era reconfortante, porque já tinha entrado nessa pequena sala e ajoelhado nos

azulejos vermelhos e dourados mais de mil vezes. O cheiro mofado e picante da fumaça das velas

e de incenso velho despertavam lembranças das orações da minha infância. O rosto solene do

papai tremulando sob a luz das velas, Astraia com seu nariz franzido e olhos apertados enquanto

rezava. Hoje, a luz fria da manhã já brilhava através das janelas estreitas; batia no chão encerado e

fazia com que meus olhos se enchessem de água.

Primeiro rezamos para Hermes, protetor de nossa família e dos Resurgandis. Então, cortei

uma mecha de cabelo e coloquei-a ante a estátua de Artemis, protetora das virgens.

Amanhã a essa hora eu não serei mais virgem. Minha boca ficou seca e eu tropecei nas orações de

despedida.

A oração seguinte foi para os Lares, deuses domésticos que protegiam as casas da doença e da

má sorte, evitavam que os grãos se estragassem e ajudavam as mulheres na hora do parto. Nossa

família tinha três deles, representados por três pequenas estátuas de bronze, seus rostos gastos e

esverdeados pelo tempo. Tia Telomache colocou um prato de azeitonas e trigo seco diante deles e

eu acrescentei outra mecha de cabelo, já que os estava deixando para trás. Aquela noite eu iria

pertencer à casa do Lorde Gentil e a seja lá quais fossem os deuses que ele pudesse possuir.

A que deuses um demônio serviria e o que eu deveria lhes oferecer?



Finalmente, acendemos um incenso e colocamos uma bandeja de figos diante do porta-

retratos dourado da minha mãe. Curvei-me até que meu rosto ficasse encostado no chão. Já tinha

rezado para seu espírito mil vezes na vida e as palavras vinham automaticamente à minha cabeça.

Minha mãe, perdoe-me por não me lembrar de você. Guie-me por todos os caminhos que devo

percorrer. Dê-me força, para que eu possa vingar-lhe. Você me carregou no ventre por nove meses, me deu a

vida e eu te odeio.

Esse último pensamento me veio tão facilmente quanto o ato de respirar. Tremi, sentindo que

tinha falado as palavras em voz alta, mas quando dei uma olhada furtiva para Astraia e tia

Telomache, vi que as duas continuavam mergulhadas em suas orações.

Senti um buraco no estômago. Sabia que deveria engolir minhas palavras. Deveria me

envergonhar da falta de caridade que tivera para com minha mãe. Deveria me levantar e sacrificar

um bode a fim de expiar meu pecado.

Meus olhos ardiavam, meus joelhos doíam e cada batida do meu coração me levava para mais

perto do monstro. Meu rosto continuava pressionado ao chão.

Eu te odeio, rezei baixinho. Papai fez esse acordo somente por sua causa. Se não tivesse sido tão

fraca, tão desesperada, eu não teria sido condenada. Eu te odeio, mamãe, para todo o sempre.

Só o fato de pensar nessas palavras me deixou trêmula. Sabia que era errado e minha

garganta ficou apertada de tanta culpa, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, tia Telomache

me fez levantar e me levou para fora da sala.

Eu sinto muito, murmurei por cima do ombro enquanto passava pela soleira da porta. A luz

da manhã criava sombras nas estátuas e nos quadros; de onde estava agora, não conseguia mais

ver o rosto dos deuses e o de minha mãe.

Voltamos ao meu quarto, onde as criadas estavam à minha espera. Entrando, vislumbrei o

rosto de Ivy pálido e tenso de preocupação, mas no momento em que me viu, abriu-se num largo

sorriso. Elspeth me lançou apenas um olhar entediado e abriu o armário. Apanhou meu vestido de

noiva e virou-se para mim, a saia do vestido rodopiando numa onda inútil.

– Seu vestido, senhorita – disse ela. – Não é lindo? – Seu sorriso era brilhante, mas amargo

como o absinto.

Elsbeth era incomparável quando os assuntos eram cabelos e armários, mas desempenhava

cada uma de suas tarefas com um sorriso áspero e irônico. Odiava os Resurgandis porque eram

mestres nas artes herméticas e, mesmo assim, não faziam absolutamente nada contra o Lorde

Gentil. Acima de tudo, odiava meu pai porque era obrigação dele oferecer o dízimo da vila, os

impostos sobre o vinho e os grãos que persuadiam o Lorde Gentil a manter seus demônios sob

controle. Mesmo assim, seis anos atrás, embora papai houvesse jurado que fizera sua oferta

corretamente, o irmão dela, Edwin, fora encontrado em completo estado de loucura, ganindo e

tentando arrancar a pele, olhos pretos como tinta, típicos de alguém que olhara para os demônios e

enlouquecera. Ela estava feliz em me ver casar, porque isso significava que Leônidas Triskelion

também iria perder um ente querido.

Eu não a culpava. Ela não podia saber que, durante duzentos anos, os Resurgandis vinham

tentando secretamente destruir o Lorde Gentil, como também não poderia adivinhar que meu pai

mal iria sentir minha falta. Como todos os habitantes da vila, tudo que ela sabia que era que

Leônidas, o poderoso hermético, havia feito um acordo com o Lorde Gentil, como qualquer tolo, e

agora, como qualquer outro tolo, teria de pagar. Era uma questão de justiça, por que ela não iria se

alegrar?

– É muito bonito – murmurei.

Ivy corou e as duas continuaram a me vestir, o vestido realmente digno de provocar aquele

tipo de reação: era de um vermelho intenso como qualquer outro vestido de noiva, mas

tremendamente exagerado e sedutor. A saia era uma massa de babados e laços, as mangas

bufantes da parte de cima deixando meus ombros nus, enquanto o corpete preto sustentava meus

seios, deixando-os bem expostos. Não havia espartilho por baixo; elas estavam me vestindo para

que eu pudesse ser despida o mais rapidamente possível.

Elsbeth deu um sorrisinho silencioso enquanto fechava os botões da frente.

– Não há motivos para manter um marido recém-casado à espera, não é?

Lancei um olhar vago à tia Telomache e ela levantou a sobrancelha, como se estivesse

dizendo: O que você esperava?

– Tenho certeza de que ele vai se apaixonar por você à primeira vista – disse Ivy

corajosamente. Suas mãos estavam trêmulas enquanto ajeitava minha saia, de modo que lhe

esbocei um sorriso. Tal gesto pareceu acalmá-la um pouco.

Pelos cinco minutos seguintes, todas nós fingimos que eu estava feliz por me casar. Elspeth e

Ivy riam baixinho e sussurravam, Astraia batia palmas e cantarolava trechos de músicas

românticas. Tia Telomache aprovava com a cabeça, os lábios comprimidos de satisfação. Eu

permaneci ali, quieta e obediente como uma boneca. Se olhasse bem firme para a parede e

repassasse todos os sigilos herméticos na cabeça, o alvoroço à minha volta iria se apagar. Ainda

percebia tudo que elas faziam, mas não sentia muita coisa.

Pentearam meus cabelos e os prenderam num coque alto, colocaram brincos de rubi nas

minhas orelhas e colares em volta do meu pescoço, coloriram minha boca e meu rosto de

vermelho e ungiram meus pulsos e garganta com almíscar. Finalmente, me levaram para a frente

do espelho.

Uma moça reluzente vestida de vermelho olhou-me de volta. Até então, eu só vinha usando o

preto apagado do luto, muito embora meu pai nos dissesse, quando tínhamos 12 anos, que

podíamos nos vestir como quiséssemos. Todo mundo achava que eu fazia aquilo porque era uma

filha muito piedosa, mas eu simplesmente detestava fingir que tudo estava bem.

– Você parece um sonho. – Astraia passou o braço por minha cintura, dando um sorriso

trêmulo para nossos próprios reflexos.

Todo mundo dizia que Astraia era a imagem nítida da minha mãe, e certamente ela não

poderia ter herdado seus traços de nenhuma outra pessoa: as bochechas rechonchudas com

covinhas, o nariz arrebitado, os mesmos cachos escuros. Mas eu poderia ter nascido diretamente

da cabeça do meu pai, como Atena: tinha o mesmo maxilar alto, o nariz aristocrático, os cabelos

lisos. Num raro momento de bondade, tia Telomache havia me falado um dia que, enquanto

Astraia era linda, eu mais parecia um membro da realeza. Mas todo mundo que olhava para

Astraia sorria para ela, enquanto as pessoas só me faziam um sinal com a cabeça e diziam que meu

pai devia ter orgulho de mim.

Orgulho, sim. Mas não amor. Mesmo quando éramos muito jovens, era evidente que Astraia

puxara à minha mãe, enquanto eu, a meu pai. Então, não havia nenhuma dúvida sobre quem iria

pagar por seu erro.

Tia Telomache bateu palmas.

– Já chega, meninas – disse ela. – Digam adeus e podem ir.

Elspeth me olhou de cima a baixo.

– A senhorita está linda. Que os deuses possam sorrir em seu casamento. – Ela deu de

ombros, como se aquilo não fosse problema dela, e saiu.

Ivy abraçou-me e colocou um boneco de palha na minha mão.

– É o filho de Brigit, o jovem Tom-Solitário – ela sussurrou. – Para dar sorte. – Então se virou

e seguiu Elspeth.

Apertei o amuleto na mão. Tom-Solitário era um deus de proteção, o senhor da morte e do

amor dos camponeses. De vez em quando, o pessoal da vila oferecia sacrifícios para Zeus ou para

Hera, mas, para crianças doentes, colheitas incertas e amores não correspondidos, rezavam para os

deuses de proteção, entidades que adoravam muito antes de os navios greco-romanos terem

desembarcado em nossas praias. Os estudiosos concordavam que os deuses de proteção não

passavam de mera superstição, ou talvez ainda versões confusas dos deuses celestiais – que Tom-

Solitário fosse apenas outra forma de Adônis; Brigit, outro nome de Afrodite – e que, de um modo

ou de outro, o único caminho racional era adorar os deuses sob seus nomes verdadeiros.

Certamente os deuses de proteção não tinham conseguido salvar o irmão de Elspeth dos

demônios. Mas os deuses do Olimpo também não pareciam muito dispostos a me resgatar.

Com um suspiro, tia Telomache abriu minha mão e me arrancou o Tom-Solitário amassado.

– Esse povo ainda se prende a essas superstições – ela murmurou, e o atirou na lareira. – É de

se pensar que os greco-romanos os conquistaram na semana passada e não 1.200 anos atrás.

E pelo jeito como falava, era de se pensar também que ela fosse descendente direta do

príncipe Claudius, quando, na verdade, ela e mamãe vinham de uma família que, apenas três

gerações atrás, era formada por camponeses. Mas não adiantava lembrá-la do fato naquele

momento.



– Você não sabe – protestou Astraia. – Afinal de contas, poderia trazer sorte.

– Então, pelo visto, os Espíritos Bondosos iriam lhe conceder três desejos? – disse tia

Telomache, parecendo mais complacente do que aborrecida. Então, virou-se e me lançou um olhar

inflexível. – Creio que não preciso lembrá-la da importância do dia de hoje. Mas é fácil para os

jovens se esquecerem das coisas.

Não, é fácil para você, eu pensei. Essa noite você vai acariciar meu pai, enquanto eu serei um brinquedo

nas mãos de um demônio.

– Sim, tia. – Olhei para minhas mãos.

Ela deu um suspiro, baixando os olhos como se estivesse se preparando para outro momento

de ternura.

– Se ao menos a querida Thisbe...

– Tia – disse Astraia, que agora estava ao lado da cômoda. – Você não está se esquecendo de

nada? – Suas mãos estavam atrás das costas, seu sorriso tão largo e brilhante como o daquela vez

em que comeria todas as tortas de amora.

– Não, criança...

– Então não foi sorte que eu tenha lembrado? – Com um f loreio, ela tirou de trás das costas

um estojo de couro preto, de onde pendia uma faca fina de aço.

Por um instante, tia Telomache olhou para a faca como se ela fosse uma aranha grande e

gorda. E eu senti como se tivesse engolido aquela aranha, como se ela estivesse rastejando por

meu esôfago com suas pernas envenenadas. Era como o ato de mentir me fazia sentir: todas as

mentiras que eu tinha engolido e cuspidas, vis e vazias como as cascas dos insetos mortos, tudo

aquilo para assegurar que a preciosa Astraia ficasse feliz. E aquela faca era a mentira mais

importante de nossa família.

– Eu mandei fazê-la especialmente para a ocasião – Astraia continuou, com voz séria. –

Nunca cortou nada. Nunca foi usada, nem testada. Olmer jurou que não e você sabe que ele não

mente nunca.

Ao contrário do resto de nós, que vínhamos falando a Astraia, nos últimos quatro anos, que

havia uma chance de eu matar o Lorde Gentil e ir embora.

– Você percebe – disse tia Telomache suavemente – que é possível que Nyx não tenha chance

de usar essa faca? E – ela fez uma pausa delicada – nós não podemos ter certeza de que vai

funcionar.

Astraia levantou o queixo.

– O Verso Rimado funciona, eu sei disso. E mesmo que não funcione, por que Nyx não pode

tentar? Não vejo que mal há em esfaquear o Lorde Gentil.

Serviria para lhe mostrar que eu não era submissa nem estava intimidada, que eu tinha

chegado como uma sabotadora a fim de destruí-lo. Faria com que ele me matasse ou me

mantivesse prisioneira para sempre, e então eu nunca teria a chance de executar o verdadeiro

plano de papai. Mesmo que o Verso Rimado funcionasse – mesmo que –, tentar segui-lo não era

uma boa aposta, já que os Resurgandis nunca mais poderiam ter outra chance como a que estavam

tendo comigo agora.

– Não sei por que você está tão relutante em confiar em Nyx – acrescentou Astraia em voz

baixa. – Ela não é a filha da sua irmã querida?

Claro que ela não entendia. Ela nunca tinha pensado a fundo nesse plano, pesando cada risco,

porque só tinha uma única vida a perder. Ela nunca acordara no meio da noite, sufocada com o

sonho de um marido sombrio cortando seu corpo em pedaços e pensado: Não importa como ele me

machuque, eu sou a única esperança de salvar a todos nós dos demônios.

Tia Telomache olhou-me dentro dos olhos e a posição inexpressiva de sua boca dizia

claramente: Não se incomode com o que ela fala agora, você sabe o que fazer.

Então ela puxou Astraia para junto de si e deu-lhe um beijo na testa.

– Ah, minha criança, você é um exemplo para todos nós.

Astraia contorceu-se alegremente – ela era quase como um gato, adorava ser mimada –, então

se afastou e me entregou a faca, sorrindo como se o Lorde Gentil já estivesse derrotado. Como se

nada estivesse errado. E para ela nada jamais estaria errado mesmo. Só para mim.

– Obrigada – eu murmurei. Podia sentir a raiva explodindo dentro de mim e não ousei olhar

em seus olhos quando aceitei a faca e o estojo. Tentei não me lembrar do pavor que queimara

minhas entranhas na noite passada, quando pensei que seu coração estivesse partido.

Ela se consolou em poucos minutos. Você acha que ela vai se lamentar depois do seu casamento?

– Vamos, vou ajudá-la. – Ela se ajoelhou e amarrou a faca na minha coxa. – Tenho certeza de

que você pode se sair bem. Tenho certeza. Talvez esteja de volta na hora do chá! – Ela sorriu para

mim.

Tive de sorrir de volta. Senti que estava mostrando os dentes, mas ela não pareceu se dar

conta do fato. Claro que não. Durante oito anos eu remoera esse destino, e nesse tempo todo ela

nunca reparara no meu pavor.

Durante oito anos você mentiu para ela com todo fervor e agora a odeia, porque a enganou?

– Vou lhes dar um momento a sós – disse tia Telomache. – O cortejo já está pronto. Não

percam tempo.

A porta fechou-se atrás dela e, em meio ao silêncio que se seguiu, pude ouvir o rufar dos

tambores e o lamento das flautas do cortejo do casamento vindos lá de fora.

A boca de Astraia tremeu, mas ela forçou um sorriso.

– Parece que foi ontem que éramos crianças, sonhando com nossos casamentos.

– Sim – disse. Eu nunca tinha tido aquele sonho. Papai me revelara meu destino quando eu

tinha nove anos.

– E nós líamos aquele livro, aquele de contos de fadas, e ficávamos brigando para ver qual

dos príncipes era o melhor.

– Sim – eu sussurrei. Aquilo, de um modo ou de outro, era verdade. Tentei adivinhar se meu

rosto ainda estava suave.

– E então, pouco tempo depois, papai nos contou sobre você... – Bem, ele contara a ela

quando fez treze anos e não foi o suficiente para que parasse de tentar me arrumar um

pretendente... – e eu chorei durante dias, mas tia Telomache nos contou a respeito do Verso

Rimado da Profetisa.

Toda criança minimamente instruída conhecia o Verso Rimado da Profetisa. Na

Antiguidade, de vez em quando Apolo tocava uma mulher com seu poder, presenteando-a com

sabedoria, mas deixando-a louca imediatamente. Ela então passava a morar em sua caverna

sagrada e fazia profecias em seu nome. Diziam que no dia da Separação, a Profetisa se levantara e

declamara um simples verso rimado, então atirara-se no fogo sagrado e morrera; ela era a última

profetisa e aquele foi o último dia em que os deuses falaram conosco.

Toda criança bem educada sabia que aquilo não passava de uma lenda. Nunca houve uma

boa prova de que tenha existido uma profetisa em Arcádia na época da Separação, muito menos

que dissera aquilo, nem conhecimentos antigos sobre demônios, nem algum princípio hermético

recentemente descoberto, muito menos uma simples sugestão de que aquilo que o Verso Rimado

recomendava pudesse funcionar.

No dia em que tia Telomache contou a Astraia sobre o Verso Rimado, proibiu-me de lhe

revelar que aquilo não era verdade.

– A pobre criança já chorou o suficiente – disse ela. – E como você a ama, deixe-a acreditar

nele.

Eu tinha prometido e mantivera minha promessa, de modo que agora observei Astraia

apertar suas mãos e recitá-lo numa voz baixa e cheia de reverência:

Uma faca virgem numa virgem mão

Pode matar a besta que governa a terra como um leão.

Um meio sorriso torceu seus lábios e ela me lançou um olhar de esperança. Era minha dica

para que eu sorrisse e fingisse estar consolada, como se o Verso Rimado fosse verdade. Como se

Astraia não estivesse pedindo consolo tanto quanto tentando oferecê-lo. Como se eu jamais tivesse

vivido em seu mundo, onde as filhas eram amadas e protegidas, e os deuses oferecessem um jeito

de fugir de cada destino tenebroso.

Você quis que ela pensasse assim, eu disse a mim mesma, mas tudo que eu queria fazer agora era

pegar um livro de cima da mesa e jogá-lo na sua cara. Em vez disso, apertei as mãos e disse, com

voz amarga:

– Nós duas conhecemos o Verso Rimado. O que tem em mente?

Astraia esperou um momento, então continuou:

– Eu só queria dizer... Eu acredito que você vai poder fazer isso. Eu acredito que você vai

conseguir cortar a cabeça dele e voltar para nossa casa.

Então ela atirou os braços à minha volta. Meus ombros ficaram tensos e eu quase me afastei,

mas, em vez disso, forcei-me a retribuir o abraço. Ela era minha única irmã. Eu devia amá-la e



estar disposta a morrer por ela, já que a única outra escolha era que ela morresse por mim. E eu

realmente a amava; só não conseguia parar com tanto ressentimento.

– Eu sei que mamãe ficaria orgulhosa de você – ela murmurou. Seus ombros tremeram sob

meus braços e então percebi que ela estava chorando.

Ela ousava chorar? Bem nesse dia? Era eu que estaria casada ao pôr do sol e não tinha me

permitido chorar em cinco anos.

Havia gelo nos meus pulmões e senti como se não pudesse respirar. Estava f lutuando. Era

como se eu tivesse sido arrastada e, em meio ao frio, falei com ela numa voz macia como a neve, a

voz obediente e gentil que eu usava para concordar com cada ordem que papai e tia Telomache me

davam, cada ordem que nunca davam a Astraia porque eles realmente a amavam.

– Sabe de uma coisa? Esse Verso Rimado é uma grande mentira que tia Telomache lhe contou

só porque você não é forte o suficiente para suportar a verdade.

Eu tinha pensado naquelas palavras tantas vezes, que elas saíram com a maior facilidade,

nada mais que um sopro de ar, tão fáceis como continuar respirando.

– A verdade é que mamãe morreu por sua causa e agora eu vou ter de morrer por sua causa

também. E nenhuma de nós duas vai jamais perdoá-la por isso.

Então a empurrei de lado e deixei o quarto rapidamente.

### APÍTULO 3

ASTRAIA NÃO VEIO atrás de mim, o que foi uma sorte. Se visse seu rosto de novo, teria ficado aniquilada. Em vez disso, descii a escadaria como se estivesse lutuando,

em total estado de torpor. Sabia que logo iria cair em mim e perceber o que tinha feito, que o

amargor do meu autodesprezo iria comer minhas entranhas e me queimar até os ossos. Mas,

agora, estava envolta num manto de maciez e, quando cheguei aos pés da escadaria, pisei no chão

e fiz uma reverência sem ao menos tremer.

– Bom dia, papai. – Ao meu lado, ouvi a respiração profunda de tia Telomache e percebi que

tinha me desviado do cerimonial. Fiz a reverência de novo. – Papai, eu agradeço por toda sua

gentileza e lhe imploro que permita que eu deixe sua casa.

Como se o Lorde Gentil se importasse com propriedade.

Papai me estendeu o braço.

– Eu lhe concedo a permissão com o coração feliz e a mão aberta, minha filha.

Certamente a parte relativa à felicidade era verdadeira. Ele estava vingando a esposa morta,

salvando a filha favorita e mantendo a cunhada como concubina – e o único preço a ser pago era a

filha que ele nunca quisera.

– Onde está sua irmã? – tia Telomache sibilou ao me cobrir com o véu. A gaze vermelha me

cobriu até os joelhos.

– Ela estava chorando – eu disse com voz calma. Era mais fácil enfrentar o mundo por de trás

da névoa do tecido. – Mas você pode trazê-la arrastada para cá e arruinar a cerimônia, se preferir.

– Não é correto ela perder seu casamento – murmurou tia Telomache, ajeitando o véu.

– Deixe-a em paz, Telomache – disse papai com voz calma. – Ela já teve sua cota de

sofrimento.

O ódio gelado voltou a me enlaçar, mas tentei engoli-lo e descansei meus dedos no braço do

papai. Saímos de casa juntos num passo lento e imponente, tia Telomache atrás de nós.

A luz do sol brilhava através do meu véu. Vi seu borrão dourado por sobre o horizonte e

agora o céu todo estava quente e brilhante. A música envolveu-me, junto com o barulho forte de

vozes. O povo da vila estava se divertindo; ouvi gritos de viva e risadas, vislumbrei f lâmulas

vermelhas e crianças dançando. Todos sabiam que eu estava me casando como o Lorde Gentil

como pagamento por um acordo que papai fizera e, embora não soubessem do plano dele, tinham

conhecimento de que meu casamento com aquele monstro devia significar a morte ou algo muito

pior. Mas eu ainda era a filha do grande proprietário de terras e ele ainda planejava oferecer aquela

grande festa.

Para o povo, era um feriado.

Percorremos a vila toda. Era bem antes do meio-dia, mas por causa do sol e da proximidade

do véu com minha pele, o suor escorria pelo meu pescoço no momento em que chegamos à rocha

das oferendas. Toda vila tem uma rocha dessas: uma pedra lisa e enorme, para as pessoas

deixarem seus presentes para o Lorde Gentil.

Agora havia uma estátua ali no topo: uma coisa meio estranha, feita de pedra desbotada. A

cabeça oval tinha duas cavidades no lugar dos olhos e uma linha suave imitando a boca; galhos ao

longo das laterais sugeriam braços. Geralmente essas estátuas ficavam no lugar de um morto, para

funerais ou rituais de antepassados. Hoje, a estátua seria a representação do Lorde Gentil. Meu

noivo.

Diante de testemunhas, meu pai proclamou que estava me dando de livre e espontânea

vontade. As moças solteiras da vila cantaram um hino a Artemis e depois a Hera. Num casamento

normal, o noivo e a noiva iriam trocar presentes – um cinto, um colar, um anel –, então beberiam

na mesma taça de vinho. Em vez disso, pendurei um colar de ouro no pescoço escorregadio da

estátua. Tia Telomache ajudou-me a levantar a ponta do véu a fim de que eu pudesse tomar um

gole do vinho enjoativo da taça de ouro, então segurei a taça perto do rosto da estátua e deixei

escorrer um pouco da bebida perto da boca. Eu me senti como uma criança brincando com um

brinquedo imperfeito. Mas esse jogo estava me unindo a um monstro.

Então chegou a vez dos votos. Em vez de segurar a mão do noivo, eu toquei os dois lados da

estátua e disse em voz alta:

– Eis-me aqui. Venho até você destituída do nome do meu pai, expulsada do lar da minha mãe;

de agora em diante, meu nome deverá ser o seu e serei uma filha da sua casa; seus deuses serão os

meus deuses e então irei honrá-los; onde você for, eu irei também; onde você morrer, eu também

morrerei e ali serei enterrada.

Como resposta, houve apenas o roçar do vento nas árvores. Mas as pessoas gritaram vivas de

qualquer jeito. Então um novo hino começou a tocar, dessa vez com danças e uma chuva de flores.

Eu me ajoelhei na rocha em frente à estátua, sem ver nada, minha cabeça curvada coberta pelo véu.

O suor escorria por meu rosto e meus joelhos estavam doloridos pela pedra dura.

A voz de uma das meninas elevou-se acima das outras:

“Embora as montanhas derretam e os oceanos possam queimar,

Os presentes de amor ainda assim vão retornar.”

Eu achava que isso era verdade. Papai amava tanto mamãe e, 17 anos depois, os presentes

daquela loucura ainda estavam voltando para nós. Eu sabia que não era daquele tipo de amor que

o hino falava, mas eu não conhecia nenhum outro. Na minha família, o amor só tinha resultado

em crueldade e tristeza e, mesmo assim, continuava sendo oferecido.

Lá em casa, Astraia estava chorando. Minha única irmã, a única pessoa que me amara, até

tentara me salvar, estava chorando porque eu tinha quebrado seu coração. Durante toda minha

vida eu tinha mordido a língua para não falar palavras cruéis e tinha engolido todo meu ódio.

Havia repetido a mentira reconfortante a respeito do Verso Rimado e tentei não me ressentir com

o fato de ela ter acreditado naquilo tudo. Porque apesar de todo o veneno do meu coração, eu sabia

que não era culpa de Astraia o fato de que papai tivesse me escolhido. Então, havia me esforçado

para fingir que era a irmã que ela merecia. Até o dia de hoje.

Cinco minutos a mais, eu pensei. Você só tinha de se segurar por mais cinco minutos e todo o ódio em

seu coração nunca mais seria capaz de machucá-la de novo.

Escondida pelo véu e pelo clamor do casamento, finalmente chorei também.

Quando o sacrifício para os deuses tinham terminado, tia Telomache tirou-me dali e colocou-

me na carruagem com papai. Geralmente, a noiva e o noivo ficavam na festa – como também o pai

da noiva, que oferecia o evento –, mas levar-me ao Lorde Gentil era algo muito mais importante.

A porta fechou-se atrás de nós. Assim que a carruagem deu um tranco e se pôs em

movimento, tirei o véu do rosto, contente por poder me livrar daquele calor sufocante. Meu rosto

ainda estava grudento das lágrimas; esfreguei meus olhos, torcendo para que não estivessem

muito vermelhos.

Papai olhou para mim, seu olhar neutro e impassível, seu rosto uma máscara elegantemente

esculpida. Como sempre.

– Você se lembra dos segredos? – a voz dele era calma, neutra; era como se pudéssemos estar

falando sobre o tempo. Reparei em suas mãos juntas sobre os joelhos. Ele usava o grande sinete de

ouro esculpido na forma de serpente comendo a própria cauda: o símbolo dos Resurgandis.

Eu sabia o que estava escrito do lado de dentro do anel: Eadem Mutata Resurgo, ou, “Embora

transformado, eu me levanto igual”. Era um antigo ditado hermético, há muito adotado como

lema dos Resurgandis porque eles pretendiam voltar a ter o céu azul verdadeiro.



Eu não estava indo para minha condenação com meu pai. Eu estava indo para minha

condenação com o Magistrado Magno dos Resurgandis.

– Sim – eu apertei minhas mãos sobre meus joelhos. – Você já me viu escrevê-los de olhos

fechados.

– Lembre-se de que os corações podem estar disfarçados. Você vai ter de ouvir...

– Eu sei. – Apertei os dentes para manter longe todo o veneno que queria rosar para ele.

Talvez eu não conseguisse feri-lo com minhas palavras, mas ainda lhe devia respeito.

Algumas pessoas desconfiavam dos segredos dos Resurgandis, do jeito como os duques e o

Parlamento os consultavam; falavam à boca pequena que o que os Resurgandis praticavam era

arte de demônio. De um modo, isso era verdade. Por força de longos estudos e cálculos

cuidadosos, os Resurgandis passaram a acreditar que enquanto os negócios com o Lorde Gentil

fossem obtidos por meio de seus poderes demoníacos insondáveis, a Separação seria diferente. Era

um vasto trabalho hermético, cujos diagramas eram o próprio castelo do Lorde Gentil.

Isso significava que, em algum lugar daquele castelo, deveria haver um Coração de Água, um

Coração de Terra, um Coração de Fogo e um Coração de Ar. Se alguém tentasse inscrever segredos

anuladores em cada coração – assim dizia a teoria –, o trabalho feito contra Arcádia seria desfeito.

O castelo do Lorde Gentil desmoronaria, enquanto Arcádia voltaria para o mundo real.

Os Resurgandis sabiam do fato há quase cem anos e tal conhecimento não lhes fora de

nenhuma grande valia. Até agora.

– Sei que você não vai nos decepcionar – disse papai.

– Não vou – respondi. Olhei pela janela, incapaz de manter a calma em meu rosto por mais

um momento sequer. Tinha passado minha vida inteira fingindo ser a filha feliz que ia morrer

pelo bem de sua família. Será que não dava para ele fingir, pelo menos uma vez, ser um pai que

estava triste por me perder?

Atravessávamos o bosque agora e começamos nossa lenta subida pela colina no topo da qual

ficava o castelo do Lorde Gentil. Por entre os galhos das árvores, pude vislumbrar pedaços do céu,

como se fossem papel cortado em pedaços jogados entre as folhas. Então, de súbito, passamos por

uma clareira e vi o que parecia ser uma folha do tamanho de um papel ofício de céu claro.

Olhei para cima. Papai tinha mandado instalar, por conta da claustrofobia de tia Telomache,

uma pequena janela de vidro no teto da carruagem. Então pude ver o céu por cima da minha

cabeça e o símbolo preto, em forma de diamante, enganchado no topo do céu como se fosse uma

aranha. As pessoas o chamavam de Olho do Demônio e diziam que o Lorde Gentil podia ver

qualquer coisa que passasse sob ele. Os Resurgandis oficialmente zombavam dessa superstição –

se o Lorde Gentil tivesse tal conhecimento, já teria destruído todos nós há muito tempo –, mas eu

tentava imaginar quantos haviam temido secretamente que ele pudesse estar a par de seus planos,

atraindo-os para uma de suas armadilhas sarcásticas.

Será que ele estava me observando agora lá do céu? Será que sabia que aquele medo era como

um turbilhão percorrendo meu corpo como água escorrendo de uma banheira, e será que ele

estava rindo?

– Eu queria ter podido ter mais tempo para treinar você – disse papai abruptamente.

Olhei para ele, surpresa. Papai vinha me treinando desde que eu tinha nove anos de idade.

Seria possível que estivesse dizendo que não queria mais que eu fosse?

– Mas o acordo dizia que tudo deveria acontecer no seu 17º aniversário – ele continuou, tão

placidamente que minhas esperanças murcharam.

– Vamos ter de torcer pelo melhor. – Cruzei meus braços. – Se eu tentar derrubar o castelo

dele e falhar, tenho certeza de que serei morta e daí talvez você possa casar Astraia com ele e lhe

dar uma chance.

Papai comprimiu a boca. Ele jamais faria uma coisa daquelas com Astraia e nós dois

sabíamos disso.

– Telomache contou-me que Astraia lhe deu uma faca – comentou ele.

– A culpa é toda dela – disse eu. – Ou foi ideia sua contar-lhe aquela história?

Eu ainda me lembrava daquele dia em que tia Telomache nos contara a respeito do Verso

Rimado – a fungada abafada de Astraia, a dor forte na minha garganta, o lampejo súbito de

esperança quando tia Telomache me dissera que eu poderia destruir meu marido prendendo-me

com ele numa armadilha em seu castelo que estaria desmoronando. Então eu o mataria e voltaria

para salvar minha irmã.

Não pode ser verdade, eu tinha pensado. Eu sei que não pode ser verdade – e mesmo assim,

naquela noite, eu quase chorei quando tia Telomache contou-me que era realmente mentira.

– Ela era uma criança na época e precisava se consolar com alguma coisa – disse papai. – Mas

ocê é uma mulher adulta agora e sabe qual é seu dever, então presumo que já tenha se livrado da

faca.

Endireitei-me no assento.

– Ainda a estou usando.

Ele também se endireitou.

– Nyx Triskelion. Livre-se dela agora mesmo.

Imediatamente, as palavras sim, papai formaram-se em minha boca, mas as engoli. Meu

coração disparou, meus dedos ficaram gelados porque estava desafiando meu pai e isso significava

ingratidão, falta de respeito, era errado...

– Não – acabei dizendo.

Eu ia morrer executando o plano dele. Perto daquilo, aquele pequeno gesto de desafio pouco

iria importar.

– Você realmente está se iludindo, achando que...

– Não – repeti em tom monótono. Essa tinha sido outra parte da minha educação: a história

de todos os tolos que haviam tentado assassinar o Lorde Gentil. Ninguém havia sido bem-

sucedido e todos tinham morrido, porque mesmo que tivessem conseguido esfaquear o coração do

Lorde Gentil, ele se recuperava num instante e destruía seu agressor no instante seguinte. Há

muito tempo eu desistira da ideia de que qualquer arma mortal fosse capaz de matar um demônio.

– Eu não acredito no Verso Rimado e, mesmo que acreditasse, não apostaria nossa liberdade

em minha habilidade com uma faca. Você me treinou muito bem para essa missão, papai. Mas

esse foi o último presente que minha única irmã me deu e eu a usarei para cumprir meu destino se

for minha vontade, papai.

– Hum... – Ele ajeitou-se no assento. – E você já pensou em como se explicar ao seu marido,

quando chegar a hora?

De novo, sua voz estava tão calma como quando me lia a história de Lucrecia. O eufemismo

era seco e incruento como poeira naquele velho livro. Quando chegar a hora. O que queria dizer:

Quando ele a despir e a usar como quiser.

Naquele momento, odiei meu pai como nunca havia odiado nada ou ninguém em toda

minha vida. Olhei para a pele fálcida de seu pescoço e pensei: Se eu fosse realmente como Lucrecia,

mataria você e depois me suicidaria.

Mas só o simples fato de pensar naquela insolência fez com que eu me sentisse doente. Ele só

tinha tentando salvar minha mãe. Sem dúvida, em meio ao seu desespero, ele se iludira achando

que enganar o Lorde Gentil seria uma tarefa fácil; e uma vez que percebera o quanto estava errado,

o que podia fazer senão tentar salvar o que ainda podia ser salvo?

Efigênia havia de bom grado deixado que seu pai, Agamenon, a oferecesse em sacrifício aos

deuses de modo que a frota grega encontrasse ventos favoráveis em sua viagem para Troia. Meu

pai estava me pedindo para morrer por alguma coisa muito melhor: a chance de salvar Arcádia.

Durante toda minha vida, eu vira pessoas que haviam enlouquecido por causa dos demônios.

Eu havia visto como todo mundo, fraco ou forte, rico ou pobre, vivia com pavor deles. Se eu

executasse o plano de papai – se conseguisse com que Lorde Gentil caísse numa armadilha e

libertasse Arcádia –, ninguém mais seria morto ou ficaria louco por causa de um demônio de

novo. Nenhum tolo faria acordos desastrosos com o Lorde Gentil e nenhum inocente pagaria o

preço por eles. Nosso povo viveria em liberdade sob o céu verdadeiro.

Qualquer um dos Resurgandis estaria disposto a morrer por aquela chance. Se eu amasse

meu povo, ou apenas minha família, eu também deveria estar feliz por morrer por isso.

– Vou lhe contar a verdade – disse. – Não poderia suportar desfazer-me do presente da

minha irmã.

– Você devia fazê-lo pensar que nem queria ter essa faca. Dizer-lhe que fez uma promessa a

seu pai.

Não pude segurar o comentário:

– O próprio Lorde Gentil fez um acordo com você. Acha que ele é tolo o suficiente para

acreditar que você faria alguma coisa para tentar me salvar?



Papai arregalou os olhos e seu queixo endureceu. Com um pequeno lampejo de prazer,

percebi que finalmente tinha conseguido feri-lo.

Foi desse jeito que ouvi a história pela primeira vez. Papai puxou-me de lado e disse:

“Quando eu era jovem, prometi aos Resurgandis que uma de minhas filhas lutaria com o Lorde

Gentil e nos libertaria a todos. Você é essa filha”.

Acho que foi um ato de gentileza ele ter me contado a história desse jeito – o primeiro e

último gesto de bondade que jamais teve em relação a mim. Ouvi o resto da história logo depois,

contada por tia Telomache, e depois muitas outras vezes, contada por ela, por ele e por membros

dos Resurgandis que vinham nos visitar.

A história estava toda à minha volta – no silêncio austero de tia Telomache, nos olhares

cuidadosamente vagos de papai, no jeito como suas mãos se tocavam quando eles achavam que

ninguém estava vendo; estava no baú cheio de brinquedos de Astraia, nos retratos de minha mãe

em cada cômodo, na pilha de livros que papai me dava a respeito de cada herói que morria no

cumprimento do dever. Eu respirava essas histórias, nadava nelas, sentia como se me afundasse

em suas profundezas.

Tudo começara assim:

No passado, Leônidas Triskelion era um jovem bonito, inteligente e corajoso. Era o

queridinho de sua família e esperança dos Resurgandis. E era também o amor da vida de uma

jovem chamada Thisbe, que acabara se casando com ele. Mas conforme o tempo fora passando,

aquele casamento tão feliz se enchera de tristeza, já que Thisbe não conseguia conceber um filho.

Não importava o quanto Leônidas jurasse seu amor pela esposa, ela se via como uma mulher sem

sorte e sem valor nenhum, que faria com que o nome de seu marido não se perpetuasse porque

não podia lhe dar um filho. Finalmente, o desespero fora tanto que ela tentara se matar. Para tanto,

nem mesmo as habilidades herméticas de Leônidas puderam ajudá-la. Então, que esperança ainda

haveria?

Só uma.

Finalmente, Leônidas, que havia passado anos tentando derrotar o Lorde Gentil, fez um

acordo com ele. E o que o príncipe dos demônios propôs foi o seguinte: uma criança do sexo

masculino estava fora de cogitação, mas Thisbe iria conceber duas meninas saudáveis até o fim

daquele ano, e o único preço a ser pago seria a mão de uma delas quando fizessem dezessete anos.

Era aquilo mesmo. Uma das duas deveria se tornar a esposa do próprio Lorde Gentil.

– E não pense que você pode me enganar – dissera o príncipe dos demônios. – Se esconder

suas filhas, eu as acharei e, depois de me casar com uma delas, matarei a outra. Mas me conceda a

mão de uma delas e a outra viverá livre e feliz pelo resto de sua vida.

Lorde Gentil sempre cumpre sua palavra, mas também trapaceia nos acordos. Fizera

realmente Thisbe conceber e carregar duas crianças gêmeas no ventre, mas não a deixara criá-las.

A primeira menina nasceu rapidamente e sem problemas, mas a segunda veio tortuosa e toda

coberta com o sangue da mãe e, embora tivesse sobrevivido como uma criança normal, Thisbe não

tivera a mesma sorte.

Leônidas não pudera deixar de amar Astraia, a filha pela qual sua mulher pagara tão caro. E

não pudera deixar de me desprezar, a filha que recebera a vida sem custo algum, assim como ele

não havia pagado nada de seu próprio bolso para nos receber. Desse modo, Astraia crescera muito

amada, a imagem vívida de minha mãe. E eu havia crescido sabendo que meu único propósito

seria o de ser a encarnação da vingança do meu pai.

A carruagem parou com um solavanco.

Olhei para papai. Ele me olhou de volta.

Minha garganta ficou apertada e tentei engolir. Tinha certeza de que havia alguma coisa que

eu pudesse dizer – devia dizer – se ao menos eu pudesse pensar em algo, e depressa, de

preferência.

– Vá com todas as bênçãos dos deuses e de seu pai – ele disse com voz calma.

As palavras mecânicas feriram mais do que seu silêncio. Enquanto o condutor abria a porta

da carruagem, percebi o quanto eu queria que ele mostrasse um pouco de relutância, um simples

sinal de que sofria em me usar como arma.

Mas por que eu deveria reclamar? Afinal de contas, eu não tinha ferido Astraia ainda mais?

Dei um sorriso brilhante.

– Certamente os deuses irão abençoar um pai tão bondoso quanto ele merece – disse eu, e

desci da carruagem rapidamente sem olhar para trás. A porta bateu com força atrás de mim. No

instante seguinte, o condutor estalava o chicote nos cavalos e a carruagem se afastava dali.

Eu fiquei completamente parada, meus ombros tensos, olhando para o castelo do meu noivo.

Eles não tinham me levado até a porta – ninguém chegava tão perto do castelo do Lorde

Gentil a menos que estivesse maluco o suficiente para lhe propor um acordo –, mas a torre de

pedra ficava apenas a uma pequena distância da subida coberta de ervas. Era a única parte inteira

que restara do antigo castelo dos reis da Arcádia. Mais além, a colina estava cheia de paredes

caindo aos pedaços e entradas fantasmagóricas que estavam de pé sozinhas, sem nenhuma parede

à sua volta.

O vento gemia suavemente, agitando a grama. O brilho difuso do sol aquecia meu rosto e o

ar fresco tinha o aroma quente e maduro do fim do verão. Respirei fundo, sabendo que era a

última vez que estaria ali, do lado de fora.

Ou eu falharia e o Lorde Gentil me mataria... ou então seria bem-sucedida e morreria no

desmoronamento do castelo, ou, ainda, ficaria ali presa com ele para sempre. Em qualquer um dos

casos, teria sorte se ele me matasse.

Por um instante, pensei em fugir. Podia descer a colina por outro caminho e antes que o

Lorde Gentil se desse conta, eu teria partido e então...

... e então ele iria me caçar, me pegar à força e matar Astraia.

Só havia uma escolha que eu podia fazer.

Percebi que estava tremendo. Queria correr. Mas estava condenada a esse destino, de modo

que podia ao menos morrer e salvar a vida da irmã que eu tinha ferido. Pensei em como odiava o

Lorde Gentil, como queria mostrar-lhe que desejar uma noiva cativa era o pior erro que jamais

cometera. Enquanto o ódio ainda tremulava dentro de mim, caminhei até a porta de madeira da

torre e a esmurrei.

A porta abriu-se silenciosamente.

Entrei antes que pudesse mudar de ideia e a porta fechou-se imediatamente atrás de mim.

Estremeci com o barulho, mas tentei conter a vontade de tentar abri-la de novo. Eu não devia fugir.

Em vez disso, olhei em volta. Estava num hall do tamanho do meu quarto, com paredes

brancas, um chão de ladrilhos azuis e um teto muito alto. Embora do lado de fora as pessoas

tivessem a impressão de que não havia nada naquele castelo além da torre solitária, a sala em

questão tinha cinco portas de mogno, cada uma esculpida com diferentes desenhos de frutas e de

flores. Tentei abri-las, mas estavam todas fechadas.

Será que ouvi uma risada? Fiquei imóvel, meu coração disparado. Mas se o barulho havia

sido real, não se repetiu. Percorri a sala mais uma vez, dessa vez batendo em cada porta, mas ainda

assim não houve resposta.

– Estou aqui – gritei. – Sua noiva! Parabéns pelo nosso casamento!

#### APÍTULO 4

#### NINGUÉM RESPONDEU.

Meu corpo todo pulsava de tanto medo, porque dentro de poucos instantes as portas se

abririam, ou o teto despencaria, ou ele iria falar algo bem de trás do meu pescoço...

Virei-me rapidamente, mas ainda estava sozinha. Não se ouvia nada, exceto o som agitado

dos meus suspiros enquanto fazia força para respirar apesar do espartilho apertado. Olhei para

baixo e fiquei mortificada ao ver meus seios levantados e expostos, como se eu fosse um prato para

o deleite do meu marido.

Meu medo começou a desaparecer em meio à fogueira monótona e familiar do

ressentimento. Havia até rosas pintadas nos botões do corpete, porque o presente do Lorde Gentil

tinha de estar muito bem embrulhado, não é? Como se fosse um presente de aniversário e, como

uma criança mimada no seu dia, Lorde Gentil não se importava em fazer as pessoas esperarem.

Com um suspiro, sentei-me e recostei-me contra a parede. Provavelmente meu marido estava

fora, fazendo acordos amaldiçoados com outros tolos que achavam – como papai uma vez achara –

que poderiam pagar seu preço. Pelo menos eu teria um pouco mais de tempo antes de encontrá-lo.

Marido. Apertei as mãos e o medo voltou ao me lembrar do que tia Telomache me contara na

noite anterior. Eu sabia que o Lorde Gentil era bem diferente dos outros demônios para quem as

pessoas olhavam e enlouqueciam. Mas alguns diziam que tinha a boca de uma cobra, os olhos de

um bode e as presas de um javali, de modo que nem mesmo o mais corajoso dos homens



conseguia recusar seus acordos. Outros diziam que tinha uma beleza sobre-humana, de modo que

até os mais sábios eram por ele enganados. De qualquer modo, não podia me imaginar deixando-

o tocar em mim.

(Papai nunca me contara como era fazer um acordo com o Lorde Gentil. Um dia eu ousara lhe

perguntar qual era a aparência do meu inimigo. Ele me encarara como se eu fosse um inseto raro e

fascinante e me perguntara que diferença isso fazia.)

Dei um soco na parede. Eu me machuquei, mas o gesto fez com que eu me sentisse um pouco

melhor. Se ao menos eu pudesse atacar meu marido, quando a hora chegasse...

Se ao menos o Verso Rimado fosse verdade.

Eu não acreditava nele, não acreditava mesmo, mas ainda assim tirei a faca do estojo e agitei-

a lentamente, sentindo seu peso em minha mão. Claro que papai nunca tinha me ensinado a usar

uma faca; ele nunca mostrara interesse em me treinar em nada que não fosse útil a seus planos.

Mas de vez em quando Astraia roubava facas da cozinha e praticava comigo – o que significava, na

maior parte das vezes, agitá-las no ar, aos gritos. Nada de muito útil.

Eu sabia que papai estava certo, que eu devia me livrar da faca – mas não havia lugar algum

onde eu pudesse escondê-la e agora eu estava trancada naquela sala. E também era verdade que

aquele tinha sido o último presente que minha irmã me dera. Se eu não conseguia amá-la, ao

menos podia usar seu presente como um amuleto da sorte numa batalha (ela sempre havia

adorado as histórias onde os guerreiros faziam isso).

Coloquei a faca de volta no estojo e ajeitei minhas saias. Então percebi o quanto estava

cansada. Tentei ficar acordada por mais um tempo, mas o ar naquela sala tinha ficado quente e

pesado. Estava tudo ainda muito quieto – não havia nem sinal do monstro. E então adormeci.

Alguém tinha colocado cobertores sobre mim. Foi meu primeiro pensamento nebuloso ao

acordar. Cobertores quentes e pesados. Alguma coisa fez cócegas no meu pescoço e eu me mexi.

Os cobertores mexeram-se de volta.

Meus olhos abriram-se de repente. Num instante, percebi que o que fizera cócegas no meu

pescoço fora um tufo de cabelos pretos; os cobertores eram um corpo quente e o Lorde Gentil

estava aconchegado em cima de mim como se fosse um gato preguiçoso, a cabeça descansando em

meu ombro.

Ele levantou a cabeça e sorriu. As histórias que diziam que seu rosto era de uma doce

calamidade estavam corretas, porque ele era um dos homens mais bonitos que eu já tinha visto na

vida: nariz forte, maçãs do rosto salientes emolduradas por cabelos pretos como tinta

displícitamente jogados, com a arrogante suavidade de um homem recém-saído da adolescência

que nunca fora rejeitado.

Mas seus olhos tinham as íris vermelhas, como as pupilas de um gato.

Meu coração estava prestes a sair pela boca. Eu tinha passado minha vida toda me

preparando para aquele momento, e agora não conseguia falar, nem me mover.

– Boa tarde – disse ele. Sua voz era como um creme, leve, mas consistente.

Levantei-me do chão e me sentei. Ele também se sentou, com um charme lânguido.

– O quê? – tentei dizer, a voz cheia de surpresa.

– Você dormiu – disse ele. – Fiquei tão entediado à sua espera que acabei dormindo também.

E agora aqui está você. – Ele balançou a cabeça. – Você é um bom travesseiro, mas acho que a

prefiro acordada. Como se chama, adorável esposa?

Esposa. Sua esposa. Podia sentir a faca contra minha coxa, mas era como se estivesse a

quilômetros de distância. E não importava que ela estivesse em minhas mãos. Eu devia me

submeter a ele.

– Nyx Triskelion – disse eu. – A filha de Leônidas Triskelion.

– Hum... – Ele inclinou-se, chegando mais perto. – Já vi moças mais bonitas, mas acho que

você vai servir.

– Então o senhor meu marido é um perito no que diz respeito às mulheres? – As palavras

saíram da minha boca antes que eu soubesse o que estava fazendo, o que era completamente

errado porque eu devia agradá-lo, devia tentar seduzi-lo.

Ele vai ficar satisfeito se pensar que você não tem como se defender, dissera tia Telomache.

– O senhor seu marido já teve oito esposas. – Ele inclinou-se para a frente e pude sentir seu

olhar percorrendo toda a extensão do meu corpo. – Mas nenhuma delas tão... – suas mãos

deslizaram para debaixo da minha saia rapidamente – tão – eu apertei os dentes, fazendo força

para suportar aquilo – preparada.

E ele retirou a faca do estojo. Rodopiou-a uma vez, então atirou-a contra a parede, enterrando-

a quase até o cabo.

Aí ele olhou para mim novamente.

Era o momento em que eu devia implorar por misericórdia.

– Mas só uma faca? – perguntou ele. – Uma guerreira prudente teria ao menos duas. Ou será

que não vi a outra? – Ele inclinou-se para a frente. – Será que a senhora minha esposa me deixaria

verificar?

Dei-lhe uma bofetada em seu rosto.

O golpe foi tão forte que ele caiu para trás. Segurei minha respiração; mesmo enfrentando o

Lorde Gentil, meu primeiro impulso foi o de me desculpar. Então me levantei, o coração

disparado, apenas para me dar conta de que as portas ainda estavam trancadas, minha faca estava

além do meu alcance e eu tinha provavelmente me condenado, e condenado toda minha missão,

ao fracasso.

Quando ele se aprumou, caí de joelhos. Só havia uma coisa a fazer. Comecei a desabotoar o

botão de cima do meu vestido, então simplesmente o rasguei.

– Eu sinto muito – disse eu, olhando para o chão. – Eu só, quero dizer, meu pai me fez

prometer que traria essa faca e... e... – comecei a gaguejar, completamente consciente de que

estava seminua na frente dele. – Sou sua esposa! Queimo de desejo com seu toque! Tenho sede de

seu amor! – Não sabia de onde tais terríveis palavras estavam vindo, mas não conseguia estancá-

las. – Farei qualquer coisa, eu...

Percebi que ele estava rindo.

– Você não faz nada pela metade, não é? – disse ele.

– Eu nem cheguei perto de matá-lo, mas me devolva aquela faca e eu acabarei o serviço. –

Cruzei meus braços e me lembrei de que ainda estava seminua, mas não pretendia mostrar meu

embaraço na frente dele.

– Tentador, mas não. Se você fizesse isso, eu teria de matá-la, e quero que minha esposa viva

pelo menos até depois do jantar. – Ele puxou meu corpete para cima energicamente, de modo que

fiquei pelo menos semicoberta, então segurou meu braço com força e fez com que eu me

levantasse. – Hora de lhe mostrar seu quarto.

Ele levantou uma mão. O gesto lembrou uma ordem, mas não havia ninguém por ali para

atendê-lo.

Alguma coisa estava muito errada. Será que ele estava chamando seus demônios? Será que já

estavam ali? Olhei em volta...

E meu olhar caiu em sua sombra. Era uma silhueta alta contra a parede e, apesar da luz

difusa, era quebradiça como a sombra projetada por uma lâmpada hermética.

Ele tinha levantado a mão. Mas a sombra continuou a seu lado.

Os demônios são feitos de sombras.

Minha garganta fechou-se de tanto horror no momento em que a sombra alongou-se e

afastou-se dele, deslizou pela parede, então seus dedos longos resvalaram em meus pulsos. O

toque pareceu um sopro fresco de ar, mas quando tentei me libertar, aquilo segurou meu braço

como se fosse ferro.

Não olhe muito tempo para as sombras, ou um demônio pode te olhar de volta.

– Escuridão vai levá-la até seu quarto. – Ele colocou a mão dentro do casaco, tirou uma chave

de prata e jogou-a para a sombra, de nome Escuridão, que a pegou no ar. – Mostre-lhe a suíte

nupcial – ele disse enquanto Escuridão destrancava a porta entalhada com desenhos de rosas e

romãs. – Traga-a de volta na hora do jantar. – A porta abriu-se de repente, revelando um longo

corredor cheio de outras portas, e Escuridão me conduziu através dele. – E faça com que ela vista

uma roupa nova! – ele disse atrás de nós. A porta fechou-se com força.

A princípio, enquanto Escuridão me arrastava rapidamente pelo corredor, mal consegui notar

qualquer coisa a não ser os batimentos do meu coração. Cada passo me levava para mais longe do

mundo lá fora e mais para dentro dos domínios de Lorde Gentil; era como ser enterrada viva. Não

conseguia parar de olhar para Escuridão segurando firme meu braço – parecia uma sombra ao

acaso, um sopro de ar, mas que me empurrava para a frente como se eu não fosse mais pesada que

uma folha. Meu estômago contorceu-se diante do horror daquela criatura.

Livrai-nos dos olhos do demônio. Era a primeira oração que todo mundo aprendia, não



importava quem você fosse e para que deus rezasse. Porque todo mundo, fosse um duque ou um

camponês, podia ser atacado.

Não acontecia com frequência. Apenas uma pessoa em cada cem chegava a ver um deles.

Mas que às vezes acontecia, isso era fato.

Eu me lembrava das pessoas trazidas para o escritório do papai: a menina transformada

numa pilha silenciosa de membros esqueléticos, o homem que não parava de se contorcer em

silêncio porque sua voz já tinha sido gasta em milhares de gritos sem fim. De vez em quando,

papai podia fazer com que as vítimas melhorassem um pouco; às vezes só podia dizer às famílias

que as mantivessem drogadas com láudano. Ninguém jamais voltava a ser são. E esses eram os

que ainda tinham sorte.

Porque a maioria não sobrevivia.

Agora eu mesma estava nas mãos de um demônio. Mas a cada passo que eu dava, meu

coração continuava batendo. Minha mente permanecia lúcida. Não tinha vontade de arrancar

meus olhos, nem de comer minhas unhas. O grito trêmulo preso dentro de mim era fácil de

controlar. Eu podia pensar: Ele disse que me queria viva até pelo menos a hora do jantar e tais palavras

faziam sentido para mim.

Observei o perfil de Escuridão deslizar pela parede, ondulando quando passava pelo batente

de uma porta. Parecia exatamente a sombra que um homem projetaria se estivesse um passo além

de mim, arrastando-me para a frente. Mas mão alguma apertava meu pulso, apenas uma faixa de

sombra; e não havia ninguém andando comigo.

Exceto aquela sombra ambulante.

Ninguém conhecia a aparência dos demônios de Lorde Gentil, porque ninguém que os

tivesse encontrado havia sobrevivido com um mínimo de sanidade mental para contar. Mas

Escuridão não parecia algo que pudesse enlouquecer uma pessoa com um simples olhar.

Lentamente, comecei a relaxar.

Passei a reparar no corredor. Primeiramente o ar: tinha o calor agradável e fresco de uma brisa

de verão – nada parecido com a quentura do fogo –, embora não visse janelas em parte alguma.

Aquilo era muito estranho. E havia portas, de ambos os lados do corredor. Elas pareciam normais

a princípio, mas então percebi que eram um pouco maiores e mais estreitas do que de costume.

Será que era apenas uma questão de perspectiva, ou os batentes estavam realmente um pouco

inclinados?

Há quanto tempo estávamos caminhando? Eu podia ver o final do corredor, mas ele não

chegava nunca.

Será que ouvi o eco débil de uma risada a distância?

De súbito, a sombra que andava parecia muito menos terrível do que o silêncio morno do

corredor.

– Você é um demônio de verdade ou apenas uma criatura feita pelo Lorde Gentil? – perguntei

abruptamente. Assim que as palavras saíram da minha boca, comecei a me sentir uma perfeita

idiota. Como poderia achar que uma sombra falasse? – Ou você é uma parte dele? Todos os

senhores de demônios possuem sombras que andam quando nascem do ventre de Tártaro? –

continuei, determinada a fazer com que ele achasse que a primeira pergunta tinha sido apenas

retórica. – Acho que estou certa em supor que algumas coisas sejam produtos do escuro e...

Escuridão parou tão de repente que eu tropecei. A chave de prata brilhou no momento em

que ele destrancou uma das portas; então fomos até uma escada curva e estreita, feita de pedra.

Um ar frio e úmido invadiu-me as entranhas. Senti também um cheiro um pouco azedo, como se

alguém no passado tivesse usado aquele lugar como um aquário. Olhei para cima – e para cima –

e para cima. A escadaria perdia-se na escuridão, sem que se visse seu final.

– Por acaso ele está planejando me matar com essa escada? – murmurei. Então Escuridão me

puxou para a frente e eu o segui em silêncio, porque sabia que iria ter de economizar meu fôlego.

Subimos até que minhas pernas queimassem e o suor escorresse por meu pescoço, apesar do

ar frio. Parei de me incomodar com o fato de que meu rosto estava exaurido de tanto esforço e que

minha respiração vinha em altos arquejos. O mundo todo parecia ter se resumido ao esforço de

levantar um pé hesitante após o outro, e não despencar de lado rumo ao vazio infinito. Escuridão

parecia flutuar, sem o mínimo sinal de esforço e cansaço. No momento em que achei que não ia

aguentar subir nem mais um degrau, a escada terminou numa passagem estreita que foi dar num

quarto quadrado com paredes brancas vazias e chão comum de madeira. Entrei ali tropeçando e

caí de joelhos.

– Por favor – eu arquejei, minha garganta tão seca que minha voz não passava de um

resmungo.

Ele largou meu pulso. Com um suspiro, deitei-me de costas no chão. Durante alguns

instantes, olhei para o teto com olhos vagos e tentei recuperar o fôlego. Finalmente as batidas do

meu coração foram voltando ao normal, assim como minha respiração. O suor esfriou e acabou

secando no meu rosto.

Assim que comecei a melhorar, reparei que Escuridão tinha se ajoelhado ao meu lado, sua

forma sombreada projetada nas paredes.

Seu toque frio deslizou por meu rosto e ele retirou uma mecha de cabelo dos meus olhos.

Inutilmente, bati minha mão no ar, tentando me esquivar. Sentei-me rapidamente.

– Não preciso de um cabeleireiro – resmunguei. Meu coração estava disparado de novo, e a

linha que ele traçara na minha pele começou a formigar. O toque tinha sido suave – mas ele ainda

era uma coisa, se não um demônio, então um servo do Lorde Gentil. Como seu mestre, sua

gentileza só servia para que os tormentos que viriam mais tarde fossem ainda piores.

Como a gentileza de papai e de tia Telomache ao falarem do Verso Rimado a Astraia. Só

servira para que eu fosse capaz de feri-la ainda mais.

Levantei-me depressa.

– Vamos, você precisa me prender – disse eu olhando para Escuridão, ainda agachado no

chão, um borrão de sombra contra a parede.

Ele levantou-se lentamente, alongando-se e ficando quase que uma cabeça mais alto que eu, a

mesma altura do Lorde Gentil. Então segurou minha mão, mas fez uma pausa; senti que olhava

para mim. Agora ele era um perfil claro, a silhueta de seu nariz, lábios e ombros firmes contra a

parede. Percebi de súbito que, embora fosse um monstro, ele também era algo como um homem;

meu rosto ficou vermelho e minha mão livre agarrou a borda rasgada do meu corpete.

Será que ele tinha ficado olhando quando rasguei meu vestido? Será que ficaria olhando

quando o Lorde Gentil finalmente...

Houve uma certa pressão, quase como se ele estivesse apertando minha mão, como se

estivesse tentando me animar ou se desculpar. Mas um demônio – ou a sombra de um demônio –

não iria mostrar jamais tal gentileza. Então ele me empurrou para a frente, com menos violência

dessa vez.

A sala seguinte era um enorme salão de baile. As paredes estavam cheias de molduras

douradas; o chão era um mosaico espiral azul e dourado, a abóboda exibindo uma pintura que

representava todos os amores dos deuses, um enorme emaranhado de membros rechonchudos

junto com um tecido retorcido. O ar era fresco, agradável, e tudo estava em total silêncio. Meus

passos eram o único som que se ouvia, mas fizeram eco através da sala.

A partir dali, veio o que pareceu ser centenas de salas e corredores. Em cada um, o ar era

diferente: quente ou frio, fresco ou abafado, alguns cheirando a alecrim, incenso, romã, papel

velho, peixe em salmoura ou cedro. Nenhuma das salas me deixou tão assustada quanto o

primeiro corredor. Mas por mais de uma vez, principalmente quando a luz do sol brilhava através

de uma janela, pensei ter ouvido o débil som de uma risada.

Finalmente, no final de um longo corredor onde havia um lambril de cerejeira e janelas

enfeitadas entre as portas, chegamos ao meu quarto. Pude ver então por que o Lorde Gentil o

chamara de suíte nupcial: as paredes estavam cobertas com um papel prateado cheio de corações e

de pombas, e a maior parte do quarto era ocupada por um enorme dossel sobre uma cama grande

o suficiente para acomodar mais de duas pessoas. Os suportes tinham o formato de quatro virgens,

penteadas e vestidas com roupas esvoaçantes que colavam em seus corpos, os rostos serenos. Eram

exatamente como colunas sustentando a entrada de um templo. As cortinas em volta da cama

caíam como enormes ondas de renda branca, enfeitadas com laços vermelhos. Um vaso de rosas

descansava em cima da mesinha de cabeceira. Suas pétalas vermelhas tinham se aberto

totalmente, expondo seu centro dourado, e seu aroma de almíscar enchia o ar.

Era uma cama que tinha sido feita para o prazer, como meu vestido, e quando olhei para ela,

senti frio e calor ao mesmo tempo. Então reparei que à esquerda havia uma grande janela que dava



para minha vila. Eu mal tinha me dado conta do que podia ver, até chegar a ela. Pressionei minhas

mãos contra o vidro. Consegui ver todas as construções, muito pequenas e claras, como um

modelo perfeito que eu podia tocar ao estender a mão.

Teria sido reconfortante olhar em direção à minha casa. Mas do lado de fora, o castelo do

Lorde Gentil era uma total ruína. Ficar ali, olhando pela janela ao lado do meu leito de núpcias,

sabendo que era invisível ao mundo, me fez sentir como um fantasma.

Recostei minha cabeça contra a parede, tentando não chorar de novo. Talvez devesse mesmo

me sentir assim. Agora, não, sempre, eu existira apenas para destruir o Lorde Gentil. Astraia é que

era tola, achando que eu estava nesse mundo para amá-la.

Alguma coisa tocou meu cotovelo. Virei-me rapidamente e vi Escuridão deslizando pela

parede – era o toque dele, eu percebi. Ele hesitou na parede perto da penteadeira, e embora sua

forma distorcida dificultasse a percepção, achei que ele estava torcendo as mãos.

– Estou bem – disse, afastando-me da janela.

Claro que eu estava bem. Tinha sido criada para essa missão. Não poderia estar nada mais, a

não ser completamente bem.

Então percebi que estava falando com ele como se fosse alguém que se importasse comigo.

Cruzei meus braços.

– Vá dizer a seu senhor que já cumpriu sua ordem. Ou quer ficar aqui e me espionar

enquanto troco de roupa?

Escuridão balançou-se – podia estar concordando com a cabeça – e então desapareceu,

deixando-me sozinha. Sentei-me na cama, fazendo um ruído surdo. O quarto começou a girar à

minha volta; de súbito, passei a não acreditar que tudo aquilo fosse real, que eu estivesse

realmente sentada no castelo de Lorde Gentil e que houvesse uma pastora de porcelana de vestido

azul e bochechas rosadas ao lado do vaso na mesinha de cabeceira.

Astraia tinha uma estatueta igualzinha, apenas com o vestido rosa em vez do azul.

Enterrei as unhas na palma da minha mão. Não havia apenas dor em seu rosto quando eu a

deixei, havia uma incompreensão absoluta. Ela não conseguia acreditar que sua amada irmã, que

sempre sorria, a beijava e a consolava, estava tentando lhe causar dor. Também não acreditava que

papai e tia Telomache tivessem lhe dito tantas mentiras.

Ela te amava, eu pensei com raiva. Você realmente a enganou e ela gostava mesmo de você. Até o

último minuto, quando arrancou todo o amor que havia dentro dela.

Dessa vez não chorei, mas o sentimento gelado que se apoderou de mim foi ainda pior. Senti

vontade de arrancar minha pele. Senti vontade de quebrar a estatueta em mil pedaços. Senti

vontade de socar as paredes e de começar a uivar. Mas isso significaria que eu estava perdendo o

controle, e eu já não tinha visto para onde isso levava? Então, continuei ali, sentada quieta e tensa,

engolindo a tristeza, a fúria e a vergonha, até que a apatia finalmente voltasse.

Apertei os dentes, fui até o armário e encontrei o mais decotado dos vestidos, um modelo

esvoaçante de seda, azul-marinho. Eu tinha quebrado o coração da minha irmã. Jamais a veria de

novo, portanto não poderia implorar por seu perdão. Tinha deixado o ódio apodrecer dentro de

mim por tanto tempo, que eu achava que nunca poderia aprender a amá-la de verdade. Mas podia

me certificar de que ela viveria livre do Lorde Gentil, sem precisar temer os demônios, tendo o sol

verdadeiro iluminando sua vida.

## APÍTULO 5

O JANTAR FOI SERVIDO num salão enorme de pedra azul.

Havia uma fileira de colunas de cada lado; à esquerda, a parede por trás das colunas era áspera e

inacabada, mas, à direita, havia um grande vitral. Não havia desenhos nele, apenas um

redemoinho confuso de painéis coloridos que lançavam um arco-íris de brilhos sobre a toalha

branca que cobria a mesa. No final do hall, um arco grande e vazio dava para o céu a oeste, onde

havia um sol se pondo. Embora o horizonte estivesse muito longe, o céu parecia estar

estranhamente próximo; suas manchas eram maiores e a superfície mais translúcida, brilhando

com cores em tons de vermelho e dourado.

Em meio à glória daquele céu, havia um ponto escuro. Ele cresceu rapidamente, até que eu vi

que se tratava de um grande pássaro negro, tão grande quanto um cavalo. Lentamente foi se

aproximando do arco, o corpo derretendo-se e transformando-se num homem.

Não, não em um homem: no Lorde Gentil. Ele aterrissou com um movimento súbito e

barulhento e veio chegando, botas fazendo ruído no chão de pedra, as asas derretendo-se e

transformando-se nas linhas de seu casaco longo e escuro. Por um breve instante, ele pareceu

humano e eu o achei muito bonito. Daí se aproximou o suficiente para que eu visse suas pupilas

vermelhas como as de um gato e senti arrepios de horror com tamanha monstruosidade.

– Boa noite – Ele parou do lado oposto da mesa, uma mão em cima de sua cadeira. – Gostou

de sua nova morada?

Sorri e inclinei-me para a frente, meus cotovelos em cima da mesa e meus braços

posicionados de modo que meus seios ficassem mais aparentes.

– Adorei.

Ele deu um sorriso meio torto, como se estivesse segurando uma gargalhada.

– Há quanto tempo você vem treinando suas mentiras?

Não pare de sorrir, eu disse a mim mesma, mas meu rosto ficou vermelho e eu percebi como

devia estar parecendo infantil.

– E por acaso foi sua tia quem a instruiu? Porque, aqui entre nós, tenho certeza de que até um

gato solitário resistiria ao charme dela.

O pior é que tinha sido aquilo mesmo – mas ele não precisava ser indelicado daquele jeito.

Até parece que eu tinha alguma coisa a ver com tia Telomache. Até parece que ele tinha o direito

de criticá-la.

Ele disse qualquer coisa a mais, mas não prestei atenção. Estava olhando para meu prato

vazio, respirando bem devagar e tentando não sentir nada. Não podia perder a cabeça de novo.

Não aqui, nem agora.

Era como se formigas rastejassem sob minha pele, como se moscas zumbissem em meus

ouvidos, como se uma corrente de água gelada tentasse me arrastar. Eu tinha feito uma lista dessas

similaridades na cabeça porque, de vez em quando, se eu analisasse bem tais sensações, elas iriam

embora.

A respiração dele pinicou meu pescoço e eu estremei. Agora ele estava ao meu lado,

inclinando-se em minha direção e dizendo:

– Estou curioso. Que outros conselhos sua tia lhe deu?

De repente, os planos cuidadosamente feitos já não significavam mais nada. Arrebatei meu

garfo e tentei atingi-lo.

Ele agarrou meu pulso bem a tempo.

– Isso é um pouco diferente.

– Eu sinto muito... – comecei automaticamente, então olhei dentro de seus olhos vermelhos.

Ele já tinha matado mais pessoas do que se podia contar, inclusive minha mãe. Tinha

governado meu país como um tirano durante 900 anos, usando seus demônios para manter as

pessoas sob um regime de pavor. E tinha destruído minha vida. Por que eu deveria sentir?

Apanhei o prato e o joguei em seu rosto, então agarrei a faca e tentei atingi-lo com a mão

esquerda. Fui quase bem-sucedida dessa vez, mas então ele segurou minha mão direita e a torceu.

Uma dor insuportável pareceu queimar todo meu braço e nós dois caímos no chão. Claro que ele

ficou por cima de mim.

– Sem dúvida nenhuma, bem diferente. – Ele não parecia nem um pouco ofegante, enquanto

eu fazia força para respirar. – Você até merece ser minha esposa. – Ele se sentou.

– Eu reparei... Embora saiba que isso não foi nenhum elogio da sua parte. – Dei um jeito de

me esquivar dele. Meu coração ainda estava disparado, mas ele não parecia ter a intenção de me

castigar.

– Eu sou um demônio mau. Claro que não lhe fiz nenhum elogio, mas realmente aprecio

uma esposa com um pouco de maldade no coração. – Ele cutucou minha testa. – Se não se sentar

logo, vou usá-la de novo como travesseiro.

Fiz o que me foi ordenado rapidamente. Ele sorriu.

– Excelente. Agora vamos começar. Sou seu marido e você pode me chamar de meu querido

lord...

Apertei os dentes.

– Ou Ignifex.

– É seu nome verdadeiro?

– Nem de longe. Agora trate de me ouvir com atenção, porque vou lhe ditar as regras. Regra

número um: todas as noites vou lhe oferecer uma chance de adivinhar meu nome.

Aquilo foi tão completamente inesperado que eu levei alguns instantes até compreender as

palavras. Então comecei a ficar tensa, achando que tais regras iriam terminar em ameaças ou em

zombaria. Mas Ignifex continuou, tão calmamente como se todos os maridos falassem aquilo.

– Se você acertar, terá sua liberdade. Se errar, morrerá.



Mesmo com a ameaça de morte, aquilo ainda parecia bom demais para ser qualquer coisa a

não ser um de seus truques.

– Por que está me oferecendo essa chance?

– Sou o Lorde dos Acordos. Considere essa chance como um deles. Regra número dois: quase

todas as portas desta casa estão trancadas. – Ele abriu o casaco, e dessa vez pude ver cintos escuros

de couro afivelados em seu peito, cada um exibindo uma fileira de chaves. Ele tirou uma prateada

de perto do coração e a entregou a mim. – Essa chave vai abrir todas as portas que você tem

permissão para entrar. Não tente entrar em nenhuma outra ou vai se arrepender amargamente...

embora não por muito tempo.

– Foi o que aconteceu às suas outras oito esposas?

– A algumas. Elas adivinharam o nome errado. E outra caiu da escadaria de aço, mas era uma

moça notavelmente desajeitada.

Fechei minha mão em volta da chave. As pontas frias machucaram minha palma, uma

pequena e aguda promessa. Eu podia ter falhado em seduzir meu marido, mas ele havia sido tolo

o suficiente para me dar um pouco de liberdade, e eu faria de tudo para que ele se arrependesse

daquilo amargamente.

– Enquanto isso, que tal começarmos a comer? – Ele levantou-se e me estendeu a mão.

Ignorei-o e me levantei sozinha. O aroma delicioso de carne assada me atingiu em cheio:

durante nossa briga, um enorme porco ao forno tinha aparecido à mesa, os pés em direção ao teto.

Ao lado, havia uma terrina com sopa de tartaruga e por toda parte havia pratos de arroz, frutas,

codornas recheadas e travessas de doces.

– Mas como... – eu arquejei.

Ignifex sentou-se.

– Se você começar a querer saber como as coisas funcionam nessa casa, vai acabar ficando

maluca. Acho que até seria engraçado. Principalmente se for o tipo de loucura que a faça correr

sem roupa pelos corredores. Sinta-se à vontade para fazê-lo, quando quiser.

Apertei meus dentes e sentei-me à mesa. Por mais chocante que fosse, sua conversa era

curiosamente reconfortante; ao menos, enquanto estivesse falando aquele monte de bobagens, ele

não estaria fazendo nada contra mim.

Seja lá que mãos invisíveis tivessem servido a comida na mesa, tinham também colocado

meu prato, o garfo e a faca de volta e enchido minha taça de vinho. Apanhei-a e a girei nas mãos,

olhando para o líquido escuro. O pensamento de comer ou beber qualquer coisa aqui me encheu

de horror. Perséfone tinha provado a comida do submundo apenas uma vez e jamais pudera sair

de lá. Mas então, de qualquer maneira, eu também nunca mais iria sair daqui.

– Não há sangue nem veneno nesse vinho. – Ele deu um largo sorriso; aparentemente seu

divertimento com meus medos era infindável. – Posso ser um demônio, mas não sou Tântalo,

nem Mitrídates.

– Que pena – murmurei e tomei um gole de vinho. Se ele fosse Mitrídates, até que não seria

nada mal. Pelo menos eu teria uma morte rápida ou algum privilégio inútil. Dizia a lenda que o

antigo rei tinha colocado um pouco de veneno em sua própria comida todos os dias, até que

pudesse suportar qualquer veneno do mundo. Tentei imaginar se poderia envenenar Ignifex; mas

que tipo de veneno existente na Terra poderia destruir um demônio?

– Pelo menos alegre-se que eu não seja Tântalo. – Ele lambeu sua faca e não pude deixar de

ter um espasmo. Apenas estudiosos haviam lido sobre Mitrídates, mas todo mundo conhecia a

história de Tântalo, o rei que havia pensado em homenagear os deuses servindo-lhes seu filho

massacrado. Seu castigo havia sido uma eternidade de fome e de sede, atormentado por frutas que

estavam sempre fora de seu alcance e água que escapava quando ele tentava bebê-la.

– Livrar-me desses horrores não é um favor especial do qual deveria se orgulhar, senhor meu

marido. – Cruzei meus braços. – Ou será que espera que eu me apaixone porque ainda não

começou com seus tormentos?

Assim que as palavras saíram da minha boca, percebi que eram verdadeiras. Eu era a noiva

do Lorde Gentil há 12 horas e até então ele quase não me atormentara. E isso não fazia com que

sentisse gratidão; ao contrário, eu estava perturbada. O que será que ele estava planejando?

– Bem, eu gostaria de poder jantar sem que você tente me ferir com seu garfo – disse ele.

– Talvez devesse aprender a conviver com o desapontamento.

Era provável que ele estivesse planejando me destruir com suspense. Mas eu vinha

esperando que ele me destruísse durante minha vida toda; ele podia me insultar o quanto

quisesse, que não iria me incomodar. Apanhei a travessa de codorna recheada. Depois que ele

mencionara Tântalo, não estava com muito apetite por carne, mas não quis que ele percebesse.

Comemos em silêncio. Não estava com muita fome e não vi motivo para fingir, então

coloquei meu garfo no prato e disse:

– Será que pode me dar licença?

– Você não precisa da minha permissão para sair da mesa. Não é uma criança.

– Não, sou apenas sua prisioneira. – Levantei-me. – Vou para a cama. – E então meu coração

disparou de novo; como tinha me esquecido, mesmo que por um instante? Eu era sua esposa e

aquela era nossa noite de núpcias. Mesmo que ele não estivesse me maltratando, certamente iria

querer fazer valer seus direitos de marido.

Ele estava sendo um pouco menos cruel do que eu tinha esperado, mas ainda assim era uma

coisa desumana, sem coração, que estava me mantendo prisioneira, que tinha matado minha mãe

e oprimido meu mundo todo. O simples pensamento de deixar com que possuísse meu corpo era

revoltante. Mas eu não tinha escolha.

Lembrei-me de papai quando falava: "O dever é amargo de se comer, mas doce de se beber".

E eu desejei que ele estivesse aqui para que pudesse cuspir em seu rosto.

Observei Ignifex com olhar firme enquanto ele se levantava e vinha em minha direção.

Talvez não esperasse chegar à cama; talvez fosse me possuir aqui e agora. Pelo menos a coisa seria

feita logo e estaria resolvida – mas então minha mente traiçoeiramente acrescentou: Até a próxima

noite, e a próxima, e a próxima...

– Nyx Triskelion. – Ele pegou minha mão direita. – Você gostaria de adivinhar meu nome?

Levei um instante para me lembrar do que ele havia dito antes, e outro para fazer minha voz

funcionar.

– Claro que não.

– Então até amanhã. – Ele levantou minha mão e a beijou, então largou-a e se afastou de

mim, caminhando em direção à porta. – Tenha bons sonhos.

– Mas... – comecei, e odiei minha voz hesitante. O alívio não devia soar como medo.

– O quê? – Ele já tinha dado um passo além da porta, mas virou-se e recostou-se no batente,

uma mecha de cabelo caindo-lhe nos olhos. – Já está desapontada com seu casamento?

Engoli em seco.

– Bem, acho que estava esperando um pouco mais de encanto em nossa noite de núpcias.

– Sou seu marido. Posso esperar quanto quiser e ainda a terei toda para mim.

As camisolas no meu armário eram transparentes e rendadas, feitas de modo a colar no corpo,

e se abriam em fendas inesperadas. Vasculhei entre elas até achar uma de seda vermelha, bem

macia. Não tinha botões, apenas uma abertura, mas ao menos não era transparente. Daí fiquei

andando de um lado para o outro, sem vesti-la. Ignifex tinha deixado claro que não pretendia vir

ao meu quarto, mas aquela era nossa noite de núpcias. O que mais ele iria fazer?

Então, novamente, ele não era humano. Quem poderia dizer o que ele pensava do

casamento?

Minha cabeça estalou quando percebi um movimento: era Escuridão, deslizando sua sombra

pela parede branca e prateada do quarto. Meu corpo todo ficou alerta de tanta tensão; até aquele

momento, eu não percebera o quanto tinha começado a acreditar que iria ser poupada.

– O senhor meu marido vai precisar de mim novamente com tanta rapidez? – eu perguntei.

Escuridão vacilou por um instante, então parou.

– Ou será que você veio até aqui a fim de me preparar para ele? – Cruzei os braços para

disfarçar minhas mãos trêmulas. – Porque o que está vendo agora é tudo que o seu mestre vai

conseguir. – Ignifex podia me atacar quando quisesse, mas, até então, eu me recusava a me

submeter.

Escuridão afastou-se da parede.

No primeiro instante, ele era apenas uma nuvem escura que sugeria uma forma humana.

Então, borrões de escuridão transformaram-se em dedos e fiapos, em cabelos; tais borrões

iluminaram-se e tomaram forma sólida. No momento em que se aproximou de minha cama,

parecia quase um homem normal, vivo, respirando, de carne e osso. Quase: porque ainda era feito



de vários tons de cinza. Seu casaco esfarrapado era da cor de ardósia, a pele branca como leite, os

cabelos grisalhos. Apenas os olhos eram coloridos, de um azul profundo como eu nunca tinha

visto antes, as pupilas redondas e humanas.

O rosto tinha o mesmo formato do de Ignifex. Mas, sem os olhos vermelhos de gato, sem

qualquer sinal de arrogância ou zombaria nos traços de seu rosto ou em sua pose, levei alguns

instantes até perceber a semelhança.

– Você... – Agora eu abraçava meu corpo. – Como você...

Ele fez um gesto em direção ao relógio da parede.

– Porque é de noite?

Ele fez que sim com a cabeça, apontou para a porta e estendeu a mão. O convite era claro.

Era esperado que um demônio tivesse uma sombra viva. Era até possível que tal sombra

tomasse uma forma humana à noite. Mas os olhos de Escuridão eram humanos – e azuis, como o

céu verdadeiro sobre o qual eu somente havia lido. Por um instante de insanidade, quis acreditar

naqueles olhos. Fiz menção de pegar sua mão.

Então me lembrei de onde estava e de quem era aquele rosto.

– Então você pode tomar a aparência de seu mestre – disse eu. – Isso significa que é outra

parte dele. – Deixei cair minhas mãos que tremiam ao longo do corpo e me endireitei da melhor

forma possível. – Se por acaso veio me violentar, vai ter de fazê-lo aqui e agora, meu senhor. Não

vou segui-lo a lugar nenhum.

Ele apertou a boca. Então deu um passo à frente; no momento em que tentei me afastar, caiu

de joelhos diante de mim, numa profunda reverência. Beijou meus pés e encostou as mãos em

meus joelhos; a antiga postura de súplica.

Então olhou para mim, os olhos azuis arregalados e desesperados.

Um dia, quando era pequena, pressionei meu ouvido contra o relógio de parede do meu avô

na sala de estar, quando bateu meio-dia. O repique não ecoou apenas na minha cabeça; ecoou por

meu corpo todo, dos ossos dos braços ao ar nos meus pulmões, até que eu não fosse mais nada

além de uma clara vibração.

Sentia a mesma coisa agora. Por um curto espaço de tempo, não consegui me mover, nem

respirar. Só podia olhar para seu rosto pálido, seus lábios semiabertos e ecoar o pensamento

repetidamente: Ele está me implorando.

Lembrei-me de Ignifex, de sua arrogância e poder. Ele jamais me imploraria coisa alguma.

Nenhum demônio o faria, a menos que fosse ameaçado com o mais terrível dos destinos, mas eu

não tinha poderes para molestar Escuridão.

Seja lá o que fosse aquela criatura, não poderia ser uma parte de Ignifex. Não podia ser um

demônio. Era um prisioneiro como eu.

Apertei suas mãos. A pele era fria e seca, surpreendentemente sólida; pude sentir as dobras

de seus ossos e tendões por baixo dela.

Tratar um suplicante com desprezo era algo extremamente cruel; o ritual era tão antigo

quanto a hospitalidade e quase tão sagrado. Mas não foi por isso que eu fiz com que ele se

levantasse. Eu sabia o que devia fazer, é claro, mas já estava condenada o suficiente para temer a

ira dos deuses. Quando olhei dentro dos olhos de Escuridão, o que eu pensei foi: Se ele é um

prisioneiro, então pode ser um aliado.

O Lorde Gentil traído por sua própria sombra. Gostei daquele pensamento.

Ainda não confiava nele totalmente, mas segui-lo não era um ato de confiança. Era uma

aposta.

– Vamos, mostre-me. Estou aqui para morrer mesmo.

Um sorriso fantasmagórico surgiu em seu rosto pálido e seus dedos apertaram-se em volta

dos meus; novamente fiquei surpresa com o fato de sua pele parecer tão humana. Então ele largou

minha mão e afastou-se, seus pés descalços fazendo um ruído suave no chão. Uma tábua de

madeira estalou sob seus passos e eu estremeci por um instante. Então, o segui.

Afinal de contas, tinha lhe falado a verdade. Não estava aqui para sobreviver.

Ele me conduziu pelos corredores escuros da casa; alguns eram iluminados pela luz pálida do

lua que entrava através das janelas, já que a lua folheada a prata – tão falsa quanto o sol – brilhava

redonda e cheia no céu da noite. Algumas salas tinham lâmpadas herméticas ou tochas

crepitantes. Algumas não tinham luzes, nem janelas, ou – perturbadoramente – tinham janelas

que davam para a escuridão total. Nessas salas ele estalou os dedos e um pequeno ponto de luz

apareceu ao lado dele.

Voltamos ao salão de baile onde eu havia estado anteriormente.  
Reconheci-o pelas molduras

douradas da parede, porque, em meio à escuridão, não conseguia  
ver o teto – além disso, o chão

estava completamente mudado. Desaparecidos estavam os  
mosaicos, desaparecido estava o chão.

Em lugar dele, um mundo de água enchia a sala de ponta a ponta,  
um azul profundo com brilhos

dourados, pois, rodopiando sobre ela, havia pontinhos de luz.

– Que bonito – eu sussurrei.

Escuridão tomou minha mão de novo e conduziu-me para a frente.  
Eu o segui com dois

passos hesitantes, esperando que meus pés mergulhassem na água  
– mas em vez disso eles

tocaram algo frio, firme e suave, como se fosse vidro. Olhei para  
baixo: a água ondulava em volta

de nossos pés, mas sustentavam nosso peso. Então fomos andando  
para o meio de um lago escuro

e ficamos observando as luzes dançando à nossa volta como uma  
revoada de pássaros.

Entretanto, por mais bonito que fosse, não podia me perder naquele  
espetáculo.

– Você não se ajoelhou aos meus pés apenas para me mostrar um  
lugar bonito. – Olhei para

Escuridão. Ele desviou o rosto e ficou olhando para a água. – Aposto que você se arriscou ao me

trazer aqui. Por quê?

Ele virou-se para mim novamente, seu rosto pálido distante. De maneira rápida e firme,

apanhou uma das minhas mãos e a levou ao meu coração.

O ar ficou preso na minha garganta. Não havia barulho algum, exceto as batidas de meu

coração.

Ele tocou a mão que eu tinha sobre meu coração, então fez um gesto em direção à água à

nossa volta. Era um enigma e ele estava implorando para que eu o decifrasse. Se ao menos eu

pudesse pensar além daqueles olhos azuis e da minha pulsação soando na minha garganta...

E foi aí que eu percebi que não era minha pulsação: era a batida do coração de um trabalho

hermético. Eu tinha passado horas no laboratório de papai, tentando encontrar os quatro corações

de incontáveis trabalhos, até poder fazê-lo de olhos fechados. Mas aquilo era diferente. Os

trabalhos do papai tinham pulsações quase inaudíveis que martelavam rapidamente até

estalarem, como minúsculos mecanismos de um relógio. Era um lento ciclo de poder, como o

sangue circulando no meu corpo, a seiva dentro de uma árvore.

E então eu percebi.

Estremeci inteira. Deixei minha mão cair, olhando para ele.

– Esse é o Coração da Água.

Ele fez que sim com a cabeça.

O Coração da Água. Era o primeiro passo para derrotar o Lorde Gentil. Era a prova de que

estávamos certos, que ele podia ser derrotado.

E, desafiando seu mestre, Escuridão tinha me mostrado o caminho.

– Obrigada – sussurrei. Ele era um escravo de Ignifex, estava preso ao monstro de um modo

que eu não podia sequer imaginar e, ainda assim, estava me ajudando a lutar contra ele.

Ele estava me ajudando. Naquele castelo estranho e terrível, à mercê de meu marido

monstruoso, eu não estava mais sozinha.

– Obrigada – eu disse de novo e ele sorriu. Foi uma expressão suave, encantada, como se

nem ele mesmo acreditasse que tivesse a permissão de sorrir. Fez com que seu rosto se

transformasse em algo real e humano e sorri de volta. Aquela era a primeira vez em muitos anos

que sorria para alguém sem fingir, sem ter nenhum traço de ressentimento no meu coração.

Fora daquela sala, quando o dia raiasse, eu voltaria a ser a esposa cativa de um monstro. Eu

voltaria a mergulhar nos meus medos e ódios, Escuridão seria de um novo um fragmento sem cor

que não poderia mais me ajudar e Ignifex iria zombar da minha miséria. Mas aqui e agora,

Escuridão parecia ser o original e Ignifex, a cópia. Aqui e agora, eu me sentia como se fosse outra

garota, alguém que não tinha medo, alguém que nunca havia odiado, nem merecido ódio.

Alguém que até poderia ser perdoada se escolhesse seu próprio destino.

Lembrei-me do sorriso maldoso de Ignifex, juntamente com suas palavras cheias de

confiança: Posso esperar o quanto quiser e ainda a terei inteira para mim.

E eu pensei: Aqui está uma coisa que você nunca vai ter.

Ficando na ponta dos pés, beijei os lábios de Escuridão.

Foi apenas um toque do meu rosto contra o dele. Apesar da aula de tia Telomache, eu não

fazia ideia de como prolongar um beijo e seus lábios me surpreenderam, estranhos e frios como o



gelo. Mas então ele segurou meu queixo e me beijou gentilmente com a boca aberta. Embora seus

lábios ainda estivessem frios, sua respiração era quente; ao me beijar, respirei junto com ele, até

sentir que meu corpo era apenas um sopro de ar e nós dois fôssemos um só.

Quando o beijo acabou, eu não me afastei. Olhei para o vazio de sua garganta, o coração

disparado, e tive de fazer força para segurar a vontade de rir. Eu nunca havia sonhado que beijaria

alguém que não fosse meu marido monstruoso – o que seria uma tortura – e agora...

– Você precisa tomar cuidado – disse Escuridão.

Foi só aí que me afastei.

– Como...

Ele deu um sorriso débil.

– Porque você me beijou.

Quando ele disse a palavra beijou, meu corpo todo se contraiu. De súbito, não me senti mais

uma estranha, uma garota livre que podia ter o que quisesse. Eu me senti de novo como Nyx

Triskelion, que precisava guardar sua pureza (quando não a estava sacrificando) e pensar apenas

em salvar Arcádia. E tinha acabado de beijar um homem apaixonadamente – bem, possivelmente

ele não era um homem, mas certamente não era meu marido...

Eu tinha acabado de beijar alguém cujo sorriso tinha desaparecido, alguém que me olhava

agora com olhos tranquilos e não fazia o mínimo esforço para preencher o pouco espaço que havia

entre nossos corpos.

Já que eu não podia me afundar no chão, dei um passo para trás e tentei pensar em alguma

coisa.

– Você não é parte dele – disse, observando seu rosto. Ele me encarou de volta, sem reação. –

Não creio que você seja apenas alguma coisa que ele criou. – Uma mera coisa não seria capaz de me

beijar contra a vontade de seu mestre. – Você é alguém que ele amaldiçoou, não é?

Escuridão concordou com a cabeça e aquilo fez com que meu coração disparasse. Alguém que

havia sido amaldiçoado podia se libertar e alguém que podia se libertar podia pensar em...

Em que? Em me beijar de novo, antes que eu ficasse presa com o Lorde Gentil em seu castelo

em ruínas por toda a eternidade? Naquela altura, não importava se tivesse dado um ou uma

centena de beijos antes que minha condenação caísse sobre mim.

E, de qualquer modo, Escuridão não estava pensando naquilo. Estava feliz que agora podia

falar, se é que feliz fosse a palavra para alguém cujo rosto estava tão parado quanto a água a nossos

pés.

– Somos ambos prisioneiros dele, não somos? – disse. – Você já o traiu uma vez. Isso faz de

nós aliados, certo?

Eu ficaria feliz em tê-lo apenas como um aliado. Nunca havia esperado ter nem isso.

Ele abriu a boca como se fosse falar, então acabou mudando de ideia.

– Preciso obedecê-lo – ele acabou dizendo um momento depois. – Você não deve confiar em

mim totalmente.

Mas aquelas palavras fizeram com que a confiança nele aumentasse dentro de mim. Um

demônio, ou sua sombra, me falaria para ter confiança, não o contrário.

– Então vou confiar em você o quanto puder – disse eu. – O que pode me contar sobre ele? O

que ele lhe fez?

– Eu não posso... – Sua boca movimentou-se sem que nenhum som saísse dali, até que

colocou a mão sobre ela, a pele entre seus olhos agora muito trêmula.

– Você não pode falar sobre ele? Ou sobre você?

– Não posso contar nenhum dos segredos dele – acabou dizendo em voz baixa.

– O que você pode me contar?

Escuridão pareceu pensar com cuidado antes de responder:

– Você precisa encontrar os outros corações sozinha. E tome cuidado.

Tentei pensar numa pergunta útil que ele pudesse ser capaz de responder.

– Há alguma hora que seja mais segura para eu explorar a casa?

– Não. – Ele fez uma pausa. – Mas, à noite, ele não vai perceber o que você fizer. Ele fica no

quarto dele.

– Por quê? Por acaso ele tem medo da escuridão?

Eu tinha tentado fazer uma piada, mas Escuridão fez que sim com a cabeça, com ar sério.

– Como todos os outros monstros. Porque a escuridão faz com que ele se lembre de quem é

na verdade.

– É por isso que você se torna humano à noite? – perguntei. – Porque ele o transforma num

monstro durante o dia, mas à noite o lembra de quem realmente é?

Ele olhou para mim. É claro que não ia falar sobre sua natureza.

– Estou feliz – disse eu finalmente – por ter encontrado você. Sinto muito que ainda tenha de

usar o rosto dele. – Embora você faça com que esse rosto fique adorável, pensei, e senti vontade de me

afundar naqueles olhos novamente. Em vez disso, continuei: – Você sabe o que estou fazendo. Por

acaso ele também sabe?

Ele tentou responder, mas o poder do Lorde Gentil o impediu, fazendo sua boca se contorcer

e ficar dura, até que finalmente desistiu, tomou minha mão e olhou diretamente dentro dos meus

olhos.

– Você é nossa única esperança.

Eu já tinha ouvido aquelas palavras dos meus familiares mil vezes antes, mas dessa vez elas

me encheram de uma enorme esperança em vez de uma raiva desesperada. Pela primeira vez,

alguém de quem eu não me ressentia precisava de mim: alguém que não havia me escolhido para

sofrer, alguém que não tinha tido tudo que eu nunca tivera, mas que, em vez disso, arriscara a vida

por mim.

– Então vou salvá-lo – disse e sorri para ele, sem ter a intenção. – Se quiser que explore essa

casa sozinha, é melhor me levar de volta ao meu quarto, assim posso começar de lá.

Ele fez que sim com a cabeça e nós andamos juntos em silêncio. Ao chegarmos à porta do

meu quarto, eu finalmente lhe fiz a pergunta que estava na ponta da minha língua durante todo o

percurso.

– Quem é você?

Seus dentes brilharam num meio sorriso pesaroso que passou por seu rosto e foi embora no

espaço de uma batida de coração. Seus olhos diziam: Você acha que ele me deixaria contar?

– Apenas uma sombra – disse ele, e beijou minha mão.

Então, desapareceu em meio à escuridão.

## APÍTULO 6

A LUZ BRILHAVA através do cortinado da minha cama. Senti meu estômago

se contrair de fome. Apertei meus olhos arenosos e cansados e virei-me para o outro lado. O café

da manhã podia esperar. Nunca havia tempo suficiente para dormir nos últimos tempos, com o

casamento assim tão próximo; ficava estudando até tarde da noite, depois estava tão preocupada

que era difícil dormir, e logo Astraia estaria entrando aqui, reclamando que eu ainda não tinha

acordado, seu sorriso tão alegre que meus dentes iriam ranger de tanto ódio e...

Eu não estava em casa.

E havia destruído o sorriso de Astraia.

A vergonha fez com que eu despertasse de vez, sentindo-me aguda e fria como o medo.

Sentei-me, os dentes cerrados contra as lembranças. Se ao menos ela não tivesse me dado aquele

sorriso idiota... Como ela tivera coragem, quando sua própria irmã estava prestes a morrer? Se ao

menos ela tivesse ficado em silêncio por mais um instante...

Nenhum de nós jamais vai perdoar você.

Respirei fundo e saí da cama. A seda da camisola envolveu meu corpo enquanto caminhei

em direção ao armário, lembrando-me de que Escuridão estava certo. Ignifex devia mesmo ter

medo do escuro, porque me deixara em paz durante a noite toda. Enquanto me vestia com uma

simples blusa branca e saia cinza – muito mais confortável e discreta –, lembrei-me de Escuridão e

das luzes sobre o Coração da Água.

E do beijo.

Escondi meu rosto entre as rendas brancas da blusa e soltei um gemido. Como pudera fazer

uma coisa daquelas? Agora que era de manhã – agora que não estava mais cercada pela beleza

daquelas luzes e olhando para aqueles lindos e impossíveis olhos azuis –, o fato de tê-lo beijado

pareceu-me a coisa mais egoísta, devassa e tola do mundo.

Não estava preocupada em ser fiel ao meu marido, não quando ele era um demônio que

tinha me prendido à força. Mas mesmo depois de tão pouco tempo, preocupava-me muito sobre o

que Escuridão pudesse pensar de mim. E o que ele podia pensar, quando o tinha beijado de modo

tão vergonhoso? Como se tivesse o direito de tirar dele o que quisesse, sem nenhuma razão a não

ser meu próprio prazer.

Ele tinha me beijado de volta – era como se nós dois estivéssemos respirando juntos –, mas

não havia mostrado nenhum sinal de desejo depois disso. Talvez me beijar, como também ser



beijado, era algo necessário para que ele pudesse falar.

Eu podia conviver com tal fato. Era tola o suficiente para querer que ele me beijasse de novo,

que ele me tomasse nos braços e me fizesse sentir aquela garota destemida e sem culpa só mais

uma vez. Mas não era tola o suficiente para me apaixonar por ele.

Endireitei-me, larguei as rendas da blusa e fechei o armário. Seja lá o que tivesse pensado a

respeito daquele beijo, Escuridão quisera me ajudar. Eu tinha um aliado naquela casa de

pesadelos – e, graças a ele, sabia o que fazer para derrotar meu horrendo marido. Ignifex podia ser

capaz de me observar durante o dia, mas não poderia fazer objeção ao uso da chave que ele próprio

tinha me dado. Eu poderia explorar a casa durante o dia e tentar decifrar seus enigmas quando ele

estivesse confinado ao seu quarto à noite.

Mas primeiro, pensei, precisava tomar o café da manhã. Com cuidado, abri a porta do meu

quarto e espiei lá fora. Vi o mesmo corredor da noite anterior: paredes brancas com lambris de

cerejeira, assoalho de tacos, janelas estreitas com cortinas de renda branca. E dos dois lados, portas

de todas as cores e tamanhos. O ar ainda estava frio, mas não havia aquele som estranho e maldoso

que sugeria uma risada da noite passada.

Escuridão não estava em parte alguma. Também não havia nem sinal de uma sombra à

espreita que podia esconder um demônio.

Fui andando com calma, esperando encontrar o caminho até a sala de jantar. Se a comida

havia aparecido em cima da mesa como mágica, a mesma coisa poderia acontecer com o café da

manhã, e pelo que me lembrava, a sala de jantar ficava perto do meu quarto, a apenas quatro

portas – ou seriam três?

A terceira porta estava trancada e a chave não abriu. A mesma coisa aconteceu com a quarta.

Quando não consegui abrir nem a quinta, chutei-a de tanta frustração e gritei:

– Escuridão!

O ar estremeceu – ou será que foi minha imaginação? Virei-me depressa, mas nenhuma

sombra se moveu no corredor.

Eu estava sozinha.

De súbito, aquele corredor pareceu uma caverna enorme. Como poderia saber, pensei

apavorada, se algum dia iria voltar a ver um dos dois? Ignifex não era humano e Escuridão era seu

escravo. Talvez ele tivesse planejado tudo isso, jantado comigo uma vez, depois me abandonado

para morrer de fome no interminável labirinto de salas daquele castelo maldito. Talvez eu

encontrasse comida, mas nunca mais o veria, até que os anos fossem se passando e eu ficasse

velha, fraca e enrugada; aí ele iria rir e eu nunca seria capaz de derrotá-lo, apenas amaldiçoá-lo

com a boca sem dentes e então morrer.

Com grande esforço, respirei fundo. Aí esmurrei a porta com força, tremendo de tanta raiva.

Sua tola, disse a mim mesma. Você é Nyx Triskelion. Vingadora de sua mãe. Esperança do povo de

Arcádia e dos Resurgandis. A única chance que sua irmã jamais terá de ver o céu verdadeiro. Você não

pode desistir até que haja apenas um sopro de vida em seu corpo.

Se Astraia estivesse aqui, ela cairia na risada e proporia um jogo de adivinhação para

encontrar seu caminho pela casa. Se fosse ali abandonada durante anos, daria um jeito de revirar

sua cama até encontrar algum objeto de metal, para em seguida afiá-lo e transformá-lo numa faca.

Então, quando seus cabelos estivessem grisalhos e sua pele toda enrugada e Ignifex aparecesse

para zombar dela, iria esfaqueá-lo e rir a valer enquanto o sangue esguichasse de seu peito.

Minha irmã podia não ter muito bom senso, mas tinha uma coisa de sobra: atitude.

Certamente não iria desistir por causa de algumas poucas portas fechadas.

Continuei a tentar. Dez portas estavam trancadas; cinco abriram com minha chave, mas não

levaram a nenhum lugar que me fosse útil. Então abri outra, de madeira marrom, e aí um

delicioso e aconchegante aroma invadiu todo o meu ser. Estava na entrada de uma cozinha com

crisântemos pintados na beirada das paredes e grandes janelas cujas cortinas de renda brilhavam

com o sol da manhã. Era como se as cozinheiras tivessem acabado de desaparecer, porque uma

panela de mingau de aveia borbulhava no fogão ao lado de outra contendo salsichas, cogumelos e

alcaparras, enquanto em cima da mesa havia uma cesta de pães recém-assados, um prato de

azeitonas e outro de doces. Dei um passo à frente, minha boca se enchendo de água. Em segundos

estava devorando a comida – talvez tivesse sido minha fome, ou talvez o medo –, mas foi o melhor

café da manhã de toda minha vida. Certamente o melhor que tinha tomado em muitos anos,

porque nossa cozinheira servia salsichas queimadas e cogumelos quase crus. Mas não podia haver

nenhuma reclamação porque a própria tia Telomache a tinha contratado, então, a cada manhã,

mastigava aquela porcaria em silêncio, enquanto Astraia sorria e agradecia à cozinheira e

corajosamente dizia o quanto as salsichas estavam gostosas e os cogumelos maravilhosamente

macios e...

De súbito, a comida formou um bolo no meu estômago; as azeitonas remanescentes no meu

prato pareciam repugnantes. Engoli em seco, tentando não imaginar Astraia tomando seu café da

manhã agora. Tinha de parar de pensar nela. De que adiantava me lembrar de seu sorriso, do

barulho dos pratos, do jeito como mastigava as salsichas? Puxei as cortinas, desesperada por uma

distração.

Um céu puro me olhou de volta. Não havia nem sinal de nuvens, nenhum sol, nenhuma

terra nem horizonte. Nenhum nada, apenas um pergaminho em branco, como a primeira página

de um livro vazio.

Não havia jeito de escapar. Jamais. Porque o Verso Rimado era mentira. Não havia jeito

algun de matar o Lorde Gentil e fugir; tudo que eu podia fazer era com que o castelo desabasse

sobre ele. Se os deuses me sorrissem, se atendessem as súplicas que lhes eram dirigidas aos gritos

há 900 anos, eu libertaria Arcádia. Mas estaria presa dentro do castelo, incapaz de correr, o céu de

pergaminho a me confortar e meu marido monstruoso e seus demônios a me atormentar para todo

o sempre.

Levei a mão à boca e respirei fundo lentamente. Sempre soubera qual era meu destino.

Sempre, sempre soubera. Era bobagem e inútil ficar remoendo aquilo agora.

Jamais veria minha irmã de novo. Jamais escaparia do meu destino. Tinha uma missão a

realizar apesar de tudo e estava na hora de começar.

Olhei em volta da cozinha uma última vez antes de ir embora e foi aí que reparei numa porta

ao lado do fogão. Ela mal chegava ao meu quadril; quando me abaixei para espiar lá dentro, vi um

túnel baixo feito de pedra. Fazia uma curva à direita, de modo que não dava para ver onde

terminava, mas uma luz difusa brilhava do outro lado.

Soprava uma brisa vinda dessa portinha, acariciando meu rosto. Inalei o aroma morno do

verão, da grama, de poeira e de flores; o aroma da liberdade, de espaços abertos.

Podia ser uma armadilha, é claro, mas se aquele castelo quisesse me matar, eu já estaria na

armadilha de qualquer jeito. Agachei-me e fui engatinhando para dentro do túnel. Sabia que

poderia estar indo para a morte, mas não senti mais medo. Assim que cheguei à curva, fui parar

numa sala redonda e pude me levantar.

Será que aquilo podia ser chamado de sala? Não havia nem teto; lembrava mais o fundo de

um poço muito grande. A parede de pedra ao meu redor subia, subia e subia, terminando num

círculo perfeito de céu em tons de creme. Embora a luz da cozinha tivesse parecido ser luz da

manhã, aqui o sol brilhava sobre minha cabeça, despejando torrentes de raios mornos e gostosos

em meus ombros.

Não havia mobília nem qualquer tipo de decoração – exceto a parede do lado oposto que

tinha um pequeno nicho, no qual havia a estátua de bronze de um pássaro, esverdeada de tão

velha. Achei que podia ser um pardal, mas estava tão corroída pelo tempo que não dava para saber

ao certo.

Tentei imaginar se podia ser a estátua de um deus.

Nesta sala – como no primeiro corredor – o ar tinha o cheiro do verão. Mas não havia sons

que podiam ser de risadas pairando pelo ar, nenhuma sensação de que havia alguma coisa

sutilmente errada com o local, nenhum olho invisível me observando. Havia apenas a calma

aconchegante e cheia de paz que existia entre um sopro de brisa do verão e o seguinte. Um fio de

água corria pela parede à minha esquerda e fazia uma poça diante do nicho. Respirei fundo e meus

pulmões se encheram com o aroma mineral da água sobre a pedra quente.

Sem pensar duas vezes, sentei-me e recostei-me contra a parede. Não era uma superfície

macia; as pedras formavam ondas desiguais atrás das minhas costas. Mesmo assim a tensão

pareceu ir embora do meu corpo. Olhei para o pardal de bronze e não caí no sono totalmente, mas

quase sonhei; minha mente estava cheia de brisas de verão, o perfume quente e molhado da terra

depois de uma chuva de verão, a alegria de correr sem sapatos na grama úmida e encontrar uma

porção de morangos escondidos no emaranhado de um arbusto.



Finalmente, sentei-me de novo. Embora tivesse encostado as costas na pedra, não sentia dor,

tampouco desconforto. Ao contrário, sentia-me descansada como se tivesse dormido por uma

semana.

Olhei de novo para o pardal. O lugar não se parecia em nada com os santuários que

enfeitavam as casas que eu já tinha visto – como na verdade também nunca tinha visto um deus

sem um rosto humano –, mas, ao olhar para a estátua corroída pelo tempo, senti a mesma sensação

de reconhecimento que o som de uma voz, o barulho do vento ou a luz do sol batendo num novelo

de lã traziam à mente como um sonho esquecido. Não conseguia dar um nome ao pardal, mas tive

a certeza de que se tratava de um deus e que aquela sala era sagrada.

Lembrei-me de quando estava ajoelhada, a cabeça coberta por um véu, recitando meus votos

de casamento para uma estátua. Havia sido exatamente no dia anterior, mas para mim era como se

aquilo tivesse acontecido há cem anos. Meus votos, porém, ainda estavam muito claros na minha

cabeça. Se aquele fosse um deus, o deus do castelo e do lar de Ignifex, passaria agora a ser meu

também.

Escuridão morava naquele castelo e queria destruí-lo. Será que aquele deus também iria me

ajudar na minha missão?

De qualquer modo, ele tinha me mostrado gentileza e eu não podia deixar de agradecer a um

deus que tinha me abençoado.

Voltei à cozinha e vasculhei as prateleiras. Não tinha ideia de onde encontrar incenso e, de

um modo ou de outro, não parecia algo apropriado para aquele deus. Em vez disso, achei outra

fornada de pães quentinhos, a casca dourada ainda brilhante e crocante. Parti dois pedaços,

coloquei-os no meu bolso e voltei a engatinhar em direção à sala secreta. Ali parti o pão em

migalhas e espalhei-as no chão diante do pardal.

Todo deus das casas possuía suas orações tradicionais. Eu não fazia ideia de qual seria a

oração desse deus em questão, mas qualquer cerimônia parecia tão errada quanto o incenso.

Então, simplesmente me curvei e sussurrei:

– Obrigada.

E aí fui embora. Porque tinha um castelo para explorar, um marido para derrotar e nenhum

tempo a perder.

Passei por mais cinco portas que minha chave não conseguiu abrir, então subi uma escada

estreita feita de madeira esculpida com rosas que estalava a cada degrau. Ali em cima havia um

corredor com um grosso tapete verde. Três das portas no corredor abriram-se, mas, embora eu

tivesse ficado em cada sala com os olhos fechados por mais ou menos um minuto, não consegui

sentir nenhum traço de algum poder hermético.

Devia marcar meu caminho, pensei enquanto enfiava a chave na fechadura da última porta

antes que o corredor virasse à direita.

Uma lufada de ar de outono soprou pelo corredor, balançando minha saia e levantando meus

cabelos. Virei-me rapidamente, sentindo cheiro de madeira queimada.

Atrás de mim havia uma parede de madeira, onde se via um espelho enorme, sua moldura de

bronze exibindo inúmeras ninfas e sátiros brincando entre videiras. Meu rosto encarou-me de

volta, tenso e com olhos arregalados.

O castelo muda, eu pensei, entorpecidamente. Tem vontade própria e muda a seu bel-prazer.

Talvez o andar de cima fosse desabar na minha cabeça, ou o teto mergulhasse sobre mim e me

esmagasse – ou talvez o castelo simplesmente me prendesse num quarto sem porta para que

morresse aos berros, enquanto os demônios surgiriam borbulhantes de cada rachadura entre as

tábuas...

Ou talvez o castelo fosse outra demonstração do poder de Ignifex e agora mesmo ele estivesse

rindo ao observar meu pânico. Por isso eu não podia demonstrar medo. Respirei fundo, então,

mais uma vez. Se Ignifex me quisesse morta agora mesmo, eu não estaria respirando. Claramente

ele tinha a intenção de brincar comigo, e aquilo significava que eu tinha uma chance de vencer.

Se eu considerasse aquele castelo como um labirinto, não teria esperanças. Eu ainda me

perdia nos labirintos de cerca viva do papai, de modo que jamais conseguiria decifrar aquele.

Mas se o considerasse um enigma... A casa era um trabalho hermético. E eu tinha sido

treinada para dominá-lo durante toda minha vida.

Há um antigo ditado hermético que diz: "A água nasce da morte do ar; a terra, da morte da

água; o fogo, da morte da terra; o ar, da morte do fogo". Em sua eterna dança, os elementos são

subjugados e originam-se um do outro nessa ordem, e todo trabalho hermético deve segui-la.

Talvez eu tenha de deslindar o segredo dessa casa nessa ordem também.

Não havia nenhum material para escrever. Mas tracei o segredo hermético de evocação à terra

na parede atrás de mim repetidas vezes, até que pudesse sentir as linhas invisíveis vislumbrando

a possibilidade. Em seguida, coloquei minha mão contra o segredo fantasma e pensei na terra:

espessa, barro perfumado atrás da casa, onde eu e Astraia, uma vez, cavamos com nossas mãos um

buraco para plantar mudas de rosas roubadas. Um pó cinza e fino do vento de verão soprado para

a minha boca, rangendo contra meus dentes. A coleção de pedras de papai: malaquita, rodonita e

um pedaço de uma simples pedra calcária, com o esqueleto de um curioso pássaro com garras em

suas asas.

À minha esquerda, senti um reflexo como resposta.

Entrei na ramificação à esquerda do primeiro corredor, embora fosse estreito e escavado em

pedra úmida. Havia apenas três portas, nenhuma delas se abria e, então, o corredor terminou.

Tentei o segredo novamente.

Agora, o reflexo estava atrás de mim.

Então, voltei-me e andei em círculo. Procurei o dia inteiro o Coração da Terra, mas não

cheguei nem perto dele. Os corredores sempre se misturavam e me enganavam, até considerei que

era minha própria imaginação que me traía, fazendo-me pensar que havia pressentido algo.

Por fim, escolhi um rumo e segui através de três corredores e três portas – até chegar a uma

porta de madeira vermelho-escura, e minha chave ficou presa na fechadura. Com um breve grito,

puxei a chave para fora. Os veios polidos e avermelhados da madeira pareciam estar sorrindo para

mim.

A frustração me fez engasgar como se uma pedra tivesse sido forçada por minha garganta. Os

ossos de minha mão agitavam-se com a necessidade de bater em alguma coisa. Mas não sabia o

que odiava mais: a porta sorridente ou a minha própria figura estúpida. Com um gemido, encostei

minha cabeça na porta.

Alguma coisa estalou das profundezas da madeira e a porta abriu-se de repente. Entrei aos

tropeços numa sala pequena e quadrada, feita de pedra escura. Estava completamente vazia,

exceto por uma pequena lâmpada hermética perto da porta e um espelho na parede oposta.

No meio do espelho havia um buraco de fechadura, mas minha chave não entrou nem até a

metade, muito menos abriu coisa alguma. Tracei um diagrama hermético para enfraquecer

ligações, mas também não foi de nenhuma ajuda – claro, já que não passava de uma técnica

insignificante que eu tinha aprendido sozinha quando tentava evitar os estudos que papai me

preparava. Ele nunca estivera interessado em me ensinar qualquer coisa além dos segredos e dos

diagramas necessários para sua estratégia. Talvez tivesse ficado com medo de que eu fosse usar o

conhecimento para fugir. Mais provável, ele não devia ter achado que era algo importante. Fiz

uma careta, pronta para me virar e ir embora.

Meu rosto desapareceu do espelho.

Um instante depois, o reflexo da sala à minha volta também tinha sumido. Em seu lugar –

ligeiramente borrado, como se alguém tivesse respirado perto do vidro, mas ainda assim bem

reconhecível –, vi Astraia sentada à mesa com papai e tia Telomache. Uma fita preta em forma de

laço tinha sido amarrada em volta do encosto da minha cadeira habitual – aparentemente o jeito

correto de mostrar que a filha tinha sido vendida ao demônio –, mas Astraia estava rindo.

Rindo.

Como se nunca tivesse chorado, como se eu nunca tivesse sido cruel com ela. Como se papai

e tia Telomache nunca tivessem lhe mentido e lhe dado falsas esperanças. Como se eu nunca

tivesse sequer existido.

Senti como se alguém tivesse aberto um buraco em meu peito e o enchido com gelo. Nem

percebi que estava me movendo até que minhas mãos agarraram a moldura do espelho e meu

nariz ficou a um palmo dele.

Papai balançou a cabeça e estendeu o braço para apertar a mão de Astraia. Tia Telomache

sorriu, seu rosto transformando-se em algo quase gentil. Astraia contorceu-se em sua cadeira, o

centro do mundo.



– Você! – eu quase cuspi a palavra. – Por que não podia ter sido você?

Então saí correndo da sala.

## APÍTULO 7

FINALMENTE, parei no salão de baile que se transformava no Coração da Água

à noite. Meu corpo estava dolorido de ter corrido tanto e o suor formigava por meu rosto. Sentei-

me pesadamente numa cadeira, recostei-me contra a parede dourada e olhei para o teto. Em cima

de minha cabeça, Apolo olhava para Dafne, que parecia fugir dele em absoluto terror. Os gritos

silenciosos de Perséfone pareciam muito genuínos enquanto Hades a arrastava para o submundo.

Mas ao menos ela tinha uma mãe que não descansava enquanto não a salvasse.

Com um suspiro, pressionei minhas duas mãos contra o rosto. Sentia uma dor aborrecida e

latejante atrás dos meus olhos, e meus pés e tornozelos também estavam doloridos. Então me

ocorreu que eu não andava tanto há muito, muito tempo. Talvez papai devesse ter me treinado em

exercícios físicos e subidas pelas colinas tanto quanto nos desenhos dos segredos herméticos.

Talvez não devesse ter passado tanto tempo preocupada em esconder meu ódio por Astraia,

quando claramente ela estava pouco ligando para mim.

Não. Não. Eu devia estar feliz porque falhara em magoar o coração da minha irmã. Afinal,

não tinha desejado apagar tais palavras e devolver o sorriso ao rosto dela? Devia estar dando graças

a todos os deuses por receber tamanha misericórdia. Mas tudo que eu sentia era desolação.

Fui arrancada de meus pensamentos por um súbito toque nos meus ombros.

Foi algo tão suave que por um momento achei que fosse apenas um sopro de ar. Então olhei

para cima e vi Escuridão pairando contra a parede do Coração da Água, novamente não mais que

uma sombra. A lembrança do seu beijo na noite passada – do meu beijo nele – voltou com força, e

me levantei num instante.

– Hora do jantar? – disse eu. Não sabia o que fazer com minhas mãos. Se as deixasse

relaxadas, iria parecer uma boneca sem vida; se as apertasse, iria parecer muito tensa...

Escuridão agarrou um dos meus pulsos e me conduziu pelo corredor, o que solucionou uma

parte dos meus problemas.

– Devo dizer que estou impressionada com a hospitalidade de seu mestre – continuei,

incapaz de suportar o silêncio por mais um instante. – Ele podia ao menos ter providenciado um

mapa. Ou o almoço, diga-se de passagem.

Escuridão continuou a me conduzir, sem nem ao menos fazer uma pausa. De onde eu estava,

não dava nem para ver a silhueta de seu rosto, e as palavras foram saindo da minha boca como se

eu estivesse sozinha.

– Ou ele podia ter providenciado um castelo que não parecesse um labirinto, mas acho que

isso deve ser muito trabalhoso, não é? Você sabe se ele se incomodou em me providenciar um

Minotauro, ou será que quer mesmo que eu ande até a morte?

De súbito, percebi o quanto minha voz soava alta e esganiçada. As palavras acabaram

encolhendo-se na minha garganta. Escuridão era prisioneiro daquela casa sabe-se lá há quanto

tempo, vítima de todos os caprichos e maldades de Ignifex, e eu estava reclamando apenas pelo

fato de estar cansada de andar. Como se aquilo importasse.

Não podia suportar nem olhar para seu perfil. Mas sabia que precisava me desculpar e

respirei fundo.

Só que aí Escuridão arrastou-me até a entrada da sala de jantar e desapareceu imediatamente.

E fiquei sozinha. Ignifex ainda não tinha chegado; a mesa tinha sido posta com pratos dourados e

baixelas de prata, mas não havia nem sinal de comida.

Deixei-me cair numa cadeira, a garganta apertada. Contra todas as expectativas, tinha

encontrado um aliado. Alguém que havia dito que eu era sua única esperança e que tinha beijado

minha mão. Mas no meu primeiro dia, eu não tinha feito nada além de reclamar. Ele devia estar

me achando uma criança mimada.

Com um suspiro, inclinei a cabeça sobre a mesa. Vou procurar a noite inteira, prometi a mim

mesma. E amanhã, também. Mas as palavras pareceram vazias até mesmo dentro da minha cabeça;

agora que eu sabia como as coisas funcionavam naquele castelo, duvidava muito que pudesse

encontrar os outros corações num curto espaço de tempo.

Lábios quentes pressionaram meu pescoço.

Endireitei-me imediatamente, agitando os braços. Ignifex estava ao meu lado, sorrindo para

mim.

– Algo errado? – ele perguntou.

Olhei para ele, tentando apagar a sensação fantasmagórica que aquele beijo tinha deixado.

– Acho que sabe a resposta, meu senhor.

– Acho que sei. – Ele deu de ombros e se afastou de mim, andando em direção à própria

cadeira.

Antes que pudesse formular uma resposta, o aroma da comida atingiu-me em cheio.

Naquela noite, o prato principal era um assado com molho de abricós. Geralmente, não gostava de

abricó, mas eu não tinha comido nada desde o café da manhã e, naquele momento, tal manjar dos

deuses não podia estar melhor. Apanhei meu garfo e comi tudo. Apenas quando senti um peso

confortável em meu estômago, fiz uma pausa e reparei que Ignifex estava me observando, sua

boca contorcida num meio sorriso. Sem dúvida ele estava se divertindo em ver a filha de um

Resurgandi devorando a comida como se fosse uma camponesa.

Coloquei meu garfo em cima do prato lentamente, desejando poder apagar o sorriso daquele

rosto.

– Por onde andou o dia todo? – perguntei com cautela.

– Rodando o mundo e fazendo acordos. – Ele apanhou uma taça de vinho e girou-a na mão. –

Quer que eu fale sobre isso?

– Eu sei que tipo de acordos você faz. E você não roda o mundo, só fica em Arcádia.

Embora, de súbito, tivesse me ocorrido que, pelo que eu soubesse, ele podia sim atravessar

os mundos e ir para a terra real, onde existia o verdadeiro céu azul.

– Ah, sim, você é a filha de um Resurgandi. Sabe do que foi privada.

– Ele recostou-se em sua

cadeira.

– O que está planejando? – perguntei.

– Um casamento, é claro. – Ele apanhou um prato. – Quer que eu lhe conte a respeito da

garota que negociou os olhos de sua mãe para poder provar essas delícias que está comendo agora?

Não posso dizer que lamentei quando cães enfurecidos a atacaram.

– Você não lamenta nada do que faz.

Ele me deu um sorriso.

– Então está aprendendo.

– Soube desse fato minha vida toda.

– Pode então me dizer o que mais acabou sabendo desde que chegou aqui?

Acabei sabendo como é beijar uma sombra, pensei. Mordi a língua a tempo para não falar aquilo

em voz alta, mas o segredo encheu-me de coragem.

– Que seu castelo é muito desorganizado – disse, levantando-me da mesa. – Que você é

menos impressionante do que eu pensei que fosse e muito mais irritante. E, se os deuses tiverem

misericórdia de mim, encontrarei um jeito de destruí-lo.

Então percebi que tinha falado aquela última parte em voz alta.

Costumava ser mais cuidadosa com o que dizia, pensei, atordoada, ao me levantar. Será que era

aquele lugar, aquele demônio, que me fazia soltar a língua?

Pelo menos não tinha mencionado o plano de usar o castelo contra ele.

– Não saia da mesa ainda. – Ignifex também se levantou. – A conversa está começando a ficar

interessante.

– Sim, é claro – eu disse, dando um lento passo para trás. Meu corpo todo vibrava com a

necessidade de correr, mas sabia que era inútil. – A morte sempre lhe é interessante, não é?

Ele avançou em minha direção como se fosse um gato perseguindo um passarinho.

– Você quer que eu me preocupe com minha própria morte?

Se eu desse mais um passo para trás, ia bater numa das colunas. Então, sem ter para onde

correr, e sabendo que nem aquilo iria me salvar, fiquei onde estava, olhando para ele.

– Ah, não. Não tenho a mínima intenção de incomodá-lo. Continue na sua confortável

ignorância.

– Por acaso pretende me matar enquanto eu estiver dormindo?

– Acho que seria falta de educação acordá-lo primeiro.

Era como dançar em gelo partido. Senti-me tonta de tanto terror, mas quase consegui rir,

porque estava conseguindo enfrentá-lo e ainda respirava. Um a zero para mim.

Ignifex também parecia prestes a cair na risada.

– Mas aí não seria divertido para nenhum de nós. Você poderia ao menos me levar o café da

manhã na minha cama, junto com a morte.

– Com o que, veneno, talvez? Daí talvez possa me mostrar que é imune a qualquer um deles,

como Mitrídates?

– Fico mais tranquilo que você tenha pensado nele e não em Tântalo.

– Por mais que você signifique para mim, meu marido, há coisas que não farei por você.



Nossos olhos se encontraram e, por um breve instante, não havia nada, a não ser satisfação

entre nós...

Entre mim e meu inimigo.

Senti uma pontada de medo no mesmo instante em que seus olhos se comprimiram. Então

uma de suas mãos tocou a coluna ao meu lado e ele inclinou-se ligeiramente.

– Nyx Triskelion – ele disse lentamente.

O ar parou na minha garganta.

Ele era um monstro. Nada que chegasse perto de um humano. Mas eu não estava olhando

para seus olhos vermelhos como os de um gato ou para seu sorriso de zombaria. Estava olhando

para a linha de seus ombros, relaxados mas fortes, mesmo debaixo das roupas, a pele pálida de

sua garganta exposta no local onde vários dos colchetes de seu casaco estavam abertos, a curva de

sua mandíbula que proporcionaria um toque gostosamente quente contra meus lábios. Por um

instante, eu me senti como um rio correndo em direção ao oceano.

Então ele soltou um risinho abafado. O som raspou na minha pele como as garras de um

gato; lembrei então quem ele era e o que tinha feito e percebi que ele estava zombando de mim.

Ele inclinou-se um pouco mais.

– Quer adivinhar meu nome?

– Prefiro morrer – disse eu.

Outro risinho abafado.

– Então, boa noite.

E mais uma vez ele se foi e eu voltei sozinha para o meu quarto.

O relógio soou. Estremeci e olhei de novo para a porta. Tinha esperado ali, no meu quarto,

pelas últimas duas horas, certa de que a qualquer momento Ignifex iria ultrapassar a soleira da

porta e reclamar seus direitos de marido.

Escuridão havia me dito que eu estaria segura à noite, mas agora eu já não acreditava mais

naquilo. Ignifex era um demônio. Um monstro. E devia, devia mesmo, ter percebido aquele

momento em que eu tinha sido brevemente seduzida. Claro que não ia esperar mais uma noite

para fazer o que tinha de ser feito.

Mas eu ainda estava sozinha.

Finalmente, aceitei o fato de que Escuridão, afinal de contas, estivesse certo. Eu estava

segura. Mas tal pensamento fez com que eu me lembrasse de como havia resmungado no corredor

e enterrei meus dedos na colcha. Quando imaginei enfrentá-lo de novo, senti como se fosse

sufocar sob uma montanha de cobertores. Mas mesmo que ele me achasse tola e egoísta, ao menos

podia saber que eu sentia muito por ter reclamado como uma criança mimada.

Eu nunca tivera a chance de me desculpar com Astraia. Com Escuridão, eu podia ao menos

tentar.

Então fui procurar de novo o Coração da Água. Talvez não encontrasse a sala e, mesmo que o

fizesse, não havia garantia alguma de que Escuridão fosse estar lá. Mas eu mal tinha começado a

vagar pelo castelo quando abri uma porta e vi milhares de luzes dançando por sobre a água, uma

pálida figura ali ao centro.

O medo alastrou-se por todo o meu corpo. Não queria encará-lo. Apertei meus dentes e andei

para a frente, tentando imaginar o quão tolamente nervosa devia estar parecendo.

Embora estivesse usando sapatos naquela noite, meus pés não fizeram barulho sobre a água.

Mas Escuridão, de qualquer modo, levantou os olhos enquanto eu me aproximava. Estavam bem

abertos e solenes, seu rosto relaxado; o fato de não haver raiva ou dor nele me fez parar de repente.

– Eu... – Minha voz ficou presa; engoli em seco, forçando-me a continuar olhando para ele. –

Peço desculpas.

Ele levantou a sobrancelha ligeiramente.

– Por quê?

– Pelo que fiz mais cedo. Pelo que disse. Eu reclamei. Você está aqui há muito mais tempo

que eu e... não merece...

– Você está aqui para morrer. Você pode se dar ao luxo de se lamentar.

– Eu não estava me lamentando. Estava reclamando por ter andado tanto. – Minha voz soava

aguda e muito alta em meio à paz daquela sala, mas eu não podia aceitar a justificativa que ele

estava me oferecendo.

Ele levantou-se rapidamente.

– Você não fez nada a não ser se lamentar – continuou ele e, embora sua voz estivesse calma

como uma tigela de leite, fez com que minha garganta ficasse apertada. – Você pode fazer isso.

– Não. – Minha voz estava aguda de novo, mas eu não estava ligando nem um pouco. –

Lamentar por mim mesma? Não tenho esse direito. Você é um escravo, minha mãe morreu, os

demônios levam as pessoas à loucura todos os dias e eu fico aqui, reclamando e...

Desejando aquele que fere você.

Engoli aquelas palavras.

– Não consigo nem achar o caminho nesse castelo, quanto mais os corações. Minha irmã me

esqueceu e eu mereço isso porque... eu...eu... – Minha garganta fechou-se por um momento.

Então, balancei a cabeça com força. – Não é nada. Eu sinto muito.

Escuridão tomou minha mão nas dele.

– Venha comigo.

Ele não parecia zangado, mas o segui através dos corredores, meu estômago ainda apertado

de medo. Certamente, a qualquer momento, ele iria virar-se para mim e dizer que eu era uma

criança tola e perversa, um desapontamento para minha família e...

Então eu percebi que estávamos entrando na sala onde havia aquele espelho.

Parei de súbito, esquivando-me dele.

– Já vi esta sala. – Odiei o tom alto da minha voz, mas não tinha como evitar. – Não preciso

vê-la de novo.

– Não. – Escuridão fez um gesto em direção ao espelho. – Veja.

Astraia estava sentada em sua cama, agarrada a um dos meus vestidos pretos velhos, a cabeça

curvada. Seus ombros balançavam com força; então ela olhou para cima e vi que estava soluçando,

os olhos vermelhos, uma mecha de cabelo em cima de seu rosto.

Pelo visto, não sou a única que esconde seus sentimentos, pensei, mas naquele momento não senti

nada. Não senti nem meus passos ao dar meia-volta e deixar a sala.

Mas senti minhas costas baterem contra a parede no momento em que me sentei no chão.

Então comecei a soluçar.

Após um tempo, percebi que Escuridão estava ajoelhado ao meu lado, uma mão pairando

perto do meu ombro. Senti a necessidade de ficar envergonhada, mas estava cansada demais para

isso. Respirei bem fundo para tentar me acalmar.

Agora ele encostou de verdade sua mão em mim, fria e sólida, e eu entreguei-me àquele

toque gentil.

– O espelho – disse eu, um pouco depois. – Ele mostra a verdade? Ou tudo não passa de uma ilusão?

– Apenas a verdade – respondeu ele.

Então Astraia realmente lamentava minha partida. Sabia que não deveria, mas estava feliz

com o fato.

– O espelho tem uma fechadura. Deve ser uma porta que leva a algum lugar. – Olhei para ele.

Ele encarou-me de volta, em seguida desviou o olhar, o queixo endurecido. Devia mesmo

levar a algum lugar muito importante que Ignifex queria manter escondido – talvez até um dos

corações –, mas saber aquilo não iria adiantar nada se eu não tivesse a chave.

– Obrigada – disse, e, durante alguns instantes, ficamos em silêncio.

Observei Escuridão com o canto dos olhos. Ele estava sentado com as costas contra a parede,

um cotovelo em cima do joelho, em paz e relaxado como se tivéssemos acabado de tomar um chá

da tarde e não procurando por um pouco de paz nos domínios de um monstro.

Seu rosto parecia desprovido de emoções e estava branco como o leite. Lembrei-me,

novamente, de quanto aquele rosto tinha o mesmo formato do de Ignifex – as mesmas maçãs do

rosto altas, a mesma mandíbula perfeitamente esculpida – e, no entanto, era tão diferente:

distorcido pelo acréscimo monstruoso de olhos felinos e isento não só de cor, mas de maldade e

satisfação maliciosa.

Queria fazer com que sorrisse de novo, só para mim, e então senti vontade de beijá-lo até

esquecer-me totalmente, até esquecer os sentimentos feios que existiam dentro de mim e me

transformar numa pessoa tão pacífica quanto seus olhos.

Mas não tinha o direito de tocá-lo, não quando ele era um cativo inocente e eu olhara para seu

senhor e sentira vontade de...

E, de qualquer maneira, Escuridão não ia me querer.

Ele tinha me beijado duas vezes, uma vez nos lábios e outra em minhas mãos. Uma daquelas

vezes tinha de significar alguma coisa, não tinha?

Abri minha boca para falar por diversas vezes, mas não consegui. Quando finalmente disse



“Escuridão”, a palavra veio como se eu estivesse sem fôlego. Então ele virou-se para mim, e, por

um instante, minha respiração parou imediatamente. Apertei minhas mãos e forcei-me a falar:

– Por que você beijou minhas mãos?

Era o único beijo sobre o qual eu me atrevia a falar.

Ele abaixou a cabeça.

– Eu sinto muito.

– Não estou brava – disse rapidamente. – Não estou mesmo. – Não importava qual fosse seu

motivo, eu não podia odiar aqueles olhos solenes que não fingiam que alguma coisa estava bem. –

Só queria saber o porquê.

– Você é minha heroína. – Ele disse aquelas palavras como se eu tivesse perguntado qual era

o motivo de a água ser molhada. – Nossa heroína. Tudo por Arcádia.

Eu sabia, pensei. E não tinha tempo para desejá-lo de qualquer forma.

Senti como se ainda estivesse amarrada por nós frios e dolorosos. Não havia sequer uma

razão pela qual uma pessoa pudesse me desejar.

– E você acha que eu posso salvá-lo? – perguntei.

– Eu estou aqui para... – Ele parou de falar; balançou a cabeça e começou de novo. – Vi todas

as outras esposas morrerem. Já tinha desistido de ter qualquer esperança. Mas você... você trouxe

uma faca. Tem um plano. Acredito que vá salvar todos nós.

– Eu não – sussurrei, minha garganta apertada. – E mesmo que eu consiga derrotá-lo, você

não conhece meu plano, não é? É o seguinte...

Escuridão cobriu minha boca.

– Não me conte – pediu ele. – Ainda tenho de obedecê-lo.

Puxei a mão dele para baixo e não a larguei. Meus dedos apertaram os dele e de novo fiquei

surpresa em ver como sua pele era fria, como eram sólidos os ossos debaixo dela, e continuei

segurando.

– Você vai morrer com ele – disse. Ou será seu prisioneiro para sempre, quase disse também,

mas ele tinha razão. Não podia falar uma só palavra do meu plano, porque Ignifex podia fazer

com que ele abrisse a boca e lhe revelasse tudo.

Ele olhou bem dentro dos meus olhos.

– Eu não preciso viver. Só quero vê-lo derrotado. Não importa o preço, estou disposto a pagá-

lo com prazer.

– Você... você não deve... – Minha voz rachou-se e não dava para falar mais nada. Ninguém

nunca estivera disposto a pagar qualquer preço por mim. Nunca.

Ele tocou meu queixo com sua mão livre.

– Agora descanse.

E foi o que eu fiz.

## APÍTULO 8

NA MANHÃ SEGUINTE, abri uma porta pintada de vermelho e vi

uma pequena sala cheia de estantes ao longo das paredes brancas. Ali no meio havia uma mesinha

com pés de leão, um grande e velho manuscrito aberto em cima dela; entre um espaço vazio e

outro na prateleira, uma musa Clio, de tamanho natural, em baixo-relevo, olhava-me de volta,

seus papiros agarrados ao peito, os olhos brancos e cegos que sabiam de tudo.

Era uma biblioteca. A princípio achei que fosse um local muito pequeno, mas quando entrei

vi que havia outra porta levando a outra sala cheia de livros, que foi dar em mais duas. Parecia

uma colmeia de salas, as paredes cobertas de estantes, relevos de musas à espreita em um ou outro

nicho.

Eu não pretendia ficar no local por muito tempo, apenas o suficiente para ter certeza de que

não havia nenhum dos corações escondidos por ali, mas, enquanto vagava pela sala, o cheiro

familiar das capas de couro e de papel velho foi me despertando muitas lembranças. A biblioteca

do papai sempre havia sido meu refúgio quando criança. Talvez aquela pudesse ser minha aliada.

Certamente num daqueles livros do Lorde Gentil poderia haver uma dica sobre aquele castelo.

Apanhei o primeiro livro que vi e abri as páginas. As palavras no topo de uma delas dizia:

“No quinto”, e então eu estava olhando de novo para a estante.

Pisquei os olhos e voltei a atenção à página: “De seu reino”, ela dizia, e agora eu estava

olhando agora para minha mão.

Balancei a cabeça. Tinha aprendido a ler com cinco anos de idade e alguns poucos dias fora

de casa não iriam mudar essa situação. Apertando meus dentes, forcei-me a ler a página inteira.

No quinto de seu reino torre

Sobre o mais antigo mas Imperial para o

Quando Greco-Romano e outras Crianças

Se não para o Talvez.

Por mais que tentasse, aquelas eram as únicas palavras que eu podia ler e, quando cheguei ao

fim da página, a parte de trás dos meus olhos latejava de dor. Massageando minha testa, larguei o

livro na mesinha que havia ali ao lado – e imediatamente a dor sumiu.

Então o livro estava amaldiçoado. Apanhei outro. E mais outro. Mas a cada livro que eu

pegava acontecia a mesma coisa. Eu não lia uma frase inteira antes que meu olhar deslizesse para

longe; se tentasse ler uma página inteira – e mal conseguia decifrar uma palavra em três –, a dor

era tanta que eu tinha de desistir.

Minhas costas formigavam. Olhei para as estantes, alguns minutos atrás tão reconfortantes.

Agora, mais pareciam inimigas. Quis sair dali, mas ao mesmo tempo senti um impulso louco de

vasculhar a sala.

Foi então que ouvi um sino. Não era alto, mas tinha uma entonação suave e doce que vibrava

em minha cabeça. Estremeci e decidi que, já que a biblioteca não me seria útil, eu bem que

poderia investigar.

O sino tocou várias vezes enquanto seguia o som para fora da biblioteca, chegando a um

corredor de tapete vermelho que dava para uma escada de marfim. Abri uma porta e entrei numa

sala de visitas com paredes forradas de papel vermelho e dourado. As janelas tinham cortinas de

veludo lilás, peitoril enfeitado com vasos de violetas; num canto da sala havia uma estátua de

Leda entrelaçada com o cisne, e em outro, uma estátua de Hércules lutando com as serpentes. Um

pouco mais adiante, Ignifex esparramava-se numa cadeira de pelúcia vermelha, com grandes pés

dourados.

Do lado oposto da sala havia um jovem.

Levei um tempo para perceber que não se tratava de uma estátua, uma ilusão, mas de um

mortal de carne e osso: ele era jovem, tinha um nariz grande, cabelos castanhos despenteados e

barba por fazer. Usava um casaco cinza remendado e em suas mãos havia um chapéu amassado;

quando olhou para mim, vi que tinha olhos grandes e escuros como os de um boi. Parecia familiar,

mas não me lembrava de tê-lo visto antes.

Quando nossos olhos se encontraram, ele contorceu-se inteiro e começou a engolir em seco,

compulsivamente, como se tivesse me reconhecido. Ou será que tudo o assustava naquele castelo?

Ignifex lançou-me um olhar desinteressado.

– Olá, minha esposa. Estou fazendo um acordo. Quer ver?

A pergunta, a situação toda era tão surreal que, por um instante, fiquei sem fala. Então

pensei: Foi o que papai fez comigo quando me negociou.

A boca de Ignifex contraiu-se num sorriso. Deve ter sido desse jeito que ele sorriu quando disse que

queria se casar comigo.

Minha família tinha me feito um favor: eles haviam me ensinado a manter o silêncio quando

a vontade era a de gritar. Caminhei com os passos elegantes que tia Telomache tinha me ensinado

– não seja estabanada, criança – e parei atrás de sua cadeira, as mãos descansando no encosto.

– Quem é ele? – perguntei, tentando parecer apenas ressentida, não interessada.

– Seu nome é Dâmocles e veio lá de Corcya – respondeu Ignifex, sua voz tão suave como se

estivéssemos falando sobre o papel de parede. – E...

– Você é Dâmocles! – eu interrompi, finalmente reconhecendo-o, e tal reconhecimento foi

como um balde de água gelada em cima de mim. – Dâmocles Siculus!

Havia muito tempo, Menalio Siculus fora nosso cocheiro. Dâmocles era seu filho e eu tinha

nebulosas, mas boas lembranças dele deixando-me entrar nos estábulos para brincar com os

cavalos. Menalio morrera quando eu tinha 11 anos, e a família deixara o vilarejo logo depois

disso.

Seus ombros curvaram-se ligeiramente, mas ele fez que sim com a cabeça.

– Bom dia, senhorita.

– Na verdade – disse Ignifex –, ela é uma mulher casada agora, de modo que deveria chamá-

la de senhora.

– Por que está aqui? – eu perguntei.

– Ah, ele veio com um pedido muito importante – respondeu Ignifex.

– A garota que ele

ama...

– Philippa – ele murmurou, torcendo o chapéu.

– ... é casada, então ele quer que o marido dela morra.

Eu sabia que algumas das pessoas que negociavam com o Lorde Gentil não eram tolas



inocentes, mas que iam até ele por razões duvidosas e nem sempre legítimas. Lembrava-me de ter

pensado que quase mereciam a desgraça que lhes acontecia depois.

Mas lembrei-me do garoto desajeitado e quieto que dera escondido um torrão de açúcar para

minha égua favorita. E eu sabia que os acordos de Lorde Gentil nunca puniam uma só pessoa.

Inclinei-me sobre o ombro de Ignifex.

– Então, o Grande Senhor dos Acordos está usando seu tempo para bancar o cupido

casamenteiro? Isso é um pouco menos grandioso do que eu havia imaginado.

Então, num movimento rápido, tapei sua boca com uma das mãos e levei a outra à sua

mandíbula para mantê-la fechada. Olhei para cima e disse rapidamente:

– Vamos, fuja! Ele vai enganar você; seja lá o que tenha lhe prometido, o preço a ser pago é

muito maior do que você pensa, vai se arrepender até o fim de sua vida e...

Ignifex bufou através dos meus dedos, mas não se mexeu.

– Você não ouviu as histórias a respeito da minha família? Papai me negociou e ainda estou

pagando o preço! Fuja enquanto pode!

Dâmocles balançou a cabeça.

– Eu sinto muito que seu pai tenha sido tão egoísta. Sempre senti, eu podia ver... – Ele

engoliu em seco de novo. – Mas todo mundo diz que o Lorde Gentil nunca mente e ele me

prometeu que eu vou ser o único a pagar. Amo Philippa desde que tinha 12 anos de idade. Vou

fazer isso por ela, nem que custe minha alma.

– Você não entende, Philippa vai pagar... Papai pediu filhos e mamãe morreu na hora do

parto...

– Ele deve ter feito o pedido errado. – Dâmocles tinha transformado seu chapéu num nó

amassado, mas seus olhos escuros encararam os meus com muita determinação. – Seu pai só

queria filhos para si mesmo, talvez, então seu desejo o traiu. Mas eu só quero que Philippa seja

feliz e não me importo com o que eu venha a sofrer. Então eu sei que posso fazer com que tudo dê

certo para ela.

Se ele achava que matar o marido de Philippa era o caminho certo para fazê-la feliz, então

devia estar tão perdido em seu egoísmo que eu jamais iria convencê-lo a abandonar a ideia.

Atrás dele, havia uma porta semiaberta que revelava um quarto pequeno. Se eu pudesse ao

menos forçá-lo a entrar ali e trancar a porta...

Larguei Ignifex e corri para a frente.

Mal dei dois passos e Ignifex estalou os dedos. No mesmo instante, uma sombra voou por

cima de mim e Escuridão agarrava meus pulsos e me empurrava para o chão, imobilizando-me

completamente. Tentei esquivar-me, mas foi impossível.

Dâmocles tinha dado um passo para trás a fim de escapar de minha investida, mas agora

parecia grudado ao chão, seus olhos cheios de pânico encarando Escuridão.

Olhei para ele.

– Não está vendo? Essa casa está infestada de demônios! Fuja enquanto é tempo e...

– Já chega, querida esposa – disse Ignifex, e Escuridão levou a mão à minha boca, segurando

com tanta força que mal consegui mover meu queixo. Ainda dava para respirar pelo nariz, mas

minha respiração vinha em arquejos cheios de pânico.

Atrás de mim, ouvi Ignifex levantar-se de sua cadeira; então sua mão acariciou minha cabeça.

– Não é gentil assustar os convidados – disse ele. – Esse pobre homem veio de longe para

pedir por sua amada Philippa, e você tenta mandá-lo embora?

Ele passou por mim e aproximou-se de Dâmocles.

– Você viu que sou um demônio e por isso tenho o poder de realizar seu desejo. – Sua voz era

muito calma agora. – Está disposto a pagar o preço?

Dâmocles olhou para mim, então para Ignifex.

– Por acaso vai machucá-la? – ele perguntou por fim.

– Minha esposa não é problema seu.

– Mas ainda assim eu gostaria de saber, senhor.

– Ah, eu não sou chamado de Lorde Gentil à toa. Assim que você partir, ela estará livre para

brigar comigo de novo. A pergunta que lhe faço agora é a seguinte: quer ou não quer que eu realize

seu desejo?

Por um instante, pensei que Dâmocles fosse sair dali correndo. Mas, então, endireitou os

ombros.

– Eu pagarei por qualquer coisa que não faça Philippa sofrer.

– Então vou propor o seguinte acordo – continuou Ignifex. – O marido de sua querida

Philippa vai morrer hoje e você a terá em sua casa amanhã. Mas perderá a visão três dias depois

disso.

Dâmocles fez que sim com a cabeça.

– Eu não preciso de olhos para ver sua beleza.

– Além disso, ela chegará a você carregando um presente do marido. Você precisa aceitar tal

presente como seu. Será que pode fazer isso?

– Quem acha que eu sou? Qualquer filho ou filha dela será como minha própria carne e meu

próprio sangue!

– Então, diga que aceita o negócio.

– Eu aceito.

Ignifex balançou os ombros e estendeu a mão.

– Então beije meu anel e seu desejo será concedido.

Não havia nada que eu pudesse fazer, apenas observar Dâmocles dar um passo à frente,

tomar a mão de Ignifex e beijar seu anel num gesto meio brusco, então afastar-se de novo.

– Ele está...

– Ele já está morto – disse Ignifex. – Agora vá para sua casa.

Dâmocles olhou para mim.

– Muito obrigado por sua preocupação, senhora. Sinto muito, mas esse realmente é o melhor

caminho. – Ele fez uma pausa. – Tenha um bom dia. – Então deu um passo para trás, e momentos

depois estava fora de meu campo de visão.

Escuridão tirou a mão da minha boca e eu pude respirar aliviada.

– Vejo que você não será de muita ajuda quando eu estiver fazendo meus acordos. – Olhei

para cima e vi Ignifex sorrindo para mim como se eu fosse um adorável gatinho.

Senti vontade de gritar, de cuspir na cara dele, de arrancar seus olhos. Qualquer coisa para

apagar aquele sorriso. Mas eu sabia que minha raiva só serviria para diverti-lo ainda mais. Então

me limitei a comprimir meus lábios e olhar para baixo.

Ignifex deu de ombros.

– E, pelo visto, também não vai ser de muita ajuda para me animar agora. Escuridão, leve-a

daqui.

No mesmo instante, Escuridão levantou-me à força e arrastou-me para fora da sala. Assim

que estávamos longe de seu campo de visão, ele me soltou.

Encostei-me contra a parede e deslizei até o chão. Minha mente agora estava entupida com as

lembranças de Dâmocles. Ele havia brincado mais com Astraia do que comigo; tia Telomache

tinha lhe passado um sermão de uma hora quando pegara os dois juntos caçando sapos.

Você é a esperança de nosso povo.

Não apenas de minha família, não apenas dos Resurgandis. Eu devia ser a esperança de todo

mundo em Arcádia, inclusive de Dâmocles.

Mas já que minha missão era secreta, ninguém fora da elite dos Resurgandis sabia que havia

qualquer esperança. Então as pessoas continuavam a se destruir com acordos tolos.

Talvez não fizesse diferença se soubessem sobre mim. Que tipo de esperança era eu, quando

tudo que podia fazer era observar?

Vi Escuridão pairando contra a parede à minha esquerda. Mesmo seu olhar sem corpo

parecia me reprovar.

– Deixe-me em paz – sibilei.

Então me lembrei de que deveria ser gentil com ele, mas reparei que já tinha se afastado.

Mais tarde, naquela noite, eu estava sentada na sala de jantar esperando Ignifex, quando me

ocorreu que talvez ele fosse me castigar pelo que eu tinha feito. Ele não me machucara naquele

momento, mas se divertira comigo. Talvez, a qualquer momento, quando eu parasse de diverti-

lo...

Mas era como se eu fosse uma fonte inesgotável de divertimento. Quando Ignifex apareceu

finalmente, deu um sorrisinho cínico ao me ver em silêncio e disse:

– Não vai me censurar? Eu esperava ao menos um discurso a respeito da justiça dos deuses.

Apanhei minha taça de vinho, tentando não esmagá-la com a mão.

– Você sabe o quanto os deuses fizeram para castigá-lo.

– E não é intrigante que não tenham conseguido me destruir até agora? – Ele tomou um gole

do próprio vinho. – O que é mais impressionante é que não façam nada contra meus clientes.

Embora eu ache que meus clientes já fazem um bom trabalho contra eles mesmos.

Lembrei-me de Dâmocles rindo quando seu pai o girara no ar e o jogara em cima de um

monte de feno. O que transformara aquele doce garoto num assassino?

– Não sei qual de vocês é mais monstruoso – disse em voz alta. – Você por oferecer, ou ele



por aceitar.

– Ah, não se preocupe. O tal marido de Philippa é um bruto horrroso que a espanca dia e

noite. O que é realmente monstruoso é o presente que ela vai dar ao seu amado: a varíola. Embora

eu pressuponha que também seja algo muito romântico. Afinal, os poetas não pedem para morrer

ao lado de seus amados?

Olhei para ele, que comia calmamente um doce recheado com passas. Havia sido no dia

anterior mesmo que eu o achara bonito? Que sentira vontade de tocá-lo, aquela coisa que ria do

sofrimento alheio?

– Você disse que ela não ia pagar pelo negócio dele. – Trinquei meus dentes. – Você

prometeu!

Ele lambeu os dedos.

– Olhe, ela ia pegar varíola de qualquer jeito, então tal fato não tem nada a ver comigo. E,

sem esse acordo, o marido dela iria conseguir sobreviver, casar-se de novo e espancar outra pobre

esposa, então nosso querido Dâmocles vai comprar alguma coisa com sua própria morte. Talvez

não fosse o que ele esperava, mas é a lei da vida, não é?

Vou comprar sua morte com a minha, eu juro.

Mas não disse aquilo em voz alta. Em vez disso, falei:

– Pelos seus padrões, eu poderia matá-lo e ainda assim ser uma esposa obediente.

Ignifex riu.

– Você está com pena dele. Pensei que não tivesse esse tipo de sentimento por pessoas que

acham que podem tirar vantagem de meus acordos.

Lembrei-me dos cálculos vagos de papai, da autossatisfação teatral de tia Telomache.

Dâmocles não tinha nada a ver com eles, porque ao menos tentara pagar sozinho o preço de seu

acordo. Nesse caso, ele era mais parecido com Astraia, já que os dois acreditavam que seu amor

poderia solucionar qualquer coisa.

Eram ambos tolos, mas não era culpa deles.

– Ele só quis salvar a mulher que amava – disse eu. – E você usou esse amor para enganá-lo.

Ignifex olhou para mim, todo o ar de riso subitamente apagado de seus olhos vermelhos.

– Ele sabia muito bem quem eu era e como meus acordos funcionavam. E mesmo assim veio

até mim por sua livre vontade para pedir que um homem morresse, de modo a não ter de arriscar a

vida ou sujar as mãos. Fale-me, minha doce esposa, que parte dessa história merece misericórdia?

Olhei para ele.

– E se ele merecer justiça, você merece lhe dar?

– Todos nós precisamos cumprir nossa obrigação.

Assim que me levantei para deixar a sala de jantar, Ignifex agarrou minhas mãos; seus dedos

quentes e secos fecharam-se em volta dos meus.

– Nyx Triskelion, gostaria de adivinhar meu nome?

Olhei de volta para ele – para seus ombros, seus lábios, a pele pálida de sua garganta que

uma vez (embora brevemente) sentira desejo de beijar. Agora, não sentia mais nada.

– O que há para adivinhar? Já sei que você é um monstro.

Andei pela casa durante horas, até que meus pés estivessem doloridos e meus olhos

parecendo ter areia de tanta exaustão. Continuei andando, mesmo depois de ter minhas passadas

largas transformadas em tropeços vacilantes e mal conseguindo distinguir as salas à minha volta.

Mas não podia suportar o pensamento de parar, porque aquilo significaria admitir a derrota por

outra noite; Astraia devia estar chorando agora mesmo e Dâmocles ia ser infectado no dia

seguinte. Como poderia descansar, se eles estavam sofrendo?

Finalmente abri uma porta e dei de cara com Escuridão.

Dei um passo para trás, completamente surpresa.

– Escuridão! – gritei. Nossos olhos encontraram-se e imediatamente desviei o olhar.

– Sinto muito – falamos ao mesmo tempo, então ficamos em silêncio.

– Sinto muito – ele repetiu suavemente. – Não pude evitar aquilo. – Havia muita vergonha

em seu rosto. Como seu sorriso, sua expressão era tão humana que senti uma pontada no coração.

– Eu sei. – Tomei sua mão na minha. – Você não pode desobedecê-lo. Sinto muito por ter

ficado brava com você... Quero dizer, não fiquei brava, eu... eu... – Respirei fundo. Eu sabia o

que ele fazia. Mas nunca tinha visto acontecer diante dos meus olhos.

Ele tomou minha outra mão.

– Venha – disse, e me levou de novo para o Coração da Água. As luzes dançavam sobre a

superfície, exatamente como eu me lembrava.

– Você precisa descansar – disse ele.

Balancei minha cabeça.

– Dâmocles vai morrer agora mesmo por causa... por causa do meu marido. – As palavras

pareciam pedras na minha boca, mas eram verdadeiras. – Não posso ficar aqui sentada admirando

esse castelo feito com seus poderes.

– Você não vai conseguir ajudar as pessoas estando cansada.

Então ele sentou-se, segurando minhas mãos, de modo que não tive escolha a não ser me

sentar com ele. E só o fato de estar sentada e não sentir meus pés proporcionou-me um alívio tão

grande que não sabia se poderia me levantar de novo. As luzes giravam à nossa volta, seus

reflexos iluminando a água num lindo espetáculo. Aquilo era tão encantador e pacífico quanto me

lembrava que fosse. Mas as lembranças de Astraia e Dâmocles ainda me arranhavam como uma

faca afiada.

Olhei para Escuridão. Ele estava sentado com as costas retas, observando as luzes. Os

reflexos brilhavam em seus olhos azuis e batiam em seu rosto pálido, plácido como uma estátua

de mármore. Parecia um príncipe, não um escravo.

– Como consegue suportar? – perguntei. – Esses anos todos... – De repente, a pergunta

pareceu tão infantil e insensível que me calei.

Mas Escuridão não me pareceu ofendido.

– Porque não acho que eu possa impedi-lo.

Mas eu preciso fazê-lo, pensei. Dâmocles vai morrer porque não consegui parar Ignifex a tempo.

Como se soubesse o que eu estava pensando, Escuridão comentou:

– Seja lá o que você fizer, já vai estar atrasada. Ele devia ter morrido há 900 anos.

Dei uma risada trêmula.

– Quanto conforto.

– Você ainda vai nos salvar. – Seus olhos azuis encontraram os meus. – É nossa única

esperança.

– Esperança. – Desviei o olhar, porque não conseguia me livrar daquele ressentimento

infantil na minha voz. – Nem me lembro mais de como é ter essa sensação.

Ele tocou meu rosto, fazendo com que eu voltasse a encará-lo. Então estendeu a mão em

concha para cima. Algumas luzes vieram em sua direção a fim de repousarem em sua palma, onde

ficaram paradas e contidas. Então ele voltou-se para mim.

– Pegue-as.

Segurando a respiração, abri também minha mão em concha e ele colocou as luzes ali dentro.

Senti como se fossem um punhado de pérolas aquecidas contra a pele – mas começaram a tremer

como se sopradas por uma brisa e crepitaram contra minha palma como gotas de cerveja.

Momentos depois, começaram a escapar. Escuridão então fechou a mão dele sobre a minha e as

luzes prisioneiras passaram a dançar entre nossas duas palmas.

Ele sorriu de novo – seu sorriso verdadeiro, aquele que tinha feito com que eu o beijasse –, e

mais uma vez não pude deixar de lhe sorrir de volta.

Vi o movimento de seus ombros enquanto respirava e o sutil movimento dos tendões de sua

garganta. Podia sentir cada pedacinho de sua mão que tocava a minha. Ele era pálido como um

fantasma, mas seu corpo era real. Por um momento, não desejei mais nada senão enlaçar meus

dedos naqueles cabelos, beijá-lo até que nossas respirações fossem uma só, até que sua paz

também fosse a minha. Desejei aquilo como o próprio ato de respirar.

Mas não podia me arriscar a destruir a paz que havia em seus olhos. Como não podia

suportar a dor da rejeição que poderia acontecer.

– Já ouviu falar das estrelas? – ele perguntou e eu fiz que sim com a cabeça, não confiando em

minha própria capacidade de falar. – Essas luzes são as coisas mais próximas que temos delas.

– Mas... elas são tão pequenas... – disse, a voz trêmula. As poesias diziam que as estrelas

tinham uma beleza distante, não aquele brilho que podíamos prender com as mãos.

– É o que temos de mais próximo – ele repetiu. – E o mais próximo que eu tinha da

esperança.

Minha respiração falhou. Ele falava aquilo com tanta facilidade, como se estivéssemos

discutindo sobre o tempo – mas o fato de pensar nele sozinho naquela casa, sem nenhum outro

conforto exceto aquelas poucas luzes, seu corpo durante o dia uma mera sombra, o da noite uma

cópia do de seu mestre...

– Então você chegou – continuou ele. – E agora eu tenho esperança de verdade.

– Você diz isso – eu murmurei – como se eu fosse uma heroína.

– Você é – disse ele.

– Uma heroína teria salvado Dâmocles. – Minha garganta doía. Se ao menos tivesse usado as



palavras certas... E as pessoas estavam morrendo desse jeito todos os dias. Todos os dias, sem que

eu estivesse fazendo nada para salvá-las.

– Você não pode salvar a todos – disse Escuridão. – Como eu também não posso.

Soltei uma risada que mais soou como um soluço.

– Quanto conforto.

– Mas você pode fazê-lo parar – disse Escuridão. – Ninguém mais pode. O que faz de você

nossa esperança, ainda que ninguém saiba disso.

Dei um suspiro.

– Diga isso quando eu realmente der um jeito de ferir meu marido.

– Você vai conseguir.

– Não tenho assim tanta certeza – murmurei.

Ele inclinou-se, tocando sua testa na minha.

– Confie em mim.

E eu confiei.

No dia seguinte, ouvi o sino de novo.

Parei no corredor, os punhos cerrados, e contei as batidas. Uma, duas, três. Odeio meu marido.

Quatro, cinco, seis. Preciso dar um jeito de fazê-lo parar. Sete, oito. Eu vou conseguir. Nove, dez. Não

importa o que custe, vou quebrar seu poder.

O sino parou. Esperei por um tenso instante a mais, então continuei minha busca.

Escuridão estava certo. O jeito de sobreviver era perceber que não conseguiria derrotá-lo.

Naquele dia.

## APÍTULO 9

SOMENTE UM TOLO se sentiria a salvo no castelo de Lorde Gentil.

Mas conforme os dias foram caindo na rotina, comecei a perder o medo. Jantava todas as

noites com Ignifex. Não importava o que eu dissesse, ele ria e brincava comigo de volta... Não

importava o que acontecesse, ele nunca ficava bravo. Ao final do jantar, sempre me perguntava se

eu queria adivinhar seu nome e eu dizia que não. Então, às vezes, ele beijava minha mão ou meu

rosto – mas nunca mais meu pescoço, tampouco me seguira até meu quarto. E embora de vez em

quando eu achasse estranho aquele espaço entre nós e sentisse o toque dele em minha pele muito

depois de ter ido embora da sala, nunca mais sentira aquela estranha onda de desejo daquele dia.

Talvez eu o tivesse desejado apenas porque ele se parecia com Escuridão. Disse aquilo para

mim mesma e, após um tempo, passei a acreditar no fato.

Dia e noite, eu era livre para explorar a casa – e ia ao lugar que pudesse, porque minha chave

abria quase a metade das portas. Encontrei um jardim de rosas sob uma cúpula de vidro, as rosas

formando um labirinto no qual sempre me perdia, e ainda – de acordo com o relógio cuco na porta

– acabava sempre saindo no lugar certo em exatos 23 minutos. Achei uma estufa cheia de

samambaias em vasos e de laranjeiras. O ar estava carregado com o aroma morno e úmido da

terra. Abelhas zumbiam no ar, as paredes de vidro foscas de condensação. Achei também uma sala

redonda cujas paredes eram cobertas de mosaicos de ninfas e ondas do mar; ali o ar era sempre

salgado e, não importava para que lado eu me virasse, a porta estava sempre atrás de mim.

Todos os dias eu ia até o espelho e via Astraia, e, na maior parte das noites, visitava o Coração

da Água a fim de andar sobre ela e observar a beleza das luzes. Escuridão estava sempre lá; não

havia muitas coisas que ele pudesse falar, mas ficávamos sentados juntos num cúmplice silêncio.

Ele sempre brincava com as luzes; às vezes apanhava algumas e as colocava na minha mão, às

vezes fazia desenhos com elas. Eu só observava e falava muito pouco. Naqueles instantes, quase

esquecia minha missão e não sentia mais o ódio apodrecendo no meu coração. Era a única paz que

eu jamais conhecera e não queria perdê-la.

Não queria perdê-la de jeito nenhum. Por isso nunca mais o beijara. De vez em quando ele

tocava meu pulso ou meu rosto, e aí eu sentia uma vontade enorme de enlaçar meus dedos nos

dele, de beijá-lo, de mergulhar naquelas águas e me perder naquela paz azul. Mas eu não sabia se

ele queria a mesma coisa. E, todas as vezes que eu amara alguém, meu coração se partira. Não

podia correr o risco com ele.

Em vez disso ficava sentada ao seu lado, meu coração batendo depressa, mas meu rosto tão

calmo quanto o dele, apenas lançando-lhe olhares furtivos. Tive vontade de perguntar uma

centena de vezes: Por que beijou meus lábios aquela vez? Por que não me beija de novo? Mas as palavras

ficavam sempre presas na minha garganta; fariam com que eu parecesse muito carente, muito

egoísta, muito tola – e como eu podia pedir mais, quando já tinha me dado tanto?

Ainda não tinha certeza se o amava. Amor – aquele que era sagrado para Afrodite – era algo

que nunca me permitira pensar. Se você desejava alguém, se essa pessoa confortasse você, se

achava que ela pudesse fazer o veneno de seu coração ir embora, será que era amor? Ou apenas

desespero?

Quando o emaranhado de emoções no meu peito ficava muito apertado, eu me levantava e ia

do Coração da Água até meu quarto numa corrida desenfreada. Era um bom treino. Afinal,

quando a hora chegasse, eu teria de escrever todos os segredos rapidamente; assim que um dos

corações falhasse, Ignifex iria perceber e tentar me impedir.

Comecei a ficar mais rápida. Aprendi a correr através dos corredores e reconhecer todas as

portas mal olhando para elas e chegar ao meu quarto ainda respirando facilmente. E quando

chegava ali, que era um lugar seguro, praticava os segredos, tentando desenhá-los não apenas

corretamente, mas de maneira rápida, até que meus gestos parecessem uma dança.

Mas não importava o quanto eu procurasse, nunca achei um traço dos outros corações.

Até que uma manhã, cinco semanas depois da minha chegada, tentei abrir uma porta nova e

fui parar num pórtico onde tinha visto Ignifex pela primeira vez. E ocorreu-me naquele momento

que ainda era virgem e que minha faca virgem – nunca usada para cortar coisa alguma – estava ali,

embora enterrada bem alto na parede.

Nunca havia acreditado no Verso Rimado. E quando Ignifex tirara a faca de minhas mãos, ele

a havia tratado como uma piada, não como algo que pudesse destruí-lo.

Mas, de um modo ou de outro, suspeitava que meu marido encarasse o fato de ser jogado no

abismo do Tártaro como uma piada. E, enquanto parecia feliz em me ver atacando-o com os

talheres do jantar, tirara a faca em questão da minha mão imediatamente.

Tal fato não provava que o Verso Rimado era verdadeiro, é claro... Mas ele não tinha me

castigado ou me mantido prisioneira por minhas tentativas anteriores de esfaqueá-lo, o que

significava que não custava tentar.

Levei uma manhã inteira para conseguir a faca. Ela estava enterrada no alto da parede, e

aquela casa não tinha nenhum tipo de escada que eu pudesse usar, então passei horas procurando

por mesas e cadeiras suficientemente altas em que pudesse subir. Nada. Acabei encontrando

madeiras e algumas ferramentas num dos quartos e consegui construir um objeto precário, algo

parecido com uma pirâmide, que poderia dar conta do recado. E deu. Subi nele com cuidado e

finalmente consegui agarrar o cabo da faca novamente.

Sorri, satisfeita. Se Ignifex morresse ou continuasse vivo naquela noite, no mínimo teria uma

surpresa não muito agradável.

Puxei a faca com força. Ela não se moveu. Puxei de novo, com ainda mais força, então houve

um sinal mínimo de que ela tivesse se movido um pouquinho. Com um grunhido, dei mais uma

puxada – e ela veio com a maior facilidade, como se nunca tivesse estado presa. Cambaleei por um

momento, então caí para trás...

Num par de braços. O choque foi tanto que me deixou tonta por um instante, e no instante

seguinte Ignifex me colocava de pé, tirava a faca de minhas mãos, a escondia em algum lugar

dentro de sua roupa e levantava uma sobrancelha em minha direção.

– Estou começando a achar que não devo mais deixá-la sozinha – disse ele, colocando a mão

em cima do meu ombro.

Fiquei tensa.

– Então fique sempre aqui, ao meu lado. E nunca faça outro acordo com ninguém.

– Ah, que interessante... Então você está assim tão desesperada para ficar comigo? – Ele deu

um passo à frente, a mão ainda no meu ombro. – Se quisesse um beijo, era só ter me pedido.

Seu toque era leve, mas o senti precisamente como a linha de um litógrafo, meu corpo sendo

o papel.

– Não, senhor meu marido. Estou desesperada para fazê-lo parar com seus acordos sujos –

respondi, mas naquele momento o desejo voltou, como se eu não soubesse das atrocidades de que

ele era capaz.

– Não, minha querida. Você está parecendo desesperada para que eu a beije, isso sim.

Só porque ele se parece com Escuridão, pensei, mas, naquele momento, tais palavras eram

mentira: aquela criatura de olhos vermelhos que vivia rindo podia ter o rosto de Escuridão, mas eu



o desejava por outros motivos.

Percebi de súbito que seu casaco estava aberto e pude ver a base de sua garganta, mas

também os cintos cheios de chaves em seu peito. E Ignifex não era o único que podia fazer com

que as palavras das pessoas se voltassem contra elas.

– Você se vangloria todos os dias das mortes que provoca – eu disse, tentando guardar a

posição das chaves enquanto mantinha os olhos fixos nele. Havia duas penduradas perto de seu

pescoço. – Claro que isso me desespera.

– Eu não mato ninguém – respondeu ele. – As pessoas pedem favores e eu concedo. Se não

percebem que tipo de preço é cobrado, é problema delas.

Há muito, Astraia tinha me desafiado a subir no telhado. Tive a mesma sensação agora, a

mesma quando havia amarrado meu lenço no cata-vento, tonta e viva, o mundo girando à minha

volta, meu corpo feito de faíscas dançando no ritmo das batidas do meu coração.

Era monstruoso desejá-lo. Mas beijá-lo para salvar Arcádia não era de todo errado, era?

– Então – disse eu –, o que devo lhe pedir?

– Isso – respondeu ele.

E seus lábios fecharam-se em cima dos meus.

Ele era meu inimigo. Era o mal. Não era nem humano. Eu devia estar horrorizada, mas não

consegui me segurar, como não conseguiria segurar a água descendo pela montanha. Dei um jeito

de tocar seu peito, peguei as duas chaves e fechei a mão sobre elas. Então, entreguei-me àquela

sensação mágica.

Não era como beijar Escuridão. Aquilo tinha um sonho que me envolvera. Agora, o que

acontecia mais parecia uma batalha ou uma dança. Ele tomou posse de minha boca e eu fiz o

mesmo, e nos abraçamos num equilíbrio perigoso e perfeito como os planetas girando no

universo.

O sino tocou a distância. Eu mal percebi, mas Ignifex me largou. Eu fui cambaleando para

trás, até bater na parede.

– Uma pobre alma está me chamando. – Ele fez uma pequena medida. – Até mais, esposa.

Ainda recostada na parede, observei-o se afastar e então limpei os lábios com a mão. Era uma

vergonha que um beijo pudesse me afetar daquele jeito. E era humilhante que ele percebesse.

Embora não pudesse deixar de pensar: Talvez não fosse de todo mau se ele reclamasse seus direitos

conjugais.

Então olhei para as duas chaves que tinha roubado. Uma delas era dourada, em forma de

uma cabeça de leão; a outra, de metal simples. Meus lábios curvaram-se num sorriso. Que ele

tivesse sua pequena vitória. Eu estava prestes a começar uma exploração maior.

## APÍTULO 10

CLARO QUE FUI DIRETO para a sala do espelho. Mas nenhuma

das chaves servia na fechadura ali no meio, então tratei de encontrar uma nova porta. Hoje, a casa

parecia estar ajudando minha busca: achei salas e mais salas que nunca tinha visto e portas e mais

portas que nunca havia aberto. Mas nenhuma dessas portas novas abriu-se com as minhas duas

chaves novas.

Finalmente, encontrei uma sala cheia de gaiolas vazias, penduradas em prateleiras de ferro

que tinham formato de árvores. Não vi outras portas e virei-me para ir embora – mas então ouvi

um som que me lembrou o piado de um passarinho, tão fraco que por um momento achei que o

tivesse imaginado.

Lembrei-me do deus Lar em forma de pardal. Era Astraia que tinha mania de ver presságios

em cada revoada de pássaros, não eu; mas ainda assim virei-me e olhei para a sala uma vez mais. E

então vi uma porta no canto esquerdo, atrás das gaiolas maiores, onde há poucos instantes só havia

uma parede vazia.

Era uma porta pequena normal, curta e estreita, de tamanho suficiente para que eu pudesse

passar por ela sem ter de me curvar, feita de madeira e pintada de cinza claro – e por um momento

olhei para ela sem sentir medo.

Então minha pele começou a formigar como sempre acontecia quando presenciava uma

daquelas transformações do castelo. Aquele não era nem de longe o maior mistério que eu tinha

visto por ali, mas ainda me trazia a incômoda e apavorante sensação de que tal lugar podia me

matar a hora que quisesse.

Mas essa hora ainda não tinha chegado. Mais provável, Ignifex não iria deixar que aquilo

acontecesse tão cedo. E se o pardal tinha me feito virar, então... Ainda não tinha nenhuma

garantia de que aquilo seria bom para mim, mas me deu alguns minutos de paz e resolvi ir

adiante.

Abri caminho entre as gaiolas até chegar à porta e tentei abri-la com minha chave. Não

consegui. Então tentei a de metal que tinha roubado do Lorde Gentil. Ela girou, mas acabou

travando. Aí tentei a dourada.

A fechadura fez um clique e a porta se abriu.

Dei um passo à frente.

A primeira coisa que eu notei foi o cheiro de madeira e de papel empoeirado do escritório do

papai. Essa sala também parecia um escritório, embora maior do que qualquer um que eu já tinha

visto; era redondo, todo de madeira escura, com mosaicos azul-escuros que faziam um círculo no

chão. Havia várias mesas cheias de livros, papéis e objetos de arte antigos nos cantos da sala,

algumas prateleiras entre elas. O teto era uma cúpula, um pergaminho pintado como o céu, a

lâmpada pendurada num lustre de ferro batido com formato do Olho do Demônio. Em volta da

base da cúpula estava escrito em letras douradas: O QUE ESTÁ EM CIMA É COMO O QUE

ESTÁ EMBAIXO – o mais importante princípio dos trabalhos herméticos.

Mas foi o centro da sala que me chamou a atenção, porque ali havia uma enorme mesa

redonda coberta por uma base de vidro, em cima da qual fora montada uma maquete de Arcádia.

Aproximei-me dela com passos lentos; era tão delicadamente detalhada que achei que fosse

desmoronar inteira se eu apenas respirasse com um pouco mais de força. Havia o oceano, feito

com vidro colorido de modo que brilhava como água de verdade. Havia montanhas ao sul, cheia

de entradas para as minas de carvão, havia o rio Severn, a cidade capital de Sardis ainda em ruínas

por causa do grande incêndio de 20 anos atrás. Havia minha própria cidadezinha localizada ao

extremo sul, perto dos destroços que o castelo de Ignifex parecia quando olhado pelo lado de fora.

Cheguei mais perto. Por meio de alguma ilusão criada pelo vidro, enquanto olhava para

minha cidadezinha, ela começou a crescer; vi telhados de sapé e de cerâmica, a fonte da praça

principal, minha própria casa e a pedra onde tinha me casado. Era tudo perfeito nos mínimos

detalhes, e eu fixei o olhar na minha casa até aquele aumento fazer minha cabeça começar a latejar.

Afastei-me da maquete. Na mesa mais próxima havia um baú de cerejeira castanho-

avermelhado. Não tinha fechadura, apenas um simples ferrolho; também não havia nenhum

enfeite, apenas uma inscrição pequena em dourado em cima da tampa. Levantei-a e olhei mais de

perto para as pequenas letras cursivas que brilhavam. Estava escrito: TANTO DENTRO COMO

FORA. Outro importante princípio hermético.

– O que está fazendo?

Fechei o baú correndo e virei-me depressa. Ignifex estava parado perto da porta; mal tive

tempo para respirar e ele já estava ao meu lado, agarrando meu braço com mãos de ferro, seu rosto

quase colado ao meu.

– O que pensa que está fazendo?

– Explorando a casa – disse eu com voz trêmula. – Se sou sua esposa, eu...

Minha voz ficou presa na garganta. O vermelho de seus olhos não era apenas um brilho como

poderia haver no olhar de um humano ou de um animal; era um caos de cores vibrantes, um

turbilhão de chamas que vibravam sem parar. Percebi naquele instante como havia sido tola em

ter me permitido sentir alguma coisa que não fosse completo terror por ele. Sabia que ele era meu

eterno inimigo, mas tinha me esquecido de que também podia significar perigo, minha

condenação e muito provavelmente minha própria morte.

– Por acaso você acha que está a salvo aqui ao meu lado? – ele perguntou, num estalo.

– Não – sussurrei.

– Você é tão tola quanto as outras. Acha que é esperta, forte, especial. Você acha que vai me

vencer.

Abruptamente ele se virou e me arrastou para fora da sala.

– Eu sabia quem era seu pai quando ele veio até aqui me procurar. – Sua voz agora era de

uma calma gelada, cada palavra precisa e bem pronunciada. – Leônidas Triskelion, o magistrado

mais jovem dos Resurgandis. Quando ele pediu minha ajuda, mal conseguia falar de tanta

vergonha, mas não hesitou nem por um instante quando vendeu você.

Viramos e fomos parar num corredor que eu nunca vira antes.

– É claro que ele foi outro tolo achando que poderia fazer um acordo comigo e sair ganhando.



Mas o plano de mandá-la aqui para me sabotar não foi tão tolo assim. Como também não foram

suas escolhas anteriores. Ele tem a irmã da esposa em sua cama, a filha que é a cara da mãe a seus

pés e mandou a outra que é a cara dele para cá a fim de expiar seus próprios pecados... Os

humanos nunca conseguem consertar seus erros, mas devo dizer que ele se saiu muito bem!

Ele parou e me empurrou em direção à parede.

– Ele a mandou aqui para morrer. Você é aquela de quem ninguém precisa, aquela que não é

sequer querida, e eles a mandaram para cá porque sabiam que você nunca mais iria voltar!

Não consegui conter as lágrimas que escorriam por meu rosto, mas o encarei da melhor

maneira que pude.

– Estou cansada de saber disso. Por que precisa me dizer tudo de novo?

– O único jeito de você ver o amanhã, o depois de amanhã ou o depois do depois de amanhã é

fazer exatamente o que eu mandar. Ou então vai morrer tão depressa quanto as outras oito

esposas!

Ele passou por mim; ouvi então um clique e percebi que estava encostada a uma porta, não à

parede. Essa porta abriu-se e eu cambaleei para trás, mergulhando numa fria escuridão, até bater

na quina de uma mesa.

– Pense nisso – disse Ignifex, e bateu a porta com força.

Por um instante, achei que tinha sido deixada numa sala escura, mas quando meus olhos

foram se acostumando, percebi uma fraca luz acinzentada que passava através de uma pequena

fresta de uma janela alta na parede. Mesmo assim, não conseguia ver muito. O ar era frio e eu me

virei, tateando a mesa. Era de pedra, não de madeira.

Meus dedos encontraram tecido, depois algo suave e frio.

Estremeci, mas minha mente recusou-se a reconhecer o que era aquilo até que continuei a

tatear e meus dedos sentiram dentes numa boca fria e molhada.

Soltei um grito e pressionei as costas contra a porta. Esfreguei minha mão com violência

contra minha saia, mas o tecido não limpava a sensação de tocar a língua da menina morta.

A língua da esposa morta. Porque agora meus olhos estavam realmente acostumados à pouca

iluminação do local, e pude ver perfeitamente as oito deitadas em cima de blocos de pedras, como

se estivessem sido mantidas ali para algum uso futuro.

Quando tinha dez anos, Astraia e eu achamos um gato morto enquanto brincávamos na

floresta. Estava semienterrado numa pilha de folhas; não tínhamos percebido o fato até que eu o

cutuquei e percebi que estava morto e inchado. Ele exalava um forte mau cheiro que fez com que

Astraia saísse correndo aos gritos, enquanto eu ficava ali sentada engasgada e chorando baixinho

com tanto horror. Agora, enquanto minha respiração ia ficando cada vez mais rápida, achei que

podia sentir aquele cheiro forte de novo, apenas um lampejo dele naquele ar frio e parado.

Fazendo um grande esforço, respirei fundo lentamente. E soltei o ar fazendo barulho.

Esmurrei meu pulso na parede, então me virei e chutei a porta duas vezes, aos gritos. Embora ela

tivesse estremecido, permaneceu firme. Mas quando fiquei em silêncio, tentando fazer com que

minha respiração voltasse ao normal, percebi que não estava mais em pânico. Estava furiosa.

Não. Eu estava com ódio.

Durante toda a minha vida eu odiara o Lorde Gentil, mas apenas de um jeito que uma pessoa

odeia uma praga ou um incêndio. Ele era um monstro que havia destruído minha vida, que havia

oprimido meu mundo inteiro, mas era apenas uma história. Agora eu o tinha visto, jantado com

ele, beijado seus lábios. Estava presente quando ele havia planejado a morte de Dâmocles. Tinha

um nome para chamá-lo, embora não fosse o verdadeiro. Então podia sinceramente odiá-lo.

Odiava seus olhos, sua risada, seu sorriso de zombaria. Odiava que pudesse me beijar, me matar

ou me trancar ali com tanta facilidade. E, mais do que tudo, eu o odiava porque ele fizera com que

eu o desejasse.

O ódio não me era nada. Havia odiado minha família durante toda a minha vida. Mas minha

família eu tivera obrigação de amar, não importava o que tivessem feito de errado comigo. Ignifex,

eu tinha obrigação de destruir. E, engatinhando ali no escuro, percebi que teria o maior prazer em

fazê-lo.

Toquei meu corpete. A chave dourada eu deixara ingenuamente na fechadura, onde Ignifex

sem dúvida a pegara de novo; mas a de aço ainda estava bem a salvo contra minha pele, esperando

para ser usada.

Forcei-me a procurar pela sala de pedra por meio do toque, mas só havia uma porta, e nem

todas as batidas do mundo a fizeram sequer se mover. Então finalmente me ajeitei contra a porta

para esperar. Era provável que Ignifex fosse me deixar sair dali amanhã, quando achasse que eu

estivesse intimidada e assustada. Eu fingiria exatamente aquilo, então voltaria às minhas

explorações quando ele não estivesse olhando.

Eu tinha começado a cochilar quando um barulho na fechadura me fez acordar. No instante

seguinte, estava de pé, virando-me para olhar para a porta que se abria. Mas não era Ignifex que

aparecia do outro lado; era Escuridão.

– Sinto muito. – Ele tocou meu ombro. – Vim assim que pude.

Eu estava pronta para receber Ignifex com ódio e coragem, mas a tristeza gentil de Escuridão

fez com que voltasse a tremer e a me lembrar dos horrores dos primeiros minutos naquela sala.

Agarrei-o num súbito abraço.

– Obrigada – disse. – Estou bem, estou bem. – Engoli em seco. – Por que ele as mantém

aqui?

Escuridão balançou os ombros.

– Veja – disse ele, fazendo com que eu me virasse. Levantou a mão e uma luz começou a

brilhar na sala. Naquela súbita iluminação, pude ver que todas as meninas eram muito jovens e

bonitas, todas deitadas com as mãos cruzadas sobre o peito, moedas nos olhos e flores nos cabelos.

Os corpos estavam tão preservados que eu podia pensar que estavam dormindo – se seus rostos

não tivessem aquele vazio pálido da morte.

– Eu tento mantê-las da forma apropriada – disse ele. – Mas não me lembro dos hinos

funerários.

Há quanto tempo elas estariam ali deitadas, sem ter os ritos finais que permitiriam que

atravessassem o rio Styx e encontrassem a paz final?

Há quantos anos ele as observava, tentando lhes dar um descanso digno e sabendo que tinha

falhado?

Segurei sua mão com força.

– Venha, ajoelhe comigo – disse eu. – Vou lhe ensinar.

Como filha de um senhor de terras, havia sido minha obrigação assistir aos funerais dos

pobres e dos órfãos. Aprendera os hinos funerários quando tinha apenas seis anos, um livro em

cima da minha cabeça para assegurar que estava com a postura correta, tia Telomache sempre por

perto, a boca zangada.

Tinha sido uma das poucas obrigações das quais eu não me ressentia, não importava o

quanto meu pescoço ficasse dolorido ou minha língua tropeçasse nas palavras arcaicas. Os hinos

tinham sido escritos por dois irmãos gêmeos, Homero e Hesíodo, nos dias longínquos quando

Atenas não passava de um aglomerado de fazendas e o Império greco-romano não passava de um

sonho. Quando eu recitava os hinos nessas ocasiões – uma criança no salão do meu pai, de pé sob

uma mecha de cabelo da minha mãe, a renda preta do meu vestido pinicando minha garganta –,

sentia brevemente como se não fosse um apêndice da tragédia daquela família, mas apenas outra

menina no oceano de rezadeiras que haviam recitado aquelas palavras por quase 300 anos.

Levei as mãos juntas para cima, fechei os olhos e comecei a cantar.

Há sete hinos funerários: para Hades, deus da morte; Perséfone, sua mulher; Hermes, o guia

das almas; Dionísio, que havia salvado sua mãe do submundo; Demétrio, o padroeiro das

plantações e da maternidade; Ares, o deus da guerra, e Zeus, senhor de todos os deuses e homens.

Geralmente, apenas um hino era cantado para o deus da devoção do falecido, mas cantei todos

eles, esperando que fosse o suficiente para garantir o descanso eterno de todas as oito garotas.

Quando terminei, minha garganta estava seca e arranhada.

– Obrigada – disse Escuridão.

Ficamos sentados em silêncio.

– Ainda não entendo por que ele as mantém aqui – disse eu.

– Ele me manda para cá de vez em quando – comentou Escuridão com voz calma. – Para que

eu medite, diz ele.

– Meditar sobre o quê? – perguntei. Podia quase ouvir o riso na voz de Ignifex ao decretar

aquele tormento perverso e desejei que ele estivesse ali para que pudesse esbofeteá-lo. – Sobre as

profundezas de sua maldade? Não existe alguém vivo que não saiba disso.

Escuridão afastou-se de mim ligeiramente.

– Meditar sobre meu fracasso.

A voz dele, pouco mais que um sussurro, fez com que minha respiração parasse. Ia abrir a

boca para protestar que não havia sido culpa dele, que seja lá como ele se tornara um prisioneiro...



Certamente não era seu dever derrotar um demônio que podia dominar o mundo, que mandava

em Arcádia desde antes de seu nascimento e...

Enquanto olhava para seus ombros sem cor e seu rosto virado para o outro lado, lembrei-me

de quando ele me mostrara as luzes. É o que temos de mais próximo.

Então ele já tinha visto as estrelas. Não era uma alma sem sorte a quem Ignifex tinha

enganado em algum momento daqueles 900 anos; ele era um prisioneiro da época da Separação,

despojos da guerra inicial.

– Ele mantém você – eu sussurrei. – Mantém você como um troféu. Como essas pobres

garotas.

Eu presumira que Ignifex tivesse forçado Escuridão a usar o mesmo rosto de seu mestre. Mas

talvez fosse exatamente o contrário: talvez Ignifex escolhera usar o rosto de seu prisioneiro numa

cruel zombaria.

E de todos os possíveis prisioneiros, eu podia pensar apenas em um que ele pudesse detestar

tanto.

Meu coração começou a bater com força. Todo mundo dizia que o Lorde Gentil tinha

destruído a linhagem dos reis. As palavras que se formavam na minha boca eram insanas – mas

aqui, naquele lugar insano, elas faziam sentido.

– O último príncipe... não morreu, não é?

Escuridão virou-se, seus olhos azuis encontrando os meus, a boca aberta, mas então os

poderes de seu mestre o fizeram calar-se. Ele engoliu em seco e me encarou, como se esperasse

que seus olhos pudessem me dizer alguma coisa. Talvez tivessem dito mesmo; enquanto olhava

para aqueles olhos azuis, tive a certeza de que ele era o último príncipe de Arcádia, que estava

sendo mantido prisioneiro naquela casa desde a Separação.

Dezessete anos esperando por meu casamento haviam me deixado amarga e cruel.

Novecentos anos de escravidão o haviam deixado gentil, tentando ajudar as vítimas de Ignifex,

mesmo sabendo que podia falhar. Mesmo a vítima sendo eu.

Minha respiração ficou mais curta. Não tinha percebido que estava tão perto dele até que

chegou ainda mais perto e me beijou. Foi um beijo lento e gentil, mas grandioso, como uma maré

crescente. Era como o perdão. Era como paz.

Ao se afastar, ele ainda olhou para meu rosto por um instante antes de abaixar os olhos.

– Você... – eu comecei sem fôlego, então ele encostou a testa no meu ombro.

Era como se ele estivesse procurando conforto em mim, embora não pudesse entender por

quê. Mas era o mínimo que eu podia fazer por ele, então coloquei a mão em seu ombro, surpresa

de novo por sentir as linhas sólidas das suas omoplatas.

Surpresa, também, por ele me desejar. Ele me queria.

– Escuridão? – eu chamei, suavemente.

Ele falou com voz calma e, embora não pudesse ver seu rosto, sabia que estava lutando contra

o silêncio que lhe tinha sido imposto.

– Eu... queria... que tivéssemos nos encontrado... em outro lugar.

O ar ficou parado em meus pulmões. Se isso não era uma confissão de amor, estava muito

próximo.

– Também queria o mesmo.

Se pedisse, provavelmente ele ia me beijar de novo. Por um momento, quis que isso

acontecesse. Podia mergulhar naqueles braços e beijá-lo até esquecer tudo, esquecer as meninas

mortas e meu marido monstruoso, a condenação sobre meu país e minha obrigação de repará-la.

Então pensei: Não tenho tempo para isso.

Eu me levantei.

– Preciso ir. Eu ainda preciso... encontrar os outros corações.

Escuridão tomou minha mão na dele, os dedos entrelaçados com os meus. O toque fez com

que meu braço ficasse todo arrepiado.

– Ele tem razão numa coisa – disse ele. – Esse castelo está cheio de perigos. E eu não posso

salvá-la da maioria deles.

Apertei a mão dele até sentir todos os ossos de seus dedos.

Então o soltei e forcei um sorriso.

– Não nasci para ser salva.

## APÍTULO 11

À NOITE, os corredores costumavam parecer maiores e mais estranhos, sutilmente

fora da simetria que deveriam ter. Nunca eram totalmente escuros, porque uma luz fraca sempre

vinha de algum lugar inesperado; mas era difícil dizer exatamente de onde ela vinha, e eu tinha de

esquecer a suspeita de que as sombras sempre andavam em direção à luz, famintas pelo calor e

pelas pessoas.

Os demônios são feitos de sombras.

Mas as sombras nunca haviam me atacado, não importava que eu vagasse pelo castelo

durante altas horas da noite. Talvez Ignifex tivesse lhes ordenado que me deixassem em paz.

Tinha de acreditar naquilo, ou acabaria ficando maluca de tanto medo. Acreditava sim, na maior

parte das vezes, mas aquele medo incômodo ainda gelava minha espinha.

De qualquer modo, continuei minhas buscas. Logo fui parar num corredor decorado com

molduras douradas e murais – achei que deveriam mostrar deuses, mas, em meio à

semiescuridão, não consegui vislumbrar mais do que um emaranhado de membros. Bem no final

da passagem havia uma única e simples porta de madeira. Será que meus passos soaram um

pouco mais altos quando me aproximei dela? Senti um arrepio pelo corpo; ao chegar à porta, fiz

uma pausa, mas não ouvi nada. Nenhum demônio pulou das sombras para me matar, nenhuma

maldição caiu sobre mim. Respirei bem fundo e tirei a chave de metal de dentro do meu corpete.

Entrou fácil na fechadura. Girei a maçaneta.

Abri a porta e vi uma sombra.

Durante minha vida inteira, tinha escutado o aviso: Não olhe muito tempo para uma sombra, ou

um demônio pode olhar de volta para você. Isso sempre me fizera ter medo de lugares fechados, de

salas escuras, de espelhos pouco iluminados, dos bosques onde os ventos suaves sussurravam à

noite. Naquele momento, me dei conta de que nunca tinha visto uma sombra. Já tinha visto

objetos – salas, espelhos, o campo inteiro – na ausência da luz. Mas diante daquela porta não

havia nada, exceto a sombra primitiva e perfeita que não precisava de objeto algum para se

manifestar. Ela tinha sua própria natureza, sua própria presença, palpável, fervilhante e viva.

Meus olhos arderam e se encheram de água quando olhei para ela, mas não consegui desviar o

olhar.

A sombra olhou-me de volta.

Não houve nenhuma mudança visível, mas cambaleei sob o peso da percepção e do

conhecimento de que não estava sozinha. Ofegante, agarrei a porta e tentei fechá-la. Joguei todo

meu peso contra ela, mas era como se a estivesse empurrando através de algo pegajoso como o

mel. Quando olhei para o vão que se fechava lentamente, não vi nada vindo por ali, mas quando

olhei de volta para minhas mãos, vi com o canto dos olhos uma massa emaranhada de sombra

tentando agarrar a maçaneta com seus tentáculos.

Tudo isso aconteceu em meio a um completo silêncio. Estava aterrorizada demais para falar.

Mas quando a porta estava quase fechada, ouvi um coro de vozes de crianças. Elas pareciam cantar

a melodia de minha canção de ninar favorita, mas as palavras estavam todas erradas.

Nós vamos cantar a vocês nove, oh!

O que são vocês nove, oh?

Nove pelas nove luzes brilhantes,

A noite vai apagá-las, oh.

O som percorreu meu corpo como se mil pés gelados estivessem passando por minha pele.

Eu tinha aprendido a usar antídotos contra a escuridão, preces a Apolo e a Hermes. Mas era como

se aquelas vozes tivessem apagado qualquer conhecimento da minha cabeça; comecei a soluçar

em silêncio, enquanto tentava fechar a porta desesperadamente.

Oito por oito virgens mortas

Mortas na escuridão, oh.

A porta agora estava quase fechada, mas a pressão da sombra vinda do outro lado pulsava

contra mim. Um tentáculo tocou meu rosto, e eu senti uma queimadura gelada. Engasguei, o ar

parando em meus pulmões.

Seis por seus seis sentidos,

Nunca mais irá sentir, oh.

Com uma explosão final de desespero, consegui fechar a porta. Ofegante e tremendo, fui

cambaleando até a parede, onde finalmente me encostei. A sombra não estava mais ali, mas eu

ainda estava trêmula e meus olhos ardiam, cheios de lágrimas. Quando tentei secá-las, as lágrimas

transformaram-se em gelo na minha pele. Olhei para a minha mão.

Gotas de sombra líquida pingavam atravessando a palma de minha mão. Lembrei-me das

pessoas arrastadas antes de meu pai, reduzidas a cascas quebradas. Pensei: Isso é o que era para eles.



Então, finalmente gritei. Elas cantavam em volta de mim, um milhão de crianças imateriais

sussurrando e cantando em meus ouvidos:

Cinco para os símbolos na sua porta,

Dizendo-nos seu nome, oh.

Quatro para os cantos de seu mundo,

Estamos sempre mordiscando, oh.

Sombras escorriam pelo meu rosto e brotavam da minha pele. As sombras na sala

responderam, ganhando vida. Queria arrancar minha pele, consumir a carne dos meus ossos,

qualquer coisa para tirar as sombras de mim. Raspei minhas unhas por meus braços, mas quando

vi surgirem vergões cor de rosa, ouvi novamente gargalhadas e lembrei-me: eram os demônios do

Lorde Gentil. Jurei salvar Arcádia de seus ataques. Eles queriam que eu me destruísse.

Eu não os deixaria vencer.

Três para os prisioneiros nesta casa,

Nós os comeremos, oh.

Tentei correr, mas as sombras envolveram minha pele e, embora meus pés se mexessem

vagarosamente, não conseguia avançar. Então o ar agitou-se e jogou-me contra a parede. Enquanto

as sombras giravam a meu redor, caí no chão, minha última força escorrendo do meu corpo.

Dois para o seu primeiro e para o seu último,

Seremos ambos, oh.

Eu sabia de cor os versos finais da canção original e sabia também com uma certeza

desconcertante que elas iriam cantar da forma correta dessa vez. E, se eu ouvisse as palavras finais,

estaria perdida.

Uma é uma e sempre sozinha

E sempre deverá...

Um braço enlaçou minha cintura. Um anel de ouro brilhou numa mão. O fogo parecia

crepitar nos cantos da minha visão.

– Crianças de Typhon – ordenou Ignifex, sua voz lembrando o estalar de um chicote. –

Voltem ao vazio.

As sombras começaram a gemer como dobradiças enferrujadas e foram rastejando sob a

porta, de volta à escuridão. Continuaram a se lamentar e a se lamentar, até que minha garganta

começou a arranhar e meus olhos encheram-se de lágrimas – e só foi aí que eu percebi que os

lamentos vinham da minha própria garganta e que meus olhos ainda choravam sombras. Ignifex

segurava meu pulso, prendendo-me contra a parede; minhas costas estavam curvadas e meus

dedos contorciam-se enquanto as sombras escoavam através dos poros da minha pele. Queria que

elas fossem embora, mas parecia que meu corpo, meu inteiro ser, era um lenço de papel e as

sombras o estavam rasgando enquanto partiam.

Se pudesse rastejar através da porta e ir atrás delas na escuridão, ainda poderia existir. Seria

um brinquedo nas mãos delas, mas ainda assim existiria. Senti essa certeza em cada palpitação

irregular do meu coração, então contorci-me inteira a fim de me esquivar da força de Ignifex.

Tinha de segui-las. Simplesmente tinha de fazê-lo.

– Nyx Triskelion – grunhiu Ignifex. – Eu ordeno que fique!

O som do meu nome pareceu cortar minha compulsão de ir atrás das sombras como se fosse

um serrote. Eu bati contra a parede e fiquei parada enquanto observava a última sombra flutuar de

volta à porta e entrar pelas frestas. No momento seguinte, todas tinham ido embora.

Sem as sombras, o mundo parecia vazio e apático. As paredes do corredor eram lisas e sem

movimento, a escuridão remanescente morta e sem poder. Meu coração batia em meus ouvidos;

senti imediatamente minha pele adormecida e formigando. Eu queria segui-las, pensei, mas a

ideia parecia confusa na minha cabeça.

Ignifex me largou. Pisquei os olhos ao perceber que ele estava movendo os lábios e vi então

que estava falando.

– Você está bem? – Quando eu não respondi, ele bateu de leve no meu rosto. – Fale comigo!

Você consegue falar?

– Sim, consigo. – Minhas palavras soaram baixas e um pouco ásperas.

Ele inspecionou meus braços.

– Acredito que irá sobreviver. Pelo menos essa noite.

O tom de sua voz fez com que a raiva voltasse com toda a força, e o resto de mim com ela.

Levantei a mão, os dentes à mostra...

Ele deu um cutucão na minha testa.

– Será que há um limite para sua estupidez?

– Você quer dizer minha estupidez por não ter sido informada que os seus demônios correm

solto por esse castelo? – Eu lhe devolvi a cutucada. – Pensei que isso seria culpa sua!

– Eu lhe disse que algumas portas eram perigosas e que você não tinha ordem para entrar de

jeito nenhum, será que se esqueceu disso? Eu a coloquei numa sala segura para passar a noite. E o

que você fez? Fugiu! Isso não é culpa minha!

– Você me trancou numa tumba!

– Muito segura e aconchegante, diga-se de passagem. – A voz de Ignifex ainda era suave, mas

havia certa tensão em suas palavras. – E já passou da hora de eu ir para a cama.

De súbito, percebi três coisas: ele estava usando um pijama escuro de seda. Estava trôpego

como se fosse desmaiar. E a escuridão o estava corroendo.

Não as sombras. Podia parecer estranho, mas os pequenos tentáculos que estavam atacando

sua pele, deixando vergões vermelhos, não tinham relação alguma com o misterioso horror de

seus demônios. Aquelas sombras estavam vivas, alertas. O que acontecia agora era apenas a

escuridão da noite coagulando em seu corpo, tão naturalmente quanto o sangue coagulava sobre

um ferimento, e queimando-o como o ácido queimava a pele.

Minha própria pele ficou toda arrepiada com a visão.

Ignifex tentou se equilibrar apoiando uma mão contra a parede.

– Você vai me ajudar a voltar para o meu quarto – ele disse entre os dentes e houve outra

súbita nota tensa em sua voz. Quase como se ele estivesse com medo.

Do mesmo modo como eu sentira medo dos demônios quando eles rastejaram para fora da

porta, do mesmo modo como sentira medo das esposas mortas quando ele me trancara naquela

sala com elas e do mesmo modo como iria continuar a sentir medo todos os dias da minha vida

porque sabia que o Lorde Gentil pretendia destruir minha vida e ninguém nesse mundo jamais

iria aparecer para me salvar.

O frio que invadiu minha alma já era meu velho conhecido.

Cruzei os braços.

– Por que faria isso?

Ele piscou os olhos, como se nunca tivesse considerado a pergunta. Ou talvez fosse apenas a

tontura, porque no momento seguinte caiu de joelhos. A escuridão rodeava-o e parecia engoli-lo.

Vergões vermelhos agora marcavam seu rosto.

Meu coração começou a bater com mais força, mas não sentia mais medo. Pela primeira vez,

eu não era a única que estava numa situação de inferioridade.

Minha voz soou fria, adorável e estranha como cristal em minha garganta.

– Por que deveria ajudá-lo a ir a algum lugar?

Embora tivesse desabado de vez, Ignifex ainda conseguiu olhar para mim. As pupilas de

seus olhos estavam tão dilatadas que pareciam quase humanas.

– Bem... eu realmente salvei sua vida... – Então seu corpo dobrou-se de dor e ele deslizou

pelo chão.

Desde que eu podia me lembrar, a raiva instalara-se no mais profundo do meu ser e, não

importava o quanto doera, eu a engolira. Agora pelo menos eu odiava alguém que merecia ser

odiado e tive a sensação de ser o trovão de Zeus, de ser as tempestades de Poseidon sobre o mar.

Eu estava tremendo de tanta fúria e nunca havia me sentido tão feliz.

– Você matou a minha mãe. Você escravizou meu povo. E, como você mesmo disse, vou viver

nesse castelo até o dia da minha morte. Diga-me, meu querido senhor, por que deveria agradecê-lo

por ter salvado minha vida?

Ele estava ofegante e tremendo de dor, e parecia não estar nem mais me enxergando, quando

sussurrou:

– Por favor...

Eu me ajoelhei diante dele e sorri. Era como se meu corpo estivesse embrulhado com gelo;

minha voz soou como se estivesse vindo de longe, muito longe.

– Você acha que está seguro a meu lado?

Então me levantei e afastei-me, deixando-o sozinho na escuridão.

## APÍTULO 12

EU ME SENTI FORTE, orgulhosa de mim mesma e bonita ao caminhar

pelo corredor com passadas largas. Que ele ficasse com medo, desamparado e sozinho. Que

sentisse na pele o que as oito esposas haviam sentido, deitadas sozinhas naquela sala escura. Que

sentisse o que Escuridão sentia, sendo um escravo no castelo onde um dia fora um príncipe. Que

sentisse como eu me sentia, sabendo que estava condenada e que ninguém jamais viria me salvar.



Que ele sentisse na pele tudo isso e morresse – se pudesse. Eu queria acreditar que a

escuridão fosse matá-lo, que queimasse sua pele até os ossos, ossos que seriam então

transformados em cinzas. Porque aí o impossível iria acontecer: minha missão toda ficaria

diferente. Não precisaria mais destruir o castelo e morrer na destruição. Com o Lorde Gentil

morto, os Resurgandis teriam todo o tempo e toda a liberdade necessária para desfazer a

separação, sem que eu tivesse de ser sacrificada. E eu poderia voltar para casa, dizer a meu pai que

tinha vingado minha mãe e implorar o perdão de Astraia pessoalmente, em vez de fazê-lo através

de um espelho.

Então me lembrei de todas as histórias das pessoas que haviam tentado matar o Lorde Gentil

e falhado. A escuridão que o queimava podia ser uma arma mais letal que uma faca, mas eu não

acreditava que fosse mesmo funcionar, que o demônio que comandava todos os outros demônios

pudesse morrer com tanta facilidade. Era mais provável que Ignifex fosse sofrer até o amanhecer e

depois se recuperasse.

Havia histórias de pessoas que se viam mergulhadas em destinos tão terríveis que

imploravam pela morte, mas acabavam sobrevivendo. Mesmo que eu lhe proporcionasse apenas

algumas horas de sofrimento, ainda assim já me sentiria um pouco vingada – pela minha mãe, por

Dâmocles e por todas as pessoas que ele mandara para a morte e todas as pessoas destruídas por

seus demônios. E, quando ele estivesse ocupado com outra coisa, talvez pudesse dar um jeito de

matá-lo de uma vez por todas.

Abri a porta à minha frente e olhei para o Coração da Água.

– Escuridão! – gritei, ansiosa e feliz. Talvez ele soubesse o que havia sido feita da minha faca

e o que eu precisaria fazer em seguida. Talvez Ignifex pudesse morrer aquela noite e então eu

estaria livre.

Mas ele não estava em lugar algum. Fui até o centro da sala, mas ele não apareceu. Eu estava

sozinha e, naquela noite, as luzes não conseguiram prender minha atenção; continuei a olhar para

a água parada, que ref letia vagamente meu rosto. Fez com que me lembrasse do rosto pálido e dos

olhos arregalados de Astraia, quando a deixara.

Ela está vingada agora, pensei, mas tal pensamento fez com que me lembrasse do rosto de

Ignifex, a mesma expressão de horror e impotência enquanto a escuridão fechava-se sobre ele.

Balancei minha cabeça. Eles não eram nem um pouco parecidos. Astraia era doce e gentil e só

merecia meu amor, enquanto Ignifex, que mantinha as oito esposas mortas como um troféu, só

merecia meu ódio.

O Coração da Água, sempre tão bonito e cheio de encantos, subitamente me pareceu vazio e

fora de contexto. Saí de lá apressadamente, mal trancando portas e virando a esmo pelos

corredores, até de repente voltar à sala de jantar. O céu estava limpo e escuro, exceto pela lua

crescente que o iluminava com seus raios falsos de prata; os candelabros no teto lançavam uma luz

difusa sobre a mesa, que estava arrumada com pratos vazios. Dei alguns passos à frente enquanto

me lembrava do sorriso de Ignifex por sobre sua taça de vinho.

Gosto de uma esposa com um pouco de maldade no coração.

Apanhei uma das taças e atirei-a no chão. Fiz o mesmo com a outra. Então joguei todos os

pratos, os talheres seguindo o mesmo destino. Os castiçais foram arremessados contra a parede.

Apanhei uma baixela de prata vazia e fiz menção de socá-la contra a mesa.

Foi então que percebi o quanto estava sendo ridícula. Deixei cair a baixela. Lágrimas

apareceram em meus olhos; sequei-as, mas outras mais foram surgindo até que eu estivesse

soluçando em frente à mesa de jantar.

Eu tinha feito o que 200 anos dos Resurgandis – ou qualquer outra pessoa em Arcádia, até

mesmo os deuses – tinham achado impossível. Eu tinha me vingado do Lorde Gentil. Tinha feito

com que ele experimentasse a dor que inf ligia aos outros todos os dias, e o fato, mesmo que por

algumas horas, fazia de mim uma verdadeira heroína. Meu coração devia estar em festa.

Mas a verdade é que eu estava inconsolável. Não importava quantos pratos eu tivesse

despedaçado, não importava o quanto eu pensasse nas gerações clamando por vingança, não

conseguia esquecer o medo nos olhos de Ignifex e sua respiração ofegante ao me implorar por

ajuda.

Era meu dever, pensei, mas lembrei-me das palavras que havia lido e elas não se pareciam

em nada com dever, mas sim com uma alegria perversa.

Eu queria continuar a dar vazão ao meu acesso de raiva, destruir aquela sala inteira e depois o

castelo todo. Queria voltar para Ignifex e estrangulá-lo com minhas próprias mãos. Queria

encontrar Escuridão e pedir que ele me beijasse até que eu me esquecesse de todo o resto. Eu

queria acordar e perceber que minha vida toda não tinha passado de um sonho.

As lágrimas finalmente pararam. Respirei bem fundo e limpei meu rosto. E eu percebi que,

mais importante que tudo, queria voltar e ajudar Ignifex.

Imediatamente, apertei minhas unhas contra meus braços, os dentes cerrados de tanta

vergonha. Eu não era uma tola qualquer que esquecera que tinha sido sequestrada depois de um

ou dois beijos. Eu não era uma idiota que achava que um homem tinha bons sentimentos porque

me salvara das consequências de seus próprios crimes. E certamente não era uma garota que

considerava o marido mais importante do que sua obrigação.

Mas eu era uma garota que quebrara o coração da irmã e que, por um breve instante, gostara

do fato. Eu tinha deixado uma pessoa em sofrimento e gostara daquilo.

Eu não queria continuar a ser aquela pessoa.

Então limpei de novo o rosto e me virei para sair da sala de jantar. Estava quase chegando à

porta quando outro pensamento atingiu-me em cheio: e se a escuridão pudesse realmente matá-lo

e ele já estivesse morto? E se a escuridão tivesse corroído suas mãos e seu rosto, deixando-o vivo,

mas num estado tenebroso, sua garganta retorcida demais para poder gritar?

Meu estômago contraiu-se. Por um instante, não consegui deixar a sala. Pouco estava me

importando se Ignifex estivesse morto. Eu podia me arrepender de minha crueldade, ficar feliz em

vingar a morte de minha mãe e voltar para casa. Para minha irmã Astraia. Mas se ele ainda

estivesse vivo, mutilado e sofrendo... Se olhasse para ele e soubesse que tinha feito aquilo, não

por outro motivo exceto por ódio, e não tivesse conseguido nada em troca...

Então pensei: se eu ficar aqui, vou acabar sendo igual ao papai, que nem ao menos se deu conta de

que sacrificara sua filha.

Saí correndo da sala.

Tive a impressão de ter levado duas horas até encontrá-lo, mas provavelmente o tempo foi

muito mais curto, uns 30 minutos, talvez. Cada vez que eu abria uma porta, achava um lugar

novo, onde nunca tinha estado; de vez em quando, chegava a corredores que se viravam e levavam

de volta ao mesmo lugar, que tinham portas que eu não podia abrir ou que terminavam em becos

sem saída.

Eu pensei que esse castelo pertencesse a ele, foi o que me passou pela cabeça, enquanto corria por

uma passagem cheia de espelhos nas paredes. O suor escorria pelas minhas costas. Parei diante de

uma porta e a abri. Um muro de tijolos encarou-me de volta.

Um grito furioso e curto brotou da minha garganta. Você não vai me ajudar a salvar seu mestre?

Ignifex diria provavelmente: Você acha que um demônio iria ter uma casa amigável?

Escancarei a porta seguinte e entrei correndo, então parei de repente. Era a sala do espelho, e

através do vidro vi Astraia dormindo em sua cama, a luminária hermética em forma de cisne

brilhando na mesinha de cabeceira porque ela sempre tivera medo do escuro, sempre temera os

demônios. Como aquele que eu estava desesperadamente tentando salvar.

– Astraia – eu arquejei, então continuei. – Eu queria que você pudesse me ouvir.

Mas é claro que não podia. Senti uma pontada de dor no peito.

– Você não iria querer que eu fosse cruel, não é? Afinal, foi sempre tão gentil com todo

mundo...

Ela tinha ficado tão feliz, tão orgulhosa quando pensara que eu fosse cortar a cabeça do Lorde

Gentil e levá-la para casa numa sacola... Contra a vontade do papai, e ela devia saber que ele não

queria, mesmo não sabendo o motivo, tinha planejado todo um esquema para me dar o objeto de

presente.

Ela era uma criança, então. Continuava sendo e não fazia ideia do que significava matar,

muito menos como era sentir uma sombra viva escoando de sua pele e, embora a escuridão que

estivesse comendo Ignifex fosse diferente, eu não podia deixá-lo sozinho. Mesmo que minha irmã

me odiasse por isso.

– Ele é um monstro – eu disse. – Talvez eu também seja um monstro para ter pena dele. Mas

não posso deixá-lo sozinho agora.

Então corri para fora da sala.



Finalmente, encontrei meu caminho e consegui voltar àquele estreito corredor. A princípio,

achei que tinha ido embora. Então percebi que aquela massa disforme em meio à escuridão era

ele.

Corri em sua direção.

– Ignifex? – chamei, inclinando-me para vê-lo.

Ele não se moveu. Não conseguia ver seu rosto, apenas a escuridão que o encobria.

Ajoelhei-me a seu lado. Minha pele arrepiou-se inteira quando me lembrei de meus dedos

tocando as bocas das esposas mortas, mas não podia recuar agora. Com muita cautela, estendi a

mão através da escuridão para tocar seu rosto.

A escuridão afastou-se da minha mão, como se tivesse medo da minha pele. Então percebi

que ele ainda estava respirando. Enquanto observava, os vergões foram desbotando em pálidas

cicatrices brancas que, finalmente, transformaram-se em pele saudável.

Balancei seu ombro, a escuridão se evaporando.

– Vamos, acorde!

Um olho vermelho abriu-se; ele soltou um gemido fraco, o olho fechando-se de novo. A

escuridão rastejou de volta a seu corpo.

Ela parecia ter medo do meu toque. Então eu o levantei a fim de que descansasse a cabeça e os

ombros no meu colo; após um momento, ele se mexeu e se aninhou junto a mim. E a escuridão

afastou-se para longe.

– Mas o que está fazendo?

Levantei a cabeça imediatamente. Escuridão estava ao meu lado, as mãos enfiadas nos bolsos

do casaco, o rosto pálido indecifrável.

– Eu...

– Você deveria deixá-lo aí.

– Não posso – sussurrei, tentando não arquear meus ombros. Isso era muito pior do que ver

Astraia. Escuridão era o último príncipe de Arcádia. Meu príncipe, que tinha me ajudado e me

confortado por aquelas últimas cinco semanas, que tinha me beijado havia uma hora e quase

dissera que me amava. Eu retribuía aquele beijo e agora estava abraçando seu algoz bem diante

de seu nariz. Chegava a ser obsceno.

Escuridão ajoelhou-se à minha frente.

– Você não ia tentar derrotá-lo?

Você não era minha esperança?, seus olhos estavam dizendo.

– Sim. E vou continuar a ser. Eu quero, mas... mas... – Senti novamente que tinha dez anos

de idade, sendo chamada ao escritório de papai para explicar como tinha espirrado mel no salão. –

Deixá-lo aqui não seria derrotá-lo. Seria apenas uma vingança tola.

– Você sabe quanto sofrimento ele causou? Isso é o mínimo que ele merece!

Ignifex não havia mostrado sinais de que estava ouvindo nossa conversa, mas percebi agora

que estava tremendo.

– Eu sei – respondi. Lembrava muito bem de quando abraçava Astraia no corredor de casa,

nós duas apavoradas com os gritos horrendos vindos do escritório de papai. – Mas não posso...

não posso deixar ninguém nesse estado.

O silêncio de Escuridão mais parecia uma condenação.

– Vamos, ajude-me a levá-lo para o quarto dele – disse. – Depois disso, eu o deixo.

A boca de Escuridão contraiu-se, mas ele fez o que lhe pedi. Segurou os ombros de Ignifex

enquanto eu segurava as pernas e juntos o arrastamos através daquele labirinto de corredores até

chegarmos a seu quarto.

Eu nunca havia imaginado onde ele dormia, mas agora eu quase esperava uma caverna fria e

úmida com um altar sangrento como cama. Em vez disso, entrei num quarto igual ao meu, só que

com tudo em vermelho. Tapeçarias vermelhas em vez do meu pálido papel de parede, cortinado

vermelho e dourado em volta da cama e, apoiando o dossel, águias de metal preto que brilhavam

sob os castiçais em vez das virgens de vestidos transparentes. Nos cantos do quarto inteiro, fileiras

e mais fileiras de velas acesas brilhavam, espalhando uma luz dourada em todas as direções, de

modo que as sombras mal existiam.

Escuridão desapareceu assim que eu larguei Ignifex na cama. Eu não o culpava. Agora que

minha culpa tinha se acalmado, também queria ir embora. Olhei para meu marido e algoz. Os

vergões tinham desaparecido, bem como a maior parte das cicatrizes, mas ele ainda estava pálido

como a morte e vacilante como um fio molhado. Também estava curvado numa posição que

certamente iria lhe dar muitas câibras quando acordasse... E mesmo me divertindo com tal

pensamento, cheguei à conclusão de que, já que eu pretendia ajudá-lo, tinha de fazer isso direito.

Com um suspiro, deitei-o de costas e ajeitei suas pernas.

Seus olhos não se abriram, mas ele esticou um braço e segurou meu pulso.

Estremeci e fiquei quieta, mas ele não fez outro movimento. Então sussurrou, tão baixinho

que eu mal ouvi:

– Por favor, fique aqui.

Esquivei-me de seu toque, pronta para dizer que, mesmo que o tivesse salvado, não tinha a

mínima intenção de me transformar numa enfermeira... Mas então me lembrei da última vez em

que ele pedira “por favor”.

– Só um pouquinho – respondi, sentando-me na cama. Ele agarrou minha mão de novo como

se eu fosse sua única esperança. Hesitei durante alguns segundos, mas ele parecia muito fraco para

tentar o que quer que fosse. Deitei-me a seu lado, e ele imediatamente virou-se para se aconchegar

contra minhas costas. Colocou o braço em volta da minha cintura, então deu um suspiro e caiu no

sono.

Como se confiasse em mim. Como se eu nunca fosse machucá-lo.

Mesmo Astraia, com todos os seus beijos e abraços, nunca tinha relaxado comigo daquele

jeito em muitos e muitos anos. Que tipo de tolice era aquela?

A mesmo que a minha, ao que parecia, porque eu sabia que ele era meu algoz e, ainda assim,

estava obtendo conforto de seu toque.

Sua respiração fazia cócegas em meu pescoço. Tomei a mão dele nas minhas, nossos dedos se

entrelaçando; disse a mim mesma que estava ali somente por causa de minha dívida, que

qualquer um, qualquer corpo quente iria me fazer sentir aquela onda de paz. E, envolta naquele

aconchego, adormeci.

## APÍTULO 13

NA MANHÃ SEGUINTE, acordei e vi que Ignifex não estava mais

ali, as velas queimadas reduzidas a tocos. Na mesinha de cabeceira havia uma bandeja com um

delicioso café da manhã: pães quentinhos, torradas, frutas e um bule de café fresco. Na porta do

armário havia um vestido branco cheio de babados. Enquanto tomava meu café, fiquei olhando

para o vestido; era muito bonito e no final eu o vesti. Guardei a chave que Ignifex tinha me dado

no bolso, deslizei a que eu tinha roubado para dentro do meu corpete e deixei o quarto.

Dirigi-me em primeiro lugar para a sala do espelho. Astraia estava sentada à mesa,

mastigando suas salsichas meio queimadas e lendo um livro grande. Quando se mexeu para

servir-se de mais café, vi as ilustrações e percebi que se tratava do Livro das Técnicas Modernas

Herméticas, de Cosmatos e Burnham, um dos primeiros textos sérios que papai tinha me dado

para ler.

Agora ele entrava na sala; Astraia virou-se em sua direção e falou qualquer coisa – não

conseguia ver bem seu rosto, mas papai sorriu. Então ela não devia estar estudando para uma

possível tentativa de resgate. Papai nunca iria permitir que ela fizesse algo assim tão perigoso, e

ela jamais iria desapontá-lo.

Talvez ela quisesse juntar-se aos Resurgandis em minha homenagem. Será que nenhum

deles ainda acreditava que eu pudesse ser bem-sucedida?

Talvez não devessem. Na noite anterior, eu tinha salvado o Lorde Gentil. Quem poderia

dizer se eu, um dia, seria capaz de destruir seu castelo e derrotá-lo juntamente com seus

demônios?

– Eu serei – disse baixinho ao espelho.

Papai inclinou-se para dar um beijo na testa de Astraia, mas não senti aquela onda habitual

de amargura, muito embora ele tivesse me beijado pela última vez quando tinha dez anos de

idade.

– Vou destruí-lo – disse à Astraia. – Eu prometo. Você não precisa estudar nada.

Papai sentou-se ao lado dela. Colocou o livro entre eles e traçou uma das ilustrações com o

dedo. Astraia inclinou-se e a mão livre do papai encostou em seu ombro como se aquilo fosse a

coisa mais natural do mundo.

E, naquele momento, percebi que eu ainda era capaz de sentir ódio e inveja, porque tive

ímpetos de empurrar Astraia daquela mesa e cuspir em seu rosto. Durante toda a minha vida, o

pensamento de que meu pai me respeitava era muito reconfortante. Eu era sua aluna, a filha

inteligente que aprendia cada diagrama em tempo recorde, e mesmo quando percebi que eu

nunca estudaria o suficiente para que ele pudesse me amar, ao menos as aulas eram uma coisa que

eu tinha, e Astraia, não.



E agora ela era sua aluna, e, além disso, muito amada.

Virei-me e estava quase chegando à porta, quando parei de súbito.  
Não olhei para trás

porque, se olhasse, voltaria a sufocar em meu próprio ódio.

– Amo você – sussurrei, olhando para o batente da porta. – Eu não te odeio. Eu te amo.

Talvez algum dia aquilo fosse verdade.

Então corri para fora da sala a fim de continuar minha exploração.

Quase que imediatamente, encontrei a porta vermelha da biblioteca.  
Abri-a sem muito

interesse – e o ar ficou preso na minha garganta. Era a mesma sala  
de que eu me lembrava: as

prateleiras, a mesa com os pés de leão, a imagem em baixo relevo  
de Clio. Mas, agora, gavinhas de

uma trepadeira verde escura cresciam entre as prateleiras,  
alcançando os livros como se estivessem

ávidas por uma leitura. Uma bruma branca f lutuava pelo chão,  
ondulando como se soprada pelo

vento. No teto, havia uma rede de cordas de gelo, lembrando raízes  
de uma árvore. Elas

pingavam, não apenas gotas pequenas de gelo derretido, mas  
grandes pingos do tamanho de uma

uva, como lágrimas gigantescas que caíam sobre a mesa e no chão.

Entrei e, aproximando-me da mesa mais próxima, apanhei o velho manuscrito ali em cima.

Embora a água caísse em cima de suas páginas, não molhava o papel, tampouco borrava a tinta.

Eu, entretanto, estava bem molhada. O teto parecia ter começado a pingar mais depressa

assim que entrei.

Coloquei o velho manuscrito de volta em cima da mesa e, sentindo um arrepio de frio, afastei

uma mecha de cabelo molhado da testa. A água caía na parte de trás do meu vestido. Agora que

não estava em situação de perigo, lembrei-me, então, da última vez, em que os livros recusaram-se

a ser lidos e quase fui embora, mas, ao olhar em volta, não senti nenhuma hostilidade vinda

daquelas prateleiras que gotejavam. Talvez só tivesse sido minha imaginação. Uma biblioteca,

afinal de contas, não costumava ser um esconderijo de demônios.

Estremeci – vamos comê-los todos, oh! – e bati minhas mãos na mesa, apreciando a aguilhada

dura contra as palmas das minhas mãos que não era de um milhão de mordiscar de sombras, o

martelar dos respingos que não era de um milhão de murmúrios cantantes.

Comecei a andar por ali. Não havia som algum, exceto o gotejar do gelo que derretia e um

ocasional barulho de água quando pisava numa poça. A bruma dançava por entre meus pés e

canelas, como se fosse um gatinho medroso, mas cheio de ternura. Tremi de frio, mas o ar tinha

um cheiro fresco e gostoso que lembrava mel, e eu senti vontade de ficar.

Lembrei-me das horas que passava na biblioteca de papai, procurando conforto nos livros, de

modo a poder esquecer meu triste destino pelo menos por uma hora. Como tinha olhado para as

gravuras e pressionado minhas mãos contra as páginas, desejando poder desaparecer naquelas

linhas seguras e nos desenhos... Agora, sentia como se tivesse conseguido tal feito, deslizado para

dentro de uma figura ou de um sonho. Aquele lugar podia ser misterioso, mas não havia por ali

nenhum horror escondido.

Então, numa pequena sala onde havia uma só janela, encontrei Ignifex. Ele estava sentado

num canto, os joelhos dobrados perto do queixo, os olhos baixos e pensativos. Seus cabelos

escuros estavam molhados e caíam-lhe pelo rosto, seu casaco pingando, também. A bruma

envolvia seus joelhos e um pequeno galho de trepadeira subia em seus cabelos.

Meus pés pararam quando o vi. As palavras ficaram engasgadas, depois sumiram de minha

garganta. Eu não podia ser gentil com ele depois do que tinha me feito, não podia ser cruel depois

do que eu tinha feito, não podia esquecer sua fúria, nem seu beijo, tampouco seu braço enlaçando

minha cintura quando me salvava das sombras.

Então percebi que ele estava me observando.

– Você não deveria estar por aí, tentando uma alma inocente a cair nos seus golpes? –

perguntei, enquanto me aproximava de uma das estantes.

– Eu já lhe disse – ele respondeu com um pequeno sorriso, como se tal comentário o tivesse

divertido. – Não são os inocentes que chegam até mim.

Percebi que estava tão perto dos livros que meu nariz quase tocava as lombadas. Afastei

alguns galhos de trepadeira, apanhei um livro e o abri, esperando parecer como se eu o estivesse

procurando o tempo todo.

– Você não vai me ameaçar com outro terrível castigo? – perguntei, mantendo meus olhos

fixos no livro. Era sobre a história de Arcádia, tão velho que não era impresso, mas escrito à mão

com uma bonita caligrafia. Eu só fingia estar lendo, mas então percebi que conseguia ler cada

palavra da página. Seja lá que poder tivesse feito com que meus olhos se desviassem da leitura,

tinha ido embora.

Mas tinha aberto numa página danificada. Havia pequenos buracos por toda sua extensão,

como se o papel tivesse sido queimado. Cada buraco tapava uma ou duas palavras, mas havia oito

ou dez em cada uma delas. Continuei a folhear o livro. Mais buracos.

– Você acharia isso emocionante?

– Previsível, mais provavelmente. – Lancei-lhe um olhar. Não mais abraçando seus joelhos,

Ignifex estava recostado numa das estantes, o olhar perdido no ar.

– Sabe de uma coisa? Somente duas das minhas esposas pensaram em roubar minhas chaves.

– Isso mostra que você não tem um gosto muito apurado no que se refere às mulheres.

– Não tenho culpa que a maior parte dos homens com os quais fiz acordos tinha filhas tolas.

Virei uma página. Mais buracos.

– E essas garotas tolas, o que lhes aconteceu?

– Você as viu na noite passada. Viu o que lhes aconteceu. Acho que o resto dá para imaginar.

Senti um arrepio, lembrando-me das sombras que queimavam e de suas canções alegres e

infantis. Uma é uma e sempre sozinha...

– Cresci vendo meu pai tentando salvar as pessoas atacadas por seus demônios – disse eu. –

Sempre soube o que esse destino significava.

O livro todo estava danificado. Coloquei-o de volta na estante e apanhei outro.

– Está tendo problemas com sua leitura?

– Você devia cuidar melhor de seus livros – disse eu. – Olhe, este outro também está

queimado. – Dali a um instante, ele certamente estaria a meu lado, todo sorridente. Joguei então o

livro em sua direção. Ele o pegou no ar e começou a folhear as páginas. Como não tinha percebido

antes com que graça suas mãos se moviam?

– Você costuma vir à biblioteca com um monte de velas? Afinal, parece gostar muito delas. –

Então me forcei a me calar, porque estava chegando muito perto dos acontecimentos da noite

passada e não queria lembrar, nem falar sobre aquilo, embora o ocorrido pairasse no ar, entre nós.

Ele fechou o livro com um pequeno, mas decidido barulho.

– Não. Na verdade, os buracos nesse livro devem ser a única coisa nesse mundo que não são

culpa minha. – Uma gota de água deslizou por sua garganta até chegar à sua clavícula.

Cruzei os braços.

– Como alguma coisa nesse castelo pode não ser culpa sua? Não havia nenhum buraco da

última vez em que estive aqui.

– Você não conseguia vê-los, até hoje. E os livros não estão assim por culpa minha. São

censurados pelos meus mestres.

– Mestres? – repeti.

Ele levantou as sobrancelhas.

– Eu nunca os mencionei?

– Claro que não. – Eu tive a intenção de parecer agressiva, mas as palavras soaram sem muita

emoção.

– Quem você acha que criou todas essas regras para minha esposa?  
– ele perguntou. – Não

fui eu, ou então você teria de me dar um beijo de boa-noite.

Senti como se o chão estivesse derretendo embaixo de meus pés. O Lorde Gentil era a

criatura mais odiosa que existia além de Typhon, e a mais poderosa depois dos deuses. Todo

mundo sabia disso.

Só que todo mundo estava errado.

Que tipo de criatura poderia ser mais poderosa e maldosa o suficiente para comandar o

príncipe dos demônios?

– Não se incomode com isso. Há outras coisas que você também não conseguiria ver até hoje.

Venha ver. – Ele me conduziu até a janela.

Olhei para fora e o ar parou na minha garganta. As colinas esverdeadas pareciam iguais ao

que me lembrava, mas o céu de pergaminho acima estava marcado por buracos irregulares, meio

queimados nas bordas, através dos quais não se podia ver nada, exceto escuridão. Sombras.

– Eles se parecem com os buracos dos livros, não é? Mas, ao contrário dos livros, acho que



– você pode dizer que a culpa aí é minha. Meus mestres só os fizeram porque acham mais

interessante quando eu tenho um desafio.

– O que quer dizer com isso?

– Houve um rapaz que ficou louco no seu vilarejo, não houve? Apesar de seu pai ter pagado

todos os tributos, correto? Às vezes, as Crianças de Typhon escapam contra minha vontade e eu

tenho de caçá-las.

Olhei para os buracos no céu, suas bordas queimadas, e não consegui mais desviar os olhos.

Sentia como se tivesse devorado um pudim inteiro, pesado, frio e feito de sangue.

– São por esses buracos no céu que eles entram – disse ele. – Você pode vê-los agora porque

olhou para as Crianças de Typhon e sobreviveu.

– Isso não faz sentido algum – sussurrei.

– Você olhou para elas e elas olharam para você. Por acaso acha que esse olhar algum dia vai

terminar?

Os buracos pareciam olhos. Como janelas. Como a escuridão infinita que eu tinha

enfrentado. Abracei meu próprio corpo, lembrando-me das sombras saindo dos meus olhos,

escoando para fora de minha pele... Se Ignifex não tivesse me achado a tempo, talvez agora eu

tivesse me tornado uma concha de pergaminho queimada e cheia de buracos, a escuridão

escapando como saliva de minha boca torta e aberta...

Ignifex aproximou-se de mim.

– Você está tremendo.

– Não estou!

Num movimento rápido, ele me tomou nos braços.

– Você está com frio. – Caminhou em direção à porta. – Vou levá-la para um lugar mais

quente.

– Mas o que... – disse, tentando me esquivar dele, mas seus braços eram muito fortes... e o

calor que emanava deles, nem um pouco desagradável.

– Não se preocupe, vou levá-la a um lugar agradável.

– E por que você faria alguma coisa agradável para mim? – Pretendia que as palavras

soassem agressivas, mas elas vieram como não mais que um sussurro.

– Sou o Senhor dos Acordos. Posso recompensá-la, se quiser.

Eu tentava manter o equilíbrio com o balanço de seus passos. Mas era como ser levada por

um rio.

– Você não precisa me carregar – disse eu. – Posso andar sozinha.

– Sou o senhor seu marido. Vou levá-las nos braços ou sobre meu ombro. O que prefere?

– Sobre seu ombro.

– Quer que eu a segure pelas coxas? Não que fosse me importar...

Lancei-lhe um olhar zangado, mas ele apenas riu e beijou minha testa. Achei que, se essa

fosse sua vingança pela noite passada, não era de todo ruim.

Ele me carregou por outras cinco salas, até que chutou uma porta verde que eu nunca tinha

visto antes e caminhamos em direção à luz.

## APÍTULO 14

FOI TUDO O QUE eu pude ver a princípio: a luz brilhante e dourada que

deslumbrava meus olhos e que me fazia apertá-los a fim de me livrar das lágrimas que se

formavam. Aos poucos, eles foram se acostumando e eu preendi a respiração, maravilhada.

Estávamos em meio a um campo de grama verde e de flores amarelas que se estendiam até a linha

do horizonte, que não se encontrava com o céu de pergaminho que eu sempre conhecera, mas com

um azul puro e brilhante.

Olhei para cima. Apenas por um instante, antes que a luz absoluta machucasse meus olhos e

me forçasse a olhar para baixo de novo, manchas verdes e púrpuras dançando em minhas pupilas,

mas já era o suficiente. Eu tinha visto o sol.

Eu tinha visto o sol.

Mas era impossível. O sol há muito desaparecera, perdido para sempre seja lá onde o infinito

separava Arcádia do resto do mundo. Eu não podia estar vendo aquilo, não podia estar sentindo

seu calor batendo no meu nariz como o fogo vindo da lareira.

Não podia, mas ainda assim estava vendo.

– Nós estamos... – comecei com voz suave.

Ignifex tratou de me explicar:

– Não – respondeu ele. – Essa é outra sala. Uma ilusão. – Ele sentou-se, depois se deitou na

grama. – Mas é quase igual. – Ele parecia saudoso.

Virei-me lentamente. Atrás de mim havia uma porta estreita de madeira, através da qual

podia ver a biblioteca, mas, de um modo ou de outro, a ilusão era perfeita. Uma brisa suave

balançava as flores e acariciava meu pescoço; tinha a mesma delicadeza das brisas que eu sentia

quando corria pelos campos em volta de meu vilarejo e tinha o cheiro do verão, de grama verde e

de espaços abertos.

Ainda assim, apesar da semelhança do ar, apesar de eu saber que aquilo era apenas uma sala,

ela parecia muito maior do que qualquer espaço aberto em Arcádia. A princípio não entendi bem

por quê; achei que pudesse ser apenas por causa do céu azul ou do brilho do sol, mas então percebi

que era por causa da sombra. Em Arcádia, o sol criava sombras difusas que mais pareciam um

murmúrio de escuridão. Aqui as sombras eram bem visíveis, como aquelas criadas pelas

lâmpadas herméticas sem sua tonalidade – mas aqui as luzes eram infinitamente mais luminosas,

claras e vivas. Senti como se eu tivesse vivido toda minha vida dentro de uma pintura e só agora

estivesse conhecendo o mundo verdadeiro.

Não pude resistir. Comecei a girar, respirando fundo aquele ar com cheiro de sol, até

perceber de súbito que devia estar parecendo uma criança tola. Parei e olhei para Ignifex. Ele

continuava deitado, olhando para o céu com os olhos semicerrados. O vento balançava seus

cabelos úmidos, o rosto mais relaxado e mais humano do que jamais havia visto.

Ele me falara a verdade. Havia me levado a um lugar cheio de paz, dourado e quente, onde

havia um céu sem sombras. Havia me recompensado, embora eu tivesse quase deixado que a

escuridão o devorasse na noite passada.

Deitei-me a seu lado.

– Você se lembra de como o mundo era antes? – perguntei.

Ele não se moveu.

– Uma boa tentativa, já que sou o demônio que a arrancou dele.

– Isso não é resposta.

– Você não me fez nenhuma pergunta.

– Então você não se lembra.

– Eu me lembro da noite – disse ele com voz suave. – Os livros eruditos que você lia

mencionavam as estrelas?

Eu segurei nas mãos a coisa mais próxima a elas, pensei, mas jamais poderia lhe contar o quanto

sabia a respeito de Escuridão. Em vez disso, respondi.

– As velas da noite. Sim, mencionavam.

Era uma linha de uma poesia de Hesíodo. Eu tinha lido aquela página centenas de vezes,

recitando as palavras em voz alta e imaginando as chamas no céu escuro.

Ele bufou.

– Seus livros eruditos são mais idiotas do que pensei. Não eram velas. Eram... Você já viu

uma lâmpada brilhar através da poeira do ar, matando as traças queimadas? Imagine isso

espalhado pelo céu da noite, só que dez mil traças e dez mil vezes mais luminosas, brilhando

como os olhos de todos os deuses.

Ele deixou cair a mão na grama. Percebi que tinha até prendido a respiração enquanto as

palavras dançavam na minha cabeça, criando um mundo de imagens.

– Se você ama tanto o céu verdadeiro, por que fica aqui trancado?

– Sem dúvida, maldade premeditada.

– Você não se lembra – disse. – Perdeu a memória.

– Bem, eu não me lembro de ter saído das tumbas do Tártaro.

– Você se lembra do seu nome?

Seus lábios se comprimiram.

– Então faz sentido que você queira que suas esposas o adivinhem –  
continuei. – O que vai

lhe acontecer se alguém acertar?

– Aí não vou mais ter mestres. – Ele rolou na grama e sorriu para  
mim. – Quer me salvar,

adorável princesa?

– Não sou uma princesa.

– Então continuarei a definhar. – Ele voltou à posição em que estava.  
– Ai de mim...

– Você não me parece muito preocupado.

– Se há uma coisa que eu aprendi como o Senhor dos Acordos, é  
que saber a verdade não é

sempre uma boa coisa.

– Uma filosofia muito conveniente para um demônio que vive de  
mentiras.

Ele bufou.

– Não falo quase nada além da verdade. E quantas verdades lhe  
ofereceram algum tipo de

conforto até agora?

Eu me lembrava de meu pai me dizendo: Nossa casa tem um débito  
e você precisa pagá-lo. Eu me

lembrava de tia Telomache me dizendo: Seu dever é vingar a morte  
de sua mãe. Eu ouvira aquelas



verdades, em fatos, se não em palavras, cada dia da minha vida.

Eu me lembrava de minhas últimas palavras para Astraia e do olhar em seu rosto quando

soubera da verdade sobre mim e sobre o Verso Rimado.

– Nenhuma – disse eu. – Mas pelo menos nunca aprendi que vivia uma mentira.

Ele sentou-se.

– Vou lhe contar uma história sobre o que acontece quando os mortais ficam sabendo da

verdade. Era uma vez Zeus, que matou seu pai, Cronos, mas já que ele era um deus, ninguém o

culpou por isso.

– Eu já li a Teogonia – disse eu com dignidade. – Conheço a história dos deuses.

– Então sabe também que Typhon foi um dos monstros que lutou para vingar Cronos.

Estremeci, minha garganta se fechando. Na noite passada, ele tinha chamado os demônios da

sombra de Crianças de Typhon. Elas ainda estavam à espreita atrás daquela porta, atrás do céu

incerto, prontas para me arrastar para lá – uma é uma e sempre sozinha...

Ignifex me observava de perto, como um gato de olho num rato.

– Certo – disse ele, percebendo que havia medo em meu rosto. – Typhon formou uma família.

Forcei um sorriso para poder olhar dentro de seus olhos.

– Eu já sabia disso também – comentei, apertando os dentes. – A Teogonia o chama de Pai dos

Monstros. E Zeus jogou todos os monstros no Tártaro. Como eles chegaram ao seu castelo?

– Bem, é uma história engraçada. Quando Zeus finalmente forçou as Crianças de Typhon a

irem para o abismo do Tártaro, ele implorou à sua mãe, Gaia, que fizesse alguma coisa para

impedi-las de causar estragos novamente na terra. – Sua voz era suave, sem qualquer sinal de

zombaria, e acariciava minha pele como se fosse uma fita de seda. – Então, Gaia prendeu todos os

que estavam no Tártaro dentro de uma grande torre, colocou a torre numa casa, a casa numa arca, a

arca num búzio, o búzio numa noz, a noz numa pérola e a pérola dentro de uma linda caixa

esmaltada que foi selada com cortiça e com cera.

Uma lufada de vento fez com que a grama balançasse à nossa volta. Pisquei os olhos, então

cruzei meus braços. A voz do meu inimigo não devia soar assim tão reconfortante.

... a sombra escoou para fora de minha pele e olhou para mim enquanto pingava dos meu braços...

Enterrei as unhas na palma da minha mão.

– Então como eles saíram de lá? – perguntei.

– Bem, veja só, Prometeu amava os homens e deu-lhes o fogo contra a vontade de Zeus.

– E Zeus o acorrentou a uma rocha e fez com que uma águia comesse seu fígado todos os dias.

– Eu conhecia bem aquela história; havia um livro em casa com uma figura em cores berrantes

que fizera com que Astraia e eu gritássemos de tanto horror. – E o que isso tem a ver com as

Crianças de Typhon? – perguntei, tentando não tremer ao falar.

– Ah, será que os tão cultos Resurgandis esqueceram desse pedaço? Zeus não puniu

Prometeu por causa do fogo. Ele não podia arriscar outra guerra entre os deuses. Em vez disso, ele

criou uma armadilha. Ainda não existia nenhuma mulher mortal no mundo e Zeus recusava-se a

criar uma, dizendo que as futuras gerações poderiam se rebelar contra os deuses. Ele sabia que

Prometeu, que amava a humanidade mais do que a razão, não podia se conformar enquanto ela

desaparecia. Então, ofereceu um trato. Zeus criaria uma mulher mortal e deixaria que ela tivesse

filhos, mas também lhe daria um teste de obediência. Se ela falhasse, a humanidade seria

amaldiçoada com infortúnios sem fim e Prometeu seria acorrentado para que a águia lhe

devorasse o fígado. Mas, se ela passasse no teste, a humanidade viveria em uma abençoada

felicidade para todo o sempre.

– Que trato tolo – sussurrei.

Ignifex colheu uma margarida e girou-a entre os dedos.

– Acho que os deuses, como os homens, ficam meio tolos quando têm uma chance de obter

tudo que querem. – Ele destruiu a flor, seu rosto ficou furioso por um instante.

Acabou por sorrir para mim novamente.

– Então Zeus criou Pandora, a primeira mulher mortal e, como dote, deu-lhe uma caixa de

sombras, com a estrita condição de que ela nunca deveria abri-la. Ela se casou com um mortal e lhe

deu várias filhas, e todo mundo achava que seriam felizes para sempre. Mas Zeus fez com que o

rosto de Pandora fosse lindo como o amanhecer e sua alma livre como o vento, então não demorou

para que Prometeu se apaixonasse por ela e ela por ele. Pandora implorou-lhe para que ele a

levasse para longe de seu marido, mas ele se recusou. Ela ia morrer logo mesmo e ele achou que

seria melhor deixá-la viver o que ainda lhe restava de vida ao lado de um outro mortal.

Eu sabia o que estava por vir e apertei os dentes, não querendo ouvir as palavras, não

querendo mostrar meu medo.

– Pandora então foi lamentar seu triste destino num bosque silencioso e de lá veio um

sussurro. Talvez fosse um dos meus mestres, talvez alguém igualmente maldoso. O sussurro

disse: “Abra sua caixa. Se tiver coragem de enfrentar todos os males que surgirem, no fundo vai

encontrar uma esperança. A esperança de nunca morrer, de ficar viva como Prometeu, por toda a

eternidade”. Então, ela abriu a caixa...

– Isso nos mostra que nunca devemos acreditar em vozes nos bosques – murmurei,

enterrando as unhas na palma da minha mão.

– ... e todas as Crianças de Typhon saíram da caixa e começaram a assolar o mundo,

inf ligindo doenças, morte e loucura entre a raça dos homens.

Lembrei-me das sombras entrando e saindo da minha pele, das pessoas gritando no

escritório de papai e se isso fora feito no mundo todo ao mesmo tempo...

– Mas porque elas olharam nos olhos de Pandora ao saírem da caixa, ficaram ligadas a ela.

Poderiam ser trancadas de novo somente se Pandora também fosse e, apesar de seus pedidos de

misericórdia, foi o que Prometeu fez. Tendo perdido a aposta, ele voltou-se para Zeus, que o

acorrentou para ser devorado pela águia. Zeus conseguiu o que queria. Prometeu estava

acorrentado, enquanto os estragos causados pelas Crianças de Typhon garantiriam que a

humanidade jamais pudesse florescer e ameaçar o poder dos deuses. Prometeu, de uma forma ou

de outra, também conseguiu o que queria: as filhas de Pandora não foram molestadas e a raça

humana prosseguiu. E Pandora também realizou seu desejo. Ela nunca morreu, mas teve o mesmo

destino trágico de Prometeu, porque, de uma forma ou de outra, os dois acabaram presos numa

vida de eterno sofrimento.

Ele terminou e olhou para mim, uma sobrancelha levantada, como se estivesse esperando

minha reação.

Olhei para ele. Minha pele ainda se contraía de horror, mas não estava disposta a lhe mostrar

meus medos.

– Não sei o que essa história tem a ver com você – disse eu de maneira firme. – Se Pandora

soubesse a verdade, nunca teria aberto a caixa.

E, se não tivesse sido tão tola, jamais iria imaginar que seu desejo impossível pudesse ser realizado.

Mas eu não queria admitir aquilo no momento. Entendia todo o desprezo de Ignifex por suas

vítimas.

Ele inclinou-se em minha direção. Não havia nem sinal de riso em seus olhos.

– Ela era exatamente como você. Corajosa o suficiente para se arriscar pelo que quisesse, e

conhecia a verdade um pouco mais do que deveria.

Ao falar aquelas últimas palavras, sua voz ficou mais suave e um pouco mais amarga. Antes

daquele dia, eu nunca o tinha visto assim tão sério, e senti como se o chão estivesse balançando

debaixo de mim.

Inclinei-me para a frente, mostrando meus dentes.

– Por acaso se considera um novo Prometeu? Será que vai me prender numa caixa a fim de

salvar o mundo?

– Sou o senhor dos demônios, não se lembra? – Ele afastou uma mecha de cabelo molhado da

testa, fazendo com que eu recuasse. – Não mataria você sem uma boa razão. Mas tem de admitir

que você tem muita coisa de Pandora, embora seus motivos sejam menos egoístas. Ontem à noite

você chegou a abrir a própria caixa.

Por um breve instante, pude sentir de novo as sombras passeando por minha pele, embora

estivesse segura sob a luz do sol.

– Certo, e posso saber como foi que os demônios foram parar atrás daquela porta? Ou atrás do

céu e percorrendo seu mundo, já que estavam todos trancados na caixa com Pandora?

– Eu disse todos? Zeus deixou um ou dois de fora, para que continuassem a atormentar a raça

humana.

– Um ou dois?

– Ou três, ou quatro, ou dez mil. Mas não o suficiente para destruir a humanidade inteira,

então a condenação de Pandora atingiu seu fim.

Massageei meus braços e olhei para o horizonte.



– A escuridão devorando você ontem à noite. Foi diferente.

– Ah, o que aconteceu comigo... É que eu não gosto do escuro, só isso.

– Você... – Sem querer, acabei me virando para ele e olhei bem dentro de seus olhos.

Lembrei-me do medo que vira ali estampado enquanto ele pedia por favor... Desviei a cabeça, a

garganta apertada.

– O quê? Você achou que eu quase morri? Então saiba de uma coisa, cara esposa. Não sou

assim tão fácil de matar. – Estava olhando para a grama, mas percebi que ele se mexeu. – Ou você

acha que aquela foi a primeira vez que fui pego pela escuridão?

– Não – murmurei, embora não tivesse pensado naquilo antes.

– E não me fale que sente muito, porque isso faria de você uma lamentável assassina.

– Eu não sou uma assassina! – Virei a cabeça rapidamente e percebi que ele estava ajoelhado

bem ao meu lado.

– Ah, eu sinto muito. Faria de você então uma lamentável inimiga que leva uma faca consigo

com propósitos não violentos. – Seus olhos de gato estavam rindo de mim.

Eu sorri.

– Olhe, eu não sinto por nada. Só devia ter deixado você lá por um pouco mais de tempo.

– Bem, é uma pena. – Ele inclinou-se em minha direção. Seu pescoço estava úmido e eu

percebi de súbito que meu vestido ainda estava colado em mim, em dobras úmidas. – Porque eu

estava pensando em algum modo de você me compensar...

Ele tocou meu queixo com um dedo. O ar ainda estava quente em minha garganta.

De súbito, sua mão deslizou para dentro de meu corpete, a fim de pegar a chave que eu ali

guardara. Ele a girou em sua mão e voltou a se sentar, um grande sorriso em seus lábios, e voltou a

guardá-la no cinto preso em seu peito.

– Você... – eu sufoquei as palavras e voei para cima de sua garganta.

Ele me fez parar facilmente com um só braço, mas nós dois caímos na grama, ele de costas, eu

em cima dele.

– Viu? – disse ele. – Você não é uma boa assassina de jeito nenhum.

– Fique quieto – eu resmunguei e calei suas palavras com um beijo.

Eu o surpreendi por um momento apenas, então ele me prendeu com seus braços e retribuiu

meu beijo de um modo tão intenso quanto a luz do sol batendo em minhas costas, e, durante

alguns instantes, nenhum de nós falou nada. Eu não sabia por que tinha sequer imaginado que ele

pudesse me destruir ou aniquilar; o beijo me fez sentir viva novamente, e me senti desamparada

somente por não conseguir parar as batidas do meu próprio coração.

Finalmente, eu me afastei dele. Ainda ficamos deitados lado a lado, bem próximos um do

outro; a mão direita dele estava sob a minha cabeça e a esquerda abraçava meu ombro. Não era

diferente das manhãs cheias de preguiça na minha casa quando eu me recusava a sair da cama. Eu

sabia que ele era meu inimigo, inimigo da minha família e de todo o mundo. Eu sabia que ele não

iria ter misericórdia de mim, e eu também não iria ter a mínima por ele. E estava preparada para

me levantar e lutar com ele. Mas não ainda. Não mesmo.

Certamente, eu podia ficar em seus braços por mais alguns instantes, ouvindo o som estável

de sua respiração, meu próprio coração disparado. Certamente, eu podia cochilar em seus braços

por mais um momento, curtindo esse sonho ensolarado de felicidade, em que me sentia segura e

amada.

Ele passou os dedos pelos meus cabelos.

– Acho que nunca tive uma esposa com cabelos tão longos e escuros. Não vai ter de se

envergonhar quando estiver deitada junto com as outras.

Mas sonhos, é claro, sempre chegam ao fim.

Esquivei-me dele e me levantei.

– Não conte com seus troféus antes que estejam mortos.

Ele também se sentou.

– E eu aqui pensando que estava lhe fazendo um elogio.

– É por isso que você as prende? Para que fiquem todas bonitas e expostas, uma ao lado da

outra?

Ele desviou o olhar.

– Eu só cumpro ordens dos meus mestres – ele disse simplesmente.

– Eles querem ter certeza

de que elas nunca vão adivinhar meu nome.

A honestidade daquelas palavras fez com que minha respiração falhasse. Olhei para o chão,

sem querer encará-lo num momento em que poderia sentir pena dele, e então finalmente me dei

conta de uma coisa: um sussurro silencioso de uma batida do coração, mais sentido do que ouvido.

Algo que cantarolava no chão, murmurava através do ar; então percebi...

– Sim – disse Ignifex. – Este é o Coração da Terra.

Pisquei os olhos

– O que é isso?

– Ah, não precisa se fazer de inocente. Eu poderia até desenhar os segredos para você.

– Então por que me trouxe aqui?

– Porque é bonito.

– Você não acha que nosso plano pode dar certo.

– Eu diria que a probabilidade é muito pequena.

Eu me inclinei para a frente, esperando que pelo menos daquela vez seu temperamento

exuberante fosse útil para alguma coisa.

– Por que não? Sou muito tola, meu marido. Não estou entendendo nada.

Ele cutucou meu nariz.

– Você não é tola, tampouco seu plano. Mas o Coração do Ar fica muito além do nosso

alcance. E seu povo nem sequer começou a compreender a natureza dessa casa.

– Então me conte. – Balancei minha cabeça. – Ou será que está com medo?

– Não – ele respondeu com voz calma, e de repente deitou-se de novo no chão, descansando a

cabeça no meu colo. – Estou cansado.

Engoli em seco. O conforto daquele gesto tocou-me de um jeito como o beijo não conseguira.

Não conseguia entender como ele continuava a agir como se confiasse em mim.

– Tive uma noite difícil – acrescentou, olhando para mim por sob os cílios.

– Já lhe disse que não sinto por nada – resmunguei.

– Claro que não. – Ele sorriu com os olhos fechados.

– Você mereceu tudo aquilo e mais um pouco. Fiquei feliz de vê-lo sofrer. Faria tudo de novo,

se pudesse. – Percebi, então, que estava tremendo como se os mundos estivessem virando de

cabeça para baixo. – Faria de novo e de novo. Todas as noites eu iria atormentá-lo e rir. Você está

me entendendo? Nunca vai estar a salvo comigo! – Respirei bem fundo, tentando afastar as lágrimas

em meus olhos.

Ele abriu os olhos e me encarou como se eu fosse a porta para fora de Arcádia que o levaria de

volta ao céu azul.

– É por isso que você é a minha favorita. – Ele estendeu a mão e secou uma lágrima que caía

em meu rosto com a ponta do dedo. – Cada pedacinho perverso de você.

Ninguém tinha jamais me olhado daquela forma, e com certeza não depois de ver tanta

amargura e veneno guardado dentro de mim. Nem ao menos Escuridão, porque eu sempre tinha

sido gentil com ele.

Quase beijei Ignifex de novo, mas sabia que, se o fizesse, nunca mais pararia de novo. Nunca

mais seria capaz de lutar contra ele e eu devia isso a Astraia, Escuridão, minha mãe, ao mundo

inteiro. Precisava quebrar o poder daquela criatura. Era meu dever.

Então me esquivei dele de novo e me levantei porque, se ficasse ali a seu lado por mais um

instante, não seria mais capaz de traí-lo.

– Seu tolo – disse. – Vou continuar tentando destruí-lo. – E caminhei em direção à porta antes

que ele pudesse falar mais alguma coisa.

## APÍTULO 15

PASSEI O DIA INTEIRO no meu quarto, tentando cochilar. Meu

plano era explorar a casa durante a noite inteira e queria estar o mais alerta possível, de modo a

poder evitar mais desastres.

Mas o sono não veio assim tão facilmente. Um pensamento virava e revirava na minha

cabeça sem parar: eu o tinha beijado. Não contra a minha vontade, não em nome do cumprimento

do meu dever, mas simplesmente porque desejara. Eu beijara livremente o monstro que

governava nosso mundo.

Ele prendia as esposas por ordens de seus mestres. Eles queriam que soubesse que nunca iria

se libertar. Havia aberto buracos no céu e deixavam com que os demônios – as Crianças de

Typhon – enlouquecessem as pessoas contra a sua vontade.

Se ele estivesse falando a verdade, é claro. Eu queria acreditar nele, mas todas as histórias que

tinha ouvido a seu respeito diziam que ele não passava de um mentiroso. E mesmo que Ignifex

fosse menos malvado do que eu tinha imaginado a princípio – mesmo que fosse, de algum jeito

insano, tão inocente quanto Escuridão –, o fato não me desculpava.

Eu beijara Escuridão na noite anterior. Ele quase dissera que me amava e eu havia achado

que o sentimento era recíproco. Quando pensava nele, nos seus raros sorrisos, na sua gentileza, na



paz de seu toque, eu ainda o desejava.

Rolei na cama e enterrei a cabeça no travesseiro. O calor do sol tinha desaparecido, mas ainda

podia senti-lo ardendo nas minhas costas. Podia sentir o calor do corpo de Ignifex contra o meu.

Eu o desejava também.

Que tipo de mulher era eu?

Com o tempo, acabei dormindo. Acordei com os olhos pesados e os cabelos jogados no rosto

e fui jantar sozinha, esperando que Escuridão não aparecesse. Não sabia se conseguiria encará-lo

de novo agora. Ignifex também não apareceu, o que foi estranho, mas jantei em silêncio e cheguei

à conclusão de que, quanto mais ele me ignorasse, melhor. Então voltei ao meu quarto a fim de

esperar que a madrugada chegasse. Assim poderia voltar às minhas explorações com calma e...

– Você não vai usar sua camisola?

Virei-me correndo e vi Ignifex recostado à porta. Novamente, usava seu pijama escuro de

seda.

– Esperava algo de renda – continuou. – Mas com certeza você pode ao menos providenciar

algo transparente. Coloquei várias coisas assim no armário.

– O que está fazendo aqui? – perguntei, segurando uma das cariátides que enfeitava o dossel

da cama. Não importava quanto eu tivesse me recriminado antes; queria diminuir a distância

entre nós.

– Passando a noite. – Ele entrou no quarto. – Veja pelo lado bom, você pode tentar me

estrangular durante meu sono.

Atrás dele, Escuridão f lutuou para dentro – ainda uma simples sombra – arrastando um

pacote de velas e eu me enrijei. Ele sabia sobre o beijo? Ignifex vangloriou-se para ele?

– Por quê? – consegui perguntar.

– Porque você tem um colo bonito. – Ele descansou a mão no rosto de uma cariátide e

inclinou-se sobre mim. – E porque tenho um estranho pressentimento de que você planeja se

meter em confusão esta noite.

– Estou sempre planejando confusão – disse. Podia sentir cada contorno do espaço entre nós,

e imaginava se esta fraqueza seria visível, se ela brilhava fora de meu corpo como uma película

oleosa sobre a água.

– É isso, ou tranco você – disse amigavelmente. – Temos 20 minutos antes de escurecer; você

sabe que posso fazê-lo.

Escuridão já estava acendendo as velas nos cantos do quarto. Podia ver seus movimentos na

escuridão do canto do meu olho, mas não ousava olhar para ele porque também não podia deixar

Ignifex saber quanto me importava com seu prisioneiro. Tinha de me lembrar que tanto

Escuridão como eu éramos prisioneiros. Levantei meu queixo e encontrei o olhar fixo de Ignifex.

– Você não acha que devo deixá-la novamente? – Seus dentes brilharam num sorriso. – Eu

não sei, e você?

A última vela piscou, acesa. Escuridão deslizou pela porta e um pouco da tensão sumiu. Pelo

menos, agora ele não poderia olhar.

– Apenas se eu pensar que isso pode te matar – disse.

E foi assim que eu acabei na cama com o Lorde Gentil, sua cabeça descansando em meu colo.

Parecia até mais jovem enquanto dormia – e como seus olhos estivessem fechados, até parecia

humano. Acariciei seus cabelos de leve; eram macios e sedosos como o pelo de nossa gata

Penélope, e tentei imaginar se ele também ronronava.

As pessoas o chamavam – entre outras coisas – de grande enganador da língua de prata,

porque enganava a todos com suas falsidades, sem contar uma só mentira. Não podia acreditar em

suas palavras, muito menos em seus beijos. Mas ele tinha me salvado das sombras, tinha me

abraçado procurando por conforto aquela noite e me levava para conhecer o campo de flores...

Talvez não apenas para conseguir a chave de volta.

É por isso que você é a minha favorita, ele havia me dito. Eu sabia que era patético – até mais

do que isso, obsceno –, mas aquelas palavras, embora pudessem facilmente ser uma mentira,

fizeram com que eu sentisse carinho por ele.

Mas o que eu queria não importava, tampouco o que ele podia ou não sentir por mim. Tinha

pensado naquilo durante todo o meu jantar solitário. Não importava se ele fazia acordos por sua

vontade ou não, ou se os demônios atacavam as pessoas pelo seu comando ou contra sua vontade.

O importante mesmo era salvar Arcádia e ter certeza de que ninguém mais perderia a vida como

minha mãe e Dâmocles, e que as Crianças de Typhon não enlouqueceriam mais ninguém como

havam feito com o irmão de Elspeth. E eu tinha certeza de que Ignifex não havia mentido quando

me dissera que seus mestres faziam leis que governavam sua vida e que ordenavam o

confinamento de suas esposas. Ele não podia governar Arcádia contra a vontade deles.

Se eu quisesse desfazer a Separação, teria de derrotar não apenas Ignifex, mas também seus

mestres.

Sem dúvida alguma, Ignifex não podia desafiá-los diretamente, como Escuridão também não

podia revelar os segredos dele. Mas Escuridão tinha me ajudado, e certamente Ignifex também

estava disposto a quebrar algumas regras.

Percebi que o estava acariciando já há algum tempo. Parei, mas não consegui resistir à

tentação de passar os dedos por seu peito. Sem acordar, ele se mexeu ao sentir o toque.

Sem nenhuma razão aparente, ele parecia confiar em mim. Eu não fazia ideia do motivo,

porque poderia facilmente usar aquela confiança contra ele. Se eu fosse filha de um Resurgandi,

ou se fosse minha irmã Astraia, era evidente que o faria.

– Escuridão – sussurrei. – Escuridão!

Chamei por vários minutos até ele aparecer, condensando-se numa forma humana bem ao

meu lado. Eu tinha me preparado para aquele momento, mas quando ele olhou para nós dois, eu

senti calor e frio ao mesmo tempo de tanta vergonha. Seu rosto estava inexpressivo, mas quando

seu olhar pousou em Ignifex, achei ter visto dor em seu rosto.

– Por que você o está tratando tão bem? – ele perguntou e eu estremei. Ele não sabia metade

da história.

Não importava que Escuridão me odiasse. Tinha repetido aquilo para mim mesmo centenas

de vezes, mas ainda tive de engolir explicações e desculpas que surgiam em minha mente.

– Ele me é útil – acabei dizendo com voz tensa. – Ainda vou derrotá-lo, você vai ver. – Assim

que as palavras saíram de minha boca, percebi como soavam defensivas e condescendentes, mas

pouco me importava. Continuei: – Eu sei que você não pode me falar muita coisa, mas certamente

não lhe falta a vontade de machucá-lo. Porém, ainda não o matou, embora nesses últimos 900

anos deva ter tido alguma chance de fazê-lo.

Escuridão continuava a me observar, seu rosto uma máscara pálida.

– Você não deve apenas obedecê-lo, não é? Tem obrigação de não machucá-lo e

provavelmente de protegê-lo de qualquer dano permanente, porque, se pudesse, já teria feito algo

de concreto contra ele. Estou certa?

Um momento depois, Escuridão fez que sim com a cabeça e agora havia um claro ar de raiva

em seu rosto.

– Ótimo. – Eu podia sentir meu coração batendo com mais força a cada respiração. – Quero

que você me traga de volta a faca que ele me tomou, ou juro pelo rio Styx que eu arranco os olhos

dele e depois os meus.

Ele fez um movimento incerto, então olhou para mim.

– Não vou machucá-lo com a faca – continuei. – Mas se você não a trouxer agora mesmo,

cumprirei minha promessa e você será o culpado por ter me obrigado a isso.

– Eu não acredito em você – ele sussurrou.

Dei de ombros.

– Talvez não o faça. Então serei renegada para todo o sempre, e você sabe o que os deuses

fazem com quem quebra suas promessas.

Ele me encarou por mais um instante, então sumiu de repente. Olhei para Ignifex. Meu

coração batia tão depressa e estava tão frio quanto um rio de neve derretida. Se eu tivesse julgado

mal Escuridão... ou Ignifex...

Momentos depois, Escuridão apareceu com a faca em suas mãos.

– Obrigada – disse eu, estendendo a mão. – Tenho um plano, eu prometo.

Escuridão permaneceu fora do meu alcance, observando-me com seus olhos azuis que

brilhavam no rosto pálido como o de Ignifex, mas novamente, no Coração da Água, ele parecia o

original, o único que importava. O único que eu devia amar. Desejei que a escuridão pudesse me

devorar, de modo que pudesse me esconder de seu olhar.

– Acho – disse eu com desespero – que é o único jeito de salvar a todos nós.

Escuridão fez que sim com a cabeça lentamente, como que aceitando sua inevitável danação.

– Tudo o que você lhe der vai ser usado contra você – disse ele. – Faça o que tem de fazer. Mas

não confie nele nem por um minuto sequer.

Engoli em seco.

– Não vou confiar.



– E não tenha pena dele.

Meu coração começou a bater de um jeito dolorido; eu tinha perfeita consciência de seu peso

aconchegado contra meu colo.

– Não vou sentir – respondi, porque sempre havia sido capaz de odiar todo mundo.

Ele me estendeu a faca. Eu a peguei nas mãos e ele se inclinou, beijando-me de forma rápida,

mas intensa.

– Não deixe que ele machuque você.

E, dizendo isso, sumiu do quarto.

O beijo queimou em meus lábios. Mesmo depois de eu ter salvado seu algoz e o feito me

ajudar, Escuridão ainda se preocupava com minha segurança. Ainda me amava. E eu também o

amava, se é que eu podia chamar aquele sentimento egoísta de amor.

Mas beijá-lo com a cabeça de Ignifex deitada no meu colo, os olhos fechados de tanta

confiança – ou loucura, o que parecia ser mais provável – fez com que a culpa rastejasse sob minha

pele como um verme.

Apertei a faca nas mãos. Apenas uma coisa importava. Eu tinha de lembrar daquilo custasse

o que custasse.

Quando Ignifex abriu os olhos na manhã seguinte, eu tinha uma faca em sua garganta.

– Bom dia, querido marido – disse com alegria, embora meu corpo todo vibrasse com a

horrenda e fria canção do medo. – Gostaria de saber seu nome verdadeiro?

Senti o corpo dele ficar tenso, mas seu rosto permaneceu impressionantemente calmo.

– Sim – eu continuei. – É a mesma faca virgem e, como você não fez nada a respeito de

minhas mãos virgens, acho que eu poderia matá-lo agora mesmo.

Mas minhas mãos virgens estavam trêmulas. Não sabia se poderia matá-lo, porque ele

sempre tirava a faca das minhas mãos com incrível facilidade. Num instante, eu poderia

finalmente saber se estava certa, se, ao contrário de todas as probabilidades, a mentira que minha

família tinha contado a Astraia poderia ser verdade.

Ou então, no instante seguinte, ele poderia rir, tirar a faca de minhas mãos com a maior

facilidade e me dizer que eu estava desamparada como no primeiro dia do nosso casamento.

Ele não sorriu.

– Eu sabia que estava esquecendo alguma coisa.

Soltei minha respiração lentamente. Não senti nenhum alívio; ao contrário, o medo e a

espera do que ia acontecer continuavam ali, queimando minhas veias, fazendo com que minhas

mãos tremessem.

– Fale a verdade – disse eu. Pelo menos minhas palavras saíram firmes. – Você quer ser livre,

não quer?

Ele levantou as sobrancelhas.

– Por que será que estou com a impressão de que você vai me oferecer um acordo?

– É um bom acordo, pode acreditar. Eu lhe dou a faca e nós dois vamos procurar seu nome

juntos.

– Ainda somos inimigos – disse ele.

– É claro que somos. E vou continuar tentando derrotá-lo e você vai continuar a tentar me

impedir de fazê-lo. Mas, enquanto isso, vamos procurar juntos seu nome.

Esperei, sabendo muito bem o que ele iria falar em seguida. Deixe-me fazer alguma coisa a

respeito de suas mãos virgens e faremos um acordo. Era algo lógico, porque eu poderia usar a faca e,

desde que ainda fosse virgem, poderia matá-lo, de acordo com o que dizia o Verso Rimado.

Não importava o quanto desejasse seus beijos, o pensamento de deixá-lo possuir meu corpo

ainda era aterrorizante. Mas eu estava preparada para o sacrifício. Não podia recuar agora.

– Negócio fechado – disse ele.

Pisquei os olhos, aturdida. Ele estendeu a mão, como se fosse tocar no meu pulso.

– Tudo bem! – Tentei tirar a faca do alcance dele, mas ele a pegou assim mesmo e atirou-a do

outro lado da sala. – Você está preocupado com a faca, mas não com minhas mãos? – eu perguntei.

– Bem, eu sou o todo poderoso senhor dos demônios e tenho sua faca. Parece justo que eu lhe

deixe com alguma vantagem.

– Mas... – Percebi com certo embaraço que, apesar do meu alívio, também estava muito

desapontada. Meu rosto ficou vermelho.

Ele sorriu como se tivesse percebido e beijou a palma de minha mão.

Esquivei-me dele.

– Não me faça perder tempo – disse eu, levantando-me da cama. – Temos muito que fazer.

## APÍTULO 16

– MAS VOCÊ DEVE se lembrar de alguma coisa – disse eu.

Ignifex veio se aproximando.

– Eu me lembro de fogo e de sangue. Acho que foi a Separação. Então meus mestres

explicaram-me os termos da minha existência. E aqui estou eu no meu adorável castelo e acho que

você já sabe o resto.

Estávamos de volta à biblioteca. Seja lá o que tivesse criado aquela bruma do dia anterior, já

não estava mais lá; a luz do dia brilhava através da janela e nada crescia entre as estantes, a não ser

uma camada de poeira. O ar morno cheirava a papel velho.

A sala era longa e estreita; havia uma mesa redonda num canto, deixando pouco espaço livre

para a circulação. Sentei-me, enquanto Ignifex ora ficava de pé, parado, ora andava de um lado

para outro. Tinha sido ideia minha começar por ali. Achava que pudesse haver alguma

informação naquilo que tinha sido censurado nos livros. Até agora, tudo o que tínhamos

descoberto era que não deveríamos saber muito a respeito da velha linhagem dos reis.

E eu tinha descoberto que, não importava o quanto ficasse irritada com Ignifex, não

conseguia deixar de ter consciência de nossa proximidade, de como seria só estender a mão e...

– Quem são seus mestres? – perguntei, tentando apanhar uma chave de um dos cintos,

porque, às vezes, ser mais esperta do que ele era melhor do que beijá-lo.

Bem a tempo, já que ele se virou e começou a andar de novo.

– Se você os conhecesse, seriam como os Bondosos.

– Os Bondosos? – repeti, deslizando a chave para dentro da minha manga.

– É claro que você não os conhece.

– Claro que conheço, porque passei a vida toda estudando qualquer coisa relacionada às artes

herméticas, aos demônios e a você. – Era incrível, mas nem o fato de ficar irritada com ele fazia

com que eu parasse de desejá-lo. – Mas só existem umas poucas referências ilegíveis a eles em

contos muito antigos. Todo mundo acha que eles não passam de um mito; talvez outro nome para

os deuses de proteção...

– Faz 900 anos desde que eles foram vistos nessa terra pela última vez. – Ele virou as costas

para mim.

– Desde que fomos separados.

– Desde que eles conseguiram obter um intermediário. – Ele deixou cair as mãos sobre a

mesa e falou bem perto do meu ouvido – De onde você acha que eu obtenho os poderes para os

meus acordos?

Eu olhei para cima para responder, mas o movimento fez com que eu aninhasse a cabeça

contra seu peito. O calor daquele contato deixou-me tonta por um momento e ele o aproveitou

para enfiar a mão dentro da minha manga e apanhar a chave ali escondida.

– Melhor sorte da próxima vez. – Ele me deu um beijo no rosto.

Sua voz de desdém fez com que eu sentisse como se mil agulhas estivessem pinicando minha

pele. Não estava fingindo quando levantei o braço e soquei seu peito com meu punho fechado. Só

que aproveitei o momento para tirar outra chave do seu cinto.

– Vamos, fale-me a respeito dos Bondosos – disse imediatamente, e aquilo pareceu

funcionar, porque ele começou a andar de novo enquanto eu deslizava a chave para a parte de

dentro do meu vestido. – Quem são eles? Deuses ou demônios?

– Nenhum dos dois, eu diria. São as Pessoas do Ar e do Sangue. Os Senhores dos Truques e

da Justiça.

Eu me mexi e a chave foi parar sobre o meu estômago. Tinha quase certeza de que ele não iria

procurar ali.

– Eles vingam os que estão errados, quando lhes interessa. Fazem acordos com os

desesperados, quando lhes interessa. Adoram zombar dos outros. Deixam respostas no ar onde

todo mundo possa ver, só que ninguém acaba vendo. Falam a verdade quando já é tarde demais

para salvar alguém. E são sempre justos.

– Justos? Acho que os demônios usam essa palavra de um modo diferente de nós, simples

mortais.

– Então me deixe contar uma história que aconteceu antes da Separação. – Ele virou de costas

para mim e eu me preparei para apanhar outra chave. – Era uma vez um homem cuja esposa ficou

doente apenas um mês depois do casamento e, em três dias, estava às portas da morte. O homem

foi para os bosques e chamou pelos Bondosos, que lhes ofereceram o seguinte negócio: sua esposa



viveria e, durante os dez anos seguintes, ele poderia desfrutar de seu amor, mas, depois desse

tempo, eles iriam caçá-lo pela floresta e fazer com que seus cachorros se banqueteariam com ele.

Mas então, num gesto de bondade, ofereceram-lhe uma chance de escapar: se ao fim desses dez

anos ele pudesse adivinhar ao menos o nome de um Bondoso, eles o deixariam viver em paz até o

resto de seus dias.

De modo frustrante, Ignifex permaneceu alguns passos afastado de mim, uma mão apoiada

na estante, completamente absorto na história. Tentando parecer absorta também, levantei-me

rapidamente e fiquei ao seu lado.

– O homem concordou. Sua esposa sobreviveu, mas ficou de cama o tempo todo, deixando-o

maluco com suas reclamações. Ela conseguiu lhe dar uma filha, mas a criança era retardada; a

menina não dizia nada, exceto uma única palavra que não fazia o mínimo sentido todos os dias,

não importava o quanto ele batesse nela. Então o homem viveu uma vida de sofrimentos por dez

anos. Quando seu tempo chegou, ele tentou negociar sua vida, oferecendo a filha em seu lugar.

Consegui apanhar um par de chaves de um dos seus cintos, minhas mãos leves como uma

pena, e tentei ignorar sua voz cheia de presunção. Como se aquele homem tivesse errado só para

que Ignifex provasse que estava certo.

– Os Bondosos recusaram, é claro, mas antes de soltarem os cachorros atrás dele, contaram-

lhe que a palavra que sua filha dizia todos os dias era o nome que poderia ter salvado sua vida. Se

ele tivesse sido mais gentil e atencioso com ela, podia ter adivinhado e vivido. Diga uma coisa: o

que aconteceu não foi justiça? – Ele sorriu e segurou minhas mãos fechadas na dele.

– Era um homem terrível – concordei, olhando para minhas mãos. Seu aperto era forte como

o ferro. – Mas me parece que, quando você quebra uma coisa, não pode reclamar que está em

pedaços.

Ignifex tentou abrir minhas mãos. Num instante eu tinha conseguido me livrar dele e jogar

as chaves do outro lado da sala enquanto ele me enlaçava a cintura por trás.

– Nenhuma pessoa honesta jamais fez acordos com os Bondosos. – Sua respiração pinicou

meu pescoço. – Somente os tolos. Somente os orgulhosos. Aqueles que acham que merecem o

mundo a qualquer preço.

Esperei que ele não pudesse sentir a chave ainda guardada perto do meu estômago.

– É o que você pensa daqueles que fazem acordos com você?

Lembrei-me de Dâmocles dizendo: Eu farei qualquer coisa por ela, nem que custe minha alma.

Certamente havia sido um tolo, talvez de um modo ou de outro também fora orgulhoso, mas

estivera mais do que disposto a pagar.

– É claro. – Ignifex soltou-me e deu um sorrisinho, enquanto eu cambaleava para a frente e

acabava batendo na mesa. – Foi o que eu pensei do seu pai quando ele veio até a mim implorando

por filhos.

Lembrava-me de papai dizendo: Estou determinado a salvar Thisbe, não importa quanto custe, a

voz dele tensa e seca como se estivesse descrevendo uma experiência hermética, não explicando

como planejava me vender.

– Uma vida devotada a matar o Lorde Gentil, mas se esquecendo de tudo ao ver as lágrimas

da esposa, mesmo sabendo como as coisas iriam terminar no final.  
Tão disposto a pecar por ela

que nem percebeu direito o pedido que fez. Crianças saudáveis, não  
uma mulher que sobrevivesse

ao parto. Seu pai mereceu o que aconteceu e sua mãe também.

Apertei a beirada da mesa com força. Lembrava-me de ajoelhar no  
altar da família, dizendo à

minha mãe a mesma coisa. Lembrava-me de ter sentido aquilo há  
anos, muito embora nunca

tivesse permitido que as palavras se formassem na minha boca.

Virei-me e esbofetei seu rosto.

– Nunca mais fale da minha mãe desse jeito.

Minhas mãos arderam com o golpe e eu me senti mais transgressora  
do que quando tentara

esfaqueá-lo, mas não podia voltar atrás. Não ainda, com a fúria  
corroendo meu estômago.

Só que ele estava sorrindo.

– Mas posso continuar falando do seu pai?

Apertei meus dentes. Queria negar, mas a verdade é que eu odiava  
meu pai e uma parte de

mim gostava de ouvir que Ignifex o culpava por tudo.

– Você é uma noiva feita sob encomenda para mim – ele continuou.

– Melhor ainda do que

eu esperava. E sempre torci para que seu pai escolhesse você.

– Você ficava me observando?

– De vez em quando. – Ele deu um passo à frente. – Eu observei sua família toda. Seu pai,

castigando você porque não era corajoso o suficiente para se castigar. Sua tia, odiando você por

provar que sua mãe sempre seria dona do coração dele. Sua irmã, fingindo que os sorrisos

poderiam fazer com que as sombras desaparecessem. E você. A doce e gentil filha de Leônidas,

com um mundo de veneno em seu coração. Você lutou e lutou para manter toda essa crueldade

trancada em seu coração e para quê? Nenhum deles jamais te amou, porque nenhum deles jamais

te conheceu de verdade.

– Tem razão. – Eu mal consegui pronunciar a palavra, meu corpo todo vibrando de raiva. –

Você realmente tem razão. Eles nunca me conheceram. Eles nunca me amaram. E certamente eu

nunca mereci o amor deles. – Fiz com que ele desse um passo para trás. – Isso o faz feliz? Você

acha que, condenando o mundo inteiro, vai ter menos culpa? – Dei um passo em sua direção. –

Porque se pensa assim, é um grande idiota. Meu pai e minha tia agiram errado comigo, mas ainda

sou uma garota egoísta cheia de ódio que ama sua vida mais do que Arcádia, então mereço ser

castigada. – Ele estava recostado na estante agora. – Ou acha que seus mestres vão te desculpar?

Porque não vejo como você é diferente daqueles que vêm lhe pedir favores. Os Bondosos

mobiliaram seu castelo, te emprestaram seu poder, e você acha que é um prisioneiro? Mesmo que

não possa lutar contra eles, ainda pode rejeitá-los.

Nossos rostos estavam muito próximos. Minha garganta arranhava; percebi que estava

gritando com o Lorde Gentil. Num instante ele iria zombar de mim com aquele sorriso perfeito

até que meu orgulho tivesse todo ido embora, ou finalmente acabaria ficando bravo de verdade e

me castigaria, ou...

Ele abaixou os olhos.

Não havia nem sombra de sorriso em seu rosto, sua mandíbula tensa. Como se não tivesse

uma resposta. Como se tivesse se importado com o que eu falara.

– Sinto muito por ter esbofeteado você – eu murmurei.

– Tudo bem. – Ele ainda não estava me encarando. – Acho que não devia mesmo ter

mencionado sua mãe.

– E por que você continua agindo como se eu não fosse capaz de machucá-lo? – Afastei-me

dele, as lágrimas surgindo em meus olhos e arrepios estranhos percorrendo meu corpo. Ele era um

tolo por confiar em mim. Eu era uma tola por me preocupar com seus sentimentos. Por que o ódio

não era mais algo assim tão simples?

Ele se aproximou de novo e agarrou meu pulso; tentei me esquivar, mas em vez disso meu

movimento fez com que os dois aterrissássemos contra uma estante, em meio a uma chuva de

livros. Acabei em seu colo e, quando me dei conta, seus braços estavam à minha volta.

– Bem – ele disse com voz suave. – Como já deve ter percebido, não sou assim tão fácil de

matar.

Eu me mantive firme contra o calor de seus braços.

– Tenho certeza de que vou dar um jeito.

– Sabe por que te amo?

Abri a boca, mas não consegui falar nada.

Ignifex continuou a falar calmamente, como se fôssemos um casal comum falando de nosso

amor.

– Todo mundo que me procura para fazer um acordo está convencido de que tem razão.

Mesmo aqueles que chegam com olhos tristes e cheios de culpa choram para os deuses dizendo

que são pecadores, mas em seus corações acreditam que suas necessidades são tão especiais que

justificam cada pecado, que são heróis por perderem todos os seus direitos e pagá-los com suas

almas.

– Como sabe disso? – eu perguntei.

– Porque todos acreditam no preço que eu lhes dou. Sempre acham que vão poder pagá-lo,

porque acham que só vão pagar pelo próprio desejo e bem no fundo acreditam que eles merecem

tal desejo por direito. O que eles não entendem é que não estão comprando o desejo, mas sim o

poder para realizá-lo. E esse poder, o poder dos Bondosos, tem um preço infinito. Então todos eles

merecem o que acaba lhes acontecendo. – Os braços dele me apertaram com mais força. – Mas

você sabe quem é e o que merece. Você mente para mim, mas não para si mesma. É por isso que

eu te amo.

– Eu não acredito em você. – As palavras arranharam minha garganta. – Não acredito em



você e, mesmo que acreditasse, ainda iria matá-lo.

– Não tenha assim tanta certeza. – Ele encostou o rosto nos meus cabelos.

Tive ímpeto de esbofeteá-lo de novo. Tive vontade de chorar. Mais que tudo, tive vontade de

esquecer minha missão e me perder no abraço da única pessoa que tinha visto meu coração e que

dizia me amar assim mesmo.

E me perdi mesmo, mas só por alguns instantes. Descansei em seus braços e não pensei em

mais nada. Então – tão depressa e claramente quanto um relógio batendo meia-noite –, entendi

que tinha de me mover naquele instante, ou então me perderia para sempre. Livrei-me de seus

braços e me levantei.

– Posso saber como foi que transformou Escuridão em sua sombra?  
– perguntei. – Você se

lembra?

A pergunta quebrou o clima; no instante seguinte Ignifex estava de pé, o ar de cinismo de

volta em seus olhos estreitos.

– Eu não o transformei em nada. Sempre tive uma sombra, como todo mundo. E eu o odeio

porque ele é um tolo e covarde que fica tentando roubar minhas esposas.

As últimas palavras foram tão inesperadas que eu acabei rindo. Então Ignifex levantou uma

sobrancelha e eu percebi que ele estava falando sério, pelo menos tão sério quanto podia.

– O quê? Não me diga que ele ainda não tentou beijá-la. Você pode não ser nenhuma Helena

ou Afrodite, mas também não é de se jogar fora.

Lembrei-me da noite anterior e meu rosto ficou vermelho. Como não queria que ele visse a

verdade estampada no meu rosto, falei a primeira coisa que me veio à cabeça:

– Como sabe tanto sobre as mulheres, se fica aqui trancado em seu castelo?

– Trancado com oito esposas. E às vezes saio para visitar aquelas que fazem acordos comigo.

Há sempre alguma linda mocinha desesperada por algum favor meu.

Tal ideia jamais me passara pela cabeça, mas...

– Toque em outra mulher e eu corto suas mãos – disse eu, furiosa.

Ele pareceu feliz da vida.

– Eu pensei que você tivesse medo de me machucar.

Não havia nada que eu pudesse falar sem piorar as coisas, então fiquei encarando-o até que

ele risse e dissesse:

– Eu nunca fiz esse tipo de acordo. Embora seja muito agradável saber que você está com

ciúme.

Cruzei meus braços. A chave escondida em meu vestido pinicava contra minha pele,

fazendo-me lembrar de que eu estava ali por outra razão além daquela conversa mole.

– Por que você disse que Escuridão é covarde?

– Agora sou eu quem está com ciúme.

– Não se preocupe, você ainda é o único que eu tenho desejo de matar. Por que você diz que

ele é tolo e covarde, se nunca foi nada além de sua sombra obediente?

– Ele é muito desobediente, isso sim. Você acha que sou eu que o mando beijar minhas

esposas? – Ele segurou meu queixo. – As pessoas dizem que, se quer que uma coisa seja bem

feita...

Tirei a mão dele do meu rosto.

– Se Escuridão é apenas sua sombra, não é ridículo competir com ele? E como sabe que ele é

um covarde?

Ignifex levantou uma sobrancelha.

– Ele é covarde e tolo – repetiu de modo distante, como se soubesse aquelas palavras de cor.

Então voltou os olhos para mim. – Como não conheceria minha própria sombra?

– Ele beija melhor que você, se quiser saber – disse eu. – Não se pergunta como?

Se Escuridão fosse realmente o último príncipe – e eu acreditava que fosse – então talvez

pudesse fazer com que a memória de Ignifex voltasse.

Talvez eu também quisesse que ele sentisse ciúme.

Ignifex abriu a boca para falar alguma coisa, mas eu o impedi.

– Fique pensando nisso. Eu preciso ir e encontrar um jeito de derrotá-lo.

Dizendo isso, caminhei em direção à porta com passos decididos, sabendo que num instante

ele poderia contar as chaves em seu cinto e lembrar daquelas que eu tinha jogado do outro lado da

sala. Se eu tivesse sorte, ele não iria reparar que a terceira não estava no chão, mas debaixo da

minha roupa.

## APÍTULO 17

CORRI PELOS CORREDORES, tentando uma porta depois

da outra, mas minha chave roubada não abria nenhuma delas. Finalmente parei, arquejante, num

saguão com painéis de madeira escura na parede e chão pintado como o céu, pergaminho pálido

com algumas nuvens – e buracos queimados. Percebi que estava bem no meio de um deles e dei

um passo à frente. Tentei imaginar se eu conseguiria enxergar esses buracos pintados dois dias

atrás. Se voltasse àquela sala redonda que continha uma maquete de Arcádia, será que o céu de

pergaminho também estaria esburacado?

Aquele saguão não era nenhum dos corações, eu tinha certeza. Mas o espelho com a

fechadura que eu nunca tinha conseguido abrir – Escuridão nunca havia respondido nenhuma das

minhas perguntas sobre ele, então deveria ser importante.

Talvez o Coração do Fogo estivesse do outro lado.

Valia uma tentativa. Recuei meus passos, pensando na sala com espelho. Ela sempre me

parecera mais disponível que as outras salas; em poucos minutos abri a porta e vi Astraia sentada

num banco de madeira no jardim. Seus joelhos estavam dobrados sob o queixo, a testa franzida

com tantos pensamentos.

Um movimento chamou minha atenção. Virei-me rapidamente, esperando ver Ignifex, mas

em vez disso quem estava atrás de mim era Escuridão, ainda preso em seu corpo sem forma como

sempre acontecia durante o dia. Ele fez uma pausa, então a sombra de sua mão deslizou pela

parede e apertou a minha.

Meus dedos apertaram os dele. Havia sido na noite anterior que ele me libertara da sala onde

estavam as esposas mortas. Lembrei-me de ter chorado em seus braços, lembrei-me de seu beijo e

do desejo que eu sentira, tão forte como o ato de respirar.

Parecia que aquilo tinha acontecido cem anos atrás. E sua presença, naquela hora tão

confortante, agora me dava ímpetos de sair correndo. Sentia como se os beijos de Ignifex

estivessem estampados no meu rosto – mas certamente, em vez disso, eu devia estar

envergonhada de beijar o homem que não era meu marido.

Certamente eu deveria estar envergonhada de beijar a criatura que tinha matado tanta gente.

– Ignifex mandou você? – perguntei.

Era difícil dizer, mas tive a impressão de que ele balançou a cabeça e imaginei que, se Ignifex

o tivesse mandado, teria sido com ordens de me tirar de lá à força, não de ser gentil comigo.

– Acho que esse é um dos corações – eu comentei.

Escuridão ficou parado, como se estivesse proibido de mover um músculo sequer, então

percebi que estava certa. Aí ele largou minha mão e eu me virei novamente para o espelho.

A chave entrou fácil na fechadura. Quando tentei girá-la, a princípio ela ficou presa, mas

depois, com um leve ruído de metal, acabou dando meia-volta. Então, com um barulho alto e

agudo, o espelho rachou perto do centro.

Pulei para trás, mas nada mais aconteceu. Um momento depois, dei um passo à frente de

novo e girei a chave mais uma vez. Agora houve mais resistência; ouvi um clique enquanto girava,

como se o movimento estivesse acionando uma engrenagem de rodas e marchas.

Então o espelho foi destruído numa cascata de poeira brilhante.

Um vento frio e seco atingiu meu rosto. Através da beirada da moldura vi uma sala pequena

com paredes de pedra; ao dar um passo à frente e entrar, vi uma escada de madeira estreita e

retorcida que descia rumo à escuridão.

– Você pode criar luz durante o dia? – perguntei. Mas Escuridão apenas segurou minha mão.

Lembrei-me de quando ele havia cantado os hinos em homenagem às esposas mortas e o segui,

descendo a escada.

Logo, a escuridão era absoluta. Eu me movia devagar, uma mão encostada na parede, a outra

levada por Escuridão. Podia sentir a pressão de seu toque, mas ele continuava a não ter um corpo e

era como se eu estivesse sendo levada pelo ar. Fez com que me lembrasse das Crianças de Typhon

me agarrando e me prendendo contra a parede a fim de me devorarem.

Forcei-me a me concentrar naquele caminho estreito, a mão livre tocando as pedras frias da

parede. Não havia nenhuma queimadura gelada de sombra líquida contra minhas palmas.

Mesmo assim, meu coração batia mais depressa, e minha pele arrepiava como se estivesse

preparada para um momento de terror.

De súbito, Escuridão me largou. Tropecei e percebi que tinha caído da escada e que estava no

chão. As paredes tinham desaparecido e eu tateei em meio à escuridão, tentando não entrar em

pânico...



Então, luzes brilharam em meus olhos. Pisquei e vi Escuridão de pé à minha frente, tão real e

humano como se fosse de noite, um raio de luz vindo de sua mão. Estávamos numa sala grande e

redonda feita de pedra, completamente vazia exceto pela entrada que levava à escada, luz alguma

exceto aquela que brilhava na mão de Escuridão.

– Mas como... – Minha garganta ficou seca e minha voz rachou; engoli em seco. – Como você

conseguiu um corpo agora se ainda é dia?

– É sempre noite nessa sala. – A luz brilhava em seus olhos. Ele levantou a mão e vi chamas

douradas espalhadas por todos os cantos da sala. Não faziam fumaça, mas crepitavam baixinho;

era um som reconfortante, e um ar morno chegou ao meu rosto. E então senti o ritmo do poder.

– Esse é o Coração do Fogo – eu disse.

Escuridão fez que sim com a cabeça. E continuou a me observar, a luz do fogo dançando em

seus olhos.

Endireitei meus ombros.

– Vá em frente. Diga-me o que fiz de errado.

As palavras pairaram entre nós, agressivas. Percebi tarde demais que era o tipo de coisa que

eu diria a Ignifex. Não era nada do que deveria dizer a um prisioneiro que não me fizera nada

senão me mostrar gentileza.

– Ele a ensinou a ficar brava – disse Escuridão. – Mas não fez com que parasse de tentar nos

salvar.

A raiva e a crueldade sempre haviam sido partes de mim, e Ignifex sabia disso muito bem.

Mas pelo menos Escuridão ainda estava bem enganado a meu respeito.

– Não – disse eu. – Eu nunca vou parar. Eu vou salvar você, é uma promessa.

– Você morreria por isso?

– Por que acha que estou aqui? – disse eu com certa agressividade, então respirei fundo. –

Você sabe que estou preparada para pagar qualquer preço.

Ele passou um dedo por meu rosto.

– Você ficou tão forte... Está quase pronta.

– Eu não me sinto pronta – murmurei.

– Mas está – ele disse. – Confie em mim.

Você não me conhece, pensei.

Ele sempre me confortara antes. Mas agora, o nervosismo ainda sacudia meus ombros e

contraía meu estômago. Um milhão de palavras zumbiam em minha garganta. Ele diz que me ama.

Você me beijou e eu quis aquele beijo, mas também desejo Ignifex. Acredito que você seja o príncipe. É meu

dever salvar você e eu juro que o farei. Acho que tenho maldade suficiente dentro de mim para amar um

demônio. O simples fato de pensar naquelas palavras me dava a sensação de abelhas picando

minha garganta e eu engolindo todas elas.

– Você conhece o plano dos Resurgandis – eu disse. – Ignifex afirma que ele nunca vai

funcionar. Que, afinal de contas, nós não entendemos a natureza dessa casa.

– Você acredita nele? – perguntou Escuridão.

Olhei para aqueles olhos azuis que um dia haviam visto o sol verdadeiro e, naquele instante,

não quis lhe negar nada. Ia dizer, não, claro que não. Mas as palavras ficaram presas atrás dos meus

dentes. Lembrei-me de Ignifex me salvando das sombras, seu corpo aconchegado junto ao meu,

confiando em mim, sua voz dizendo Você mente para mim, mas não para você mesma...

Finalmente, acabei dizendo:

– Eu não sei mais no que pensar. Ele não... Eu não confio nele. Mas não acho mais que seja

um monstro.

Escuridão tomou minhas mãos.

– Nunca tenha dúvida disso. Ele é o pior dos monstros. É o responsável por todos os nossos

infortúnios, e seria a maior bênção do mundo se ele nunca tivesse existido.

Braços à minha volta em meio à escuridão. Lábios contra os meus à luz do sol. Você sabe por

que eu te amo?

Ele me conhecia. E me amava. E nunca tinha me pedido nada. Até mesmo Escuridão queria

que eu morresse por ele. Talvez eu não devesse perdoar um monstro só porque ele me amava,

mas...

Mas o fato de me amar fazia dele um monstro, sim. O preço a ser pago para salvar Arcádia era

minha condenação, e só um monstro iria se preocupar mais comigo do que em salvar milhares e

milhares de inocentes. Escuridão era o último príncipe; é claro que se ele tivesse de salvar um só,

iria escolher Arcádia. Eu faria o mesmo.

– Bem, os Bondosos parecem que também têm uma parcela de culpa – disse eu. – Pode me

dizer alguma coisa sobre eles?

– Eles nunca aparecem se não são chamados – disse Escuridão. – E nunca partem sem ter

recebido seu pagamento.

– Foram eles que o fizeram desse jeito? – perguntei. – Ignifex não se lembra. Eu acho que ele

capturou você quando separou Arcádia, mas parece que a coisa é muito mais complicada que isso.

Escuridão comprimiu os lábios. Eu continuei:

– Acho que alguém fez com que ele esquecesse de certas coisas a seu respeito. Ele parece

acreditar realmente que você seja apenas sua sombra. Mas, às vezes, parece agir como se você fosse

uma pessoa separada dele, alguém que um dia ele conheceu. Ele disse que você é um tolo.

O fogo começou a crepitar mais alto. Soava agora quase como uma risada.

– Ele é o tolo – disse Escuridão. – Fica se lamentando, sente raiva e nem sabe como suas

esposas morreram. – Percebi um tom estranho em sua voz que até então nunca tinha ouvido.

A luz do fogo dançava em seus olhos. Será que as chamas estavam chegando mais perto?

Senti uma súbita onda de calor no meu rosto.

– Ele disse que elas abriram as portas erradas. Ou adivinharam seu nome errado.

– Três delas realmente adivinharam errado. As outras cinco? Não foram fortes o suficiente.

Quando as trouxe para essa sala e lhes mostrei a verdade, elas morreram. Mas você... – Sua voz

era gentil e suave. – Você olhou para as Crianças de Typhon e sobreviveu.

Ele falava aquilo de maneira tão calma e eu tinha confiado nele com tanta intensidade, que

levou alguns instantes até que o medo tomasse conta de mim.

– Não sei de nada sobre isso – disse eu, tentando imaginar se Escuridão conseguia correr. As

chamas estavam bem mais perto agora; o suor escorria por meu rosto.

– Você é a nossa única esperança – disse ele.

Livre-me dele e fiz menção de fugir.

Mas ele não precisava correr. Limitou-se a dissolver-se no ar à minha frente e voltou a agarrar

minha mão, seu aperto tão firme quanto o de Ignifex.

– Vamos, solte-me! – gritei, sacudindo meus braços em vão.

– Você perguntou como eu era feito – ele continuou, com voz serena. – Vou lhe mostrar. Vou

lhe mostrar tudo.

O círculo de fogo estreitou-se à nossa volta e o calor picava minha pele. Lembrei-me do dia

em que meu pai doara um porco para ser assado na praça de nosso vilarejo, mas o espeto acabara

caindo em meio ao carvão e, quando finalmente conseguiram retirá-lo, o porco estava todo

queimado e impossível de se comer.

– Você vai me matar! – Minha voz soou tão alta e desesperada que mais pareceu um guincho.

– Essa sala é o único jeito de lhe mostrar – disse Escuridão. – Ela pode matá-la. Mas você

disse que poderia morrer por mim e não pode salvar ninguém até que saiba de toda a verdade.

Agora as chamas já estavam todas à nossa volta, enchendo a sala inteira, lambendo meu

corpo. A dor me queimava toda, quente ou gelada, eu não sabia ao certo. Gritei e só não caí porque

Escuridão ainda segurava meus pulsos com força. Lentamente, ele fez com que eu me sentasse no

chão e deitasse a cabeça em seu colo.

Não havia cheiro de carne queimada. Minhas roupas não estavam chamuscadas. Mas as

chamas à minha volta pareciam bem reais, queimando meu corpo e transformando-o em cinzas.

Meu coração batia com força. Não podia me mover, não podia nem gritar. Tudo que podia fazer era

tremer de dor e olhar para o rosto de Escuridão, para aqueles olhos azuis que eu tinha há pouco

achado tão humanos. Ele parecia triste, mas não fez absolutamente nada para me salvar.

– Por favor – eu pedi.

Escuridão levou a mão ao meu rosto.

– Eu sinto muito – disse ele. – Queria tanto ter encontrado você em outro lugar...

Ele se inclinou e pressionou os lábios em minha testa. O fogo ardia em meus olhos e eu tive

um momento para pensar: Será que foi assim com Ignifex?, antes que a escuridão se fechasse à minha

volta.

Eu estava num jardim cercado por muros altos e brancos. Senti que já tinha visto aquele lugar

antes, mas não podia me lembrar onde. Árvores rodeavam as bordas do jardim; por todos os lados

havia grandes arbustos de rosas, desabrochando em cascatas de flores vermelhas, brancas e

amarelas. Pétalas coloridas forravam o chão. A luz era algo que parecia ter vida, girando num

redemoinho através das folhas, fazendo-as rodopiar numa linda dança. Com o canto dos olhos,

achei que tinha visto a luz se transformar em figuras ali em volta observando a paisagem – mas



quando olhei melhor, não vi nada.

À minha frente havia um arbusto seco, um pouco mais que um esqueleto, apenas algumas

folhas marrons esparsas presas aos galhos. No mais alto deles empoleirava-se um pardal marrom

acinzentado, os olhos pretos brilhantes.

Obrigada pelas migalhas, ele disse.

Minha garganta quase se fechou de tanto espanto. Engoli em seco.

– Você – eu disse. – Você é o deus dessa casa.

Você diz isso. Outros podem não dizer.

– Por acaso você é um dos Bondosos?

Nada tão jovem, nem tão tolo.

– Então o que é você?

Ele saiu de onde estava e veio pousar na minha mão. As pequenas garras pinicaram minha

pele.

Sou grato pela sua gentileza.

Folhas secas fizeram barulho atrás de mim, como se estivessem sendo pisadas; um ar seco e

quente soprava na minha nuca. Virei-me, certa de que alguém tinha passado por ali, mas não vi

ninguém.

– E que lugar é esse?

Depende, disse o pardal. Depende de por que você está aqui.

Eu estava naquele lugar porque Escuridão tinha me traído. Mas agora aquilo não me parecia

assim tão importante. E não era a razão principal, de qualquer modo.

– Estou procurando a verdade sobre esse castelo – disse eu. – E sobre Arcádia. Preciso salvar

todos nós.

Então olhe na piscina, disse o pardal.

Percebi que no meio do jardim havia uma piscina redonda com borda de mármore. A

princípio achei que estava vazia. Conforme fui me aproximando, pareceu-me que estava cheia de

água pura e cristalina; mas quando cheguei na beirada, percebi que estava cheia de luz líquida.

Todos os tempos estão reunidos aqui, disse o pardal. Você pode ver alguma coisa de útil.

Eu me ajoelhei; a borda de mármore era fria e delicada sob meus dedos. Meus olhos não

queriam focar no líquido brilhante. Era ainda pior do que na biblioteca, quando não conseguia ler

os livros; apenas um momento de atenção fez com que meus olhos comessem a doer e a se

encher de água, enquanto meu corpo tremia com a necessidade de olhar para o outro lado. Mas me

forcei a ficar olhando para aquele brilho ondulante, segurando na borda com dedos trêmulos,

minha respiração vindo em arquejos... até que pensei ter visto algo... uma sombra... um rosto...

Olhos azuis me encararam de volta. Como se aquele olhar fosse a chave. No instante

seguinte, o jardim tinha desaparecido, assim como meu corpo, arrebatado num redemoinho de

luzes e de imagens. As visões passavam diante dos meus olhos e queimavam como fogo, cada

uma substituindo outra de minhas lembranças. Tentei lutar, tentei me agarrar às minhas

memórias e a mim mesma, mas não tinha dedos para segurá-las, não tinha nem pele para me

separar daquilo.

Sentindo-me desamparada, vi um castelo e me esqueci da casa do meu pai. Vi um jardim e

me esqueci de meus diagramas herméticos. Vi um garoto de olhos azuis e me esqueci de Astraia.

Tais coisas passavam por mim até que eu me esqueci de lutar, me esqueci de que jamais havia sido

alguma coisa senão uma porção de lembranças trocadas por visões.

Eu vi a Separação. E esqueci que eu existia.

Quando finalmente voltei a mim, estava caída na beirada da piscina,  
a borda de mármore

cortando minha face, poeira em minha boca e lágrimas meio secas  
fazendo cócegas em meu rosto.

Meus dentes doíam e senti o gosto de sangue.

Mas eu era real. E estava viva.

E finalmente conhecia a verdade.

O pardal estava ao meu lado no chão e, embora pássaros não  
tivessem expressão, podia jurar

que havia compaixão naqueles pequenos olhos pretos.

Vá, disse o pardal. Você não vai conseguir suportar tanta verdade.

O ar queimava em meus pulmões.

Vá, disse o pardal de novo, e tudo desapareceu na luz.

Quando acordei, não percebi nada, exceto a presença de um  
pássaro e uma latejante dor de

cabeça.

Respirei fundo algumas vezes e, então, percebi que o pássaro era  
uma estampa do cortinado

de minha cama. Estava escuro, o quarto iluminado apenas pela luz  
difusa de um castiçal, mas

mesmo assim ela me incomodava terrivelmente, minha cabeça  
parecia prestes a explodir. Soltei

um gemido fraco, me mexi e percebi que havia alguém aninhado a meu lado.

Ignifex.

Ele sentou-se imediatamente, inclinando-se em minha direção, os olhos vermelhos cheios de

preocupação. Não devia haver muitas velas disponíveis no meu quarto, a escuridão mordiscando

as beiradas de seu rosto, mas ele não parecia perceber.

– Nyx – ele chamou. – Você pode me ouvir?

E eu soube. Naquele momento, eu soube seu nome verdadeiro e tal conhecimento fez com

que meu coração disparasse.

– Você – eu sussurrei. – Eu era... você era...

– Eu tirei você de lá. Tirei você dele – ele grunhiu aquela última palavra.

– Escuridão. – O nome me veio como um soluço.

Ele passou a mão por meu rosto.

– Eu vou matá-lo.

– Não faça isso – eu disse instintivamente. – Não é... ele é também...

– Mas minha língua

não se movia mais e eu mergulhei de volta num sono profundo.

APÍTULO 18

ODIA JÁ CLAREAVA quando acordei de novo. Ignifex não estava mais

aninhado ao meu lado, mas sentado na beirada da cama, os braços cruzados. Levantou uma

sobrancelha quando percebeu que eu tinha me mexido.

– Está melhor? – perguntou ele.

Eu me sentei. Minha visão embaçou-se por um instante e eu respirei bem fundo. Ignifex

colocou uma mão em meu ombro, mas eu me esquivei daquele toque.

– Estou bem – disse. A dor de cabeça ia acabar passando. – O que aconteceu?

Ignifex fez uma careta.

– Aquela coisa... – Ele fez uma pausa. – Escuridão tentou matá-la. Encontrei você aos gritos.

Eu o deixei trancado.

Pisquei ao ver a estampa azul da coberta que tinha em cima das pernas.

– Não... – disse, porque a história não era assim tão simples. Mais coisas tinham

acontecido...

– Ele a levou ao Coração de Fogo. – A voz dele era dura como uma pedra, interrompendo

meus pensamentos. – Aquele lugar não é feito para humanos e ele despejou todo o poder que

emana dele na sua cabeça.

Você olhou para as Crianças de Typhon e sobreviveu, a voz de Escuridão ecoou na minha cabeça.

Você é nossa única esperança.

– Não – disse de novo, porque me lembrava mais do que do fogo e da morte; eu me lembrava

de um menino de olhos azuis, de uma tampa se fechando, de um pássaro...

– Ele gabou-se de já ter feito isso antes. – Ignifex parecia doente.

– Eu estou bem – disse com certa agressividade, porque o demônio que eu devia derrotar não

podia estar preocupado comigo.

O príncipe há muito perdido também não devia ter tentado me matar. Mas eu sabia que

Escuridão pretendia fazer algo mais. Eu sabia que ele tinha sido bem-sucedido, mas as visões

confusas deixaram minha mente tão desordenada que eu não conseguia me lembrar.

– Eu já tinha acordado antes. O que eu disse?

– Um monte de coisas sem sentido. – Ignifex inclinou-se em minha direção. – Então você

dormiu, ou eu ia ter de amarrá-la. Por falar nisso, você ainda não tem ordens para sair da cama.

Ele não me disse o que eu tinha falado – era mais provável que nem se lembrasse – e talvez

eu não tivesse dito mesmo nada que pudesse ser compreendido. Mas quando acordara pela

primeira vez, eu sabia. Eu lembrava disso agora, mas não me lembrava do que eu tinha sabido.

Eu tinha visto a Separação. Daquilo eu lembrava. Tinha visto o momento em que Arcádia

tinha sido separada do resto do mundo e presa sob um céu de pergaminho. Mas não me lembrava

como se parecia. Ou o que tinha acontecido.

Você não pode salvar ninguém se não souber a verdade.

Ignifex enxugou meu rosto com o dedo. Percebi que tinha chorado.

– Não vou deixar que ele machuque você – ele disse rapidamente.

– Eu odeio você – disse, entre os dentes.

Ele riu e saiu do quarto para pegar meu café da manhã. Esperei até que o som de seus passos

se afastasse antes de me entregar a um soluço sentido, em parte por causa da verdade horrível que

eu não me lembrava, mas principalmente pelo homem em quem eu tinha confiado.



Durante os três dias seguintes, fui me recuperando aos poucos. Embora Ignifex tivesse

parado de insistir para que ficasse na cama depois de eu ter atirado uma jarra de água em sua

cabeça – tendo errado, de propósito –, eu acabei obedecendo a suas ordens, de qualquer modo.

Até um pequeno movimento me deixava exausta e sem fôlego; se tentasse andar, começava a

sentir um calor estranho pelo corpo e ouvia o crepitar das chamas nos meus ouvidos.

Ignifex ficava o tempo todo no meu quarto como se fosse um gato mantido dentro de casa

num dia de chuva. Ele me trazia o almoço e o jantar, oferecia-se todas as vezes para me dar comida

na boca e todas as vezes eu jogava a colher no nariz dele. Ele também me trazia livros da biblioteca

– não os históricos, que tinham buracos nas páginas, mas livros de poesia e, quando ficou sabendo

que eu gostava, volumes eruditos sobre os deuses.

– Havia um país onde o povo queimava suas crianças diante da estátua de bronze de seu deus

Moloch, que o especialista sugere ser outra forma de Cronos. – Ignifex virou a página. – Há uma

figura, olhe.

– Você sempre dá um jeito de encontrar as histórias mais interessantes possíveis – eu disse de

forma irônica, embora ele realmente parecesse fascinado com qualquer conto de terras distantes.

Talvez, em 900 anos, ele tivesse começado a ficar entediado.

– O nome do país era Phoinikaea. Sabe onde fica? Ou ficava, eu acho, já que os greco-

romanos queimaram tudo e salgaram a terra. Olhe, há outra figura aqui.

Sim. Realmente, muito entediado.

– Como vou saber? – Apanhei um livro infantil de poesias e franzi a testa. Várias páginas

estavam queimadas, embora não pudesse imaginar a troco de que os Bondosos iriam se preocupar

com eles. – Você separou nosso mundo, já se esqueceu disso?

– E seu pessoal passou os duzentos anos seguintes tentando estudar o Mundo de Antes.

– Nós estávamos mais interessados em destruir você do que na localização dos bárbaros

antigos. – Deixei cair o livro, desistindo dele. – Mas se você morresse agora mesmo, tenho certeza

de que acharíamos tempo para estudar a respeito de Phoinikaea.

Ele me deu um largo sorriso.

– Que pena que eu seja intransigentemente imortal.

Ele ainda passava todas as noites comigo, aninhado a meu lado. Sem Escuridão, ele tinha de

trazer e arrumar todas as velas pessoalmente, embora pudesse acendê-las com um simples gesto

de mão.

– Não adianta muito ser um demônio tão poderoso e ter de trazer as próprias velas – eu

comentei na segunda noite.

– Quem disse que ser um demônio adianta alguma coisa?

Na terceira noite, fiquei acordada durante um longo tempo, observando seu rosto sob a luz

vacilante das velas. Ainda me lembrava de uma coisa sem sombra de dúvida; uma resposta que

me enchia de esperança e de desespero. Mas, por mais que eu tentasse, não conseguia me lembrar

da tal resposta.

Pensei de novo do Coração do Fogo. Eu tinha implorado para que Escuridão me ajudasse e as

chamas tinham se fechado à minha volta.

Eu me lembrava do pássaro no jardim, de figuras entrevistadas na luz líquida. Eu me lembrava

de olhos azuis e da voz desesperada de um jovem. Mas não me lembrava de mais nada.

Ignifex soltou um gemido fraco e chegou mais perto. Sem pensar, deslizei um braço em volta

dele. Sabia que deveria recuar, que deveria endurecer meu coração e me preparar para destruí-lo,

mas, perdida naquelas altas horas da noite, eu finalmente tive de admitir: não queria mais derrotá-

lo. Eu sabia quem ele era e o que tinha feito, mas ainda assim não queria mais machucá-lo.

Tal pensamento deveria ter me perturbado. Mas em vez disso, caí num sono profundo e

dormi a noite inteira, sonhando com a luz do sol e com o canto dos pássaros, sem dor ou fogo em

lugar algum.

Na quarta manhã, acordei antes de Ignifex, quando o céu estava opaco e sem cor, com

nervuras de carvão. Tentei não me movimentar, mas meu corpo parecia uma chaleira prestes a

explodir e, poucos minutos depois, cheguei à conclusão de que não aguentava mais. Tinha de me

levantar.

O amanhecer já estava bem próximo e a escuridão da noite não mais corroía o rosto de

Ignifex; não senti culpa ao me desvencilhar de seus braços e ir pé ante pé até o armário. Queria

usar roupas de verdade, mas não suportava mais aqueles vestidos cheios de botões que ficavam

me apertando. Escolhi então um vestido ao estilo antigo: uma simples túnica de linho de cintura

marcada, com um fecho dourado nos ombros.

Abri a porta e corri pelo corredor. Meus pés faziam um ruído débil contra o chão frio, minha

respiração, talvez um pouco rápida demais, mas não me senti fraca ou tonta. Continuei correndo

até chegar a uma coluna, onde me segurei e, rindo, aproveitei para tomar fôlego.

Acho que vou ver como está Astraia, pensei, mas então me lembrei de que não havia mais o

espelho. Ele tinha sido estilhaçado para que eu pudesse encontrar o Coração de Fogo. Para que

Escuridão pudesse me trair.

Alguma coisa tocou minha nuca. Virei-me rapidamente, percebendo que havia sido apenas o

vento vindo de uma janela aberta, levantando uma mecha de cabelo.

Ninguém me seguiu em meio à escuridão. Ninguém estava à minha espera. Ninguém solene

de olhos azuis, com mãos gentis e voz suave.

Lágrimas começaram a surgir nos meus olhos. Pisquei para me livrar delas, percebendo que

ainda lamentava a traição de Escuridão. Eu havia achado que ele me amava e que talvez eu

também pudesse amá-lo. Certamente confiara nele. E ele tinha quase me matado. Agora, devia ter

ido embora para sempre.

Eu tentei lhes mostrar a verdade, ele disse. O que ele tinha feito havia sido monstruoso, mas

ainda achava que tinha havido um motivo para aquilo tudo. Eu me lembrava de ter conhecido a

verdade e sentira como se minha alma tivesse sido rasgada. Precisava me lembrar de tudo de

novo.

Olhar para o corredor mal iluminado, entretanto, não estava adiantando nada. Sequei meus

olhos e fui achar a sala de jantar, onde várias delícias e bules de café fresco estavam à minha

espera.

Aquele castelo servia magníficos cafés da manhã num passe de mágica, mas não ajudava

Ignifex a arrumar suas velas para que a escuridão não o devorasse durante a noite. Pensei naquilo

durante alguns instantes e cheguei à conclusão de que era mais um sinal de que os Bondosos

pudessem ter um humor muito peculiar. Sentei-me e comecei a comer.

Ignifex apareceu na sala, esfregando a cabeça, quando eu já estava quase terminando.

– Você parece ter se recuperado – disse ele.

– Espero que não esteja planejando me mandar de volta para a cama.

– Não, acho que você já foi mimada demais. – Ele sentou-se, mas levantou-se de novo e se

aproximou de mim. Ergui os olhos, mas ele não disse nada; em vez disso, sentou-se mais uma vez

e começou a fazer uma torre com as maçãs.

– Você está perdendo a habilidade de me aterrorizar – comentei, depois de a torre ter

desmoronado. Por duas vezes.

– Esse é o problema das esposas que vivem demais.

– Será que estou batendo alguma espécie de recorde?

– Duas delas duraram mais. Mas não muito. – Ele olhou para o outro lado da mesa, então se

levantou abruptamente. – Já acabou seu café?

– Já – respondi, olhando-o com certa desconfiança.

– Ótimo. Quero levá-la para um lugar.

– Não tenho mais nenhuma chave que você possa me roubar – disse, levantando-me.

– Nem todas as minhas ações têm uma segunda intenção. – Ele tomou minha mão. – Se eu a

pegar no colo, você vai me bater?

– O que está planejando fazer?

– Levá-la ao jardim. – Ele tomou-me em seus braços e caminhou em direção à porta da frente.

Entendi o que ele planejava fazer e engoli em seco.

– Achei que nunca mais iria deixar essa casa – disse, percebendo que já estávamos do lado de

fora do castelo, no topo da colina. Olhei para seu ombro a fim de não ver a beirada que se

aproximava. Em vez disso, vi suas asas aparecerem. Primeiro eram pouco mais que um recorte no

ar, então foram ficando mais grossas, lembrando fumaça escura, até se tornarem sólidas. Eram asas

enormes, com penas muito escuras.

– Ah, esse lugar conta como parte do castelo. – Suas asas abriram-se e eu me agarrei a seu

pescoço, fechando bem os olhos e me curvando contra seus ombros; então, ele mergulhou no ar.

Por um momento de agonia, fomos caindo, então suas asas nos levaram para cima e para

cima e, soltando um gemido, abri os olhos e olhei para baixo. O castelo já estava bem longe de



nós, uma torre solitária em meio às ruínas. Não havia sinal do grande espaço aberto do qual

havíamos nos lançado e imaginei o que teria visto se tivesse mantido meus olhos abertos naquele

momento. Teria o mundo se torcido, as linhas e cantos do prédio teriam se dobrado como um

espaço enrolado sobre si mesmo?

Dei-me conta de que estava imaginando que esta transformação acontecia numa grande sala

do trono, cheia de pilares. A imagem parecia familiar, como uma lembrança meio esquecida. Seria

isso algo que eu vira no Coração de Fogo?

Continuamos a voar para cima, a paisagem encolhendo debaixo de nós. Vi as casas de nosso

vilarejo ficarem cada vez menores, até que não passassem de pontinhos no chão, enquanto a terra

ficava nebulosa pela distância. Estávamos na mesma altura de um banco de nuvens à esquerda,

estruturas enormes e brancas que se levantavam e espalhavam seu brilho sobre nós.

E então já estávamos acima delas. A superfície do céu agigantava-se perto de nós, o

pergaminho tão grande como se tivesse sido roubado da mesa do escritório dos Titãs. E mais

terrivelmente perto de nós também estavam os buracos queimados do céu através dos quais as

Crianças de Typhon poderiam surgir e acabar com minha alegria.

Senti uma pontada no coração. Arquejei, o medo invadindo minha alma e me deixando

tonta.

– Não se preocupe – disse Ignifex, percebendo meus medos. – Sou o senhor dos demônios, já

se esqueceu disso? Elas não podem lhe fazer nenhum mal contra minha vontade.

– Elas fizeram, e muito por sinal, algumas noites atrás.

– Sim, mas agora você está nos meus braços.

– Então posso dizer que já fui sequestrada por um demônio – murmurei. Não era exatamente

um grande consolo. Mas ainda assim relaxei em seu abraço.

Então uma sombra caiu por sobre meu rosto. Olhei para cima e preendi a respiração,

maravilhada. A treliça do Olho do Demônio se agigantava, mas o que eu – juntamente com todo

mundo em Arcádia – sempre tinha tomado como uma figura pintada no céu de pergaminho era na

verdade a armação de um vasto jardim pendurado no ar. O que do chão pareciam fios de uma

tapeçaria eram, na verdade, passarelas com cerca de 18 metros de comprimento, cobertas de

grama e flocos de neve. Estátuas de mármore mostrando jovens mulheres, os rostos gastos,

erguiam-se nas pontas do desenho como se fossem cariátides segurando o céu. Ao centro havia um

lago redondo de água cristalina, com bancos ao lado, e, ao passarmos por ele, vi uma carpa

manchada de ouro e prata nadando em círculos.

Uma enorme corrente de ferro, com elos tão grossos como a altura de um homem, descia de

uma cúpula. Parecia segurar o Olho, mas a cerca de dez metros acima do lago, ela desaparecia no

ar rarefeito, e voamos sob ela sem a mínima resistência.

Ignifex aterrissou num dos lados do lago e me colocou no chão. Dei um passo vacilante para a

frente, um pouco tonta. Pensei que o solo fosse balançar sob meus pés, mas ele era firme como

uma rocha. Se eu ignorasse a imensidão ali em volta e olhasse para a grama sob meus pés, poderia

fingir que estava segura em terra firme.

Fingir, entretanto, era uma bobagem. Eu não tinha coragem de chegar perto da beirada, mas

me aproximei o máximo que minha coragem permitiu, então comecei a girar o corpo,

maravilhada, porque havia o vento no meu rosto e grama debaixo dos meus pés, e eu pensei que

nunca mais teria tal sensação de novo.

Quando parei, vi Ignifex sentado num dos bancos ao lado do lago, abraçando os joelhos. O

vento balançava seus cabelos e ele parecia estar se divertindo.

– Obrigada – disse eu.

– É sua recompensa por não ter morrido – ele disse.

Dei um passo à frente, resistindo à vontade de torcer minhas mãos.

– Sim... Sobre aquilo. Será que nós podemos... será que eu posso conversar com

Escuridão...

Ele grunhiu.

– Você não entende – eu disse. Eu também não entendia, pelo menos não inteiramente, mas

achei que, se visse Escuridão de novo, poderia me lembrar de alguma coisa. – Eu sei o que é a

falsidade porque venho sorrindo e mentindo minha vida inteira. Escuridão não é assim. Há muito

tempo, ele era gentil de verdade. Acho que uma parte dele ainda é, mas ele sabe de alguma coisa

que o fez matar suas cinco esposas. Se nós soubéssemos...

– E se isso é alguma espécie de conhecimento, talvez devêssemos nos matar um ao outro e

poupar-lhe o trabalho.

– Ou talvez pudéssemos encontrar uma solução. – Dei outro passo em sua direção. – Pensei

que quisesse saber seu nome e a verdade a respeito de sua origem.

– Talvez eu tenha mudado de ideia.

– Talvez você esteja me contradizendo só pela graça da coisa.

– Você faz as coisas parecerem engraçadas.

Quase gritei com ele. Mas sabia que não era o melhor jeito de derrotá-lo.

– Você sempre fala que despreza as pessoas que lhe pedem favores porque elas não admitem

seus pecados nem para elas mesmas. Está feliz de ser assim tão covarde?

Ele balançou a cabeça e olhou para o céu.

– Há uma vantagem em ser um demônio...

– Além do poder de causar terror e destruição?

– Além disso, e possivelmente mais importante. Sim. – Ele olhou para mim, o rosto muito

sério. – Os demônios conhecem certas alternativas. Já falei com os Bondosos pessoalmente. Eu

cuido de seus domínios há 900 anos. Não nego quem sou, mas sei quem poderia ser e sei também

de muitas verdades. Então, sim, sou um covarde e sou um demônio. Mas ainda estou vivo sob a

luz do sol.

Olhando em seus olhos, lembrei-me das Crianças de Typhon rastejando pela porta. Ele

guardava aquela porta e comandava aqueles monstros havia 900 anos. Se eu tivesse feito o

mesmo, talvez pensasse como ele.

Mas eu não tinha, e cruzei os braços.

– O filósofo disse que o homem virtuoso que morre queimado numa estaca é mais

afortunado que um homem perverso que vive num palácio.

– Ele colocou essa teoria em teste? – Ignifex estava rindo.

– Não, ele morreu tomando veneno. Mas enfrentou a morte porque não quis desistir de sua

filosofia, então pelo menos foi honesto quando disse que uma vida que não seja plena não vale ser

vivida.

Ignifex bufou.

– Diga isso à Pandora.

– Se Prometeu tivesse lhe dito o que havia na caixa, ela não teria sido tão tola.

– Ou sentido mais culpa, ao abrir a caixa de qualquer maneira. Não há sabedoria nesse

mundo que impeça os homens de tentar obter o que eles querem.

Minha cabeça começou a latejar. As chamas começaram a crepitar nos meus ouvidos.

– Às vezes, a ignorância é a maior culpada...

O crepitar transformou-se no farfalhar das folhas, e então numa risada. Meus lábios e minha

língua continuaram a se mover, mas o que saía da minha boca eram pequenos ruídos agudos como

a linguagem do fogo. Tentei me silenciar, mas não consegui, então olhei para Ignifex em completo

terror.

Num instante ele estava de pé, ao meu lado, então agarrou meu rosto e me beijou. Tentei me

esquivar apenas por um momento; quando finalmente nos afastamos, ambos sem fôlego, minha

boca e minha voz eram minhas de novo.

– O que... mas o que... foi isso? – eu perguntei, arquejante.

– Eu vou matá-lo – disse Ignifex, segurando-me contra seu peito.

Eu me afastei dele.

– Se ele é apenas sua sombra, não vejo como isso pode ser possível, e você ainda não me

respondeu. O que aconteceu?

Ele desviou o olhar.

– Algo que eu não ouvia há muito tempo.

– Por favor, gostaria de obter uma resposta mais direta.

– A língua de meus mestres. – Ele sorriu. – Parece que você recebeu um presente por ter

sobrevivido ao que causa a morte da maior parte das pessoas. Primeiro você sobreviveu ao ataque

das Crianças de Typhon, e conseguiu então ver os buracos do mundo. Aí sobreviveu às visões do

Coração do Fogo, e pelo visto parece que os Bondosos podem falar através de você.

Meu coração quase pulou do meu peito. Os Senhores dos Truques e da Justiça. Falando

através de mim. Seria possível?

– O que eles disseram?

– Nada de útil. Você sabia que houve um homem que os Bondosos fizeram ficar mudo, de

modo a poder usá-lo como porta-voz? Quando pararam de usá-lo dessa forma, devolveram-lhe a

arte da fala, mas ele acabou cortando a própria língua porque não podia suportar profaná-la com



palavras humanas novamente.

– Ficar me distraíndo com essas histórias horríveis não vai adiantar nada.

– Então vou distraí-la com coisas mais interessantes. – Ele segurou meus ombros e fez com

que eu me virasse. – Olhe para o mundo lá embaixo. Olhe para o céu. Fale-me o que acha disso

tudo.

– Tudo isso é Arcádia. Presa sob o seu céu. – Olhei em volta para mostrar a ele que não havia

mais nada para ver... então fiz uma pausa.

Uma lembrança voltou à minha cabeça: a sala redonda, o teto, uma cúpula, um pergaminho

pintado como o céu, a lâmpada pendurada num lustre de ferro batido com o formato do Olho do

Demônio. Lembrei-me, então, das palavras ali escritas: O que está em cima é como o que está

embaixo. Tudo é duplo, tudo tem seu oposto.

– Está tudo ali dentro. – Respirei fundo. – Arcádia inteira, nosso mundo todo, está dentro da

sua casa. Dentro daquela sala redonda.

Ele deitou a cabeça no meu ombro.

– Agora percebe a falha no seu plano?

Tal constatação atingiu-me como um raio gigante caindo sobre a minha cabeça. Se eu tivesse

conseguído escrever meus segredos nos quatro corações e se tudo desse certo, iria destruir não

apenas o castelo do Lorde Gentil, mas toda Arcádia também. Seja lá o que fosse acontecer às

pessoas, não iria ser coisa boa.

Virei-me para ele, afastando sua cabeça do meu ombro.

– E você me deixou encontrar os três corações, sem me dizer nada? Você sabe o que podia ter

acontecido?

– Você é uma mulher muito especial, mas, pelo que vi, ainda não pode voar.

Abri a boca para perguntar o que ele queria dizer com aquilo – então finalmente escutei as

batidas de um coração...

– Esse é o Coração do Ar.

– Hum...

– Você ainda é um tolo – disse eu. – Certamente vou poder usar um desses conhecimentos

para matá-lo.

– Será que vai?

Abri minha boca, mas tive de desviar o olhar.

– Talvez. – Minha voz soou rouca e meu coração começou a bater mais depressa.

Fez-se um momento de silêncio entre nós.

– O que você quer? – perguntei finalmente.

Ele balançou a cabeça.

– O que você quer?

O rosto dele estava pálido, as pupilas estreitas como as de um gato; não parecia haver

nenhuma forma de hesitação em seu corpo. O fato de saber que ele era tão pouco humano me

atingiu com força.

Ele tinha se agarrado a mim à noite. Tinha salvado minha vida duas vezes. Tinha visto o ódio

no meu coração, e mesmo assim não me queria mal. E, naquele momento, nada mais importou.

– Eu quero que meu mundo seja livre. – Dei um passo em sua direção. – Queria não ter

nunca magoado minha irmã. – Segurei suas mãos. – E quero que diga que me ama de novo.

Suas mãos apertaram as minhas.

– Eu te amo – disse ele. – Eu te amo mais do que qualquer outra criatura porque é cruel,

gentil e viva. Nyx Triskelion, quer ser minha mulher?

Eu sabia que era insano ser feliz, sentir aquela exultação desesperada ao ouvir tais palavras.

Mas senti como se tivesse passado a vida inteira esperando ouvir aquilo. Eu havia esperado minha

vida toda que alguém me oferecesse amor. E agora ele o fazia, e eu tinha a sensação de estar

andando sob a luz do sol no Coração da Terra. Exceto que ali o sol era falso. E seu amor agora era

real.

Era real.

Bem devagar, soltei minhas mãos.

– Você é um demônio – disse, olhando para a grama.

– Sem dúvida.

– Eu sei o que me fez.

– As partes emocionantes. Sim, sabe.

– E, ainda assim, não sei seu nome. – Minhas mãos tremeram quando comecei a abrir o fecho

da minha túnica. Parecia uma eternidade desde aquele dia em que rasgara meu corpete. – Mas sei

que é meu marido.

A túnica caiu no chão. Ignifex tocou meu rosto com muita gentileza, como se fosse um

pássaro prestes a levantar voo. Finalmente, olhei dentro de seus olhos.

– E – acrescentei – acho que eu te amo também.

Então ele me abraçou.

– Pode ser que eu ainda queira matar você – eu lhe disse, muito tempo depois.

Ele acariciou meu rosto com a ponta dos dedos.

– E quem não quer?

## APÍTULO 19

NOS DIAS que se seguiram, a impressão que tinha, às vezes, era de estar sonhando.

Durante toda a minha vida, eu soubera que iria me casar com o Lorde Gentil, e durante toda a

minha vida eu havia esperado dias de horror e de condenação. Jamais imaginara que um dia

pudesse conhecer o amor, muito menos em seus braços. Agora, cada hora era uma delícia, e eu não

podia acreditar que aquilo fosse real.

Nós ainda procurávamos por uma resposta. Ainda vasculhávamos a biblioteca e

perambulávamos pelos corredores. Mas aquilo parecia ser menos uma busca e mais um jogo. E

nos divertíamos naquele castelo. Corríamos um atrás do outro no jardim, brincávamos de

esconde-esconde, construíamos castelos numa sala cheia de areia;  
eu o fazia sentar-se à mesa da

cozinha enquanto tentava cozinhar para ele e punha fogo nas  
panelas.

Eu era sua alegria e ele era a minha. Tinha lido poemas de amor  
quando estudava línguas

antigas, mas nunca os tinha levado a sério, como Astréia o fazia.  
Aprendera os ritmos das palavras

e das frases, mas sempre os considerara algo completamente inútil.  
Diziam que o amor era

aterrorizante e suave ao mesmo tempo, selvagem e doce, e nada  
disso fazia nenhum sentido.

Mas agora eu sabia que cada uma daquelas palavras insanas eram  
verdadeiras. Porque

Ignifex ainda era ele mesmo, zombeteiro, selvagem e não humano,  
terrível como um exército

pronto para a guerra; mas em meus braços ele era gentil e seus  
beijos eram mais doces que o

vinho.

De vez em quando, o sino ainda tocava e ele me deixava para ir falar  
com seja lá que tolo o

estivesse chamando. Mas, quando retornava, não me contava mais  
que tipo de acordo tinha feito e

parecia sempre cansado, sem o ar de ironia de antes. Então eu o  
pegava nos braços e o beijava sem

perguntar nada, guardando para mim minhas esperanças e meus medos.

Às vezes, pensava em Astraia, em papai, em minha missão. Em Dâmocles, em minha mãe e

em todos que ele havia feito sofrer. Mas com o espelho despedaçado, não havia nenhuma chance

de ver Astraia de novo, nem a mais remota possibilidade de adivinhar o que ela estava pensando

de mim. E agora que eu sabia que Ignifex também era um prisioneiro naquele castelo, não podia

desejar-lhe nenhum mal.

E algumas vezes, um raio de luz, o ranger de uma porta – alguma coisa pequena e simples –

desencadeava aquele barulho em meu ouvido e eu falava com Ignifex na linguagem das chamas.

Mas ele nunca me dizia o que eu tinha falado.

– Nós estamos recebendo mensagens dos Bondosos e você nem me fala o que elas dizem? –

perguntei uma tarde. Estávamos numa sala com cheiro de mofo onde havia prateleiras e mais

prateleiras cheias de relógios cuco e, quando Ignifex apanhou um, o mecanismo que movia as asas

vermelhas e azuis fizeram com que estranhas palavras surgissem em meus lábios, até que Ignifex

me tomasse nos braços, me pressionasse contra a estante e me beijasse. Senti uma câibra em meu

pescoço e percebi que minha paciência tinha chegado ao fim.

Ignifex virou-se, atirou o pássaro no chão e esmagou-o com sua bota.

– Não são mensagens. É sempre a mesma coisa.

– Então não iria fazer mal se eu ouvisse, já que você sobreviveu a quinze repetições.

Ele não me encarou.

– Sabe por que eu sobrevivi à escuridão, não importa o quanto ela me queime?

– Por que você é o imortal senhor dos demônios?

– Não. Porque eu esqueço. Eu sempre ouço uma voz na escuridão, dizendo que vai me

queimar vivo. Eu sobrevivo porque me forço a esquecer o que ela fala. Mas você, minha cara

Pandora – ele se virou em minha direção com um sorriso maldoso nos lábios –, você não é nada

boa quando o assunto é esquecimento. Então tenho de fazê-lo para você.

Ele deu meia-volta e saiu da sala. Olhei para os restos do cuco no chão, fios e pedaços de

metal esmaltados retorcidos, e a confusão colorida fez com que minha pele se arrepiasse inteira,



até que saísse correndo atrás dele. Não queria arriscar sofrer um novo ataque quando ele não

estivesse por perto para me acudir.

Depois daquilo, não importava o quanto eu implorasse, ameaçasse ou o beijasse, ele se

recusava terminantemente a me dar qualquer pista sobre o que eu dissera nas palavras das

chamas, ou quem era a voz que falava com ele na escuridão.

Mesmo assim, os dias mais pareciam um sonho encantado. Mas as noites eram diferentes.

Ignifex ainda era assombrado pela escuridão e continuava a dormir em meus braços. E às vezes eu

dormia com facilidade a seu lado, mas, na maior parte das vezes, ficava acordada durante horas,

olhando para as sombras nos cantos da sala.

Quando eu dormia, sempre sonhava com o jardim e com o pardal. As folhas giravam à minha

volta, transformando-se em faíscas que voavam através do ar. Tentei apanhar um punhado; elas

crepitaram na minha mão e transformaram-se em cinzas.

Uma é uma e sempre sozinha, dizia o pardal, e sempre será assim.

– Por favor – eu dizia. – Conte-me o que aconteceu.

Então, o sonho sempre mudava. Às vezes eu vislumbrava um príncipe de olhos azuis. Eu

tinha certeza de que se tratava de Escuridão, porque reconheceria aqueles olhos em qualquer lugar

– mas embora eu não conseguisse me lembrar direito de seu rosto quando acordava, eu não me

esquecia de que era sempre cheio de vida. Ele gritava, chorava e ria; nunca estava calmo e passivo

como Escuridão costumava ser. Mesmo assim, só podia ser ele.

Mas então ele era livre e são, não um prisioneiro há 900 anos guiado por medidas

desesperadas.

Às vezes eu via o castelo desmoronar, pedra por pedra, em meio ao fogo e o vento. Às vezes

eu via uma porta de madeira se abrir e as Crianças de Typhon rastejarem em minha direção. Às

vezes eu via rosas murchando e se transformando em cinzas.

Até que uma noite eu não sonhei com o pardal. Sonhei que entrava no quarto das esposas

mortas de Ignifex e que Astraia ali jazia, junto com as outras.

Eu sabia que estava sonhando e sabia também que os pesadelos sempre acabavam num

momento de puro horror, que quando o sonho ficava impossível de suportar, terminava. Ao olhar

para o rosto pálido de Astraia, minha garganta fechou-se e eu percebi que iria acordar no instante

seguinte.

Mas não acordei. Fiquei olhando para minha irmã morta até que comecei a soluçar, e então

chorei pelo que pareceu uma eternidade, até que não houvesse mais lágrimas. Mesmo assim, o

despertar não veio, e então me esqueci de que estava sonhando. Só sabia que tinha falhado com

minha irmã, que meu castigo seria viver com aquela culpa para sempre. Eu me deitei a seu lado –

aquela pele fina e pegajosa era horrível de se tocar, mas cheguei mais perto dela e olhei para a

escuridão. E esperei.

E esperei.

Comecei a chorar de novo, então parei. As lágrimas faziam cócegas em minha pele. E esperei,

até que minha visão desapareceu, deixando-me em total escuridão, e eu não podia mais sentir

minha irmã naquela tumba de pedra, apenas o frio à minha volta.

Finalmente, Ignifex me sacudiu, fazendo com que eu acordasse. Trêmula, aconcheguei-me

em seus braços, mas não lhe contei meu sonho. Toda minha vida tinha pinceladas de ódio. Não

queria lembrar que essa contenda ainda existia entre nós e tampouco que fosse despertada.

Mas, depois daquela noite, não pude ignorar totalmente o fato de que ela ainda existia.

– Nosso céu é a cúpula daquela sala, certo? – eu perguntei uma noite.

– Mais ou menos – respondeu ele, sem olhar para cima. Estávamos numa sala de paredes de

pedra, com uma grande lareira num canto; o chão inteiro estava coberto com peças de um quebra-

cabeça que se espalhavam como que movidas por uma invisível correnteza. A única mobília era

um confortável sofá castanho-avermelhado com enfeites dourados. Eu estava recostada nele,

enquanto Ignifex, sentado no chão, tentava montar seu brinquedo.

Eu tentava ler um livro de astronomia, mas metade das palavras estava queimada. Queria

saber por que os Bondosos censuraram as antigas teorias das esferas celestiais.

– Mas ninguém nunca o viu pairando pelos céus – eu comentei pensativamente, observando

seus ombros se moverem. Daquela vez ele não estava usando seu casaco, e a luz do fogo brilhava

através do tecido branco de sua camisa.

Ignifex inclinou-se para a frente, os cabelos balançando, a fim de apanhar uma das peças com

o dedo. Ele a colocou num canto entre duas outras; a peça tremeu por um momento e depois

parou.

– Você deve saber disso melhor que eu – disse ele, tamborilando um dedo contra o que já

tinha feito. Por enquanto, o desenho do quebra-cabeça mostrava parte de um castelo.

– E quando você está naquela sala, ela parece mais um modelo em vez do mundo real. O que

aconteceria se você jogasse uma pedra nela?

Ele finalmente levantou a cabeça, a luz vinda da lareira brilhando em seus olhos.

– E eles ainda dizem que tenho sangue frio.

– Eu jamais faria isso... Só queria saber como essa casa funciona.

– Não tenho nem certeza se os Bondosos sabem a resposta.

– A maior parte das salas tem janelas – disse eu, mais para mim mesma do que para ele. – E

sempre posso ver o céu através delas. Elas estão dentro de Arcádia e Arcádia está dentro daquela

sala, então... ali é o único lugar de verdade, não é?

– Ou então aquela sala é o único lugar que não é de verdade. O que isso importa? – Ele

apanhou uma peça do quebra-cabeça que estava se movimentando e torceu-a nas mãos.

Eu inclinei-me para a frente.

– O que era aquela caixa?

– Que caixa?

Cutuquei sua cabeça.

– Aquela que eu peguei e você voou em cima de mim com a fúria de mil demônios.

– Ah, sim, aquela caixa... – Ele olhou para o fogo, a peça ainda em suas mãos. – Não sei.

– Mais uma de suas filosofias?

– Não. É que... um dia, me falaram que se eu abrisse a caixa, seria o fim.

Sobre a tampa, estava escrito: Tudo é duplo, tudo tem seu lado oposto. Era um princípio

hermético importante. Será que a caixa, assim como o castelo, também era um trabalho hermético?

– Seu fim? – perguntei. – Ou o fim de Arcádia?

– Eles não especificaram e, por mais chocante que possa parecer, não coloquei o aviso em

teste. – Ele sorriu e colocou a peça do quebra-cabeça em minhas mãos. – Esse mundo já teve sua

cota suficiente de Pandoras, você não acha?

Olhei para a peça. Mostrava pedras e, em cima delas, uma pétala de rosa ou uma gota de

sangue. Ou talvez uma chama.

– O que é isso? – perguntei, com curiosidade.

– É parte dessa casa, ou então, quem sabe? – O brilho do fogo refletia em seus olhos

enquanto ele olhava para mim.

Girei os olhos.

– Às vezes você fica muito satisfeito com seus próprios dizeres, não é? Acho que tem até algo

preparado para o momento da sua morte.

– Está planejando descobrir?

Passei os dedos por seus cabelos. Seu couro cabeludo era quente e seco debaixo de meus

dedos. Ainda me assustava, de vez em quando, que ele parecesse tão sólido e de verdade; que

aquela criatura selvagem e inominável não fosse uma figura fantasmagórica, mas real sob minhas

mãos. Que o demônio que comandava o mundo fosse meu.

– Não sei – respondi. – Você tem alguma razão para que eu não devesse fazê-lo?

Ele se endireitou e me beijou. Inclinei-me para a frente, retribuindo-lhe o beijo, até perder o

equilíbrio, e então nós dois caímos no chão, ele por cima de mim.

À nossa volta, as peças soltas do quebra-cabeça voavam pelo ar, tão suavemente como penas.

Com o canto dos olhos, vi que a parte que Ignifex tinha arrumado também se dissolvia, pequenos

pedaços do castelo levantando-se, seu significado desaparecendo. Alguma coisa – restos de

lembranças, talvez – perdeu-se em minha mente.

Então Ignifex tocou meu rosto. Voltei a beijar meu marido e não pensei mais em quebra-

cabeças.

Eu queria esquecer. Queria tanto pensar apenas em Ignifex, transformar aquele castelo em

meu lar... Mais do que tudo, não queria me lembrar de que estava numa missão a fim de vingar

minha mãe e salvar meu mundo.

Porém, cada vez mais eu pensava em Astraia. E em minha mãe, em papai e em tia

Telomache. Pensava no sorriso amargo da criada Elspeth e da vez em que a vira chorando

escondida. Pensava em todas as outras pessoas do vilarejo, temendo que os tributos daquele ano

não fossem suficientes para acalmar os demônios. Pensava nos Resurgandis, que haviam

trabalhado durante 200 anos e agora colocavam todas as esperanças em mim. E pensava em



Dâmocles e em Philippa, e nas pessoas que gritavam no escritório do papai.

Quem era eu, para considerar minha felicidade mais importante que a vida deles?

– Você está muito séria hoje – disse Ignifex uma manhã. Estávamos numa sala grande de

chão de mármore e de paredes cobertas por trepadeiras. O teto parecia feito de galhos de árvores,

uma janela no centro. Sob a luz difusa que vinha dali, havia um tapete vermelho. Nós tínhamos

levado para lá uma pilha de livros e um bule de chá, mas, em vez de fazer nossa pesquisa, acabei

recostando a cabeça nos livros e olhando para as trepadeiras, enquanto Ignifex bebericava o chá e

acariciava meus cabelos.

– É outono – comentei. – Posso ver as folhas das árvores pelas janelas.

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

– Daqui a pouco vai chegar o Dia dos Mortos – continuei.

– Parece macabro.

– É uma festa tradicional. – Olhei para ele por cima do meu ombro.

– A única em que os

senhores de terra e os camponeses comemoram juntos. Celebramos Perséfone encontrando-se com

Hades para passarem juntos o inverno, eles se lembram de Tom-Solitário tendo a cabeça cortada

por Nanny-Anna. Todo mundo faz oferendas no cemitério e então há um grande sacrifício para

Hades e Perséfone. Nessa noite uma fogueira é acesa e um boneco de palha de Tom-Solitário

vestido com fitas é queimado.

Eu sempre detestara a ida ao cemitério. Astraia e eu éramos vestidas com nossos melhores

trajes de luto, enfeitadas com laços e rendas, e nos ajoelhávamos por uma hora enquanto papai e

tia Telomache acendiam incensos e recitavam juntos intermináveis orações, seus rostos

nauseantemente piedosos. Astraia fungava o tempo inteiro, enquanto eu olhava para as palavras

“Thisbe Triskelion” ali inscritas e cuidadosamente fechava a boca para não perguntar ao papai por

que ele não fazia amor com tia Telomache em cima daquele túmulo e acabava logo com aquela

história.

– Jeito interessante de homenagear um deus – disse ele.

– Bem, ele já está morto. Só precisa de uma pira funerária.

Ignifex levantou uma sobrancelha, como se não tivesse entendido minhas palavras.

Dei um suspiro.

– Acho que um demônio nunca prestou muita atenção aos deuses de proteção. A história

conta que Tom era filho de Brigit, que é uma espécie de Demétrio e Perséfone juntos. Ela governa

tudo no submundo, de sementes aos mortos. Bem, Tom apaixonou-se por Nanny-Anna, a deusa de

proteção que dança com os pássaros. Mas Brigit fica com ciúmes; ela não quer dividir seu filho

com uma amante. Então ela conta à Nanny-Anna que Tom é um simples mortal como seu pai – o

que era verdade –, mas se ele tivesse a cabeça cortada se transformaria num deus. Isso também era

verdade, mas o que ela não contou era que ele se transformaria num deus morto, preso na

escuridão debaixo da terra. Então é por isso que ele é chamado de Tom-Solitário. Porque foi

separado de seu amor, Nanny-Anna, exceto no Dia dos Mortos, quando eles podem se encontrar

novamente do nascer ao pôr do sol. Embora o nome não faça o mínimo sentido, já que ele ainda

tem Brigit e todos os mortos como companhia. – Dei de ombros. – Os estudiosos dizem que essa é

uma corruptela da história de Adônis e Afrodite, mas os camponeses juram de pés juntos que ele é

tão real quanto Zeus. De qualquer maneira, é por isso que o dia é de lembranças aos mortos, mas a

noite é dos amantes e de festas regadas a muita bebida.

Papai costumava nos proibir de comparecer “àquelas celebrações vulgares”, mas Astraia e eu

sempre demos um jeito de sair escondidas de casa desde os nossos 13 anos de idade. E papai

nunca reparou, é claro, porque estava ocupado demais com tia Telomache, na cama.

Ignifex pareceu impressionado com a história; ele olhou em direção ao infinito, muito tenso,

então esfregou a testa como se estivesse sentindo dor. O conselho que Brigit dera a Nanny-Anna

não era muito diferente dos acordos zombeteiros que os Bondosos faziam. Tentei adivinhar se ele

tinha dado um destino parecido a alguma garota tola.

Minhas próprias lembranças começaram a voltar à mente. Lembrei-me de Astraia rindo e

dançando em volta da fogueira com todo o povo do vilarejo – mesmo pessoas que costumam

desdenhar dos deuses de proteção compareciam. No ano passado, tínhamos voltado para casa de

mãos dadas e ela sussurrara: Consigo aturar esse dia quando estou a seu lado.

– Quero visitar o túmulo dela – eu disse.

– Hum?

– Minha mãe. – As palavras soaram estranhas, mas me forcei a olhar em seus olhos. – Eu

quero... eu preciso visitar o túmulo dela. Sempre fui uma filha terrível.

Não acrescentei, E agora estou fazendo amor com o assassino dela, mas tive a certeza de que

Ignifex sabia o que eu estava pensando.

– Você não deve deixar esse castelo – disse ele. – Essa é a regra.

– Não há nenhum lugar para onde eu possa ir, exceto esse castelo – eu lembrei. – De qualquer

modo, e o Coração do Ar? Deixei o castelo quando fui até lá, não deixei?

– Mas eu estava com você.

– Então, me leve ao cemitério. Não precisamos ir no Dia dos Mortos, apenas... logo.

Ele tamborilou os dedos sobre uma pilha de livros. Lá fora, soprava um vento suave.

– Por favor – pedi.

De súbito, ele abriu-se num sorriso.

– Então eu a levarei. Já que você pediu com tanta doçura.

– Obrigada – respondi, dando-lhe um beijo no rosto.

Ignifex manteve sua palavra; ele me levou até lá apenas algumas horas depois, quando o sol

brilhava alto no céu de pergaminho.

– Leve o que quiser como oferenda – ele me dissera, então procurei por todo o castelo até

encontrar velas e uma garrafa de vinho. Ignifex apanhou uma chave de marfim e destrancou uma

porta que eu nunca tinha visto antes. Do outro lado estava o cemitério; fui andando até lá e

cheguei ao portão principal. Diante de nós, uma confusão de túmulos estendia-se em linhas

irregulares, indo de pequenos marcadores no chão até estátuas e altares do tamanho de dois

homens.

O túmulo de mamãe ficava ao fundo do cemitério. Podia chegar lá de olhos fechados como se

estivesse dormindo, e era mesmo como se eu estivesse sonhando. Quando poderia imaginar que

estaria andando por ali, à luz do dia, o Lorde Gentil ao meu lado? O ar era puro e o vento soprava

em rajadas que tinham vagamente o aroma de fumaça; as folhas giravam à nossa volta e faziam

ruído debaixo de nossas botas. Acima de nós, os buracos no céu pareciam bocejar como túmulos

abertos, mas eu estava começando a me acostumar com eles. Estava com medo, isso sim, de que

algum olho humano pudesse nos ver, que a humanidade toda estivesse escondida atrás dos

túmulos prontas a surgir e me condenar por aquela minha irreverência. Olhei em volta algumas

vezes, mas não vi ninguém, embora tivesse a impressão de estar sendo observada.

O túmulo de minha mãe não era o maior deles, mas era elegante; um toldo de pedra protegia

uma cama de mármore onde jazia a estátua de uma mulher coberta, tão delicadamente esculpida

que se podia ver as linhas do seu rosto através do véu transparente. De um dos lados da cama,

estava escrito "THISBE TRISKELION", abaixo os dizeres, em latim, porque papai era um

homem muito culto: "IN NIHIL AB NIHILO QUAM CITO RECIDIMUS".

Do nada para o nada, como retornamos depressa.

Ajoelhei-me e arrumei as velas. Ignifex, ao meu lado, acendeu-as com um estalar de dedos,

então voltou a colocar as mãos nos bolsos de seu casaco. Pela primeira vez desde que o conhecera,

reparei que havia algo de estranho no jeito como ele ficava em pé.

– Você parece um espantalho – comentei. – Ajoelhe-se e me passe o saca-rolhas.

Ele se ajoelhou e me deu o que tinha pedido; depois de alguns minutos de tentativas,

consegui abrir a garrafa. Despejei um pouco de vinho na terra em frente ao túmulo.

– Bênçãos e homenagens pertencem aos mortos – sussurrei. O ritual das palavras era sempre

reconfortante. – Nós os abençoamos, nós os homenageamos, nós lembramos o seu nome.

Levantei a garrafa e tomei um gole de vinho. Era doce e marcante como o vento do outono, e

queimou minha garganta. Então entreguei a garrafa a Ignifex.

Ele me olhou como se não estivesse entendendo.

– Nós também bebemos – disse eu. – Faz parte da cerimônia.

Ele me lançou um olhar vago.

– Eu...

– Você vai homenagear minha mãe ou quebro essa garrafa na sua cabeça.

Tal declaração fez com que um leve sorriso aparecesse em seu rosto; então ele pegou a garrafa

e tomou um gole de vinho. Quando me devolveu a garrafa, joguei mais um pouco na terra.

– Thisbe Triskelion – continuei –, nós vos imploramos sua benção. Nós respiramos agora



como você respirou um dia; logo estaremos dormindo o sono da morte como você dorme agora.

Bebi de novo e entreguei-lhe de volta a garrafa. Quando ele já tinha tomado mais um gole,

peguei-a de volta e me sentei, observando o rosto da estátua. Era curioso ver o túmulo da minha

mãe sem papai e tia Telomache à espreita; pela primeira vez pude olhar para o rosto de pedra sem

a raiva corroendo minha alma.

– E agora? – Ignifex perguntou.

Fiz uma pausa, mas uma infinidade de hinos já tinham sido cantados naquele túmulo. Não

estava com a mínima vontade de cantar mais um. Em vez disso, tomei mais um gole de vinho.

– Precisamos acabar com a garrafa – eu comentei e passei-a para ele.

Ignifex examinou-a contra a luz e balançou-a para ver quanto tinha sobrado.

– Os costumes mortais são mais divertidos do que tinha imaginado.

Ficamos sentados ali por quase uma hora, bebendo o vinho lentamente entre as folhas

levantadas pelo vento morno. Mal nos falamos; de vez em quando Ignifex me olhava de maneira

pensativa, mas na maior parte das vezes parecia mais interessado em estudar os túmulos ali em

volta. Uma vez, com o canto dos olhos, eu o vi jogando um pouco da bebida no chão, seus lábios

movendo-se silenciosamente.

No final, estávamos os dois abraçados diante do túmulo de minha mãe. Depois de jogar as

últimas gotas no chão – já que os mortos deviam sempre ficar com o último gole –, ficamos ali por

mais cinco minutos, no mais completo silêncio.

– Obrigada – disse por fim.

Percebi que ele respirou bem fundo. Então, me disse:

– Sua irmã me chama todas as noites.

Eu me desvencilhei de seus braços imediatamente.

– Ela o quê?

– Mas eu nunca respondo – ele acrescentou rapidamente.

Estava de pé agora, toda paz que eu tinha sentido naquela última hora sumira na névoa. Será

que aquilo tinha começado quando o espelho quebrara? Ou Astraia vinha tentando se sacrificar

todas as noites desde minha partida e o espelho nunca tinha me mostrado? Era o tipo de truque

que podia se esperar daquele castelo maluco.

– Mas ela conhece muito bem seus acordos. O que será que está pretendendo?

– Talvez fazer algo heroico, imagino. – Ele também se levantou com a mesma elegância de

sempre.

Lembrei-me de seu rosto quando a deixara no quarto. Certamente ela não ousaria fazer

tamanho sacrifício para a irmã que tanto a magoara.

Meus ombros caíram. Ela tinha mandado fazer uma faca para me dar de presente. Ela

crescera ouvindo as histórias de Lucrecia, que tirara a própria vida, e de Ifigênia, oferecendo a sua

diante de um altar. Crescera ouvindo a história de Horácio defendendo a ponte e Gaius Mucius

Scaevola queimando as mãos para demonstrar sua devoção a Roma. Todos os heróis que papai e

tia Telomache tinham usado para me instruir. Era evidente que ela ousaria.

– Pensei que você atendesse a todos que o procurassem.

Ele deu de ombros.

– Às vezes, sim. Às vezes eu posso escolher entre atender ou não. Até agora, meus mestres

mostraram-se indiferentes à sua irmã.

Mesmo que os Bondosos tivessem a metade da excentricidade que ele dizia ter, mais cedo ou

mais tarde não iriam ser mais assim tão indiferentes, e quando esse dia chegasse, Ignifex não teria

escolha senão entregar a ela seja lá que destino cruel eles decretassem.

– Talvez eles se sintam satisfeitos com o desamparo dela – disse ele.  
– Mas, de qualquer

maneira... pensei que você deveria saber.

Percebi algo de estranho em sua postura de novo. Talvez ele estivesse nervoso.

– Obrigada – respondi, olhando em seus olhos. – Preciso vê-la agora mesmo. Mesmo que os

Bondosos nunca o obriguem a atendê-la, ela deve estar pensando que eu morri ou coisa pior. Não

posso deixá-la desse jeito. – Dei um passo à frente. – Por favor, deixe-me ir. Só por um dia.

– Você não pode ir sozinha.

– Então me leve! – Mas, ainda enquanto dizia tais palavras, percebi o quanto soaram tolas.

– Mesmo que seu pai não fosse tentar me matar assim que me visse, acho que também não

iria conseguir acalmar sua irmã. – Ignifex respirou fundo e olhou para o infinito. – Mas há um

jeito. Só que você tem de prometer que não vai fazer nenhuma bobagem.

– Prometo – disse.

Ele me estudou por um instante, então tirou seu anel da mão direita.

– Nyx Triskelion, eu lhe dou esse anel por minha livre vontade. – Tomou minha mão direita

e colocou-o no meu dedo. – Enquanto estiver com ele, estará no meu lugar, meu nome será o seu e

minha respiração estará na sua boca.

Olhei para o anel. Era pesado, como um sinete, mas em vez de um ornamento de família,

tinha sido moldado com o formato de uma rosa. Era o anel que Dâmocles tinha beijado quando o

vira fazer o acordo, o anel que meu pai beijara quando condenara nossa família. E agora ele estava

no meu dedo, como qualquer outro enfeite.

– Esse é o anel que sela meus acordos – disse Ignifex. – Os Bondosos me deram de presente

como agradecimento por meus serviços. Enquanto estiver com ele, terá parte de meu poder.

Sacudi meus dedos, observando o brilho do ouro.

– Então posso governar o mundo por meio de acordos maldosos?

Ele deu um sorriso.

– Não é bem assim. Mas poderá abrir todas as portas, e ele o levará para onde quiser ir.

Abri minha boca, espantada.

– Nesse mundo – ele continuou. – Nem mesmo eu consigo desfazer a Separação. Mas você

sabe por que deve tomar cuidado.

Os Resurgandis matariam sem pensar para possuir esse anel. Poucos meses atrás, eu o teria

usado para matá-lo. Agora, ele o colocava na minha mão.

– Não tenho a mínima vontade de ser devorada pelos demônios – disse. – Pode confiar em

mim.

– Eu confio – disse ele num sussurro tão leve que eu mal ouvi. Então me beijou como se

nunca mais fosse me ver de novo, e eu retribuí o beijo com o mesmo ardor.

– Fique comigo até amanhã – ele pediu.

Meu coração batia com força e eu senti vontade de dizer sim, mas lembrei-me de Astraia

pensando em mim todas as noites, tentando morrer em meu lugar.

– Não. Já esperei muito.

– Uma hora, então?

– Bem... se você fizer valer a pena.

Ele riu e conduziu-me para fora do portão do cemitério. Um pouco antes de sairmos, pensei

ter ouvido um barulho novamente. Olhei para trás, mas o local estava completamente vazio.

## APÍTULO 20

DUAS HORAS DEPOIS, junto ao dossel em meu quarto, eu já estava

pronta para voltar para casa. Tinha trocado de roupa e agora usava um vestido vermelho simples;

meus cabelos estavam presos numa trança em volta da cabeça. Olhei pela janela mais uma vez e vi

meu vilarejo, as casas e ruas parecendo brinquedos à distância.

Então me aproximei da porta – o anel de Ignifex pesado em meu dedo – e encostei a mão na

maçaneta.

– Leve-me para casa – sussurrei. E abri a porta.

Então, percebi que estava no hall de entrada da casa do meu pai. O sol do fim da tarde

entrava pela janela, seus raios batendo nos azulejos do chão. À distância, ouvi o tique-taque do

relógio de parede do meu bisavô.

Não queria ter de enfrentar Astraia, não queria enfrentar o que eu tinha feito. Mas ela

precisava de mim. Então, endireitei meus ombros e segui em frente.

A porta bateu atrás de mim. O relógio continuava a funcionar normalmente, as pessoas

gritavam do lado de fora; o ar cheirava a poeira, a madeira e ao perfume de tia Telomache.

Minha antiga criada Ivy apareceu vinda de um corredor, uma pilha de toalhas nas mãos. Ela

me viu, soltou um grito e saiu correndo, as toalhas todas jogadas no chão. Era como se ela tivesse

visto um fantasma.

Eu era um fantasma. Para aquelas pessoas, era como se eu já estivesse morta.

Segui para o escritório de papai, batendo na porta uma vez, então entrando.

– Boa tarde, papai – disse. – Tia Telomache, que prazer em vê-la.

Eles estavam ligeiramente afastados, grampos aparecendo nos cabelos dela, ele com o olhar

fixo no teto. Eu já os tinha pegado em situações mais embaraçosas, mas aquela também não estava



longe de ser inocente.

Agora, é claro, ambos me encaravam, os rostos pálidos. Nunca os havia assustado daquele

jeito e me senti satisfeita agora por poder fazê-lo.

– Estou procurando Astraia – eu disse, a voz animada. – Ela está no seu quarto?

Os dois foram andando em minha direção, tia Telomache para me dar um beijo no rosto,

papai para fechar a porta atrás de mim.

– Minha criança, o que aconteceu? – perguntou tia Telomache. – Você o... ele...

– Não – respondi. – Não, ele não morreu, nem está preso. Mas seus conselhos foram muito

úteis, tia Telomache. – Ela ficou vermelha como um pimentão, o que me deixou muito feliz.

Papai afastou-a de mim.

– Então, me conte logo. Por que voltou?

Cruzei os braços.

– Quero falar com Astraia.

Ele deu um suspiro impaciente.

– Por acaso já localizou os corações no castelo?

– Já. Todos os quatro. Mas não vai adiantar nada. – Abri a porta. – Astraia está no quarto?

– Mas por que não vai adiantar? – papai quis saber.

– Porque Arcádia está dentro do castelo de Lorde Gentil. Destruir o castelo seria a mesma

coisa que destruir Arcádia inteira.

Os dois olharam para mim. As palavras deslizavam para fora da minha boca, mais e mais

rápido.

– É um pensamento reconfortante, não é? Todos nós debaixo de um mesmo teto, inclusive o

Lorde Gentil. E você me mandou para morrer lá!

O rosto de papai ficou tenso.

– Mandei você para salvar nosso mundo – grunhiu ele.

– Sou sua filha – disse, quase cuspiendo as palavras. – Será que, nem por um segundo, lhe

ocorreu que deveria me salvar?

– É claro que eu queria te salvar – disse papai, tentando mostrar paciência. – Mas, para o bem

de Arcádia...

– Você não estava pensando em Arcádia quando me usou como instrumento de troca em seu

acordo com o Lorde Gentil. E também não tenho certeza se estava pensando na mamãe também,

porque, se realmente a amasse, teria dado um jeito de salvar as duas filhas que ela tanto queria. –

Meus dentes estavam à mostra. – Ou pelo menos você não teria passado os últimos anos levando a

irmã dela para a cama.

Enquanto eles ainda estavam engasgados com minhas palavras, virei as costas e saí da sala.

Um instante depois, papai veio atrás de mim. Como não estava com vontade de correr, abri a

primeira porta que encontrei e entrei na biblioteca no momento em que ele chamava:

– Nyx Tris...

Mas sua voz foi interrompida como que abafada por uma pilha de cobertores. A porta da

biblioteca fechou-se atrás de mim e me vi cercada por uma porção de estantes de cerejeira polidas.

A biblioteca sempre havia sido o maior cômodo da casa, mas havia sido transformada numa

colmeia de estantes. Fiquei andando entre elas, tocando as lombadas dos livros com a ponta dos

dedos. Tinha passado tanto tempo da minha vida ali dentro, que o cheiro do couro das capas, da

poeira e de papel velho eram meus grandes amigos.

Atrás de mim, ouvi uma respiração pesada que era quase um soluço. Virei-me rapidamente e

vi uma garota sentada no chão, em meio a uma grande saia rodada escura.

Era Astraia.

Será que a imagem do espelho estava tão borrada, ou será que havia sido eu quem não notara

a mudança? Seu rosto não estava mais rechonchudo e corado como de costume. Estava bem mais

fino e anguloso agora e, embora os lábios continuassem cheios, estavam comprimidos numa linha

fina. Estava toda vestida de preto, cor que não costumava usar desde que papai nos deixara

escolher nossas próprias roupas. E em seu rosto havia uma expressão séria e fechada, que nunca

tinha visto antes.

Sua boca abriu-se, mas nenhum som veio dela. Era como se ainda estivesse atrás do espelho.

– Astraia. – Ajoelhei-me diante dela, meus braços enlaçando seus ombros. – Eu sinto muito,

eu sinto muito...

Ela retribuiu meu abraço.

– Nyx? Mas como... O que aconteceu?

– Eu voltei – disse. Eu não queria encará-la, então desviei o olhar. – Eu não podia deixar que

você continuasse achando que eu tinha morrido ou odiasse você.

– Eu sabia que você não tinha morrido – disse ela com voz distante.  
– Vi você no túmulo da

mamãe hoje. Você e o Lorde Gentil. – Meu coração deu um salto,  
mas ela não me acusou de nada,

apenas continuou. – Se eu tivesse levado minha faca, eu poderia...  
eu poderia... – Sua voz calou-

se por um momento, então engoliu em seco. – Eu o chamo todos os  
dias, mas ele nunca me atende.

– Eu sei – sussurrei. – Ele me contou.

Sua boca se contorceu por um instante, então ficou mais suave.

– É claro. – Então ficou muito quieta e parada, como se fosse uma  
boneca abandonada.

Segurei suas mãos. Pareciam pequenas e frias.

– Escute. Eu nunca deveria ter mentido a respeito do Verso Rimado.  
Sei disso agora, mas é

que eu não podia suportar a ideia de lhe tirar a esperança. E o que  
eu lhe disse aquele dia... Eu

estava brava, morrendo de medo e não estava falando sério. Eu  
nunca te odiei e tenho certeza de

que mamãe também não. – Tais palavras, ditas tantas vezes em  
frente ao espelho, soavam agora

tensas e duras em minha boca. – E eu... Se eu pudesse retirá-las...

Ela abraçou-me de novo, então fez com que eu deitasse a cabeça  
em seu colo. Como eu

imaginara tantas vezes que o faria.

– Eu sei que ele deve ter feito coisas terríveis com você...

Tentei segurar uma risada que também poderia ter sido um soluço. Ela não tinha ideia de

como estava certa... e errada ao mesmo tempo.

– Eu queria ter ido com você – continuou ela, com a mesma voz calma e vazia. – Se você

tivesse me pedido, eu teria rastejado para ajudá-la. Mas você nunca quis minha ajuda. Você só quis

que eu fosse sua doce e sorridente irmãzinha... Então eu sorria e sorria... até que pensei que não

fosse aguentar mais...

– Sinto tanto... – sussurrei, sentindo-me desamparada, lembrando-me de todas as vezes em

nossa infância em que ela falava sem parar nas artes herméticas e nas lutas com facas, enquanto eu

me limitava a revirar os olhos, em total impaciência. Eu sempre presumira que ela não estava

falando sério, porque era simplesmente minha doce e feliz irmãzinha Astraia.

Ela tinha encontrado conforto na crença do Verso Rimado. Mas sua alegria tinha sido sempre

tão falsa quanto a minha. E eu ignorara sua dor, assim como papai e tia Telomache tinham

ignorado a minha.

– Você sente de verdade? – Ela acariciou meus cabelos. – Quer mesmo o meu perdão?

– Quero. – Eu havia dito aquilo centenas de vezes diante do espelho. E pensado milhares de

vezes mais: Perdão, perdão, perdão...

Ela ficou tensa.

– Então mate seu marido.

– O quê? – Eu levantei a cabeça, assustada.

– Ele matou a mamãe. Maltrata você. Escravizou Arcádia inteira e enlouquece nosso povo

com seus demônios há 900 anos. – Astraia olhou bem dentro de meus olhos. – Se tiver um pouco

de amor por mim, irmãzinha, você o matará e libertará todos nós.

– Mas... mas... – Eu quase disse eu o amo, mas sabia que ela nunca iria entender.

Ela sorriu, a mesma expressão brilhante que por anos eu tinha imaginado ser de simples

inocência.

– Eu sei. Você pensa que o ama. Eu vi vocês dois se beijando no cemitério. Ou vai fingir que

não gosta de ir para a cama com nosso inimigo?

– Mas ele não é... – Porém, não consegui continuar; eu me lembrei de seus beijos, de seus

dedos acariciando meus cabelos, de sua pele contra a minha... e percebi então que meu corpo todo

devia estar corando.

O sorriso de Astraia desapareceu de seu rosto.

– Você gosta dele. – Sua voz era baixa e estava trêmula. – Você passou esses anos todos em

completa tristeza. Durante esse tempo todo eu tentei confortá-la, mas nada funcionou até que eu

achasse que você estava destruída. Eu me senti completamente inútil por não poder fazer nada

para ajudá-la. Mas convenhamos, só foi necessário dar um beijo no assassino da nossa mãe para se

transformar na prostituta do demônio...

Eu esbofetei seu rosto.

– Ele é meu marido.

Percebi o que tinha feito e torci minhas mãos, sentindo-me doente. E Astraia parecia não ter

notado que tinha sido esbofeteada.

– Mas que grande honra para você! – Ela se levantou. – Mas eu ainda sou virgem. Ainda

posso matá-lo. Já que não tem estômago para salvar Arcádia, ao menos deixe-me entrar naquele



castelo que eu faço o serviço por você.

Eu também me levantei.

– Você não pode fazer isso.

– Você ainda não acredita no Verso Rimado, não é? Mas fique sabendo que fiz uma porção de

pesquisas desde o dia do seu casamento e estou mais convencida do que nunca de que ele

funciona. Estou disposta a apostar minha vida nisso.

Lembrei-me de como Ignifex sempre me tirava a faca assim que me via com ela e como ficara

quieto e parado quando a colocara em sua garganta. Como tinha aceitado logo o que eu propusera.

– Não – disse eu, com voz séria. – Eu não acreditava, mas agora acredito.

– Então por que não me deixa tentar? Porque é mais importante para você ter um homem na

sua cama do que libertar Arcádia inteira?

– Não. Porque eu o amo. – As palavras saíram de minha garganta como se tivessem vontade

própria e agora pairavam no ar, entre nós. Não conseguia encará-la. Olhei então para o chão, meu

rosto vermelho. – E porque não foi ele quem separou Arcádia – continuei com desespero. – Foram

os Bondosos. Ele não passa de um escravo deles. Ele nem sabe o próprio nome. E me disse que...

se descobrir, estará livre. E eu prometi ajudá-lo.

Ousei olhar para ela. Astraia balançou a cabeça com cuidado.

– Então os Bondosos existem de verdade?

Fiz que sim com a cabeça.

– Sim. Existem. Nos dias que precederam a Separação, eles fizeram acordos com homens

como o Lorde Gentil faz agora. E acho que o último príncipe também dever ter feito alguma

espécie de acordo com eles, porque separaram Arcádia, criaram o Lorde Gentil para governá-la e

fizeram com que o último príncipe se tornasse seu escravo.

– Então você sabe como a Separação aconteceu. – A voz de Astraia era calma, profunda. –

Você sabe que o último príncipe está vivo e mantido como escravo. E com todas essas

informações, juntamente com seus conhecimentos dos Resurgandis, você muito provavelmente

poderia salvar a todos nós. E só está preocupada com um criado dos Bondosos?

– Não... mas... – Um pensamento novo me passou pela cabeça e eu respirei bem fundo. – O

Verso Rimado não promete o fim da Separação ou a destruição dos demônios. Só promete a

destruição dele.

– Então? – disse Astraia. – Serviria ao menos para vingar a morte de mamãe. E para evitar

que seus demônios viessem nos atormentar. E, com ele morto, poderíamos solucionar o problema

da Separação com mais calma.

– Você não entende – eu disse. – Não é ele quem manda os demônios nos atacar. Na verdade,

é ele quem os segura. Quando eles atacam as pessoas, é porque acabam escapando contra a sua

vontade. E ele sempre tenta caçá-los de volta. Se ele morrer, os demônios vão nos destruir em mil

pedaços!

Senti uma pontada de esperança. Não compreendia esta nova Astraia. Não, eu não tinha

compreendido minha irmã o tempo todo. Mas ela precisava ver a lógica do meu argumento.

Certamente tinha de aceitá-lo.

Ela franziu a testa, pensativa.

– Então o principal criado dos Bondosos não consegue controlar seus demônios? Por que será

que eles iriam lhe dar tão pouco poder?

Eu dei de ombros.

– Suponho que eles achem divertido.

– Ou talvez ele ache divertido mentir para você.

– Ele não faria isso... – comecei, então percebi que ela tinha um sorriso de descrença nos

lábios. – Você está disposta a correr o risco? – perguntei em vez de tentar discutir.

– Não – respondeu Astraia. Ela ficou pensativa por alguns instantes, como se estivesse

considerando minhas palavras. – Então, antes de matá-lo, talvez precisemos dar um jeito de

acabar com a Separação e banir todos os seus demônios.

Ela falava de um jeito tão calmo e seguro que levei um instante até recuperar minha voz.

– Não. Precisamos encontrar seu nome verdadeiro, isso sim.

– E se for possível descobrir seu nome, se for verdade que esse fato o deixaria livre, você tem

alguma razão para acreditar que a Separação seria desfeita e que isso nos libertaria dos demônios?

Não, eu não tinha, percebi com um horror que me gelou a alma. Ele apenas dissera que estaria

livre e que não mais teria mestres. Todo o resto não passava de esperanças tolas que eu mesma

criara.

– Mas não podemos matá-lo – eu protestei. – Eu lhe disse que...

– Você me deu bons motivos para tomar cuidado, isso sim – ela disse. – Você me falou que,

enquanto ele estiver vivo, os demônios vão continuar enlouquecendo nosso povo. Você me falou

que, enquanto ele estiver vivo, vai continuar a iludir nosso povo com acordos duvidosos. – Ela deu

um passo à frente, nossos rostos bem próximos agora. – Você me falou que o quer vivo, embora

isso signifique que a morte de nossa mãe não será vingada e que seus acordos continuarão a

castigar culpados e inocentes e que os demônios continuarão a sair das sombras e atormentar as

pessoas até que elas morram de tanta agonia, todos os dias.

Não havia raiva na voz dela, apenas uma inabalável convicção de que estava certa. Eu não

consegui me mover, não consegui respirar, não consegui desviar meus olhos.

– Não é isso, minha irmã?

Senti vontade de gritar: Você não entende!, mas cada palavra que ela dissera correspondia à

verdade. As pessoas continuavam morrendo todos os dias e eu não estava me importando com

isso, desde que a pessoa que eu amava continuasse a viver. Mesmo que fosse a última pessoa que

merecesse o dom da vida.

No final, tudo que eu pude fazer foi olhar para ela e dizer:

– É.

– Você sabe que ele é um monstro – ela continuou, com voz suave.  
– Mesmo achando que o

ama, ainda assim você sabe. Talvez ele seja mesmo um escravo,  
mas se realmente detestasse o que

faz, já teria dado um jeito de se matar.

Eu balancei a cabeça, lembrando-me de como ele se recuperara da  
escuridão.

– Não tenho tanta certeza de que eles o deixariam morrer com  
facilidade.

– Estou falando a verdade?

– Está – eu respondi, sentindo-me desamparada.

Ela encostou as mãos no meu rosto.

– Já ouvi muitas histórias a respeito dele. Não a culpo por ter sido  
enganada. Mas se não

puder me ajudar, eu nunca irei perdoá-la. – Seus lábios se curvaram  
num sorriso maldoso. – E sei

que mamãe também não.

Enterrei as unhas na palma da minha mão. Ela tinha todo o direito  
de jogar aquelas palavras

de volta na minha cara e provavelmente estava falando a verdade, coisa que eu não tinha feito.

– Ele confia em mim – disse eu. – Você sabe como os deuses julgam os traidores.

– Mas você precisa trair um de nós. Acho que sua escolha vai depender de quem ama mais.

Olhei para ela. Minha irmã queria que eu quebrasse a promessa feita a Ignifex, que o traísse

depois que ele me oferecera sua confiança absoluta, que matasse a única pessoa nesse mundo que

me amara de verdade e que nunca me pedira nada em troca.

Ela era minha única irmã, a imagem vívida de minha mãe. E a pessoa a quem mais magoara

na vida, a última a merecer tal sentimento. Ela queria que eu vingasse dez mil almas assassinadas

e salvasse toda a Arcádia do terror dos demônios.

Lembrei-me dos gritos vindos do escritório de papai. Lembrei-me das noites em que

abraçara Astraia na cama porque ela não conseguia dormir de medo que uma sombra olhasse para

ela. Lembrei-me de ter prometido em silêncio: Vou acabar com tudo isso.

Aquela promessa, também, precisava ser cumprida.

– Nyx – Astraia segurou minha cabeça com as mãos. – Por favor.

Eu devia ter imaginado, pensei com certa monotonia. Como é que tinha podido achar que um

dia iria poder manter o que eu queria? Por que havia sequer imaginado que meu amor pudesse ser mais

importante que Arcádia?

Segurei suas mãos e sussurrei:

– Sim.

Entrelaçamos nossos dedos. Senti como se houvesse uma pedra de gelo no meu peito.

– Jure – disse ela. – Jure pelo amor que sente por mim e por nossa mãe, pelos deuses acima e

pelo rio Styx abaixo, que vai destruir o Lorde Gentil, resgatar o último príncipe e salvar a todos

nós.

Meu coração disparou. Tentei falar alguma coisa, mas minha garganta fechou-se. Lembranças

de Ignifex voltaram à minha mente com uma clareza impressionante. Seus lábios contra os meus.

Suas mãos ao colocar o anel no meu dedo. Sua voz em meio à escuridão que o devorava, dizendo

por favor.

Mas ele não era mais importante que eu. Nós dois tínhamos maldade no coração e nós dois

tínhamos de ser sacrificados.



– Eu juro. – As palavras vieram como um sussurro. Então engoli em seco e olhei para o chão.

– Juro pelo amor que sinto por você e por nossa mãe, pelos deuses acima e o rio Styx abaixo que

vou destruir o Lorde Gentil, resgatar o último príncipe e salvar a todos nós.

– E... – Astraia continuou gentilmente.

– E... pelo rio atrás da nossa casa.

Ela me abraçou.

– Obrigada.

Pressionei meu rosto contra seus ombros. Meus olhos estavam cheios de lágrimas e eu

esperei que, a qualquer instante, o ódio frio que sentia por ela voltaria a me inundar. Mas tudo que

senti foi um enorme vazio, até que percebi que tinha finalmente conseguido o que queria: amar

minha irmã sem nenhum traço de amargura. E o que me custara havia sido... tudo.

Achei que Ignifex iria achar seu destino engraçado e apropriado. Então chorei toda a minha

dor, meu corpo inteiro sacudido pelos soluços, e Astraia segurou-me e acariciou minhas costas até

que eu me acalmasse.

Papai e tia Telomache não demoraram a nos encontrar, mas tínhamos nos trancado e nos

recusamos a sair. Papai esmurrou a porta e mandou que Astraia – ele devia ter achado que eu era

um caso perdido – a abrisse.

– Estamos planejando a morte do Lorde Gentil! – ela gritou de volta.

– Vá embora!

Dei uma risada fraca.

– Você ganhou uma língua afiada em pouco tempo.

– Irmãs gêmeas são sempre parecidas, não são? – Sua voz pareceu-me quase carinhosa e ri de

novo, então as palavras seguintes soaram como um soco no meu rosto. – Por que você foi ao

cemitério?

Lembrei-me de meu rosto deitado no ombro de Ignifex, seus braços em volta da minha

cintura, seus lábios juntos aos meus beijando-me com carinho e com fúria... Senti um arrepio de

horror ao pensar que Astraia tinha visto tudo aquilo, odiando nós dois.

Mas eu lhe devia uma resposta.

– Porque eu sempre fui uma filha terrível. E... naquela casa, acabei me tornando uma ainda

pior.

Astraia lançou-me um olhar penetrante e pude ver as palavras em seus olhos: Porque ele a

obrigou. Mas felizmente ela permaneceu em silêncio.

Continuei:

– Eu quis, pelo menos uma vez na vida, fazer algo que fosse certo para ela.

Astraia apertou os lábios.

– Mas por que ele foi junto com você? – ela perguntou, aparentemente sem ter

compreendido, ou aceitado, a implicação de que eu nunca amara nossa mãe de maneira

apropriada.

– Eu pedi a ele.

Ela deu um sorriso irônico.

– Para que ele pudesse rir diante de seu túmulo?

Apertei as mãos.

– Ele tomou vinho comigo – eu grunhi, e não pude deixar de acrescentar. – Você deve ter

visto, estava nos espionando o tempo inteiro.

Astraia levantou-se.

– Ele poderia derramar todo o sangue dele diante daquele túmulo e não teria conseguido

pagar as dívidas que tem conosco.

– Eu não disse que ele pagou nada. – Olhei para o chão, lembrando-me das esposas mortas

deitadas na escuridão e da tristeza no rosto de Astraia quando a deixara. Nenhum de nós poderia

jamais pagar por nossos pecados.

– Eu presumo que agora ele confie em você? – Ela olhou em minha direção e eu me senti

obrigada a encará-la.

Pode confiar em mim, eu tinha dito, e ele sussurrara, eu confio.

Fiz que sim com a cabeça, em silêncio.

– Ótimo. Porque depois de tudo, ele merece saber o que é sofrer uma traição. – Seu sorriso

lembrava um vidro quebrado. – Algum dia você estará livre dele e vai concordar comigo.

No instante seguinte eu estava de pé, meu coração batendo com força.

– Eu sei que ele é uma figura malévola e imperdoável. – Era como se minha voz viesse de um

túnel muito longo. – Mas foi por causa dele que homenageei mamãe de coração aberto. E, se não

tivesse aprendido a ser gentil com ele, não teria voltado para implorar seu perdão. Então trate de

fazer tudo o que planeja, você merece ver nós dois sofrendo, mas não ouse dizer que um dia ficarei

livre dele. E, não importa quantas vezes tenha de traí-lo, eu sempre o amarei.

Parei de falar. Minha pele fervia de vergonha por ter revelado o que eu ousava querer. Mas, ao

olhar para Astraia, as mãos trêmulas, a onda fria da fúria não apareceu, não me transformou num

monstro que faria ou falaria qualquer coisa.

O rosto de Astraia permaneceu impassível. Levantou a mão e eu fiquei tensa, mas ela

limitou-se a acariciar meus cabelos. Fechei os olhos. Sem o ódio que me alimentava, senti-me nua.

– Ele vai morrer – ela me disse baixinho. – Então não estou triste.

– Isso quer dizer que vamos continuar com nosso plano? – Minha voz tremeu só um

pouquinho.

– Claro que sim. Agora me conte o que aprendeu. Além da gentileza.

Então eu lhe contei minha história. Só uma parte.

Contei que a escuridão tinha tentado comer Ignifex vivo, contei como ele precisava das velas

ou ao menos de meus braços durante a noite. Mas não falei que o tinha deixado no corredor

sussurrando por favor... porque eu sabia que ela ia sorrir só de imaginá-lo em sofrimento e eu não

conseguia suportar aquilo. Conteí-lhe como tinha encontrado todos os corações – inclusive o

Coração do Ar –, mas, embora tivesse ficado vermelha o suficiente para que ela pudesse

adivinhar, não lhe contei o que tínhamos feito naquele lugar.

Mais do que tudo, tomei cuidado para não lhe contar as horas mágicas que tinha passado ao

lado do inimigo, desde aquele dia até o presente momento. Ela sabia que eu o amava, mas não

havia a mínima necessidade de que soubesse o quanto eu quisera esquecê-la. Ou como havia sido

fácil fazê-lo.

Assim que terminei, Astraia ficou em silêncio durante algum tempo. Então, acabou dizendo:

– Você precisa libertar Escuridão. Afinal, ele é o príncipe, não é?

Ele matou cinco mulheres, eu pensei, mas Ignifex tinha matado mais, e no final já não

importava mais. Vingar minha mãe e salvar Arcádia dos demônios eram a única coisa importante

naquela história.

– É – respondi.

– Durante minhas pesquisas, encontrei uma variação do Verso Rimado, só registrada em dois

manuscritos, mas que acrescenta uma nova rima.

"Um beijo puro e um puro coração

Libertarão o príncipe e felicidade lhe darão."

Eu bufei.

– Mesmo que isso seja verdade, acho que vai ser impossível por causa das mãos virgens. –

Ela abriu a boca e eu continuei. – Isso vale para você também. Seu coração não é mais puro. Existe

muito veneno dentro dele agora. – Franzi a testa. – Além disso, eu preciso encontrar Escuridão.

Ignifex não me disse onde ele...

Minha voz falhou ao perceber que só havia um lugar onde Ignifex se sentiria satisfeito em

prendê-lo.

– Ele deve estar atrás da porta – eu sussurrei. – Com as Crianças de Typhon. – Era horrível

que ele pudesse fazer isso com alguém, mas eu sabia que devia estar certa.

– Bem, então é fácil, não é? – disse Astraia. – Você tem o anel.

– E daí?

Ela revirou os olhos.

– Ele pode comandar os demônios. O anel permite que você fique em seu lugar. Eu aposto

qualquer coisa como você também pode comandá-los.

– Você apostaria sua vida? – murmurei, mas então olhei para o anel. Quanto de sua natureza

aquele anel havia me dado? Ele me deixava compartilhar seus poderes, mas será que também

fazia com que compartilhasse suas fraquezas? Comecei a reparar que a biblioteca ficava escura e

minha pele começou a arrepiar.

– Sim, e até mais – respondeu ela, fazendo uma careta.

– Eu não estou vacilando – expliquei. – Só estou pensando numa coisa. Lembra-se de que

falei que a escuridão o queimava? Acho que pode fazer a mesma coisa comigo desde que esse anel

me dê seus poderes. Escuridão me disse que os monstros têm medo do escuro porque ele faz com

que se lembrem de quem são na verdade. Ignifex me disse que escuta uma voz à noite e que só

sobrevive porque esquece o que ela diz. – Olhei dentro de seus olhos. – Quero saber que verdade

é essa que tenta comê-lo vivo todas as noites.

## APÍTULO 21

Nós precisávamos de uma sala onde pudéssemos acender velas –



no caso de a escuridão querer me matar, e aquilo significava qualquer lugar, menos a biblioteca.

Coisa que faria com que visse papai de novo. Demorei-me um pouco mais do que o

necessário observando os livros, porque tinha de reunir coragem para enfrentá-lo mais uma vez.

Não queria jogar todo meu ódio em cima dele, tampouco desejava que me olhasse com a aversão

com que Astraia o fazia. Como também não queria que nenhum de nós fingisse que tudo estava

bem. Porém, mais do que tudo, eu queria que ele beijasse meus pés, implorasse meu perdão e

revelasse que sempre me amara, mas eu sabia que aquilo era a coisa mais impossível em todos os

mundos possíveis.

Só que ele estava à nossa espera do lado de fora. Minha pele ficou arrepiada de novo e tentei

imaginar o que tinha ouvido, mas olhei em seus olhos e levantei o queixo.

– Nyx, eu... – ele começou.

– Papai – interrompi. Queria dizer alguma coisa forte e digna para que ele entendesse que eu

estava muito além de me importar com ele, mas em vez disso as palavras foram saindo, uma

depois da outra, como se tivessem vontade própria. – Estamos quase encontrando um jeito de

destruir o Lorde Gentil. Isso vai requerer um experimento esta noite, então espero que nos

empreste algumas velas. Amanhã partirei de novo, e, se tudo correr bem, terei terminado a tarefa

no final da tarde. Claro, é muito provável que não volte para esta casa nunca mais, então quero que

entenda que estou orgulhosa em morrer por minha família e peço desculpas pelo que disse mais

cedo.

Então dei um jeito de parar. Cada palavra tinha sido pronunciada com muita precisão, mas

em meus ouvidos cada uma delas havia soado como se eu tivesse gritado: Por favor, me ame só uma

vez.

Papai fechou a boca, olhou para mim, para Astraia e depois para mim de novo.

– Eu só ia perguntar se queria jantar conosco – ele disse finalmente.  
– Mas é claro que pode

pegar todas as velas que quiser.

– Ah – disse, sentindo-me uma perfeita idiota.

– Você quer? – ele perguntou.

Meus olhos encheram-se de lágrimas e eu me senti mais idiota ainda.

– Claro – murmurei entre dentes.

Foi uma refeição dolorosa. O retrato da mamãe na parede da sala de jantar parecia me

encarar. O carneiro assado com molho de figos tinha gosto de papelão na minha boca. As criadas

estavam horrorizadas em me ver, andando pé ante pé com os olhos arregalados. Tia Telomache

não apareceu.

– Ela não estava se sentindo bem – disse meu pai, me olhando de esguelha.

Todos nós fizemos esforço para que a conversa fluisse normalmente, mas ficamos em

silêncio a maior parte do tempo. Percebi então que a maior parte das conversas durante nossos

jantares consistiam em assuntos trazidos por tia Telomache ou no que Astraia tinha feito durante

seu dia.

No segundo prato, havia maçãs. Eu me lembrei da torre de maçãs que Ignifex tinha tentado

construir sem muito sucesso e percebi que não conseguia mais falar. Ele havia confiado em mim.

Havia me entregado o anel. Ele confia em mim e eu vou traí-lo.

Astraia cobriu minha mão com a dela. Então me deu um sorriso vago que poderia ser de

conforto, ou uma ameaça. Não consegui dizer ao certo.

Papai apanhou uma maçã da cesta.

– A simetria da maçã é uma coisa curiosa – disse ele. – Eu lhe contei a respeito do estudo que

foi publicado na semana passada?

Não, eu estava ocupada demais beijando o homem que matou sua mulher, eu pensei, mas ainda

havia coisas que eu me recusava a dizer, então limitei-me a fazer que não com a cabeça.

– Não. Mas gostaria de ouvir.

Durante o resto do jantar, papai conduziu a conversa. Ele não se desculpou. Não me

implorou para ficar, não me disse que me amava, tampouco perguntou se eu achava que podia

suportar meu destino. Falou sobre as últimas descobertas herméticas e contou anedotas de seus

colegas, tudo isso sem sequer tocar na missão mais importante dos Resurgandis. Era como se eles

não passassem de uma inofensiva sociedade de pesquisadores sem segredo algum a não ser puro

conhecimento.

Quando terminamos, o sol já tinha se posto, apenas um brilho distante no horizonte. Minha

pele se arrepiava cada vez que eu via uma sombra, mas provavelmente era só simples medo.

E então havia chegado a hora de ir para o sótão, onde faríamos nosso experimento, sobre o

qual não tínhamos falado nada a papai, exceto que iríamos precisar de velas. Uma das criadas já

tinha subido com várias caixas cheias. Astraia então começou a subir a escada, uma lanterna nas

mãos. E eu hesitei.

Não queria fazer aquilo. Mas também não queria continuar naquela sala cheia de um silêncio

covarde, onde pairavam verdades desconhecidas e insuportáveis.

– Boa noite, papai – disse eu, e afastei-me.

– Nyx – chamou ele com voz suave, e eu me virei para ele sem ao menos pensar no que

estava fazendo. – Gostaria que você não tivesse de partir.

Meu coração começou a bater com mais força. Por um instante, pensei que estivesse

f lutuando, porque aquilo tinha sido muito mais do que ele jamais me dissera – então o silêncio

voltou a me esmagar, porque ele não disse mais nada e eu tinha certeza de que nunca mais o faria.

– Não importa. – As palavras caíram em cima de mim como pedras pesadas. Aí forcei um

sorriso e comecei a falar com voz mais suave. – Não importa quais sejam nossos desejos. O Lorde

Gentil precisa ser derrotado e sou eu quem vai realizar essa missão.

Aquilo não soava exatamente como um perdão, mas ele também não havia se desculpado.

Papai concordou com a cabeça, a boca apertada; então encostou a mão na minha testa e

sussurrou:

– Vá com as bênçãos de Hermes, o deus da ida e da volta.

Era uma bênção comum, dada por qualquer pessoa que tivesse uma certa autoridade: um pai,

um professor, um governador.

Forcei um sorriso.

– Ave atque vale – respondi, o tradicional adeus dos Resurgandis antes de mergulhar em

algum perigoso experimento hermético.

Então me virei e corri em direção à escada atrás de Astraia. Não achava que ele lamentasse o

que tinha feito comigo, mas não o culpava inteiramente. Eu amava o Lorde Gentil e também não

lamentava o fato.

– Só se parecer que eu estou morrendo – eu lembrei Astraia.

– Entendi! – Ela me olhou de volta, os lábios comprimidos. – Você acha que sou tão tola que

não vou me lembrar, ou fraca demais para assistir?

Respirei fundo e soltei o ar lentamente.

– Nenhum dos dois – disse eu.

Olhei para as tábuas do chão. Na verdade, o que eu achava é que ela talvez não fosse acender

as velas de jeito nenhum, que iria se limitar a ficar ali me assistindo sofrer, aquele sorrisinho

cínico que aprendera a dar na minha ausência em seus lábios. Mas eu não poderia reclamar se ela

o fizesse. Já tinha feito o mesmo com Ignifex e agora ia fazer algo bem pior.

Se fosse muito covarde para suportar o que o destino tinha me reservado, então eu seria

realmente desprezível.

Estávamos diretamente debaixo do telhado. Não havia nenhuma iluminação, exceto a

lanterna nas mãos de Astraia, e, sob aquela luz vacilante, a sala fora de prumo já começava a se

parecer com um pesadelo. Astraia acomodou-se perto da porta, acendeu uma vela e apagou a

lanterna. A vela fez com que sombras hesitantes iluminassem seu rosto pálido, fazendo-o parecer

uma estranha estátua. Não tive dúvidas de que ela me deixaria sofrer o quanto fosse necessário

para encontrar uma resposta.

Sentei-me no chão com as costas retas e fechei os olhos. Mas esperar sem enxergar nada era

insuportável, então voltei a abri-los. Porém, como não conseguia olhar para o rosto de Astraia,

desviei o olhar para os cantos sombreados. Sentada naquela posição incômoda, não demorei a

descobrir que estava cansada. Meus olhos coçavam e minha visão estava nebulosa. Mais de uma

vez, pensei ter visto uma sombra se aproximar e o pavor invadiu meu corpo; então, percebi que

era apenas a luz fraca e que meus olhos estavam me pregando uma peça. Minhas costas estavam

doloridas; uma das pernas, dormente. Era como se alguma parte do meu corpo estivesse sempre

formigando ou ardendo, mas não queria ficar me coçando na frente de Astraia.

Talvez eu tivesse sido uma tola ao imaginar que o anel de Ignifex pudesse fazer com que as

sombras me devorassem, como tinham feito com ele, que a voz na escuridão fosse falar comigo. Só



porque podia ter alguns de seus poderes, poderia também compartilhar sua natureza? Ele havia

dito: Enquanto usar esse anel, você ficará no meu lugar. Mas só porque confiava em mim, ou isso

também significava que teríamos o mesmo destino?

Minha nuca começou a ficar dolorida de novo – uma coceira horrível mandando arrepios por

toda a espinha. Desisti e comecei a coçar as costas...

A escuridão deslizou por entre meus dedos.

Tentei sacudir as mãos, mas em segundos a escuridão tomava conta do meu corpo inteiro.

Não se parecia em nada com as sombras além da porta. Aquelas eram geladas, enquanto as de

agora pareciam queimar como ácido. Entravam e saíam da minha pele, fazendo com que meu

próprio corpo se virasse contra mim; a escuridão parecia um ser vindo de outra dimensão,

queimando meu corpo de fora para dentro.

As Crianças de Typhon haviam destruído todo o sentido do mundo. Aquela escuridão tinha

vindo para impor um sentido em mim. Flutuava através de meu corpo, movimentando-se como se

fosse uma língua, moldando palavras como ferro em brasa na minha pele. Mas a dor não era nada

se comparada à necessidade de responder, de falar aquelas palavras de volta para as vozes sem

corpo.

Exceto que eu não conseguia entender o que elas diziam. Não conseguia nem repeti-las

porque rastejavam por meu corpo, entravam pelos meus ouvidos e saíam pelos meus olhos sem

deixar nenhum traço de lembrança.

Nunca tinha imaginado que pudesse ouvir vozes no escuro e não ser capaz de compreendê-

las.

Não está funcionando, pensei, e tentei chamar Astraia para lhe pedir que acendesse todas as

velas e me salvasse. Tentei gritar. Mas o ar em meus pulmões não eram mais meus; era a mesma

coisa que falar aquelas palavras insondáveis.

Percebi vagamente que tinha caído no chão. Astraia aproximou-se de mim e, por um

instante, pensei que ela fosse me salvar. Então percebi que seus olhos eram dois buracos vazios, a

escuridão saindo deles como se fossem lágrimas. Havia um sorriso em seus lábios. Pisquei os

olhos e ela desapareceu. Talvez eu a tivesse imaginado.

A escuridão subiu em minha boca e cobriu meus olhos. Tremi e engasguei, mas o mundo

todo tinha desaparecido.

Vi um grande hall de mármore, raios dourados caindo entre suas colunas vermelhas, um

deque coberto por mosaicos mais adiante. Parecia a sala do trono de um rei muito poderoso, mas

em cima do deque não havia trono nenhum, apenas uma pequena mesa de mármore, em cima da

qual estava uma caixa de madeira – a mesma caixa que eu vira naquela sala redonda. Ali ao lado

havia uma mulher de rosto severo, vestida com uma túnica antiga, e diante dela via-se um menino

sentado no chão, as costas voltadas para mim.

– Você já ouviu falar que, quando Arcádia ficou sozinha contra os bárbaros, quando eles

desembarcaram em nossas praias e saquearam nossas cidades, seu antepassado Claudius

procurou os Bondosos – disse a mulher. – Os Bondosos são os Senhores dos Truques, mas

também os Senhores da Justiça, e falam que até os deuses os temem; mesmo assim, Claudius

estava tão desesperado em proteger seu povo que fez um acordo com eles.

– E eles disseram que se ele trouxesse a caixa de Pandora, iriam lhe conceder um desejo.

Então, ele procurou por sete dias e os demônios mataram seus companheiros, menos um, e ele a

encontrou. – O menino falava aquelas palavras num ritmo monótono e cheio de tédio. – Ele

entregou a caixa aos Bondosos e salvou Arcádia dos bárbaros. Isso fez com que ele fosse o único a

fazer um acordo com eles sem ser enganado.

– Verdade – continuou a mulher. – Mas há mais coisas que deve saber. Porque isso não foi

tudo. Quando Claudius entregou-lhes a caixa, os Bondosos prometeram uma vitória sobre os

bárbaros. Mas disseram que protegeriam Arcádia de todos os invasores durante todos os dias de

sua vida, e na vida de todos os seus sucessores, se ele concordasse com mais uma coisa: cada rei de

Arcádia deveria olhar dentro da caixa. Se tivesse um coração puro, do tipo que faria qualquer coisa

por Arcádia, as Crianças de Typhon iriam servi-lo e protegeriam a terra de todos os invasores. Mas

se seu coração não fosse puro, se ele amasse a si mesmo mais do que a seu povo, se o ódio e a

paixão governassem sua alma, então eles iriam prendê-lo na caixa até o fim dos tempos, e Arcádia

não estaria mais protegida. E se o rei não tivesse coragem de olhar para a caixa, dariam um jeito de

encontrá-lo do mesmo jeito e pegá-lo, não importava que seu coração fosse puro.

– Claudius concordou. Ele olhou para a caixa e seu coração era puro. Então Arcádia foi salva

dos bárbaros e a ilha permaneceu intacta até esse dia, porque todos os herdeiros de Claudius

provaram ter um bom coração e enganaram os Bondosos. E então você precisa se preparar, meu

caro príncipe, para enfrentar o teste no dia da sua coroação.

Eu não conseguia ver o rosto do menino. Só o via de costas e ouvi agora a súbita agressividade

em sua voz.

– Mas a caixa está perdida. Todo mundo sabe disso.

– Não perdida. – A mulher encostou a mão na caixa de madeira. – Escondida, digamos

assim. Ela muda de forma através dos tempos.

– Mas essa... é apenas a caixa das joias da coroa.

– E que joia maior um rei pode ter do que um coração puro? Algum dia você vai levantar a

tampa dessa caixa, olhar para dentro dela e então será julgado. – Ela se inclinou em direção ao

garoto. – Agora entende por que tem de lutar sempre para ser um bom príncipe?

– Eu nunca quis ser um príncipe!

A mulher levantou uma sobrancelha.

– Mas que diferença isso faz?

Os dois desapareceram como fumaça ao vento. Um homem adulto veio andando entre as

colunas. Era Escuridão, o último príncipe; seus cabelos eram pretos em vez dos brancos que eu

conhecia, mas poderia reconhecer aqueles olhos azuis em qualquer lugar.

– Pouco me importa! – ele gritou por sobre os ombros. – Mande-os embora!

– Mas eles são seu exército! – Uma mulher apareceu a seu lado, de cabelos brancos agora,

mas era a mesma que conversara com ele quando criança. – Eles juraram lutar a seu lado durante a

vida toda, mesmo se isso os levasse à morte. Se você os dispensar, vai fazer com que se

envergonhem para sempre. E esse é o terceiro exército que você manda embora. Não pode agir

desse jeito. Um príncipe deve...

Ele virou-se para ela.

– Um príncipe não deve odiar, não foi o que me ensinou? E eu os odeio. Sempre os odiei, por

isso eles precisam ir embora!

– Mas você...

– Vá embora!

A mulher deu um suspiro e saiu. Sozinho, o príncipe lançou um olhar medroso à caixa e

cobriu o rosto com mãos trêmulas. Então, desapareceu no ar.

Eu me aproximei da mesa e a sala evaporou-se à minha volta, as colunas desfazendo-se em

pálidos raios de luz espalhados pelo chão.

Agora você entende? A voz soava na minha cabeça sem passar por meus ouvidos. Era quase

uma voz feminina, embora com um toque estranho que não era humano. E então eu soube,

instintivamente, que estava falando com os Bondosos.

Um coração cheio de ódio e medo por seu destino, desesperado para viver – ele sempre tinha sido

qualquer coisa, menos um homem puro. Então veio até nós e jurou que pagaria qualquer preço se

continuássemos a proteger Arcádia dos invasores e evitar que ele terminasse seus dias sozinho em meio à

escuridão. A voz parecia estar quase bem-humorada, como uma mãe falando com seu filho

desmiolado, mas extremamente amado. E agora ele não está sozinho mesmo, porque toda a Arcádia

está junto dele na escuridão, onde nenhum invasor jamais irá achá-lo.

Toda a sala tinha desaparecido agora; fiquei ali parada, cercada pela total escuridão, apenas a

mesa e a caixa à minha frente.

Tudo é duplo, tudo tem seu oposto.

E eu compreendi que o esplendor paradoxal e inconstante do castelo não era nada comparado

ao paradoxo da caixa. Toda a Arcádia estava trancada dentro daquele castelo e todo o castelo estava

trancado naquela caixa, junto com as Crianças de Typhon – e o último príncipe, que um dia tivera

tanto medo e acabara trancado ali junto com eles.

Mas o que haveria naquela caixa dentro do castelo, aquela que Ignifex dissera que era

proibida?

– Se eu abrir aquela caixa – sussurrei –, todos nós estaremos livres?

Não é você quem deve abri-la.

– Escuridão.

Sim. Mas ainda não.

– Mas o que ele está esperando? O dia do seu aniversário?



Um som de riso ecoou pelo ar, o mesmo riso que eu ouvira quando estava no jardim com o

pardal.

Ele e seu marido estão ligados um ao outro como opostos. Enquanto um tem poder, o outro está em

total desamparo. Sempre que um perde, o outro ganha. Convoque as Crianças de Typhon e use-as para

destruir seu marido até que todo seu poder seja quebrado. Uma vez que o príncipe juntar de volta tudo que

perdeu, vai ser capaz de abrir a caixa. E quando a caixa for aberta, toda a Arcádia estará livre. A

separação será desfeita e as Crianças de Typhon ficarão presas dentro da caixa, para nunca mais

atoremntarem seu povo.

Tudo que eu precisava fazer era cumprir a promessa que havia feito à minha irmã. Era uma

boa notícia. Não queria fazê-lo. Não queria acreditar nisso – mas Ignifex tinha me contado que os

Bondosos adoravam revelar a verdade quando já era muito tarde para salvar quem quer que fosse.

E agora, com minha promessa à Astraia ainda amarga na minha língua, já era tarde demais.

– O que vai acontecer com Escuridão? – eu perguntei. – Ele também vai ficar trancado na

caixa, como sempre temeu?

Seu marido vai pagar o preço.

Como Pandora. Havia sempre um sacrifício; soubera disso minha vida inteira.

Não sabia se era dor ou raiva que fez minha voz tremer, ao perguntar:

– Foi o que aprendi nas chamas?

Em boa parte.

Lembrei-me do jardim e do pardal. Quando ele me falara para olhar para o lago e procurar

um jeito de nos salvar, não parecia dizer que eu tinha de trair a pessoa que amava.

Aquele pássaro não pode ajudá-la. Ele mora no jardim. Ele come suas migalhas. Por acaso acha que

pode salvá-la?

Eu não tinha nem pensado naquilo, mas agora eu tentava imaginar...

Ele foi gentil com você, disse o Bondoso. O que acha que isso quer dizer?

O tom de voz era o mesmo de uma mãe dizendo: Querida, se chegar muito perto do fogão, vai se

queimar.

E eu soube a resposta imediatamente. Havia algo de errado com o pardal. Tinha de haver.

Porque ele me oferecera esperança, e desde quando houvera algum tipo de esperança para mim

que não se transformasse em pura infelicidade? Minha oportunidade de amar tinha quebrado o

coração de Astraia. Minha visita à casa do meu pai se transformara numa promessa de matar

Ignifex.

E agora estava mais indignada com minha tristeza do que com o sofrimento de Escuridão,

Astraia e Dâmocles, das oito esposas mortas, do irmão de Elspeth e de toda a Arcádia durante 900

anos. Com tanto egoísmo no coração, que direito eu tinha de esperar alguma coisa boa?

O que você vai fazer agora?

A voz falava como se estivesse toda à minha volta, em meus ouvidos e em meus pulmões,

ecoando em todos os meus ossos. E eu sabia o que tinha a fazer.

Tentei falar alguma coisa, mas minha língua estava dura e pesada; apenas um gemido foi

ouvido. Então, a escuridão caiu sobre mim.

– Sim – disse, e era como se minha voz estivesse vindo de dentro de uma montanha. – Eu...

vou fazer isso.

... E então eu percebi que tinha acordado e estava olhando dentro dos olhos de Astraia,

minha cabeça aninhada em seu colo.

– O que você vai fazer? – perguntou ela, sua voz quase gentil.

Minha garganta arranhou quando respondi:

– O que precisa ser feito.

## APÍTULO 22

O CORREDOR ESTAVA do mesmo jeito que eu me lembrava, as molduras douradas, os murais cheios de figuras emaranhadas. Meus passos faziam eco enquanto

andava; de vez em quando olhava para trás, mas nada de Ignifex aparecer.

Estava quase amanhecendo. Ele ainda devia estar em seu quarto, cercado por uma infinidade

de velas. Lembrei-me de como tinha se aninhado em meus braços, quando o livrara da escuridão.

Você fez um juramento para Astraia. Pelo bem de Arcádia.

Forcei-me a continuar andando. Ele era o inimigo. Eu tinha de pará-lo.

A porta era a mesma: pequena, de madeira e cheia de um horror inimaginável. Encostei

minha mão na maçaneta. Ela tremeu sob meu toque?

E se o anel não me permitisse controlar as Crianças de Typhon, depois de tudo?

Você iria merecer tal castigo. Pelo que está planejando. Ignifex tinha me dado seu anel por amor e

confiança e eu iria usá-lo para destruí-lo.

Você prometeu, eu lembrei a mim mesma. E, antes que pudesse hesitar mais um minuto, abri

a porta.

O vazio feriu meus olhos. Tentei falar alguma coisa, mas meus lábios não se moviam. A

distância, pensei ter ouvido o eco de uma canção.

Crianças de Typhon, eu pensei, mas minha língua não se moveu. Respirei fundo, apertei as

mãos e finalmente consegui dizer em voz alta:

– Crianças... de Typhon... Tragam-me Escuridão...

Ouvi um barulho como o deslizar de um milhão de pés feridos aproximando-se, como o

borbulhar da água, então vi Escuridão cambaleando para a frente. Mal consegui pegá-lo e, quando

finalmente o fiz, deitei-o com suavidade no chão.

Suas roupas estavam todas rasgadas, os dedos sangrando como se tivessem arranhado a

tampa de um caixão. O sangue pingava de seus ouvidos e de seu nariz, um vermelho vivo contra a

palidez de sua pele. Em todo seu rosto e mãos havia as mesmas cicatrizes que vira na pele de

Ignifex.

Mas sua respiração ia e vinha, irregular. Pelo menos ele estava vivo. Eu ainda podia salvá-lo e

salvar Arcádia. Coloquei minha mão direita – a do anel – sobre sua testa e disse:

– Recupere-se! – eu ordenei na melhor voz de comando que consegui. Mas nada aconteceu;

ele permaneceu parado, ainda respirando, mas como se estivesse mergulhado num sono

profundo.

– Recupere-se – eu disse de novo. – Acorde! – Mas ele nem se moveu.

Cheguei perto de seu ouvido e sussurrei:

– Eu sei quem é você. Volte, por favor.

Nada.

Então eu me lembrei de como meus beijos haviam feito com que ele pudesse falar; também

me lembrei de mais dezenas de contos de fadas e de como Ignifex tinha me contado que os

Bondosos adoravam deixar pistas.

– Por favor, acorde – disse eu e, com muita gentileza, beijei seus lábios.

Ele deu um suspiro. Seus olhos não se abriram, mas as cicatrizes em seu rosto começaram a

diminuir. Meu coração disparou. Beije sua testa, seus ouvidos e finalmente seus lábios de novo;

então, a pele de seu rosto ficou perfeita.

Apanhei suas mãos. Um a um, beije seus dedos cheios de sangue, tentando ignorar o cheiro

e o gosto que emanavam deles. Mais uma vez, eles voltaram a ser o que eram.

Ignifex fez isso, eu pensei. Ignifex sabia o quanto ele ia sofrer e não hesitou em fazê-lo. Ele merece

essa traição. Se eu pudesse me concentrar naquele pensamento, poderia ser forte o suficiente para

prosseguir.

Beije as palmas de suas mãos. Ele parecia estar totalmente recuperado agora, mas ainda não

tinha acordado. Então, voltei a beijá-lo nos lábios.

Dessa vez ele acordou com uma rápida e ofegante respiração. Olhou para mim, os olhos

arregalados e nebulosos. Como eu o tinha olhado quando me traíra no Coração de Fogo.

Ele tentara salvar Arcádia. E eu estava traindo Ignifex pelo mesmo motivo.

Por um instante, sua boca se moveu, sem fazer nenhum som. Então perguntou, desviando

um pouco o olhar.

– Você está aqui para... me castigar?

Sua voz era áspera e rouca, como se tivesse gritado durante um longo tempo, e meu estômago

se contraiu. Durante aquele tempo todo, enquanto eu passava dias de encanto com meu marido,

ele estava sofrendo nas mãos das Crianças de Typhon.

– Não. – Eu agarrei sua mão. – Não. Você está seguro.

Ele tentou me encarar.

– Nyx – ele arquejou, então repetiu: – Você está aqui para me castigar?

– Eu estou aqui – eu disse com a voz incerta – para salvar você e matar meu marido.

Ele se sentou lentamente, vacilante, e recostou-se na parede.

– Obrigado.

Eu nem tentei esconder a amargura da minha voz.

– Eu tive de fazê-lo.

Ele olhou nos meus olhos.

– Você sabe.

– Sim – eu respondi. – Você é o último príncipe de Arcádia. Meu príncipe. Vou salvar você e

você vai salvar a todos nós.



– Não – ele disse, ofegante. – É você quem vai nos salvar. Eu sabia que faria isso. – E me

puxou para me beijar.

Apesar das lembranças do que ele tinha feito, o beijo fez meu corpo inteiro tremer. Porém,

algo mais do que sua traição pairava sobre nós agora. Afastei-me dele, minha mão empurrando

seu peito.

– Eu vou ajudá-lo – disse eu, minha voz baixa e clara. Não conseguia olhá-lo nos olhos, então

olhei para o anel no meu dedo. – Eu escolhi você e Arcádia, então trairemos Ignifex. Vou destruí-

lo, assim você pode pegar de volta tudo que ele lhe roubou. Mas é ele quem eu amo. Não você. E

sou a esposa dele, não a sua.

Ele soltou a respiração e pegou minha mão.

– Então pegue as Crianças de Typhon e vamos encontrar seu marido. – Ele se levantou,

fazendo-me levantar junto com ele.

Eu me esquivei dele.

– Eu nunca lhe disse que iria precisar delas.

Ele me olhou de volta.

– Você sabia o que fazer o tempo todo – eu disse, a voz cheia de uma fúria desamparada. – Ao

que parece, todo mundo sabia o que eu devia fazer. E eu achando que ainda poderia ter um final

feliz. Por que não me contou tudo antes que me apaixonasse por ele?

– Eu não posso fazer nada.

– Só me atirar no fogo?

– Quase nada. – Ele apertou os olhos, e sua voz adquiriu um tom de desprezo que eu já tinha

ouvido antes. – Eu sei e não posso agir. Ele pode agir, mas não sabe de nada.

Pisquei os olhos. As lembranças voltaram à minha mente; era algo sobre um incêndio, não,

um rosto iluminado por uma luminária... uma voz zangada...

Então tudo desapareceu e talvez não tivesse sido nada mesmo, apenas um sonho lembrado

pela metade. E sonho algum poderia jamais mudar o que eu tinha de fazer. Como os Bondosos

tinham dito, enquanto Ignifex tinha o poder, Escuridão não podia fazer nada. E Escuridão era o

único que poderia salvar Arcádia.

Fazendo uma careta, me aproximei da soleira da porta mais uma vez. As Crianças de Typhon

esperavam a uma pequena distância, tremendo de ansiedade e de antecipação, mas sem tentar

avançar.

Porque elas sabiam. Sabiam que eu tinha o anel e que estava lhes preparando uma vítima

que duraria para sempre.

Estendi minha mão em meio à escuridão. As sombras queimaram e se enroscaram em meus

dedos. Apertei meus dentes, tentando suportar a dor. Minutos depois, minha mão ainda

queimava e meu coração batia com força, mas me sentia um pouco melhor.

– Venham comigo – sussurrei, e as Crianças de Typhon agruparam-se em minhas mãos,

contorcendo-se numa pequena semente de escuridão, como a pérola no coração da caixa de

Pandora. Fechei a mão.

Ainda havia escuridão além da porta, mas já não era mais tão terrível. Era apenas ausência de

luz e nada mais do que isso.

Voltei meus olhos para Escuridão.

– Siga-me – eu disse. Minha voz parecia fria e muito distante.

– É tudo o que eu posso fazer – disse ele, e novamente não havia nenhum traço de sorriso em

seu rosto.

Com ele me seguindo em silêncio, caminhei pelo corredor a passos largos. Ao chegar à porta

na outra extremidade, fiz uma pausa e pensei em Ignifex. Ao imaginar seu rosto, minha mão

latejou de dor. Era como se as Crianças de Typhon já estivessem querendo se libertar a fim de

destruí-lo.

– Logo – eu sussurrei a elas, abrindo a porta com minha mão livre. Agora, o fato de pensar

em minha missão me deixava vazia e determinada. A queimadura fria da minha mão parecia ter

levado meu sofrimento embora.

Leve-me para Ignifex, pensei, e abri a porta.

Entrei no meu quarto.

Não fiquei surpresa com o fato de ele ter ficado lá durante minha ausência. Os restos de velas

queimadas estavam lá, como eu esperava. O que me fez parar na soleira da porta foi o estado do

quarto. Pedacos de papel cobriam o chão, páginas e mais páginas meio queimadas dos livros da

biblioteca estavam por toda parte. O papel de parede também estava coberto de anotações feitas a

carvão. Aos pés da minha cama, sentado no chão, estava Ignifex, como se procurasse ansiosamente

alguma coisa entre toda aquela confusão.

– O que está fazendo? – eu perguntei, sem ter de fingir espanto na minha voz.

Ele levantou a cabeça para me olhar.

– Nyx! – ele chamou, piscando os olhos. Suas pupilas estavam muito dilatadas, como se

estivesse cansado. – Enquanto você estava fora, eu comecei... o que os Bondosos tinham dito

através de você. Eles disseram: “O nome da luz está na escuridão”. Eu jurei no túmulo de sua mãe

que iria tentar. Então fiquei acordado a noite toda. Quase que na escuridão. E quase, quase me

lembrei da voz. – Ele parecia cansado, quase perdido. – Há um jeito de nos salvar. Se ao menos

puder me lembrar...

Eu me senti como uma teia de aranha no batente de uma porta. Qualquer movimento e a teia

iria se desfazer. Se eu tivesse esperado um dia a mais, tentado com mais ímpeto alguns dias antes,

talvez ele tivesse desafiado a escuridão e lembrado. Talvez tivesse dado um jeito de nos salvar.

Mas agora eu tinha jurado que o destruiria.

Talvez ele fosse apenas se lembrar de que não havia jeito de salvar Arcádia, senão por sua

própria destruição. Seja lá o que fosse, não importava mais.

Ele se levantou, um pouco tonto, então percebeu finalmente que Escuridão estava ao meu

lado.

– Mas o que... – ele começou, mas foi como se sua voz tivesse me libertado. Estava no meio

do quarto em dois passos e então calei a boca dele com um longo beijo. Enlacei-lhe a cintura, senti

seus ombros e suas costas, e a realidade sólida do que estava prestes a destruir quase me arruinou.

Mas se eu não o destruísse agora, o último príncipe de Arcádia nunca mais seria inteiro de

novo. E ninguém poderia salvar Arcádia. E eu tinha feito um juramento à minha irmã.

– Sinto muito – sussurrei, e ele ficou tenso como se já soubesse. Então eu disse em voz alta: –

Quebrem seu poder! – E abri minhas mãos.

As Crianças de Typhon saíram de meus dedos. Eu me agarrei a ele, para protegê-lo ou

compartilhar de seu destino, não tive bem certeza, mas as sombras deslizavam por entre nossos

corpos, geladas, e começaram a envolvê-lo. Continuei a segurar suas mãos, os olhos dele

arregalados de medo, então elas começaram a despedaçá-lo e jogá-lo contra a parede. Minhas

pernas ficaram bambas e eu caí no chão. Demorei alguns segundos até finalmente conseguir olhar

para cima.

As sombras seguravam Ignifex contra a parede; elas se contorciam e o agarravam com o que

pareciam ser milhares de pequenos dedos. Seu lado esquerdo tinha desaparecido.

Mas, por mais estranho que pudesse parecer, ele ainda estava vivo. E sorria aquele sorriso

irresistível que tinha feito eu me apaixonar por ele.

– Metade do meu poder pela metade do seu conhecimento – ele disse para Escuridão. – Um

bom negócio, você tem de admitir. Agora pelo menos entendo por que cobiçava minhas esposas. –

Ele estendeu a mão remanescente. – Aperte minha mão. Acabe com isso. E todas as minhas

esposas serão suas.

Escuridão deu um passo à frente, a mão esquerda estendida, a direita desaparecendo no ar. E

sorria exatamente o mesmo sorriso que ele.

– Ei, espere! – gritei, tentando impedir aquilo, porque sabia que não era certo. Ainda estava

tonta, mas podia dizer que algo estava muito errado por ali. Escuridão devia resgatar o que lhe

tinha sido roubado. Não devia perder uma parte de seu corpo. E não devia ganhar o sorriso do

meu marido.

Suas mãos se tocaram, ponta dos dedos com ponta dos dedos, e todas as velas na sala se

acenderam. Então houve um aperto prolongado de mãos... e as luzes explodiram pela sala.

Eu me lembrei da última visão que Escuridão havia me mostrado no Coração do Fogo, a

visão que quebrara meu coração até que eu a esquecesse novamente.

Uma vez mais eu vi a sala daquele palácio antigo, mas agora era de noite. Uma lamparina

brilhava na parede e, em meio à luz vacilante, vi o último príncipe cair de joelhos diante da caixa.

– Oh, Bondosos – ele disse. – Oh, Pessoas do Ar e do Sangue. Oh, Senhores dos Truques e da

Justiça. Venham me ajudar!

O silêncio que se seguiu estendeu-se, interminável, quebrado apenas pelo som de sua

respiração. Mas ele esperou. Então uma brisa começou a soprar, desmanchando seus cabelos e



sussurrando contra as pedras, e com a brisa vieram mil partículas de luz, e a luz estava rindo.

Então todas as luzes fundiram-se numa só e transformaram-se num corpo de mulher. Seus

cabelos eram feitos da luz do luar, seus olhos, do fogo; era linda e terrível como um raio riscando o

céu.

– Então você é o último herdeiro de Claudius – disse ela. – Gostou do presente que demos à

sua família? A valiosa proteção oferecida a cada rei que a mereça?

Ele continuou ali, de pé, a postura reta, a boca retorcida numa ligeira careta.

– Mas você não merece, não é? – Ela estendeu a mão e acariciou-lhe o rosto. – Foi por isso que

nos chamou?

Ele soltou a respiração, o orgulho sumindo de seu rosto, e acabou dizendo com voz suave:

– Por favor. Arranque o ódio do meu coração. Pagarei qualquer preço, desde que Arcádia se

salve e eu não fique preso sozinho naquela caixa.

A mulher sorriu e tomou o rosto dele nas mãos.

– Claro – disse ela. – Afinal, não somos nós que oferecemos presentes? Você deverá abrir a

caixa essa noite e não ficará preso nela sozinho e, durante todos os dias da sua vida, governará

Arcádia, que nunca será invadida. Escute o seguinte: depois dessa noite, você nunca mais deverá

abrir a caixa ou todo o acordo será desfeito. O tempo voltará a esse momento e você será trancado

com as sombras para sempre, como se nunca tivesse nos chamado.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Eu nunca mais irei abri-la. Não importa o que possa acontecer.

– Então me beije – ela disse. – E o acordo estará selado.

Ele a beijou de maneira rápida e intensa. Ela riu e disse:

– Abra a caixa, meu príncipe.

Lentamente, ele se aproximou da mesa, abriu o ferrolho e levantou a tampa.

Sombras começaram a sair: as dez mil Crianças de Typhon. E estavam cantando:

Nove para os reis que governaram esse castelo,

Agora eles serão traídos, oh.

Mais e mais sombras iam saindo, como um rio sem fim correndo em direção à escuridão; elas

deslizavam pelas paredes e pelas colunas, deixando pequenas marcas de suas garras, e suas vozes

agudas também pareciam garras soando em meus ouvidos.

– Não! – o príncipe gritou, mas a mulher o agarrou pelo pulso e o segurou com força.

– Esse é o seu desejo, meu príncipe. Precisamos atendê-lo.

Ele tentou lutar com ela, mas foi impossível. E ela o segurou enquanto os gritos ecoavam pelo

castelo, enquanto o chão e as colunas tremiam, enquanto as chamas surgiam no fim do corredor.

As pedras caíam do teto sobre eles, arrebatando o chão de mármore. Uma coluna foi ao chão,

depois a outra.

No começo, ele tinha gritado e lutado. Agora, o príncipe estava ajoelhado no chão, os olhos

arregalados, vendo o castelo desmoronar à sua volta. Era como se não acreditasse nos seus olhos.

De súbito, houve um barulho horrível e breve, como se o silêncio tivesse sido uma parede

derrubada, e então eu entendi que o príncipe não estava preso na caixa e que o céu de pergaminho

se curvava para cobrir a terra.

A mulher sorriu para ele e disse:

– Ninguém jamais conquistará Arcádia e você não ficará sozinho na caixa. Não somos

bondosos de verdade? – Ela tocou seu rosto de novo. – E agora, vou tirar todo o ódio de seu

coração.

Então ela estendeu as mãos e agarrou seu corpo. E o partiu em dois. Uma forma sombria caiu

no chão, o rosto nebuloso, mas seus olhos eram bem azuis. Era Escuridão. E, ali ao lado, de pé,

estava Ignifex, olhos vermelhos e sorrindo o sorriso de que eu me lembrava.

Acordei.

E, finalmente, sabia a verdade.

Ignifex tinha me contado, eu percebi ao me levantar. Os Bondosos sempre deixavam as

respostas para o final. Eu crescera ouvindo a história de Nanny-Anna, que matara seu amante

porque achava que a morte iria salvá-la. Eu sempre a considerara uma grande tola por dar ouvidos

à mãe ciumenta de Tom-Solitário. Ela devia ter percebido que Brigit não tinha boas intenções a

seu respeito. Devia saber que nem uma deusa poderia trair seu amor e escapar da vingança.

Mas talvez ela tivesse achado que estava salvando seu mundo.

E, exatamente como ela, eu traíra meu amor e o prendera. Sozinho na escuridão.

O quarto parecia como se tivesse sido atacado por lobos, cada peça da mobília quebrada, os

travesseiros e as cortinas despedaçados. As velas estavam todas apagadas, as paredes queimadas e

cobertas com fuligem. Ignifex e Escuridão não estavam em parte alguma.

Caminhei até a porta. Eu sabia onde eles estavam. Para onde estavam indo.

Girei a maçaneta e pensei: Leve-me para a sala redonda. Mas quando abri a porta, eu vi o

grande salão de baile, o Coração da Água e, embora eu soubesse que já era de manhã, ele estava

cheio de água e de luzes. Fui andando para a frente e, assim que meus pés tocaram na água, ela

começou a subir e a ondular. Tropecei e caí; uma onda veio se aproximando e cobriu meu corpo,

puxando-me para baixo.

Lutei para me manter na superfície, mas a água tentava me segurar lá embaixo como se

estivesse determinada a me matar – e talvez estivesse mesmo, ou perto disso. Aquele castelo era o

maior trabalho hermético já feito, e cheio de vontade própria na maior parte das vezes. Agora que

pressentia que ia ser desfeito, devia estar enlouquecendo.

O único jeito de escapar do Coração da Água era anular seu poder.

Eu me lembrei das intermináveis tardes no escritório do papai, traçando os segredos com

papel e caneta. A primeira vez em que consegui realizar a tarefa de olhos fechados fora um dia

muito feliz. Ele balançara a cabeça, como se estivesse me aprovando. E eu sorriera durante horas,

porque naquela época achava que ele ainda pudesse me amar.

Levantei minhas mãos. Lentamente, com cuidado, comecei a traçar os segredos na água.

Assim que meus dedos se moveram, a água parou. Então percebi que estava deixando para trás

uma trilha brilhante. Meus pulmões ardiam e eu fazia cada movimento lentamente porque não

podia errar.

Meus dedos se encontraram, completando o segredo. As linhas brilhantes iluminaram-se

ainda mais e a água toda desapareceu. Ouvi um barulho forte e percebi que estava no chão seco do

salão de baile.

Por alguns instantes, só pude respirar para ganhar um pouco de fôlego. Então me levantei e

saí correndo. Tudo estava fora de ordem; entrei numa sala e fui parar num corredor que não levava

a lugar algum. Então cheguei numa escada, mas as paredes ali em volta estavam rachadas e,

conforme subia os degraus, eles se desfaziam sob meus pés num mundo de poeira. De qualquer

modo, consegui chegar lá em cima a tempo e abri a primeira porta que vi pela frente.

E percebi que estava na sala redonda, mas o céu de pergaminho tinha desaparecido. Acima,

somente a escuridão vazia. Um vento soprava do nada, fazendo com que me lembrasse de que

ainda estava molhada. No centro da sala estava Arcádia; havia uma luz fraca ali em volta e ela

parecia pequena e frágil.

Do lado oposto da sala estava Ignifex, o casaco rasgado, a caixa em suas mãos.

Não. Seus olhos eram azuis e humanos. Era o último príncipe que agora me encarava, o rosto

pálido e tenso.

– Nyx – ele disse, então estendeu a mão. E a escuridão prendeu-me na parede, segurando

meus pulsos.

– Não! – gritei. – Não abra essa caixa! Se abrir, ficará preso nela para todo o sempre!

– Porque meu acordo será desfeito e Arcádia inteira estará livre. Ninguém mais será

destruído pelas Crianças de Typhon. É o que você queria desde o começo, não é? – Ele se

aproximou de mim. – Houve um tempo em que desejei a mesma coisa. Preciso desejar de novo

agora. – Sua voz era suave e triste como a de Escuridão, mas então deu um sorriso que era puro

Ignifex. – Ou morrer tentando.

Ele estava muito próximo agora, a caixa ainda em suas mãos.

– Mas você não vai morrer – eu sussurrei.

– E assim que o tempo voltar, nem sua mãe. – Ainda a mesma voz triste, suave e implacável.

– Então eu não terei nascido!

– Vi como seu pai estava desesperado. – O sorriso de novo. – Tenho certeza de que ele vai

pensar em alguma coisa. Talvez tenha um plano melhor dessa vez.

Numa Arcádia que nunca fora separada, que nunca fora governada por um Lorde Gentil ou

atacada por demônios, minha mãe e Dâmocles e milhares de pessoas ainda estariam vivas. Talvez

Astraia e eu também, e, se estivéssemos, iríamos nos amar sem nenhuma amargura em nossos

corações. Seria a infância que sempre sonhara. Mas...

– Eu nem vou me lembrar de você – sussurrei.

– Eu sei – disse ele, inclinando-se sobre a caixa. Estendeu a mão, acariciou meu rosto e me

beijou.



Foi um beijo desesperado. Meus braços estavam doloridos por estar presa à parede, meu

coração batia com força de desejo e de medo. Mas era a última vez que eu sentiria aqueles lábios

sobre os meus, e retribuí aquele beijo como se fosse minha última esperança de respirar.

Então ele se afastou. E eu não pude impedi-lo.

– Obrigado – disse ele. – Obrigado por tentar me salvar.

– Espere! – gritei – Você disse, eles disseram, que se eu adivinhasse seu nome corretamente,

você estaria livre! Certo?

Ele deu outro passo para trás.

– Joguei meu nome fora quando fiz aquele acordo. Ninguém poderá jamais achá-lo de novo.

Lembrei-me dos velhos manuscritos da biblioteca. Todos os nomes tinham sido queimados.

– Não importa – sussurrei. – Eu conheço você. – Ele abriu a caixa. Um clarão caiu sobre nós e

eu gritei de novo: – Eu conheço você! – E a luz ficou ainda mais intensa.

Então a escuridão caiu sobre nós.

## APÍTULO 23

EU TENTEI. Enquanto a escuridão caía sobre mim, eu tentei me lembrar do nome

do meu marido.

Tentei lembrar-me do nome de alguém que eu tinha amado.

Tentei me lembrar...

Do quê?

Eu estava sozinha e não conseguia lembrar-me de nada. Não tinha lembranças, nem nome,

apenas a certeza (mais profunda e mais fria que a escuridão) de que eu tinha perdido o que mais

amava na vida.

E então esqueci que o tinha perdido.

O tempo se desfez. Preços não foram pagos. O mundo mudou.

## APÍTULO 24

### ACORDEI CHORANDO.

Era como se meu coração tivesse se quebrado recentemente. Continuei deitada, sentindo as

lágrimas escorrerem, lágrimas desamparadas de uma absoluta certeza. Sentia como se f lutasse

num mar de interminável tristeza. Uma lembrança de meu sonho passou por minha cabeça: eu

estava debaixo da água, fazendo força para nadar – não, eu estava perdida entre as sombras; havia

um rosto pálido, ou talvez um pássaro...

– Nyx! O que aconteceu? – A voz de Astraia despedaçou minhas lembranças. Ela estava ao

lado da minha cama, as sobrancelhas juntas de tanta preocupação. A luz pálida da manhã

iluminava seus cabelos e brilhava através do tecido transparente de sua camisola branca.

– Nada – respondi, sentando-me e esfregando os olhos, envergonhada por ela ter me pegado

chorando. Eu não merecia compaixão, nem dela nem de outra pessoa e...

Não. Aquele pensamento era do sonho, e, assim que percebi o fato, ele desapareceu. Tentei

me lembrar, mas as imagens estavam perdidas. Os sentimentos também pareciam sumir por entre

meus dedos. Sabia que estava completamente desolada, mas agora eu só me lembrava do

significado do sentimento. Era como olhar para a neve através da janela, em vez de tremer em

meio ao vento gelado.

– Nyx?

Balancei a cabeça.

– Foi só um sonho.

Ela fez uma careta.

– Eu também não gosto do dia de hoje.

Levantei-me, com certo mau humor.

– Não é nada com o dia de hoje – disse eu. Um pássaro piou do outro lado da janela e eu

estremeci. Geralmente adorava o canto dos pássaros, mas hoje o barulho causou-me uma sensação

estranha. – É você que costuma chorar no cemitério. Eu só tive um sonho.

Astraia afastou-se.

– Você não está triste por causa de hoje à noite.

Eu abri as cortinas, apertando os olhos contra a claridade.

– Não – respondi.

Ela me pegou por trás e me abraçou.

– Que bom. Porque não vou deixar você fugir. Você vai se casar hoje, chova ou faça sol.

... fogo da morte da água...

As palavras ecoaram através de minha mente e pela primeira vez não fizeram com que me

lembrasse das lições herméticas, mas deixaram uma vaga impressão de portas e corredores, de um

lugar secreto com luzes que giravam e o fogo nos olhos de alguém...

Outro sonho, é claro, e as lembranças dele também logo desapareceram. Abri a janela e

respirei o ar puro da manhã. O pássaro cantava mais alto agora; centenas de pardais estavam nos

galhos das árvores, cujas folhas já iam se amarelando por causa do outono que se aproximava. O

céu estava completamente azul, sem sombra de nuvens.

– Eu vou me casar – sussurrei, e não pude parar de olhar para o céu de Arcádia, até que

Astraia me afastasse dali. Para me vestir.

Eu me lembrava de mamãe, mas só um pouquinho, antes que ficasse muito doente. Mas não

conseguia me lembrar de ter celebrado um Dia dos Mortos a seu lado. O primeiro túmulo que me

lembrava de ter visitado era o dela, após sua morte. A lembrança estava confusa: os vestidos pretos

pinicando meu pescoço, os soluços intermináveis de Astraia, o sol brilhante que iluminava o

túmulo e suas novas palavras ali escritas:

“THISBE TRISKELION”,

que meu pai mandara esculpir e, embaixo

“OMNES UNA MANET NOX ERGO AMATA MANE ME”.

(Uma noite espera por todos nós; portanto, amada, espere por mim).

Era uma linha de um antigo poema sobre amantes que se separavam, um esperando pelo

outro do outro lado de rio Styx. Eu já tinha lido aquelas palavras milhares de vezes e, mesmo

assim, ao olhá-las hoje, meio gastas com a passagem do tempo, senti como se soassem

renovadas... e sinistras. Não conseguia esquecer a imagem de sombras fechando-se sobre um

rosto pálido e desamparado...

– Nyx!

Pisquei os olhos. Astraia me estendia uma garrafa de vinho, as sobancelhas juntas de novo.

Eu peguei a garrafa e tomei um gole do vinho vermelho e encorpado. Fez com que eu me

lembrasse de madeira e do vento fresco do outono, embora o dia de hoje – como aquele primeiro

Dia dos Mortos – estivesse estranhamente quente.

Astraia lançou-me um olhar meio estranho, mas não disse nada. Nunca dizia mais do que o

necessário quando estava no cemitério. Nenhum de nós falava, mas como ela era a matraca da

família, seu silêncio era sempre um pouco constrangedor. Pelo menos não estava carrancuda como

no ano passado, quando papai e tia Telomache tinham anunciado que haviam ficado noivos.

Havia sido uma época estranha. Eu não estava acostumado a ser a filha alegre e obediente.

– Nyx, querida – disse tia Telomache, sua mão repousando no inchaço de seu estômago. Ela

estava sempre acariciando a barriga como se não conseguisse acreditar na própria sorte de estar

gerando um filho para meu pai. – Você quer cantar o próximo hino?

Como um tapa na cara, eu lembrei-me de que devia cantar o hino e então tomar o vinho – não

bebê-lo e ficar olhando para o vazio. Fiquei vermelha e comecei a cantar. Tropecei nas primeiras

palavras, mas quando o ritmo da música foi entrando em mim, perdi-me na beleza da melodia.

Até perceber que todos estavam me olhando. Astraia tinha a mão sobre a boca como se

estivesse segurando o riso, os lábios de tia Telomache comprimidos numa linha fina e o rosto do

meu pai com aquela expressão vaga que eu não via desde o dia em que anunciara que tia

Telomache iria ser nossa nova mãe e que Astraia cuspira nela.

Por um momento, senti como se não estivesse lá, mas olhando através de uma janela para

outro mundo, um mundo onde eu havia sido uma filha terrível que merecia ser detestada.

Mas você foi.

O pensamento entrou em minha mente com uma incrível facilidade e sumiu com a mesma

rapidez que entrou; finalmente percebi que não estava cantando um dos hinos aos mortos, mas

uma canção típica dos camponeses: o lamento de Nanny-Anna por seu amado Tom-Solitário. A

maior parte dos versos falava de beijos perdidos, algo não muito apropriado para um cemitério.

Mas a canção terminava com Nanny-Anna jurando que ia lembrá-lo e homenageá-lo para sempre,

e “deixe com que todos os vermes comam meus olhos antes que eu ame de novo”. Aquilo, falado

diante do túmulo da minha mãe, diante de meu pai e de sua segunda esposa, era um insulto

mortal.

Levantei-me rapidamente. Meu coração batia com força, meu estômago todo revirado. Abri a

boca, mas as únicas palavras que eu podia pensar eram eu odeio você, mas tais palavras eram muito

fortes e não faziam sentido. Em vez disso, virei as costas e saí correndo, as folhas secas fazendo

ruído sob meus pés.

Parei no portão de entrada do cemitério a fim de recuperar um pouco de fôlego. Pensei que

fosse começar a soluçar, mas as lágrimas não apareceram.

Alguma coisa estava muito errada. Eu nunca ficava muito animada no outono,



principalmente no Dia dos Mortos – mas quem ficava? Só que nesse ano as coisas estavam piores

do que nunca. Nesse ano, tudo parecia estar tão errado que só tinha vontade de gritar.

– Acho que você acabou de ganhar o prêmio de falta de educação desse cemitério.

Dei um salto ao ouvir a voz de Astraia. Ela estava atrás de mim, os braços cruzados, as

bochechas com covinhas numa posição que todos achavam que era de doçura, mas que eu sabia

que era de falsidade.

– Bem – eu disse –, no ano passado foi você quem atraiu toda a atenção.

O último Dia dos Mortos tinha sido apenas alguns dias depois do incidente do cuspe. Eu era

a única da família que estava falando com todo mundo então.

Astraia nem piscou.

– Se por acaso está tentando fazer com que papai a mantenha trancada no quarto essa noite,

me fale agora que não quer mais participar da brincadeira. Continue a ser a filha favorita e eu

continuo com o plano original.

Dei um suspiro impaciente.

– Você sabe muito bem que é a favorita, e só você mesmo para achar que eu estava fazendo

isso para arruinar nosso plano. Não mudei de ideia. Nem estou preocupada com hoje à noite. É

que...

– Mamãe? – ela perguntou com voz um pouco mais suave.

– Não – respondi rapidamente.

Astraia deu de ombros.

– Bem, já que vamos prosseguir com o plano, é melhor eu te salvar.

– Ela pressionou a mão

na minha testa. – Nossa! Você está com tanta febre que quase desmaiou! Acho que nem sabia o

que estava cantando!

Tentei tirar a mão dela da minha testa.

– Eu lhe disse. Estou bem.

– Nyx – ela olhou para mim, os olhos arregalados. – Você quer passar a noite de hoje tendo

uma briga de família ou quer se casar?

Abri minha boca para protestar. Então, resolvi fechá-la.

– Tudo bem. Vou me sentar.

– Ótimo. Agora trate de fingir que está mal.

Sentei-me, de mau humor. Enquanto ela voltava ao cemitério para mentir descaradamente,

recostei-me contra uma pedra e fechei os olhos. Meu rosto ainda ardia onde ela tinha tocado.

Astraia me abraçava sempre, acariciava meus cabelos e apertava minhas mãos – mas era raro que

tocasse meu rosto. Ninguém o fazia.

Então por que eu sempre tinha a sensação de mãos segurando meu queixo?

## APÍTULO 25

– TEM CERTEZA de que está melhor, querida?

Mal pisquei e continuei a bordar, embora minha vontade fosse de jogar o bordado em cima

dela. Os esforços de tia Telomache em fingir que era minha mãe sempre me faziam estremecer de

horror, ainda mais quando percebi que, na maior parte das vezes, ela estava sendo sincera.

Tive vontade de dizer: Não, as rosas estão me dando náuseas de novo. Mas tia Telomache tinha

escolhido o papel de parede pessoalmente e o adorava. Pelo menos conseguira evitar que ela o

colocasse no meu quarto.

– Estou bem, tia – disse, em vez de armar uma cena. Olhei disfarçadamente para o relógio de

parede: quatro e meia. O pôr do sol não iria demorar. – Mas gostaria de ir ajudar Astraia a se vestir.

– Claro. – Tia Telomache sorriu e levou a mão ao estômago. O que iria fazer quando a criança

finalmente nascesse?

Coloquei meu bordado em cima da mesinha ao lado do sofá. Os bordados à tarde na sala

eram uma nova tradição de família. Havia começado no ano passado, quando Astraia andava

pela casa amuada e vestida de preto, e eu tinha chegado à conclusão de que alguém por ali tinha de

fingir que estava tudo bem. Desde então, eu não tinha começado a achar o bordado uma tarefa

interessante, tampouco gostava da companhia de tia Telomache, mas tinha percebido que ela

começara a gostar um pouco mais de mim, o que fazia com que eu conseguisse suportá-la um

pouco mais. Um pouco.

Tia Telomache também se levantou, seu esforço para fazê-lo talvez um pouco forçado. E

triumfante. Ela até achava prazer nos enjoos matinais e, quanto mais engordava, mais feliz ficava.

Mas eu não a culpava. Ela tinha vivido à sombra da irmã por quase duas décadas e agora,

finalmente, não só papai se casara com ela, mas também carregava no ventre – por todas as

maravilhas herméticas – uma criança do sexo masculino. A única coisa que mamãe nunca

conseguiu lhe dar.

Ainda assim, eu a achava irritante. Mas pelo menos os sorrisos falsos estavam vindo mais

fáceis.

– Obrigada por bordar comigo – disse, como sempre. As palavras me vinham como algo

extremamente mecânico e sem sentido, mas tia Telomache parecia levá-las a sério.

– De nada, querida. – Não dava para dizer que um rosto duro como o de tia Telomache

pudesse resplandecer, mas chegou perto. – Talvez devêssemos bordar alguma coisa para seu

enxoval em breve, não é?

– Claro – respondi. – Mas agora preciso ajudar Astraia.

E saí dali rapidamente, antes que ela começasse a dizer que não só mamãe já estava casada

quando tinha minha idade, como também já tinha dado à luz nós duas. E eu nunca tivera sequer

um namorado...

Mas, finalmente, no dia seguinte eu teria uma boa desculpa para estar sozinha. Porque

naquela noite eu iria me casar com Tom-Solitário.

Era um costume antigo dos camponeses. Assim que o sol se punha no Dia dos Mortos, os

habitantes de nosso vilarejo faziam uma enorme fogueira e traziam um homem enfeitado com

fitas para representar Tom-Solitário retornando de sua noite com Nanny-Anna. Então uma garota

se casaria com ele em lugar de Nanny-Anna e os dois seriam coroados rei e rainha da festa. Antes

do nascer do sol, eles queimariam Tom-Solitário, mas a garota continuaria a ser sua noiva até o ano

seguinte. Ela receberia presentes especiais como bolos de mel no solstício de inverno e

comandaria o baile da primavera no dia primeiro de maio. Mas não podia se casar de verdade com

ninguém até o próximo Dia dos Mortos.

Tia Telomache nunca gostara da festa. Mas mamãe tinha sido noiva de Tom-Solitário aos 16

anos, de modo que, do nosso 13º aniversário em diante, sempre colocávamos nossos nomes no

sorteio. Nunca fomos escolhidas, mas dançávamos em volta da fogueira e tomávamos vinho com

o pessoal do vilarejo.

Até semana passada, quando fizeram novamente o sorteio e Astraia fora a escolhida. Mas ela

me dissera com lágrimas nos olhos que Adamastos pretendia falar com o papai assim que voltasse

do Lyceum no mês seguinte, e ela não queria esperar mais um ano para se casar com ele.

Então eu dera uma solução para o seu problema.

– A noiva está sempre coberta, certo? Eu fico em seu lugar e ninguém vai perceber nada até

que seja tarde demais.

Os planos foram feitos com cuidado, e em poucas horas eu estaria casada. Sorri para mim

mesma enquanto subia os degraus da escada. Amanhã eu ouviria alguns sermões, mas pelo

menos não teria de aturar tia Telomache tentando me arrumar um pretendente pelo próximo ano.

Quando cheguei ao meu quarto, percebi que Astraia também estava disposta a bancar o

cupido. Segurou a língua até que as criadas tivessem saído, então olhou para mim.

– Semana passada, Deiphobos e Edwin falaram com papai sobre você. Tem certeza de que

não está interessada? Porque Edwin ficou muito rico com suas viagens, e Deiphobos é o melhor

aluno de todo o Lyceum, e os dois são tão bonitos...

Dei um suspiro e comecei a escolher as fitas que iríamos amarrar nos cabelos para dar sorte.

– Pare com isso. Vou me casar com Tom-Solitário, já se esqueceu?

– Ou então, se não conseguir se decidir, pode se casar com os dois. Os deuses de proteção não

têm uma cerimônia dessas?

– Astraia!

– Ah, esqueci, você não pode se casar com nenhum deles porque prometeu esperar seu

precioso príncipe.

– Eu tinha sete anos!

– Ele vai beijar você e ser sua luz na escuridão...

Ela sempre brincava comigo, mas a palavra escuridão ainda fazia com que eu sentisse arrepios

pelo corpo. Não entendia por quê.

– Fique quieta, seu sapo!

Aquilo pareceu abalá-la. Nós brigávamos quando crianças, mas não levantava a voz para ela

há muitos anos.

– Sinto muito – eu murmurei.

Ela revirou os olhos e me deu um beijo.



– Você não seria minha irmã se não tivesse um pouco de veneno na língua.

Olhei para ela.

– E você não seria minha irmã se não tivesse um pouco de veneno escondido no coração.

Como fez para que Lily Martin deixasse o vilarejo?

Lily Martin era a filha do moleiro, uma garota rechonchuda e meio sem graça que fizera de

tudo para conquistar Adamastos, mas que acabara partindo numa inesperada viagem para visitar

parentes.

Astraia deu um sorrisinho.

– Eu escrevi para a tia dela dizendo que seu meio-irmão estava passando muito tempo a seu

lado, e já que a mulher tem a mente tão suja quanto o resto da família, achou que era seu dever

salvar Lily de sua paixão pervertida.

– Adamastos sabe que está arranjanado uma esposa malévola?

– Ah, ele sabe o que é bom para ele.

Sorri e não disse nada. Adamastos era um rapaz tranquilo e gentil que parecia ter um pouco

de medo de Astraia, mas voltava sempre para cortejá-la, e eu achava que àquela altura ele já sabia

onde havia se metido.

Lá fora, um pássaro começou a cantar. As notas eram doces, mas de súbito senti vontade de

gritar, de chorar, de quebrar alguma coisa.

Respirei fundo, tentando relaxar. Não era hora de ter ataques de nervos. Eu tinha uma irmã

para salvar.

Tal pensamento me era familiar. Não entendia por quê.

Quando chegamos lá embaixo – as duas de vermelho, Astraia também usando um véu –,

papai e tia Telomache estavam à nossa espera. Papai parecia distante como sempre, mas tinha um

braço no ombro de tia Telomache.

– Vocês duas estão lindas – disse minha tia.

– Mas você nem está me vendo – disse Astraia, e eu aproveitei a oportunidade para levantar o

véu de seu rosto. Ela riu e me lançou um olhar triunfante antes de abraçar papai, que a abraçou de

volta com carinho.

– Muito linda – ele repetiu e lhe deu um beijo na testa. Então, virou-se para mim. – Nyx, eu

falei com seu professor hoje. Pedi que ele escrevesse uma carta de recomendação para o Lyceum e

ele concordou.

Fiz que sim com a cabeça, mas minha vontade era de sair dançando pela sala.

– Obrigada, papai.

Papai sorriu e beijou a cabeça de Astraia de novo. Ele jamais gostara de mim como gostava

dela, mas tinha orgulho de mim como nunca tivera dela. Aquilo ainda me incomodava, mas tinha

aprendido a conviver com o fato.

– Temos de ir – disse. Papai soltou Astraia e ela se submeteu a um beijo de tia Telomache

antes de voltar para o meu lado.

Sáímos juntas para o jardim, de mãos dadas. O sol já tinha se posto; ainda havia um resto de

luz no céu, mas as estrelas já começavam a brilhar.

Como os olhos de todos os deuses, eu pensei, e tentei me lembrar onde lera aquela frase. Num

velho poema, talvez.

Astraia apertou minha mão.

– Você já viu as estrelas antes.

– Sei disso – respondi, seguindo-a lentamente.

Ela sorriu para mim.

– Ou será que estava admirando o castelo de seu verdadeiro amor?

Eu nem tinha pensado a respeito do castelo, mas agora que ela falava sobre isso, não pude

deixar de olhar para o leste onde, no alto da colina, ruínas do velho castelo ainda eram visíveis

contra o céu escuro.

Ninguém havia tentado reconstruir o lar dos antigos reis depois da destruição em uma única

noite. Os registros daquele dia estavam quase todos perdidos, mas a lenda dizia o seguinte: há

900 anos, Arcádia era governada por uma linhagem de reis sábios e justos, que defendiam a terra

com suas artes herméticas. Mas, uma noite, quando o rei estava morrendo, a danação caiu sobre

eles. Uma maldição ou um monstro – as lendas divergiam nesse ponto – destruiu o castelo inteiro

e teria destruído Arcádia inteira também, se o último príncipe não tivesse se oferecido aos

Bondosos. O acordo que ele fez foi o seguinte: desde que ele ficasse preso no castelo como um

fantasma, qualquer um que atacasse Arcádia teria o mesmo fim. Então o castelo nunca foi

reconstruído e a linhagem de reis desapareceu para sempre, mas Arcádia permaneceu sempre

segura.

As histórias também diziam que, às vezes, o último príncipe vagava pelas ruínas. Se alguém

o visse e chamasse seu nome, Marcus Valerius Lux, ele falaria com a pessoa, porque queria saber

se o povo estava seguro. Mas sempre desaparecia com o amanhecer.

Eu lera aquela história pela primeira vez quando tinha sete anos de idade e passara o dia todo

aos prantos antes de declarar que um dia encontraria o príncipe e me casaria com ele. Durante

anos, eu sempre dera um jeito de ir até lá e ficava brincando entre os destroços. Chamara seu

nome, com medo e esperança ao mesmo tempo, tentando imaginar como seria encontrá-lo. Até

que um dia roubei uma lamparina hermética e um relógio de pulso do papai e, depois que tia

Telomache tinha me colocado na cama, fugi para o castelo. Ficava sentada numa pedra, tremendo

de frio e de medo apesar do casaco, até que o relógio marcasse meia-noite.

Mas quando chamei seu nome, ninguém apareceu. Foi então que percebi o quanto fora tola

em me imaginar apaixonada por uma lenda. Chorei e voltei para casa e, desde então, vinha

evitando o castelo.

A praça principal do vilarejo estava iluminada por tochas e enfeitada com heras e feixes de

trigo, os símbolos do Tom-Solitário. Uma grande fogueira ardia no centro, enquanto que ao lado

havia outra menor, onde dois carneiros eram assados em espetos enormes. Mais adiante, um

caldeirão com a tradicional sopa de castanhas fumegava sobre o fogo. Os aromas intensos

f lutuavam no ar misturando-se aos barulhos dos violinistas, junto com as conversas das pessoas,

já que mais de metade do vilarejo estava lá. A maioria já estava sentada às mesas ali em volta, mas

havia mulheres ainda andando para cima e para baixo, ocupadas com os últimos preparativos,

enquanto as crianças corriam, descalças. Todos, fossem velhos ou moços, usavam fitas presas aos

pulsos e nos cabelos, como Tom-Solitário.

Estávamos quase chegando à praça quando Nan Hubbard surgiu à nossa frente. Ela era uma

mulher robusta, sem um dente na frente, que outrora fora noiva de Tom-Solitário e agora não só

era especialista em ervas, mas o mais próximo que nosso vilarejo tinha de uma sacerdotisa.

– E o que pensa que está fazendo com o rosto descoberto, sua insolente? – ela perguntou a

Astraia. Fitas prendiam seus cachos e caíam-lhes sobre o rosto.

– Sinto muito! – disse Astraia. – É que a noite estava tão bonita que eu quis sentir o ar puro!

– Você vai sentir o peso da minha mão se mantiver o deus esperando, isso sim. – Atrás dela,

três homens levantavam o homem de palha.

Eu sorri.

– Vou aprontá-la. – E tratei de levar Astraia para um canto sombrio.

– Acho que ela está

desconfiada – comentei quando estávamos fora de seu campo de visão.

Astraia deu de ombros.

– Provavelmente, mas tenho lhe entregado ervas frescas todos os dias, há duas semanas.

– Você a está subornando?

– Funciona, então por que não? – Ela arrancou o véu de minhas mãos e cobriu meu rosto com

ele. – É melhor ficar vermelha, ou então todo mundo vai descobrir que não sou eu.

– Astraia, não creio que haja uma só coisa nesse mundo que a faça corar. E estou usando o

véu, de qualquer maneira. – Apertei as mãos. – Agora trate de se esconder.

Sob a luz fraca e o véu que me cobria, mal consegui ver seu sorriso.

– Boa sorte.

Nan Hubbard lançou-me um olhar de esguelha, mas não disse nada ao me conduzir para o

centro da praça. Gritos de viva foram ouvidos e as festividades tiveram início. Sentei-me no lugar

de honra, na mesa principal. Um grupo de meninas rodeou a fogueira de mãos dadas e começou a

cantar, nenhum dos hinos tradicionais de casamento, mas as canções sempre cantadas naquela

noite.

Eu cantarei a vocês nove, oh!

O que são vocês nove, oh?

Nove é para as nove que brilham,

Poderemos ver o céu, oh!

Eu conhecia aquilo de cor, porque a canção também era de ninar. Mamãe sempre a cantava

para nós antes de a doença levá-la, e sempre fora uma das minhas favoritas.

Quatro para os símbolos à sua porta,

Deveremos ver o céu, oh!

Mas agora tais palavras me faziam tremer com um medo que eu não entendia. As garotas



continuaram e tudo ficou ainda pior. Mal conseguia respirar, e então a canção foi chegando ao fim.

Uma é uma e sempre sozinha

E sempre assim será

Eu sabia que estava sendo uma grande tola, que não tinha o mínimo motivo para chorar, mas

não pude me conter. Sob o véu, soluzei como uma criança que tinha perdido o primeiro amor. As

palavras ecoavam por minha cabeça e, apesar de tê-las ouvido milhares de vezes, agora elas

soavam como um súbito e completo desespero.

– Tragam a noiva! – declarou Nan Hubbard. Mais gritos de viva. Após um momento de

tontura, eu me levantei e caminhei com passos incertos até onde ela estava em frente à fogueira, o

boneco de Tom-Solitário a seu lado.

Ela me deu um sorriso. A luz iluminou seu rosto enrugado e eu senti algo de estranho de

novo.

– Estenda sua mão, menina! – Eu estendi minha mão direita e um anel grande e sólido foi

parar em minha palma. – Você sabe o que está tomando com esse anel?

Eu sabia que deveria dizer: Eu tomo a mão do nosso senhor nos campos. Mas as palavras ficaram

presas na minha garganta. O anel era uma velha relíquia, um presente para a vila de algum já

esquecido senhor de terras. Ele era colocado no dedo de cada noiva, durante todos os anos de que

podia me lembrar. Mas foi só então que eu finalmente o vi: um pesado anel de ouro esculpido

como um sinete, em formato de uma rosa.

Respirei o ar puro do outono e senti o cheiro de madeira. Não conseguia desviar o olhar. Em

algum lugar, um pássaro cantou – e parecia longe, muito longe. Também ouvi a voz de uma

garota, que se levantou sobre as outras.

Embora as montanhas se derretam e os oceanos possam queimar,

Os presentes de amor ainda assim vão retornar.

Olhei para o anel, dourado, brilhante e completamente real. Então me lembrei.

Lembrei-me de ter casado com um estátua enquanto minha irmã chorava em casa. Lembrei-

me de ter sido criada como um tributo e uma arma. E lembrei-me de ter recebido aquele anel.

Com muito amor.

Lembrei-me do meu marido, a quem tinha amado, odiado e traído.

Houve um barulho forte em meu ouvido e pensei que fosse desmaiar. Eles adoram zombar,

Ignifex tinha falado, e era verdade. Eles deixam a resposta nas entrelinhas, onde todo mundo possa vê-

las, mas ninguém vê.

E eles tinham deixado mesmo. Todo mundo conhecia a história do último príncipe e todo

mundo conhecia a história de Tom-Solitário, mas ninguém entendia seu real significado.

A velha Nan estava me dizendo alguma coisa:

– Não tem um voto a fazer, menina?

As pessoas diziam que o último príncipe ainda vagava pelas ruínas do castelo. Então viria se

alguém chamasse seu nome. As pessoas diziam que Brigit deixava Tom-Solitário sair apenas uma

vez por ano para encontrar sua noiva.

E eles sempre são justos.

Peguei o anel e o coloquei no dedo, então arranquei meu véu e falei as palavras que já tinha

dito antes, num tempo que agora nunca tinha existido.

– Onde você for eu vou, onde morrer eu morrerei e ali serei enterrada.

Então virei as costas e saí correndo em direção ao bosque.

## APÍTULO 26

ATRÁS DE MIM, ouvi gritos e pessoas correndo, mas logo tudo isso acabou.

Continuei correndo. Queria chegar ao castelo antes da meia-noite. Essa parte da lenda podia não

ser verdade, mas não queria arriscar. Tinha vivido minha vida toda cercada pela zombaria e pelas

dicas dos Bondosos e as tinha ignorado. Mas não mais.

Com o tempo, a corrida deu lugar a passos mais lentos. Fui seguindo em meio à escuridão,

minhas pernas doloridas ao subir a colina, o suor escorrendo nas minhas costas. A luz do luar

estava fraca e fiquei com medo de me perder.

Finalmente cheguei ao topo. Fiz uma pausa por um momento, respirei fundo, então

caminhei por entre as ruínas do castelo destruído. Eu estava vermelha de calor e de cansaço,

minhas pernas bambas ameaçando falhar a qualquer momento. Senti vontade de me deitar na

grama e dormir, mas forcei-me a ficar alerta.

À minha volta, só havia escuridão. E o som dos grilos.

– Bondosos! – gritei na noite. – Onde vocês estão? Não são vocês que adoram fazer acordos?

Não houve nenhuma resposta. Apertei os dentes e esperei. E esperei. O suor seco arranhava

minha pele e tremi de frio. Tentei imaginar se tinha ficado maluca e se todas as lembranças que

tinha acabado de ter não passavam de mera alucinação.

Ou talvez tudo aquilo tivesse mesmo acontecido, mas estava enganada em pensar que eles o

deixavam sair mesmo uma vez por ano. Lembrei-me daquele dia quando tinha sete anos de idade.

Havia sido na primavera, mas talvez não importasse a época. Era provável que minha única

chance de salvá-lo tenha sido ali naquele castelo, e agora eu jamais teria outra.

A escuridão me cercou. Imaginei como seria minha vida inteira sabendo o que eu tinha feito

e o que tinha perdido, sabendo que Ignifex ou Escuridão – meu marido – estava sofrendo no

escuro e jamais, jamais seria salvo.

Então chorei de novo, mas só um pouco. Enxuguei as lágrimas e esperei. Contra todas as

probabilidades, eu tinha me lembrado. Não pretendia desistir agora. Se necessário, voltaria

àquele lugar todas as noites, até o resto de minha vida. Eu sabia quem tinha amado e o que tinha

feito, e por uma vez na vida tive a certeza de que o que eu queria agora era correto. E nada nesse

mundo ia me fazer parar.

Mas podia cair no sono.

Não, não podia. Tentei segurar o sono o máximo possível. Sentei-me em cima de uma pedra,

as costas retas, meus olhos arregalados olhando a escuridão. De vez em quando me levantava,

começava a pular e a agitar meus braços, a fim de me aquecer e me manter acordada ao mesmo

tempo.

Só que, em determinado momento, já estava tão cansada que era difícil raciocinar. Achei

então que não faria mal se me deitasse um pouquinho, alguns minutos apenas. E, antes que

pudesse me dar conta, estava dormindo.

A canção de um pássaro acordou-me. Sentei-me correndo, meu coração disparado, e então me

lembrei de que tinha um dia conversado com um pardal.

Foi nesse momento que ouvi cascos de cavalos na escuridão e vi um lampejo de luz por entre

as árvores.

Num instante estava de pé, escondida num canto das ruínas. E os vi se aproximando. Era um

grupo de pessoas feitas de luz e de ar, montadas em seus cavalos feitos de sombras, mas mesmo

assim pareciam sólidos e palpáveis, mais reais do que as pedras e árvores à sua volta. Não traziam

tochas nas mãos, mas a luz e o vento giravam em torno deles. As folhas riam quando eles

passavam e eles riam e cantavam de volta para elas.

Exceto uma pessoa. Ele montava um cavalo brilhante, talvez porque não tivesse luz própria.

Sombras cercavam seu rosto, sua cabeça estava curvada e ele estava em silêncio.

Os cavalos pararam. A mulher que estava na frente desceu e o homem silencioso fez o

mesmo. Ela virou-se para ele.

– Bem, meu senhor – ela disse numa voz que parecia a luz do sol batendo no gelo. – Está

satisfeito?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Então volte para sua escuridão. – Ela estendeu-lhe a caixa e ele a pegou com uma mão.

Eu saí do meu esconderijo. E voei em sua direção.

Nós dois caímos no chão juntos. Eu queria tirá-lo dali, mas ele lutou comigo como se eu fosse

uma das Crianças de Typhon, tentando me atingir com chutes e arranhões no meu rosto.

– Seu idiota! – eu gritei. – Sou eu! Sua esposa!

Ele ficou parado.

– Você acha que vou deixá-lo escapar? – perguntei e o abracei. Ele se aconchegou junto a mim

e me devolveu o abraço.

A mulher olhou para mim. Era a mesma que eu havia visto fazendo um acordo com ele,

todos aqueles anos atrás.

– Posso saber o que está acontecendo aqui? – ela perguntou, a voz gelada.

– Você! – eu gritei. – Você o enganou!

– Nós sempre cumprimos nossos acordos – disse ela. – Naquela época e agora. E como diz

nosso próprio nome, temos sido muito bondosos com ele desde então. Uma vez por ano,

deixamos que ele veja as estrelas e que saiba que seu povo está seguro.

– Eu sei o nome dele! Vocês não o baniram da história porque acharam que ninguém dessa

época iria se lembrar dele, mas eu me lembro! Eu me lembro que seu nome é Lux. Marcus

Valerius Lux. Agora vocês precisam libertá-lo!



Minhas palavras caíram num total silêncio. Nada aconteceu.

– Ah, minha criança. – A mulher balançou a cabeça, como se estivesse se divertindo. – Esse

negócio foi feito com o Lorde Gentil. Já foi desfeito, porque nunca foi feito, na verdade, e o Lorde

Gentil não existe!

– Então, por que ele está pagando pela culpa dele?

– Ele está pagando pelo que prometeu naquela última noite. Tudo depois daquilo foi

desfeito, e ele foi preso nas sombras como se nunca tivesse nos chamado. Você acha que o coração

dele era puro para olhar para as Crianças de Typhon e sobreviver?

O vento começou a bater nas árvores. Em meus braços, Lux respirou fundo. Por um

momento, todos os Bondosos olharam para nós, sem piedade e serenos como as estrelas. Eles

poderiam tirá-lo de mim a qualquer minuto.

Eu tinha de pensar. E depressa. Nunca se ouvira falar que alguém tivesse desafiado os

Bondosos, mas talvez fosse possível.

– Você trapaceou – eu disse. – Vocês deviam ser os senhores dos acordos, mas trapacearam.

Nada é um jogo ou um acordo, se não há uma chance de vencer. E vocês nunca lhe deram essa

chance, porque nunca houve um jeito de adivinhar seu nome. – Apertei o braço dele. – Ele disse

que vocês eram justos. E que sempre deixavam pistas.

– Mas nós sempre deixamos pistas. Todas as noites, na escuridão, sussurramos seu nome

verdadeiro. Através de seus próprios lábios, dissemos onde achá-lo.

Lembrei-me então de suas palavras desesperadas quando ele falara, momentos antes de

minha traição: O nome da luz está na escuridão.

Lux. Luz. Esse era seu nome.

– Não é culpa nossa que ele não nos deu atenção. Ou que, quando estava quase descobrindo,

ocê o tivesse traído. Nós lhe demos todas as chances do mundo. Mas elas foram desperdiçadas.

Minha garganta estava entupida de protestos amargos, mas eu sabia que não dava para

discutir com eles. Os Bondosos só iriam explicar sua justiça e bondade. Escuridão sempre soubera

que era uma das metades de um inteiro. Ignifex sempre tivera o poder de juntá-los. Eu sempre

tivera a chance de ouvir os dois e juntar suas histórias.

Podia dizer agora que eles tinham feito com que Escuridão não tivesse nenhum poder para

começar nada, que haviam convencido Ignifex que não havia razão para fazer perguntas, que eu

tinha sido criada para destruir e odiar e que nunca poderia imaginar que pudesse salvar o homem

a quem amava...

Mas os Bondosos diriam que não importava. E talvez estivessem certos. Poderíamos ter

encontrado alegria na tragédia se tivéssemos feito as escolhas certas, se tivéssemos os desejos

certos. Se tivéssemos sido mais gentis, mais corajosos, mais puros. Se ao menos tivéssemos sido

outra coisa além do que éramos.

Mas eu era o que era, e meu marido estava cumprindo o destino que eu escolhera para ele.

E agora eu tinha uma chance de me redimir do que tinha feito.

– Então me deixe fazer um acordo – disse. – Solte-o e pagarei o preço que pedir. – O medo

invadiu o meu ser, mas não podia recuar agora. – Se for meu e não machucar ninguém, eu pagarei

qualquer coisa. Mas deixe-o ir.

– É mesmo? – disse a mulher. – E o que você tem para oferecer?

Olhei para ela, tentando pensar em algo que fosse um sacrifício.

– Meus olhos.

– Não são suficientes. – Ela disse aquelas palavras como se estivesse tirando uma formiga do

vestido.

– Minha vida – acabei dizendo.

– Também não é o bastante.

– Então servirei a vocês. – Os Bondosos sempre negociavam. Tinham de fazê-lo. Não

tinham?

Em meus braços, Lux estremeceu.

– Não – sussurrou.

Pressionei a mão contra sua boca. Se ele temia por mim, então era um acordo que eles iam

aceitar.

– Eu os servirei todos os dias até o fim dos tempos. Como ele fez.

– Você acha que não temos criados suficientes? – A mulher ajoelhou-se diante de mim com

um terrível sorriso nos lábios. – Saiba do seguinte, criança. Não há preço que possa ser pago para

salvá-lo da escuridão. Ele fez sua escolha e terá de viver com ela por toda a eternidade.

Lembrei-me de quando abri a porta e as sombras se enterraram no meu rosto e em minhas

mãos.

– Então... – disse, minha voz um fiapo de tristeza.

Uma é uma e sempre sozinha... Por 900 anos, ele sofreu tudo isso por sua causa.

– Então vou propor um acordo diferente – disse, dessa vez com a voz mais forte. Meu corpo

todo tremia, mas eu estava com o amor da minha vida nos braços e não pretendia soltá-lo de jeito

nenhum. – Pagarei meu acordo ficando com ele na escuridão. Para todo o sempre.

A mulher levantou-se.

– E qual é o seu desejo?

– Nenhum. Não quero nada em troca. Eu o amo e quero ficar a seu lado!

– Não faça isso – disse Lux, a voz mais forte agora.

– Não vou começar a obedecê-lo agora – eu lhe disse e beijei-o na testa. Então olhei para

cima. – Deixe-me ficar com ele e não pedirei nada em troca. Deixe-me apenas compartilhar de seu

castigo.

Os olhos da mulher se arregalaram.

– Mas que acordo tolo. Pagar um preço assim tão alto e não pedir nada em troca... Você acha

que vai poder confortá-lo? Não há amor nas sombras. Elas destroem o mais puro dos corações,

coisa que nenhum de vocês possui. Vocês se odiarão e se magoarão para sempre e se transformarão

em seus próprios monstros!

Suas palavras martelaram em minha cabeça. Cada uma delas era verdade absoluta. Não

éramos puros, tampouco fortes para vencermos a escuridão. Mesmo nesse novo mundo – muito

melhor do que aquele do qual me lembrava agora –, os fios da raiva e do egoísmo ainda teciam

seus bordados em volta do meu coração. Eu acabaria odiando e ferindo aquele homem e não

haveria nada mais que pudesse fazer.

Fora um erro de Lux pensar, há 900 anos, que pudesse fazer um acordo com os Bondosos

para que eles o transformassem num homem bom de verdade. Havia sido um erro de todas as

pessoas que os tinham procurado.

Agora eu sabia. Não havia poder nesse mundo que eu pudesse comprar ou roubar que me

salvasse de meu próprio coração.

Mas ainda assim poderia ficar a seu lado. Não precisava de nenhum poder para sofrer junto

com ele.

Lux agora apertava minha mão, embora estivesse fazendo um “não” com a boca. Mas aquele

aperto me deu coragem para olhar para a mulher e dizer:

– Mesmo assim, mantenho o que disse. Se ele morrer, eu morro. E em seguida serei

enterrada.

Então, o pardal veio pousar no meu pulso.

Um pouco de bondade, ele disse à mulher. A resposta de seu enigma.

O chão começou a tremer debaixo de nós e de súbito estávamos naquele jardim onde eu

encontrara o pardal. Os Bondosos pareciam queimar na luz, mas não consegui desviar o olhar.

Vocês não são os senhores dos acordos?, disse o pardal. Então tratem de cumprir mais esse.

Não é acordo, disse a mulher. Ela não pediu nada em troca. E isso vai nos destruir!

Sim, disse o pardal. Trate de atendê-la!

Eles merecem seu destino, continuou a mulher. A escuridão e as sombras. É o que têm dentro de seus

corações! É o que merecem, e nada mais!

Lux levantou a cabeça e olhou para a mulher.

– Nós dois aceitamos esse destino.

Vá embora, disse o pardal. Você não pode aceitar tanta bondade.

Alguma coisa começou a soar, um sino, talvez, e os Bondosos desapareceram como uma onda

na água. As folhas no chão levantaram-se e transformaram-se em chamas.

Não se esqueçam, disse o pardal. A grama então pegou fogo.

– Esquecer o quê? – perguntei. Ele levantou voo, as asas abertas.

Esse acordo selou a morte dos Bondosos. Se continuarem fiéis a ele, poderão encontrar seu caminho de

volta.

O ar transformou-se em luz. O chão pareceu desaparecer debaixo de nossos pés. À nossa

volta, as chamas se levantavam, gigantes e ameaçadoras. Segundos depois, envolviam nossos

corpos, mais quentes que o Coração de Fogo, queimando minhas lembranças, me fazendo

esquecer de meu nome e do dele, de todos os meus passados e das minhas esperanças, do céu, do

pardal e do próprio mundo. Eu me agarrei a alguém que não conhecia, que não imaginara

conhecer, mas que sabia que sem dúvida nenhuma era meu.

E começamos a cair em direção ao nada, e era como se estivéssemos caindo desde o começo



dos tempos, porque nada existia fora daquele caos de fogo e de sombras.

Mas continuei a abraçá-lo.

E ele continuou a me abraçar.

Acordei com a luz do sol em meus olhos, som de passarinhos nos meus ouvidos. Estava

deitada na grama, o corpo tenso, frio e dolorido, mas havia alguém a meu lado.

Lux.

Olhei para ele, mas não me atrevi a me mexer. Não parecia possível que ele estivesse ali: o

príncipe com quem eu sempre sonhara, real, ao meu lado. O marido que eu havia traído, mas que

na verdade salvara. O prisioneiro fantasma, agora inteiro, estava deitado ao meu lado, o peito

subindo e descendo com cada respiração.

Continuei a olhá-lo. Tinha o mesmo rosto bonito que eu vira nos dois homens. Sua pele era

incrivelmente pálida, mas humana, não aquela palidez estranha de Escuridão. Os cabelos eram

pretos, mas despenteados e revoltos como nunca tinha visto em Ignifex.

A linha do queixo era a mesma que eu me lembrava de ter beijado tantas vezes... Mas eu

nunca o tinha beijado agora, não nessa vida. E não exatamente o mesmo homem.

Desde que me lembrara dele na noite passada, não tivera tempo de pensar em mais nada,

exceto no que tinha feito e na vontade de consertar tudo. Não tinha sequer imaginado como ele

seria, os dois reunidos. Agora, só pensava nisso. Eu tinha amado Ignifex e, de um modo ou de

outro, também tinha amado Escuridão. E ambos também tinha me amado, do modo deles. Mas e

Marcus Valerius Lux? O que éramos um para o outro?

Seus olhos se abriram e ele olhou para mim. Eram azuis, muito profundos, as pupilas

redondas e humanas, mas não exatamente como os olhos de Escuridão. O jeito com eles piscavam

contra a luz, como seu rosto ficava quando acordava, era de Ignifex.

Então ele sorriu e tocou meu rosto. Tomei sua mão e a segurei. Seus dedos estavam quentes e

gloriosamente verdadeiros.

– Isso tudo é real – ele sussurrou, sentando-se.

– É – respondi.

– Você é real. Eu pensei... eu comecei a pensar... – Ele estava tremendo agora. A vergonha

invadiu meu corpo, mas o abracei assim mesmo.

– Peço perdão – eu disse. – Por favor, eu imploro seu perdão.

Como resposta, ele enterrou o rosto no meu pescoço e ficou parado durante alguns instantes,

até finalmente sussurrar no meu ouvido:

– Pelo menos você não é a menina tímida que era quando nos conhecemos.

Senti que ficava vermelha. Porque me lembrava de tudo que tínhamos feito juntos,

lembrava-me de como ficava à vontade em seus braços, de como me entregava sem pudores a ele.

Só que lembrava também que nunca andara de mãos dadas com homem algum, tampouco sentira

lábios masculinos sobre os meus. As lembranças foram se misturando e, de repente, até o ato de

respirar ficou difícil.

Sentamo-nos na grama.

– Você me salvou – disse ele com voz suave. A cadência de sua voz era familiar, mas não

exatamente a de Ignifex, nem de Escuridão. – Você me salvou e isso cobre quase metade de seus

pecados.

Eu ri.

– Acho que me atrasei bastante. Devia ter chegado mais cedo.

– Antes tarde do que nunca – ele disse. – Além do mais, mereci tudo aquilo. Eu enganei

ocê. Meus dois eus. – Ele apertou os lábios. – Eu também peço perdão. Por favor, perdoe-me.

– Bem, pelo menos seus dois eus eram bem bonitos. – Apertei sua mão e logo estávamos nos

beijando.

Quando finalmente nos afastamos, Lux disse:

– E agora? O que vai acontecer? – Olhou para as ruínas à sua volta, como se as estivesse

vendo pela primeira vez.

Afastei uma mecha de cabelo da minha testa e tentei me concentrar em algo que não fosse o

calor provocado por seus lábios.

– Bem, acho que devemos contar a todos que estou viva, já que fugi da festa ontem à noite. E

me preparar para as reprimendas, porque abandonei Tom-Solitário.

– Lembrei-me, então, de que

ele não sabia de nada a respeito de tais costumes. – Nessa festa, nós...

– Eu conheço essa festa. – Ele se aproximou de mim e beijou meu pescoço. – Então você ia se

casar com outro homem? Pelo visto, não posso deixá-la sozinha nem por um minuto!

– Então não deixe – disse. – Nunca mais me deixe de novo.

Eu tinha provocado um escândalo que tinha tentado evitar a semana inteira. Mas, com aquele

céu incrivelmente azul em cima de mim, e aqueles olhos incrivelmente azuis ao meu lado, não

podia estar menos preocupada com o fato.

Levantei-me e segurei sua mão.

– Venha comigo. Vamos para casa. Não está cansado de ficar aqui, nesse castelo em ruínas?

Eu tinha falado brincando, mas ele parecia sério quando olhou em volta.

– É estranho, mas acho que vou sentir falta daqui.

E percebi que em todas as suas vidas esse era o único lar que ele nunca tinha deixado.

– Vou sentir falta de odiar minha irmã – eu disse, caminhando ao lado dele em direção ao

portão de entrada. – Ela está um pouco mais malvada agora, então não posso odiá-la por ser tão

gentil.

Mas quando estávamos quase chegando ao portão, ele parou, e então vi medo em seus olhos.

– Você percebe – disse ele – que não sei ser mais nada senão um demônio e sua sombra?

– Também não sei ser mais nada, além de uma irmã maldosa. – Peguei sua outra mão.

Um pouco de bondade, dissera o pardal.

– Nós dois fomos tolos – eu disse. – E cruéis. Acho que nunca estaremos seguros um com o

outro.

– Não tente ser boazinha demais. – Seus dedos apertaram os meus.

– Mas vamos fingir que sabemos amar. – Sorri para ele. – E quem sabe um dia

conseguiremos aprender.

E atravessamos juntos o portão.

SAIBA MAIS, DÊ SUA OPINIÃO:

Conheça - <http://www.novoseculo.com.br>

Leia - [www.novoseculo.com.br/blog](http://www.novoseculo.com.br/blog)

Curta -

[/NovoSeculoEditora](#)

Siga -

[@novoseculo](#)

Assista -

[/EditoraNovoSeculo](#)

# Document Outline

- [Folha de rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Agradecimentos](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)

# Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Agradecimentos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)